



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

UMA DESCRIÇÃO GRAMATICAL DA LÍNGUA XIKRÍN DO CATETÉ
(FAMÍLIA JÊ, TRONCO MACRO-JÊ)

BRASÍLIA
2015

**Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo autor**

- S586u Silva da Costa, Lucivaldo
Uma descrição gramatical da língua Xikrín do Cateté
(família Jê, tronco Macro-Jê) / Lucivaldo Silva da
Costa; orientador Ana Suely Arruda Câmara Cabral. --
Brasília, 2015.
358 p.
- Tese (Doutorado - Doutorado em Linguística) --
Universidade de Brasília, 2015.
1. Descrição gramatical. 2. Língua Xikrín-Jê. 3.
Fonologia. 4. Morfologia. 5. Morfossintaxe (sintaxe).
I. Arruda Câmara Cabral, Ana Suely, orient. II. Título.
-

LUCIVALDO SILVA DA COSTA

**UMA DESCRIÇÃO GRAMATICAL DA LÍNGUA XIKRÍN DO CATETÉ
(FAMÍLIA JÊ, TRONCO MACRO-JÊ)**

Tese apresentada ao Curso de Doutorado em Linguística do Programa de Pós-Graduação em Linguística do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Suelly Arruda Câmara Cabral.

**BRASÍLIA
2015**

LUCIVALDO SILVA DA COSTA

**UMA DESCRIÇÃO GRAMATICAL DA LÍNGUA XIKRÍN DO CATETÉ
(FAMÍLIA JÊ, TRONCO MACRO-JÊ)**

Esta tese foi julgada adequada à obtenção do título de Doutor em Linguística e aprovada em sua forma final pelo Curso de Doutorado em Linguística, do Programa de Pós-Graduação em Linguística do Instituto de Letras da Universidade de Brasília.

Brasília, 23 de junho de 2015.

Professora e orientadora Ana Suelly Arruda Câmara Cabral, Dra. (Presidente)
Universidade de Brasília, Instituto de Letras

Profa. Josenia Antunes Vieira, Dra. (Membro interno)
Universidade de Brasília, Instituto de Letras

Prof. Paul Heggarty, Dr. (Membro externo)
Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology, Department of Linguistics

Prof. Sanderson Castro Soares de Oliveira, Dr. (Membro externo)
Universidade Estadual do Amazonas, Campus de Tabatinga

Prof. Andérbio Márcio Silva Martins, Dr. (Membro externo)
Universidade Federal da Grande Dourados

Prof. Maxwell Gomes Miranda, Dr. (Suplente)
Universidade Federal do Mato Grosso

Ao estimado e inesquecível
prof. Aryon Dall'Igna Rodrigues (*in memoriam*),
pelo apoio, acolhida e incansáveis ensinamentos,
sempre com muita alegria e muito bom humor.

AGRADECIMENTOS

A elaboração desta Tese, assim como qualquer outro trabalho intelectual, não foi um trabalho de autoria única; foram várias as vozes orientando, sugerindo, ponderando, criticando, questionando para que o produto final atingisse a perfeição ou o nível de excelência mínimo, digno da apreciação da comunidade científica, embora os prováveis equívocos cometidos ao longo de sua confecção seja de minha inteira responsabilidade.

À minha orientadora, profa. Dra. Ana Suelly Arruda Câmara Cabral pela forma brilhante como conduziu a orientação desta tese. Sou-lhe grato também por ter me “adotado” desde 2001 como seu orientando de mestrado na UFPA e, desde então, estar compartilhando comigo do seu saber sobre as línguas e as culturas indígenas brasileiras.

Ao saudoso professor Aryon Dall’Igna Rodrigues, formador de inúmeros pesquisadores em Linguística Indígena, pelos ensinamentos, orientações, sugestões de análises de alguns fenômenos encontrados na língua Xikrín durante o tempo em que tive o privilégio de conviver com ele no Laboratório de Línguas Indígenas da UnB – LALI, por ter me dado a honra de ter sido seu hóspede por dois momentos em que precisei estar em Brasília, o primeiro em 2002 e em vários momentos entre os anos de 2011 e 2013 por conta do Doutorado. Em ambos os momentos, tive a oportunidade de aprender muito sobre os indígenas e suas culturas através das “palestras” proferidas pelo professor Aryon durante o café da manhã e o jantar. Professor Aryon, receba meus sinceros agradecimentos.

Aos Xikrín do Cateté, por terem tornado possível a nossa pesquisa linguística desde 2001. Por terem me permitido mergulha em seu mundo e apreender um pouco de seu *kukradjà* — conhecimentos e epistemologias —, basilares à formação do ser *mêbêngokre*. Em especial quero agradecer à Tanatã Poy Xikrín, Bep Nhõrõ-Ti Xikrín, Katop-Ti Xikrín, Bep Ko Xikrín Krupdjo Xikrín Bep Ngra-Ti Xikrín por me considerarem com seu *kamy*, e sempre me socorrerem nos momentos de dúvidas sobre sua língua, por me ensinarem, sempre que possível, um pouquinho mais de sua língua e por terem me auxiliado na transcrição e tradução de alguns textos em língua materna. A vocês: *mei kumrêi*.

Aos meus pais João e Maria, pelo carinho, confiança, e por sempre me apoiarem em minha trajetória acadêmica. Muito obrigado por vocês sonharem comigo e por contribuírem para a realização de mais um sonho.

Aos meus irmãos, sobrinho e parentes, que, embora distantes geograficamente, espiritualmente estão sempre pertinhos de mim, torcendo pelo meu sucesso acadêmico e profissional, transmitindo-me seu carinho e amor ímpares.

À Aline, minha sobrinha-filha, pelo carinho e amor mútuo.

Aos professores Sanderson Oliveira, Paul Heggart, Josênia Vieira, Andrébio Martins e Maxwell Miranda por terem participado da avaliação e julgamento desta tese, contribuindo com críticas, sugestões e comentários.

À Floriza, Bianca e Bia pela convivência familiar durante nove anos e pelo carinho, amizade e respeito existentes de ambas as partes. A Vocês meu muito obrigado.

Ao amigo Maxwell Miranda, pela discussões a respeito de fenômenos encontrados na língua Xikrín e pelas importantes sugestões de análise de alguns desses fenômenos aqui analisados e descritos. Sou-lhe grato também pelos envios de inúmero livros, e sobretudo, pelo grande apoio dado na seleção do doutorado em 2010.

À amiga Suseile, pelo carinho, amizade e por estar sempre disposta a nos ajudar em todos os momentos.

Aos colegas e amigos Lallienses com quem tive oportunidade de conviver durante esses quatro anos, aqui simbolicamente representados por Ariel e Suseile.

Ao amigo de graduação, de doutorado e de todas as horas, Jorge Domingues Lopes, sempre prestativo e atencioso.

À professora amiga Adriana Sales, pelas conversas, trocas linguísticas, ensinamentos e aprendizagens sobre educação escolar indígena, especialmente no âmbito da educação bilíngue e metodologias aplicadas ao ensino de primeira e segunda línguas.

RESUMO

Esta tese consiste em uma descrição de aspectos da fonologia segmental, da morfologia e da morfossintaxe e sintaxe da língua Xikrín, uma das línguas do ramo setentrional da família Jê, tronco Macro-Jê (Rodrigues 1986, 1999). Trata-se de um estudo desenvolvido à luz de uma linguística antropológica, que considera a língua como instrumento da cultura e moldada a partir desta. Os procedimentos analíticos adotados foram os procedimentos clássicos de uma descrição linguística dessa natureza, como a utilização de dados de situações de fala natural, o que muito contou o fato de eu falar um pouco a língua Xikrín e de ter morado com eles por mais de dois anos ininterruptos, além da minha convivência constante com eles há 12 anos. Outros procedimentos foram os de adotar análises contrastivas dos pontos analisados, de observar critérios distribucionais e de considerar organizações paradigmáticas de seus elementos linguísticos. Esta tese foi sendo construída tomando como referência os estudos que ajudavam a entender os dados do Xikrín. Assim, não caberia aqui listar os inúmeros trabalhos consultados, mesmo porque nenhum deles foi exaustivo enquanto referência, exceto os trabalhos de Rodrigues que nortearam sua hipótese de um agrupamento Macro-Jê-Tupí-Karíb (cf. RODRIGUES, 2009). Ao apresentar uma descrição de referência para o Xikrín, nosso objetivo é também o de tornar esta tese uma referência nos processos de formação de professores de língua Xikrín e na ampliação dos estudos sobre essa língua, agora com uma participação de autoria dos professores indígenas.

Palavras-chave: Descrição gramatical. Língua Xikrín-Jê. Fonologia. Morfologia. morfossintaxe (sintaxe).

ABSTRACT

This dissertation is a description of aspects of the segmental phonology, morphology, morphosyntax and syntax of Xikrín, a language of the northern branch of the Jê family, Macro-Jê stock (RODRIGUES, 1986, 1999). This study has been developed within the framework of anthropological linguistics, taking language as a cultural tool that is in turn itself moulded by culture. I have followed standard analytical procedures for describing a language, such as the use of language data from natural speech acts. To that end, it has been crucial that I am myself a fluent speaker of Xikrín, having lived among the Xikrín for two years, and been in constant contact with them for 12 years now. Other procedures followed here are contrastive analysis, observations of distributional criteria, and the paradigmatic organization of language components. This thesis is founded upon a series of reference works that form the wider context in which the Xikrín language data are best understood. Here is not the place to list all of those bibliographical references, except to highlight the works by Rodrigues that guided his Macro-Jê-Tupí-Caríb hypothesis (cf. RODRIGUES, 2009). This thesis aspires also to serve as a reference description to support training for teachers of Xikrín, and thereby to engender further research, not least by native-speaker teachers as authors of new publications on their own language.

Keywords: Grammatical description. Xikrín-Jê language. Phonology. Morphology. morphosyntax (syntax).

RÉSUMÉ

L'objectif de ce travail est de faire une description des aspects de la phonologie segmentaire, de la morphologie et de la syntaxe et morphosyntaxe de la langue Xikrin, classifié dans la branche nord de la famille Jê, tronc Macro-Jê (Rodrigues, 1986, 1999). Il s'agit d'une étude menée dans le domaine d'une linguistique anthropologique, qui considère le langage comme instrument de culture et qui est formée dans cette même culture. Les procédures analytiques utilisées étaient les procédures classiques d'une description linguistique telles que l'utilisation de données originaires de situations de parole naturelle. Pour cela il a été très important le fait du chercheur parler la langue Xikrin et avoir vécu avec eux pendant plus de deux ans sans interruption mais aussi le contact constant avec eux pendant 12 ans. Autres procédures adoptées dans cette recherche ont été celles de l'analyse contrastive des points analysés, de respecter des critères de répartition et de considérer les organisations paradigmatiques de leurs éléments linguistiques. Cette thèse a été construite par référence aux études qui ont permis de comprendre les données Xikrin. Donc, on ne cadrerait pas ici d'énumérer les nombreuses études examinées, si seulement parce qu'aucun d'eux était épuisant comme une référence, sauf les œuvres de Rodrigues qui ont guidé son hypothèse d'un regroupement Macro-Jê-Tupí-Karib (cf. RODRIGUES, 2009). Avec cette description de référence pour Xikrin, l'objectif de cette thèse est aussi d'établir une référence pour la formation des enseignants de langue Xikrin, mais aussi pour l'expansion des études sur cette langue, en ayant la collaboration à partir de ce moment des enseignants indigènes.

Mots-clés: Description grammaticale. Langue Xikrin-Jê. Phonologie. Morphologie. morphosyntaxe (syntaxe).

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – As línguas da família Jê. (Rodrigues 1986, p.56)	19
Quadro 2 – Consoantes do Xikrin	28
Quadro 3 – Vogais orais do Xikrin	33
Quadro 4 – Vogais nasais do Xikrín	38
Quadro 5 – Nomes distintos quanto ao gênero sexual do interlocutor	64
Quadro 6 – Nomes distintos quanto ao gênero sexual do locutor	65
Quadro 7 – Verbos transitivos: ação única <i>versus</i> ação plural	102
Quadro 8 – Verbos intransitivos: ação única <i>versus</i> ação plural	103
Quadro 9 – Posposições na língua Xikrín	113
Quadro 10 – Os advérbios do Xikrín	117
Quadro 11 – Advérbios de quantidade	119
Quadro 12 – Advérbios de modo em Xikrín	120
Quadro 13a – Advérbio de negação	120
Quadro 13b – Advérbio de tempo	121
Quadro 14 – Palavras aspectuais	126
Quadro 15 – Palavras modalizadoras	126
Quadro 16 – Interjeições	127
Quadro 17 – Prefixos relacionais do Xikrín	137
Quadro 18 – Complementação por paraxe	188

LISTA DE ABREVIATURAS

ABLAT.CENTR	Ablativo-centrípeto
ADES	Adesivo
ASSERT	Assertivo
ASS.INTR	Associativo-instrumentivo
ATEN	Atenuativo
ANTER	Anterioridade
CAUS	Causativo
CESS	Cessativo
COL	Coletivizador
COM	Companhia
COMP	Comparativo
CONJ	Conjunção
DEM. DIST	Demonstrativo distal
DEM.PROX.	Demonstrativo proximal
DIRET	Diretivo
DIR	Direcional
DIR.CENTR	Direcional centrípeto
DISJ	Disjunção
DUB	dubitativo
FINLD	Finalidade
FRUST	Frustrativo
HORT	Hortativo
HUM	Humano
LOC.DIF	Locativo-difuso
IMIN	Iminentivo
INCOMPL	Incompletivo
INT	Interrogativo
INTENS	Intensivo
ITER	Iterativo
INDEF	indefinido
LOC.PONT	Locativo-pontual
MS	Mesmo sujeito

NEG	Negação
OBL	Oblíquo
PART	partitivo
PERL	Perlativo
PL	Plural
POST	posterioridade
PROB	Probabilidade
QUANT	Quantificador
REC	Recíproco
REFL	Reflexivo
REL	Relativo
R ¹	Prefixo relacional de contiguidade
R ²	Prefixo relacional de não-contiguidade
SD	Sujeito diferente

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
0.1 A LÍNGUA E O POVO XIKRÍN	17
0.2 A FAMÍLIA JÊ	18
0.3 UM POUCO DE HISTÓRIA DOS XIKRÍN E DOS KAYPÓ	19
0.4 A EDUCAÇÃO ENTRE OS XIKRÍN DO CATETÉ	22
0.4.1 A educação Xikrín	22
0.4.2 A Educação Escolar Indígena	22
0.5 METODOLOGIA UTILIZADA NA PESQUISA	24
0.6 TRABALHOS ANTERIORES SOBRE O MÊBÊNGÔKRE	25
0.7 ORGANIZAÇÃO DOS CAPÍTULOS	27
CAPÍTULO I – ASPECTOS DA FONOLOGIA DA LÍNGUA XIKRÍN	28
1.1 CONSOANTES	28
1.2 VOGAIS	33
1.2.1 Vogais orais	33
1.2.2 Vogais nasais	38
1.3 SÍLABA	39
1.3.1 Estrutura silábica	39
1.3.2 Padrões silábicos	39
1.4 PROCESSOS FONOLÓGICOS	46
1.5 CONCLUSÃO	49
CAPÍTULO II – MORFOLOGIA	50
2.1 NOMES	50
2.1.1 Nomes relativos	50
2.1.2 Nomes descritivos	54
2.1.3 Nomes absolutos	57
2.1.4 Propriedades dos nomes	59
2.1.4.1 Número	60
2.1.4.1.1 Pluralizador mẽ	60
2.1.4.1.2 Coletivizador õj	62
2.1.4.1.3 Pluralizador kwə	63
2.1.4.2 Gênero	64
2.1.5 Morfologia derivacional dos nomes	66
2.1.5.1 Atenuação e intensificação	67
2.1.5.2 Composição	70
2.2 PRONOMES	77
2.2.1. Pronomes pessoais	78
2.2.2 Pronomes Demonstrativo	84
2.2.3 Pronomes Indefinidos	86
2.2.4 Pronomes Reflexivo e Recíproco	90
2.2.5 Palavras interrogativas	93
2.3 VERBOS	99
2.3.1 Classes de verbos em Xikrín	99
2.3.1.1 Verbos transitivos bivalentes	99
2.3.1.2 Verbos transitivos trivalentes	100
2.3.1.3 Verbos intransitivos monovalentes	100
2.3.1.4 Verbos intransitivos bivalentes	101
2.3.2 Temas verbais supletivos	102
2.3.3 Nominalização	105
2.4 POSPOSIÇÕES	112

2.5 ADVÉRBIOS.....	116
2.5.1. Classe de advérbios	116
2.5.1.1 Quantidade.....	119
2.5.1.2 Advérbio de modo	119
2.5.1.3 Advérbio de negação	120
2.5.1.4 Advérbio de tempo	121
2.6 PALAVRAS QUE SERVEM PARA TRADUZIR NOÇÕES NUMÉRICAS DO PORTUGUÊS	121
2.7 CONJUNÇÕES	123
2.8 PALAVRAS ASPECTUAIS	125
2.9 PALAVRAS MODALIZADORAS.....	126
2.10 INTERJEIÇÃO.....	126
2.11 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS	127
CAPÍTULO III – FLEXÃO RELACIONAL	128
3.1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A FLEXÃO RELACIONAL	128
3.2 OS PREFIXOS RELACIONAIS DO XIKRÍN E AS CLASSES DE TEMAS FLEXIONADOS	136
3.2.1 Flexão relacional em temas nominais.....	138
3.2.2 Flexão relacional em temas verbais transitivos	143
3.2.3 Flexão relacional em temas verbais intransitivos	147
3.2.4 Flexão relacional em temas posposicionais	150
3.2.5 Flexão relacional em temas nominais, verbais e posposicionais	152
3.3 Algumas considerações finais sobre a flexão relacional em Xikrín	159
CAPÍTULO IV – PREDICADOS VERBAIS E NOMINAIS EM XIKRÍN.....	163
4.1 PREDICADOS NOMINAIS	163
4.1.1 Predicados equativos	163
4.1.2 Predicados inclusivos	164
4.1.3 Predicados possessivos	165
4.1.4 Predicados existenciais	167
4.2 PREDICADOS VERBAIS	168
4.2.1 Predicados verbais intransitivos monovalentes	168
4.2.2 Predicados verbais intransitivos bivalentes	169
4.2.3 Predicados verbais transitivos bivalentes	170
4.2.4 Predicados verbais transitivos trivalentes	172
4.3 NOMINALIZAÇÕES DE PREDICADOS VERBAIS	172
4.4 CONCLUSÃO	174
CAPÍTULO V – CONSTRUÇÕES COORDENADAS	175
5.1 ORAÇÕES COORDENADAS POR JUSTAPOSIÇÃO	175
5.2 ORAÇÕES COORDENADAS POR MEIO DE CONJUNÇÕES.....	177
5.3 ORAÇÕES COORDENADAS CONJUNTIVAS	180
5.4 ORAÇÕES COORDENADAS DISJUNTIVAS	182
5.5 ORAÇÕES COORDENADAS ADVERSATIVAS	183
5.6 ORAÇÕES COORDENADAS CONCLUSIVAS	185
5.7 CONCLUSÃO	186
CAPÍTULO VI – ORAÇÕES SUBORDINADAS	187
6.1 ESTRATÉGIAS DE SUBORDINAÇÃO.....	187
6.2 ORAÇÕES COMPLETIVAS	188
6.2.1 Verbo de modalidade.....	189
6.2.1.1. Orações completivas com o verbo -ɔjnɔrɛ.....	189
6.2.1.2. Orações completivas com o verbo -mɔkraj ‘começar’	192
6.2.1.3. Orações completivas com o verbo -boj ‘consequir’	195

6.2.1.4. Orações completivas com o verbo <i>-prām</i>	198
6.2.2 Verbos de manipulação	201
6.2.2.1 Orações completivas com o verbo <i>-arē</i> ‘dizer’	202
6.2.3 Verbos de cognição-elocução (‘ver’, ‘saber’, ‘pensar’, ‘dizer’ etc.)	205
6.2.3.1 Orações completivas com o verbo <i>-mū</i> ‘ver’	206
6.2.3.2 Orações completivas com o verbo <i>-ma</i> ‘saber’	210
6.2.3.3 Orações completivas com o verbo <i>-ṣwagnō</i> ‘esquecer’	213
6.3 ORAÇÕES ADVERBIAIS	216
6.3.1 Orações adverbiais temporais	216
6.3.1.1 Orações adverbiais temporais de anterioridade	217
6.3.1.2 Orações adverbiais temporais de sucessividade	220
6.3.1.2 Orações adverbiais temporais de simultaneidade	224
6.3.2 Orações adverbiais de finalidade	225
6.3.3. Orações adverbiais condicionais	228
6.3.4. Orações subordinadas condicionais	229
6.3.5 Orações adverbiais temporais-espaciais	233
6.3.6 Orações adverbiais causais	237
6.4 ESTRATÉGIAS DE RELATIVIZAÇÃO	240
6.4.1 Atributo do sujeito	241
6.4.2 Atributo do objeto direto	242
6.4.3 Atributo de objeto indireto	244
6.4.4 Atributo do oblíquo	244
6.5 CONCLUSÃO	245
CAPÍTULO VII – CORREFERENCIALIDADE E ALINHAMENTO	246
7.1 CORREFERENCIALIDADE EM JUNÇÕES DE ORAÇÕES OU INTERORACIONAIS	247
7.2 CORREFERENCIALIDADE E RESTRIÇÕES DE ALINHAMENTO	250
7.3 ALINHAMENTO INTRASENTENCIAL EM XIKRÍN	251
7.4 CORREFERENCIALIDADE INTRAORACIONAL EM XIKRÍN	258
7.5 NÃO-CORREFERENCIALIDADE INTRAORACIONAL	261
7.6. CORREFERENCIALIDADE EM OUTRAS LÍNGUAS JÊ	264
7.7. ALGUMAS OBSERVAÇÕES SOBRE CORREFERENCIALIDADE SINTÁTICA EM XIKRÍN	269
7.8 CONCLUSÃO	271
CAPÍTULO VIII – CONSTRUÇÕES INTERROGATIVA	272
8.1 PROPRIEDADES FORMAIS E SEMÂNTICO-FUNCIONAIS DAS SENTENÇAS INTERROGATIVAS	272
8.2 CONSTRUÇÕES INTERROGATIVAS POLARES	273
8.3 CONSTRUÇÕES INTERROGATIVAS DE CONTEÚDO	282
8.3.1 Palavra interrogativa <i>nūm</i>	282
8.3.2 Palavra interrogativa <i>məj</i>	284
8.3.3 As partículas interrogativas <i>məj</i> e <i>nūm</i> combinadas com posposições	284
8.3.4 Palavra interrogativa <i>nīj</i>	292
8.3.5 Palavras interrogativas <i>nāj</i> e <i>nām</i>	298
8.3.6 Palavra interrogativa <i>mākām</i>	300
8.4 CONCLUSÃO	301
CAPÍTULO IX – TEMPO, ASPECTO E MODALIDADE	303
9.1 ASPECTO	303
9.1.1 Aspecto incompletivo	303
9.1.2 Aspecto completivo	304
9.1.3 Aspecto progressivo	305
9.1.4 Aspecto recém realizado	305
9.1.5 Aspecto iterativo	306

9.1.6 Aspecto frustrativo	307
9.1.7 Aspecto cessativo	307
9.1.8 Aspecto iminente	308
9.2 MODALIDADE	308
9.2.1 Modalidade hortativa.....	308
9.2.2 Modalidade Epistêmica	309
9.2.2.1 Modalidade assertiva.....	309
9.2.2.2 Modalidade não-atestado pelo falante.....	309
9.2.2.3 Modalidade dubitativa.....	310
9.3 MODO	311
9.3.1 Modo <i>realis</i> – na.....	311
9.3.2 Modo <i>irrealis</i> - d \tilde{z} a	312
9.3.3 Modo Imperativo.....	312
9.3.3.1 Imperativo afirmativos:	312
9.3.3.2 Imperativo negativo.....	314
9.4 CONCLUSÃO	316
CAPITULO X – VOZES VERBAIS	317
10.1 VOZ REFLEXIVA	317
10.2 VOZ MÉDIA	320
10.3 VOZ RECÍPROCA.....	320
10.4 VOZ CAUSATIVA	322
10.4.1 Construções causativas monoacionais.....	322
10.4.2 Construções bioracionais causativas	326
10.5 CONCUSÃO	331
CAPÍTULO XI – CONSTRUÇÕES COMPARATIVAS.....	332
11. INTRODUÇÃO	332
11.1 ESTRATÉGIA COMPARATIVA TIPO S.....	332
11.1.1 Comparação de superioridade	333
11.1.2 Comparação de inferioridade.....	335
11.2 COMPARAÇÃO DO TIPO A1	337
11.2.1 Construções comparativas de superioridade.....	338
11.2.2 Construções comparativas de inferioridade.....	341
11.3 CONSTRUÇÕES COMPARATIVAS DE IGUALDADE	342
11.4 CONCLUSÃO	344
CONSIDERAÇÕES FINAIS	345
REFERÊNCIAS	347
ANEXOS.....	353

INTRODUÇÃO

Nesta tese, aprofundamos aspectos gramaticais da língua Xikrín do Cateté ou mēbêngôkre, com foco especial nas classes de palavras, na “Flexão relacional”, nos tipos de predicados, nos processos de coodenação e subordinação, nas nominalizações e nas manifestações de alinhamento, assim como nas vozes verbais, sem perder de vista a necessidade de contribuir para futuros estudos de cunho histórico-comparativo e para a aplicação dos resultados em prol do ensino da língua nas escolas das aldeias.

Apesar de a língua *Mēbêngôkre* já contar com três dissertações de mestrado, uma tese de doutorado e vários artigos que abordam aspectos de sua fonologia e morfossintaxe, há vários aspectos de sua gramática que precisam ser aprofundados e outros descritos pela primeira vez. Merecia aprofundamento, por exemplo, a natureza e funcionamento do fenômeno de *switch reference*, as escolhas que os falantes fazem pelas formas longas e curtas dos verbos e as implicações dessas escolhas na interação linguística; as estratégias usadas pelos falantes Xikrín para expressar o que em línguas como o Português e Inglês é chamado de orações relativas, adverbiais e substantivas, o uso das partículas modalizadoras aléticas e epistêmicas, os tipos de perguntas, as diferentes vozes verbais, dentre outros. Sobre elementos ainda não descritos destacam-se os nomes dinâmicos, os tipos de causativização, a semântica de certas posposições, dentre outros.

0.1 A LÍNGUA E O POVO XIKRÍN

A língua Xikrín, falada pelo povo conhecido pelo mesmo nome atribuído à língua, foi classificada como uma variante dialetal da língua Kayapó, pertencente à família Jê (Rodrigues 1986, 1999).

O povo Xikrín vive em duas Terras Indígenas, a T.I. Cateté e a T.I. Trincheira Bacajá, no estado do Pará. A Terra Indígena Trincheira Bacajá faz fronteira, a leste, com as rodovias Belém-Brasília (BR-010) e PA-150, na altura de Redenção e, a sudoeste, limita-se com a sede do município de São Felix do Xingu¹. De acordo com o censo de 2012 da DSEI Altamira (Beltrame, em comunicação pessoal), a população Xikrín é de aproximadamente 806 indivíduos. Já os Xikrín do Cateté compreendem uma população de aproximadamente 1.311

¹ As informações sobre os limites da Terra Indígena Trincheira Bacajá foram retiradas do site: <http://cggamgati.funai.gov.br/index.php/experiencias-em-gestao/terra-indigena-trincheira-bacaja>, acesso em 26 de maio de 2015, às 17h24.

pessoas (cf. APINAGÉS, 2013, p. 9), distribuídas em três aldeias na Terra Indígena Xikrín do Cateté, que incide no município de Parauapebas, sudeste do Estado do Pará.

Segundo Beltrame (2013, p. 21), até o ano de 2000, os Xikrín do Bacajá viviam em duas aldeias, Bacajá e Trincheira. A partir daquele ano, começaram as cisões no grupo, que resultou na fundação de outras aldeias. Atualmente, vivem em oito aldeias: Pykaikà, Krajn, Kamokti-Kô, Potikrô, Kenkudjô, Ptakô, Bacajá e Mrotidjâm, todas estabelecidas às margens e ao longo do rio Bacajá, um dos afluentes do rio Xingu. A Terra Indígena Cateté incide na zona rural do município de Parauapebas, sudeste do estado do Pará. Entre os anos de 1964 a 1990, viviam numa só aldeia (cf. GORDON 2006, p. 105). Vivem atualmente em três aldeias: Cateté, Djudjekô e Ô'odjâm, à margem esquerda do rio Cateté, tributário do Itacaiúnas, afluente médio do rio Tocantins. A aldeia Cateté ou *Pykatingrà*² é a maior e mais antiga. Nela vivem aproximadamente 727 habitantes. A aldeia Djudjekô³, com aproximadamente 465 habitantes, fica a 18 km da aldeia Cateté. Por fim, a aldeia Ô'ôdjâ⁴ conta com uma população estimada em 119 indivíduos.

Embora os Xikrín do Cateté vivam em três aldeias distintas e possuam organização política própria⁵, eles se identificam como um único povo, em relação, por exemplo aos Xikrín do Bacajá - que reconhecem como parentes – e aos Kayapó. Essa distinção fica evidente quando perguntamos se eles falam a mesma língua que os Kayapó. A resposta é imediata: “- Não! Falamos Xikrín e eles falam Kayapó”. Com os Kayapó, o sentimento é o mesmo. Embora Xikrín e Kayapó, do ponto de vista estritamente linguístico tenham sido considerados falantes de variedades da mesma língua, as diferenças diatópicas da língua mēbêngôkre falada por um e outro grupo indígena servem de argumento para corroborar a ideia que ambos são povos distintos.

0.2 A FAMÍLIA JÊ

Segundo Rodrigues (1986, p. 56), a família Jê é a maior constituinte do Tronco Macro-Jê. Os membros desta família se estendem do sul do Maranhão e do Pará, passando por Tocantins, Goiás, atingindo os estados de São Paulo e Santa Catarina, até alcançar o estado do

² O Vocábulo *Pykatingrà* é formado por meio de dois processos, derivação de *pyka* ‘terra’ + *-ti* ‘intensificador’ e, posteriormente, a composição de *pykati* + *ngrà* ‘seco’, formando o vocábulo *pykati* ‘praia’.

³ *Djudjekô* é formado a partir do tema *Djudjê* ‘tipo de pau usado na confecção do arco’ e *-kô* ‘sufixo que designa um conjunto de elementos da mesma espécie’.

⁴ Os professores com quem traduzi alguns texto Xikrín, não conseguiram me dizer o significado do termo Ô'ôdjâ, alegando que precisariam perguntar aos velhos detentores desse conhecimento.

⁵ Para mais informações a respeito, consultar Gordon 2006.

Rio Grande do Sul. Rodrigues agrupa a família em três subgrupos: Jê do Norte, jê do Centro e Jê do Sul, conforme o quadro abaixo extraído de Rodrigues (*Ibidem*):

Quadro 1 –As línguas da família Jê. (RODRIGUES, 1986, p.56)

Norte	Centro	Sul
1. Timbira Ramkókamekra, Apâniekra, krinkati, pukobyé e krenjé, Parkateje, Krahô;		
3. Apyanjé	7. Xerente;	9. Kaingáng;
4. Kayapó: kubenkrankegn, kubenkrangnoti, kokraimoro, Gorotíre, Xikrín, Txukahamãe;	8. Xavante; e Xakriabá	10. Xoklém
5. Panará;		
6. Suyá (Tapayuna)		

Além das línguas descritas no quadro acima, Rodrigues (*ibidem*) agrupa, como pertencente a esta família, as línguas já mortas Jairó – antes falada no Piauí -, Xakriabá e Akroá – Jê Central -, e Igain – Jê do Sul.

0.3 UM POUCO DE HISTÓRIA DOS XIKRÍN E DOS KAYPÓ

O nome *Kayapó* ainda carece de uma etimologia convincente. O registro do uso deste termo data da segunda metade do século XVII para designar os índios “Bilreiros” ou Kayapó Meridionais, os quais atacavam, à época, primordialmente a região da Companhia de Goiás (cf., por exemplo, Turner (1966, p. 7), Chain (1974, p. 126), Arnaud (1989, p.433). Esta designação é atribuída também aos Kayapó Setentrionais ou “Gradaús do Sertão”- que habitavam a região compreendida entre o Tocantins e o Araguaia e que foram considerados por Cunha Matos como descendentes dos Kayapó Meridionais (TURNER, 1966, p. 2). Outros pesquisadores, como, por exemplo, Castelnau (1944) afirma serem os Kayapó

Setentrionais um grupo oriundo dos Meridionais. A ideia de que os Kayapó Setentrionais eram uma ramificação dos Meridionais se desfez após estudos sobre os dialetos, a história e a cultura desses grupos, cujos resultados mostraram que, não obstante terem uma mesma ascendência genética, são muito diferentes e não podem, portanto, ser consideradas como tendo sido derivadas uma da outra (cf. NIMUENDAJÚ, 1952, p. 427). Para ratificar que são grupos com origem distintas, afirmamos com Turner (1966) que “depois de um “*survey* glotocronológico”, percebemos que os Kayapó Meridionais estão afastados pelo menos há onze séculos dos Suyá e dezenove dos Kayapó Setentrionais”.

Com base em estudos, como os de Coudreau (1897), Frikel (1968), Nimuendajú, (1952), Simões (1963), Turner (1966) e Vidal, (1977), é possível afirmar que na década de 1850 os Kayapó Setentrionais já estavam divididos em três grandes grupos, os Xikrín (Pore-kru, Kokorekre-Diore e Put-Karot), Irã-amkrãire (Gradaús ou Kayapó do Araguaia) e Gorotíre. Vidal (1977) esclarece que os Kayapó têm como grupo ancestral os *Goroti-kumrem*, dos quais surgiram dois grandes grupos: Pore-kru e Gorotire. Devido a questões de disputas políticas e outros conflitos internos, o grupo Pore-kru se cinde em dois, os Put-Karôt e os Kokorekre. Os Put-Karôt, mais tarde, se subdividem em Xikrín do Cateté e Xikrín do Pacajá. Dos Kokorekre, originou-se o grupo Djore, já extinto devido a epidemias e confrontos armados com as frentes regionais.

Atualmente, a despeito de se considerarem um grupo distinto dos Kayapó, os Xikrín estabelecem com eles uma relação amistosa: há constantes visitas entre as aldeias, há casamentos entre eles, há incorporação de objetos da cultura material intergrupar. Além disso, compartilham alguns traços socioculturais como a organização da aldeia de modo circular com a casa dos homens *ngà* no centro, o corte de cabelo característico da etnia, que consiste em raspar a parte central da cabeça do início da testa até o meio da cabeça.

Seminômades tradicionais, os Xikrín alternavam tempo-espaco-aldeia e tempo-espaco-floresta. O tempo-espaco-aldeia era o momento em que os Xikrín ficavam na aldeia e consumiam principalmente o que produziam em suas roças familiares ou coletivas, o que caçavam, pescavam ou coletavam nas proximidades de sua aldeia. O tempo-espaco-floresta consistia na perambulação da comunidade pela floresta por longos meses, durante os quais coletavam e caçavam. Concordamos com Turner (1992) quando pondera que o modo de organização da vida comunitária em dois momentos distintos não pode ser visto como mero meio de prover a subsistência do grupo, mas deve ser considerado em função de sua dinâmica

sociopolítica, bem como meio de inserção e interação das crianças e jovens Xikrín no universo Mëbêngôkre.

Como atualmente vivem em Terra Indígena demarcada em torno da qual há grandes áreas de fazenda, os Xikrín não fazem mais expedições tão longas. Quando vão à floresta, geralmente por ocasião de alguma festa tradicional, ficam no máximo duas semanas. Nessas expedições atuais, é muito raro a presença de crianças e mulheres. Quando retornam da expedição, trazem caça de toda natureza: porcão, jabuti, veado, paca, tatu, arara, macaco, etc. No período da chuva, geralmente de janeiro a março ou abril, vão à floresta para coletar castanha do Pará, fruto que comercializam atualmente com um comprador de Redenção que lhes paga um preço relativamente justo e ainda vai buscar o produto na própria aldeia, diminuindo os custos dos Xikrín que até então tinham que escoar o produto de barco pelo rio Cateté e Itacaiúnas até chegar a um local denominado Caldeirão, localizado na unidade de conservação da Flona de Carajá, de onde seguiam de caminhão por mais ou menos duas horas até chegarem no núcleo urbano de Carajás.

Atualmente, o consumo de alimentos industrializados e o intenso consumo de açúcar têm gerado sérios problemas à saúde dos Xikrín do Cateté, como os inúmeros casos de pessoas com diabetes. Há necessidade urgente de realização de campanhas educativas que esclareçam sobre o consumo de alimentos industrializados e o perigo que podem causar à sua saúde. Outro ponto importante a ser levantado está relacionado ao tratamento que devem dar ao lixo que acumulam na aldeia atualmente. Acreditamos que cabe ao poder público abraçar a causa e estabelecer parcerias com setores/agentes que atuam nas comunidades para tentar minimizar os danos que o consumo desenfreado de produtos industrializados têm causado à comunidade Xikrín do Cateté. Uma boa opção seria engajar os professores indígenas e não indígenas, a equipe da saúde que atua nas aldeias em projetos escolares que visem à elaboração de cartilhas educativas com o objetivo de conscientizar a comunidade estudantil para que repassem aos parentes informações sobre a importância de uma alimentação saudável e do tratamento adequado que deve ser dado ao lixo acumulado nas aldeias, evitando assim, por exemplo, a poluição dos rios e consequente morte dos peixes e o aumento da escassez desse alimento para a comunidade.

0.4 A EDUCAÇÃO ENTRE OS XIKRÍN DO CATETÉ

0.4.1 A educação Xikrín

A educação indígena, como já é fato conhecido, é um processo por meio do qual os membros mais velhos da comunidade repassam aos seus membros mais jovens e estes internalizam seu próprio modo de ser, sua cosmovisão, garantindo que sua cultura seja fortalecida com as novas gerações independentemente de agentes externos como a escola e os meios de comunicação da sociedade que os cerca. Na perspectiva da educação Xikrín, apreende-se o conhecimento de oitiva e na vivência. Aprende-se a fazer uma flecha, um arco, uma borduna, pelo processo de observação e depois pelo brincar de confeccionar tais produtos sem, contudo, ter-se a obrigação do fazê-lo perfeito, sob pena de alguma sanção como é o caso da educação escolar que a cada atividade feita pelo aluno, lhe é imputado uma nota, um conceito, rotulando-o numa escala que em um dos polos há o aluno “excelente/nota 10” e em outro o aluno “insuficiente, rude, com dificuldade intelectual ou cognitiva”. A educação entre os Xikrín se dá assim: os pais, tios, avós transmitem às crianças seus valores socioculturais e políticos ao longo de anos, seja em casa, seja na frente de casa à noitinha, próximo a uma fogueira, seja no Ngà, durante reuniões formais, seja em expedições para coleta, pesca e caça. A tarefa dos aprendizes é observar, prestar atenção, e depois “treinar” por meio de brincadeiras relacionadas à alguma atividade que viram algum parente fazendo. Este fato pode ser corroborado com o depoimento do professor Katop-Ti Xikrín sobre as tarefas ou atividades das crianças na sociedade Xikrín do Cateté, em outubro de 2014 na própria aldeia quando estivemos lá ministrando oficina de fonética e fonologia com vistas à elaboração do sistema de escrita Xikrín: “...*měprĩre nõ kukryđà mẽprĩre rĩm amĩ kra ‘ók mã karõ mẽbòktire djwỳi na mẽ prĩ rĩm na mẽ kadjy amĩ mã karõ. Kra kadjy amĩ mã bà kãm tẽ mã karõ*”⁶.

0.4.2 A Educação Escolar Indígena

A educação escolar indígena consiste na introdução de agentes externos à cultura autóctone. Está relacionada à nova realidade por que passa a grande maioria das comunidades indígenas no Brasil: o contato com a sociedade hegemônica. A educação escolar indígena é o espaço de aquisição e aprendizagem do conhecimento universal de base europeia ocidental.

⁶ As atividades das crianças. Desde cedo, as crianças (meninas) brincam de se pintar. Os meninos também desde cedo brincam de ir caçar para (alimentar) seus filhos.

Qualquer iniciativa de implantação de educação escolar indígena deve ser pautada levando-se em consideração que a comunidade indígena (a) fala uma língua diferente do português, (b) tem características socioculturais diferentes das ocidentais e (c) tem estratégias de assimilação de conhecimento peculiares. Esses fatores nos levam ou devem nos levar a pensar uma escola indígena bilíngue, diferenciada e específica.

No que se refere à educação escolar entre os Xikrín, sabemos que o primeiro segmento do ensino fundamental (1º ao 5º ano) foi implantado na aldeia ainda na década de 80, então sob a responsabilidade da FUNAI. O ensino do 5º ao 9º ano só foi implantado em 2004 na aldeia Cateté. Atualmente, em todas as três aldeias há escolas funcionando do 1º ao 9ª ano, sob responsabilidade da Secretaria Municipal de Educação do município de Parauapebas. Segundo o discurso oficial, as escolas são bilíngues e desenvolvem práticas de ensino e aprendizagem diferenciadas e específicas. Entretanto, basta uma ida à aldeia e uma visita a qualquer uma das turmas em aula que se constata lamentável situação diglósica da língua portuguesa em detrimento da língua materna e total invisibilização da língua materna no espaço escolar, exceto, é óbvio, pelos professores indígenas.

É oportuno salientarmos que os Xikrín são todos, sem exceção, falantes fluentes de sua língua materna. Contrariamente às pesquisas sobre aquisição de língua, que asseveram ser muito mais fácil à criança ser alfabetizada em língua materna para só depois iniciá-la no processo de ensino e aprendizagem de uma segunda língua, o que se observa, nas escolas das aldeias Xikrín do Cateté, são professores alfabetizando “incrivelmente” as crianças em língua portuguesa, língua da qual aquelas crianças sequer falam duas ou três palavras. Como resultado dessa prática que vai na contramão do que se espera da educação escolar indígena, há o desinteresse, a evasão escolar, que são perfeitamente justificáveis e esperados diante de uma visão tão equivocada de ensino e aprendizagem em contextos bilíngues.

Felizmente, os professores indígenas, preocupados com o papel e a real função da escola nas aldeias, têm questionado esse modelo de educação e demandado da Secretaria Municipal de Educação um modelo de educação escolar que privilegie a aquisição de conhecimento ocidental, e da língua portuguesa, porém sem ofuscar o conhecimento tradicional e relegar a língua materna apenas às práticas de oralidade fora do ambiente escolar. Essa mobilização dos professores Xikrín resultou, entre outros, na própria mudança de *status* que lhes era dado pela Secretaria Municipal de Educação: de meros “monitores” foram promovidos a professores indígenas com todo o mérito, diga-se de passagem. Os professores têm reivindicado junto ao Setor de Educação Indígena da Secretaria Municipal de

Educação, a alfabetização em língua materna e a elaboração de material de apoio ao ensino/aprendizagem da língua Xikrín. Estes professores Xikrín nos procuraram em agosto do ano passado e solicitaram que fizéssemos uma oficina de fonética e fonologia para que eles pudessem discutir e criar, com nossa assessoria, o sistema de escrita da língua Xikrín do Cateté. Em outubro, ministramos a oficina na aldeia. Após muita discussão, debate, decidiram estabelecer um sistema ortográfico, que apresenta algumas diferenças daquele usado pelos Kayapó, que também reformularam seu sistema de escrita por não concordarem com o modelo imposto anteriormente⁷.

0.5 METODOLOGIA UTILIZADA NA PESQUISA

A metodologia empregada na pesquisa que fundamentou esta tese consistiu em coleta de dados elicitados, seguindo questionários pré-elaborados em função dos tópicos investigados, mas também de coleta de relatos, conversas e outros atos de fala naturais. Os dados elicitados se constituem de listas de palavras sobre vocabulário básico, vocabulários especializados sobre fauna, flora, corpo humano, frases e sentenças com foco em aspectos gramaticais específicos. Os dados naturais se constituem de textos descritivos, míticos, instrutivos, relatos do cotidiano, conversas telefônicas, conversas na escola, na roça, entre outros. Essas coletas foram realizadas durante viagens de campo e durante o tempo em que trabalhei na aldeia como professor de Língua Portuguesa em 2004. A pesquisa foi gravada em vídeo, em áudio e documentada também por meio de fotografias, e esse material integra o acervo do banco de dados de Línguas Indígenas do Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas (LALLI) da Universidade de Brasília. Somam mais de 100 horas de gravação, coletadas desde o ano de 2001 até o ano em curso.

A análise descritiva se pautou em procedimentos de contraste e identificação de variações e de distribuição complementar. As noções universais foram referências para que buscássemos, na prática, entender como elas funcionam em Xikrín.

⁷ Em novembro de 2014, fui convidado pela professora Maria Trocarelli (pedagoga) e Camila Beltrame (antropóloga) a participar do segundo curso de formação de professores Kayapó, realizado entre os dias 21 a 29 de novembro na aldeia *Pyka Rārākre*, que incide no município de São Felix do Xingu. O curso contou com a participação de 40 professores Kayapó de quase todas as aldeias da região sul e sudeste do Pará. Trabalhamos noções de fonética e fonologia, a relação entre som e letra e muitas atividades pedagógicas. Como resultado deste curso, os Kayapó produziram um livro de alfabetização na língua materna, que em breve será publicado e auxiliará no ensino e aprendizagem da língua materna em suas aldeias.

0.6 TRABALHOS ANTERIORES SOBRE O MÊBÊNGÔKRE

Uma das primeiras contribuições para o conhecimento dessa língua foi a de Paul Ehrenreich, que publicou em 1894, na *Zeitschrift für Ethnologie* (Berlim), o trabalho intitulado “Die Sprache der Cayapo (Goyaz)”. Essa publicação contém material linguístico de dois dialetos do Kayapó, o dialeto ‘Cradaho’ e o dialeto ‘Uchikring’. Outra contribuição é “Ensaio de grammatica Kaiapó” de Antonio Maria Sala (1920), publicada na Revista do Museu Paulista. Nesse trabalho, o autor Sala elabora um vocabulário em Português-Francês-Kayapó (pp. 405-429). Nimuendajú (1932) coletou uma lista de palavras do Kayapó do médio Xingu e a comparou com dados de Socrates, Ehrenreich, Coudreau, Krause e Sala. Em 1934, Hugo Mense publicou, na revista *Santo Antonio, Provinzzeitung der Franziskaner in Nordbrasilien*, um pequeno vocabulário Kayapó. Schmidt reuniu em “Los Kayapó de Matto-Grosso”, os poucos dados existentes, até então, sobre os Kayapó localizados entre o Paranatinga e a parte superior da Bacia do Xingu (1947). Stout e Thomson (1974) apresentaram três artigos sobre a língua Kayapó. No primeiro, “Elementos proposicionais em Kayapó”, tratam da estrutura das orações Kayapó de acordo com a teoria semântica gerativa, tomando, como aporte teórico, Fillmore (1968), Donald Frantz (1970) e Hall (1969). O ensaio está organizado em três partes. A primeira parte é dedicada à fundamentação teórica; a segunda, trata da estrutura profunda ou a casos existentes na língua; a terceira, discute a respeito da estrutura de superfície ou de constituintes e o esquema das relações entre a estrutura subjacente e a de superfície. Os autores discutem a respeito dos tipos de predicados na língua, definindo-os em termos de papéis semânticos que expressam relações existentes na estrutura subjacente. No segundo, “Modalidades em Kayapó”, discutem a categoria gramatical modalidade que são adicionadas a um tema nuclear, isto é, a proposição, de modo a fornecer coerência e relevância ao discurso global de qualquer tipo. Com este estudo, os autores pretendem descrever os elementos de modalidade na língua Kayapó os quais, segundo os autores, fornecem a base para os estudos do discurso. Apresentam três tipos de modalidade : modalidade de orientação, de conexão e de conceito. No último, “Fonêmica Txukuhamêi”, descrevem o sistema fonológico do “Txukuhamêi” (Txukahamãe), uma variedade da língua Kayapó falada no alto Xingu. Jefferson (1980) publicou uma “Gramática pedagógica Kayapó”, destinada ao aprendizado dessa língua por falantes de Português, com várias observações culturais sobre os Kayapó. Em 1991, Trevisan & Pezzotti (1991) publicaram o que eles designaram “Dicionário Kayapó-Português - Português-Kayapó”, em que esboçam um quadro dos fonemas da língua Kayapó, além de algumas explicações sobre a pronúncia

dos vocábulos. Borges escreveu uma dissertação de mestrado sobre “Aspectos da morfossintaxe do sintagma nominal na língua Kayapó” (UnB, 1995), em que tratou dos nomes em relações genitivas, mostrando evidências para a existência de prefixos relacionais em Kayapó, e publicou no ano seguinte um artigo sobre o mesmo assunto (BORGES, 1996). Reis Silva e Salanova (2000) discutem a codificação de argumentos em Mëbêngôkre e consideram que a mesma está condicionada à finitude ou à não-finitude do núcleo do predicado verbal. Salanova (2001), em “A nasalidade em Mebengokre e Apinayé: o limite do vozeamento soante”, propõe um ensaio a respeito dos sistemas fonológicos de Mëbêngokre e Apinayé e inicia uma discussão sobre a noção de *sistema fonológico*. Esboça aspectos dos sistemas fonológicos dessas línguas. Reis Silva (2001), em “Pronomes, ordem e ergatividade em Mebengokre (Kayapó)”, sugere que o fenômeno da ergatividade naquela língua está condicionado à forma não-finita do verbo.

Costa (2002) apresenta o artigo intitulado “Prefixos relacionais no Xikrín”, em que mostra os prefixos que flexionam temas nominais para indicar suas relações de dependência e de contiguidade sintática com seus determinantes. Em “Notas sobre ergatividade em Xikrín”, Cabral, Rodrigues e Costa (2001[2004]) fazem uma breve apresentação das classes de temas verbais, dos prefixos relacionais e dos marcadores de pessoa em Xikrín e, em seguida, descrevem uma cisão entre alinhamento nominativo-absolutivo e ergativo-absolutivo condicionada pela modificação circunstancial dos predicados. “Xikrín e línguas Tupí-Guaraní: marcas relacionais”, Cabral & Costa (2001[2004]) mostram alguns paralelismos gramaticais entre a língua Xikrín e as línguas Tupí-Guaraní, como a expressão de posse indireta e o sistema de relacionais, inclusive o morfema *mẽ-* que em Xikrín, indica que o determinante é genérico e humano. Os autores asseveram que esses paralelismos podem constituir evidências adicionais para a proposta de existência de afinidades entre Jê e Tupí, proposta por Rodrigues (1985, 1992). Em 2003, Costa publica sua dissertação de mestrado intitulada “Flexão relacional, marcas pessoais e tipos de predicados em Xikrín: contribuição para os estudos sobre ergatividade em línguas Jê”. Nesse estudo, o pesquisador discute sobre as classes de palavras e os tipos de predicados na língua Xikrín e mostra que, nas orações independentes do Xikrín, o agente de verbos transitivos e o argumento interno de verbos intransitivos ativos são marcados pelas mesmas formas pessoais, ao passo que o argumento interno de verbos transitivos é marcado por uma série pronominal distinta, a mesma que codifica o possuidor e o complemento de posposição. O estudo também mostra que, quando o núcleo do predicado é modificado por uma expressão adverbial, ou quando é núcleo de orações completivas ou de orações relativas, há uma cisão no alinhamento. O objetivo

principal da dissertação é mostrar que a cisão está relacionada à natureza nominal ou verbal dos núcleos dos predicados. No artigo intitulado “Pessoa e número: estratégias de combinação em Xikrín, Costa (2007) mostra como os indivíduos Xikrín fazem uso das marcas pessoais, combinando-as ou não com outras partículas, para indicar os participantes da interação verbal. Mostra também que essa língua distingue a 1ª pessoa inclusiva (falante e ouvinte) da 1ª pessoa exclusiva (falante e um terceiro, excluindo o ouvinte), seja no dual, no paucal ou no plural, e não apresenta forma pronominal para a 3ª pessoa. Este estudo é relevante por mostrar que a língua Xikrín especifica claramente os participantes da interação verbal sem produzir um enunciado ambíguo no que diz respeito a quem participa da interação verbal. Mais recentemente, Em “nominalizations and aspect”, Salanova (2007) discute alguns pontos acerca de nominalizações e ergatividade em mēbēngōkre. Em 2010 é publicado na Revista Brasileira de Linguística antropológica o artigo intitulado “Correferencialidade sintática e alinhamento em Xikrín do Cateté” (COSTA, XIKRIN e CABRAL, 2010, p. 285-308). Neste artigo os autores descrevem as principais estratégias para expressar referência compartilhada ou disjunta através de fronteiras de orações unidas por parataxes ou hipotaxes.

0.7 ORGANIZAÇÃO DOS CAPÍTULOS

Esta tese é composta de uma introdução e onze capítulos, que tratam de aspectos gramaticais da língua Xikrín do Cateté. A introdução traz informações sobre o povo, a língua e metodologia de pesquisa e notas sobre a educação escolar indígena entre os Xikrín do Cateté. O capítulo 1 apresenta uma breve descrição de aspectos da fonologia da língua Xikrín. O capítulo 2 discute a respeito das classes de palavras existentes nessa língua. O capítulo 3 discorre sobre o fenômeno da flexão relacional. O capítulo 4 descreve os tipos de predicados em Xikrín. Os capítulos 5 e 6 são descrevem as construções coordenadas e subordinadas respectivamente. O fenômeno da correferencialidade é analisado no capítulo 7. O capítulo 8 descreve as construções interrogativas do Xikrín. O capítulo 9 discute sobre as categorias gramaticais de tempo, aspecto e modalidade e o capítulo 10 descreve as vozes verbais. O capítulo 11 encerra a tese com a descrição das estratégias da construções comparativas em Xikrín.

CAPÍTULO I – ASPECTOS DA FONOLOGIA DA LÍNGUA XIKRÍN

Neste capítulo apresentamos uma breve descrição de aspectos da fonologia segmental da língua Xikrín do Cateté, em parte, com base nos princípios estruturalistas de Pike (1947), em parte tendo como referência um literatura diversificada que contempla noções fundamentais para uma análise fonológica segmental, como as noções de classes naturais, processos fonológicos, entre outros. A seção 1.1 descreve os segmentos consonânticos e a seção 1.2, os segmentos vocálicos. A seção 1.3 trata de aspectos da fonologia prosódica e a seção 1.4 descreve alguns processos fonológicos da língua Xikrín do Cateté. A seção 1.5 finaliza o capítulo com uma breve conclusão.

1.1 CONSOANTES

A análise dos dados a partir de suas características fonéticas, com base em contrastes de pares mínimos e análogos, e observadas as restrições de ocorrência e distribuição dos segmentos, permitiram a depreensão de 16 segmentos fonológicos consonantais. A produção dos fonemas consonantais distingue cinco pontos de articulação – labial, alveolar, palatal, velar e glotal – e cinco modos de articulação – oclusivo, africado, nasal, flepe e aproximante. No quadro seguinte apresentamos os fonemas distribuídos de acordo com os traços que marcam a sua configuração fonética:

Quadro 2 – Consoantes do Xikrin

	Labial	Alveolar	Palatal	Velar	Glotal
Oclusivas	p b	t d		k g	ʔ
Africadas			tʃ ɟʃ		
Nasais	m	n	ɲ	ŋ	
Flepe		r			
Aproximantes	w		j		

Os dados a seguir comprovam o caráter distintivo dos/ fonemas consonantais com base em contrastes de pares mínimos ou análogos

001. /p/ e /b/

- a. /pa/ 'mão'
/ba/ 'eu'
- b. /pĩ/ 'pau'
/bĩ/ 'matar'
- c. /bo/ 'palha'
/pɔ/ 'achatado'
- d. /põ/ 'lavar'
/bõ/ 'grama'

002. /b/ e /w/

- a. /ba/ 'eu'
/wa/ 'dente'
- b. /bã/ 'coruja'
/bɛ/ 'partícula exclativa'
- c. /ka'ba/ 'arrancar'
/ka'wa/ 'pilão'

003. /p/ e /w/

- a. /wa/ 'dente'
/pa/ 'braço'

004. /p/ e /m/

- a. /pa/ 'braço'
/ma/ 'fígado'
- b. /pĩ/ 'pau'
/mĩ/ 'jacaré'
- c. /põ/ 'lavar'
/mõ/ 'ir/vir.pl'
- d. /pɔ/ 'achatado'
/mɔ/ 'veado'

005. /m/ e /w/

- | | | |
|----|------|----------|
| a. | /ma/ | ‘fígado’ |
| | /wa/ | ‘dente’ |

006. /m/ e /b/

- | | | |
|----|---------|------------|
| a. | /mĩ/ | ‘jacaré’ |
| | /bĩ/ | ‘matar’ |
| b. | /ma/ | ‘fígado’ |
| | /ba/ | ‘eu’ |
| c. | /mẽ/ | ‘atirar’ |
| | /bẽ/ | ‘mostrar’ |
| d. | /ku'mã/ | ‘para ele’ |
| | /ku'bã/ | ‘cheirar’ |

007. /t/ e /d/

- | | | |
|----|------|----------|
| a. | /tĩ/ | ‘morrer’ |
| | /dĩ/ | ‘ai!’ |

008. /n/ e /d/

- | | | |
|----|------|--------|
| a. | /nĩ/ | ‘novo’ |
| | /dĩ/ | ‘ai!’ |

009. /d/ e /t/

- | | | |
|----|--------|--------------------------------|
| a. | /aduj/ | ‘algo curto, sem continuidade’ |
| | /atu/ | ‘barrida de você’ |

010. /r/ e /d/

/r̃i/	‘comprido, longo’
/d̃i/	‘ai!’

011. /r/ e /t/

a.	/t̃i/	‘morrer’
	/r̃i/	‘longo’
b.	/te/	‘carrapato’
	/re/	‘nadar’
c.	/t̃e/	‘perna’
	/r̃e/	‘atenuativo’

012. /n/ e /ɲ/

a.	/na/	‘chuva’
	/ɲa/	‘morder’
b.	/i.ˈnõ/	‘eu estou deitado’
	/i.ˈɲõ/	‘meu pertence’
c.	/ka.ˈɲe/	‘atrapalhar’
	/ka.ˈne/	‘estar.doente’

013. /tʃ/ e /ɲ/

a.	/tʃa/	‘descontentamento (interjeição)’
	/ɲa/	‘morder’

014 /tʃ/ e /tʃa/

a.	/tʃa/	‘descontentamento (interjeição)’
	/tʃa/	‘estar.em pé’

015. /ɕa/ e /ɲ/

- a. /ɕʌj/ 'doce'
/ɲʌj/ 'picapau'

016. /ŋ/ e /n/

- a. /ŋʌ/ 'casa dos homens/
/nʌ/ 'sim/
b. /ŋɔ/ 'molhado'
/nɔ/ 'olho'
c. /ŋi/ 'barro', 'lama'
/ni/ 'novo'

017. /ŋ/ e /k/

- a. /ŋʌ/ 'casa dos guerreiros'
/kʌ/ 'canoa, cesta'
b. /ŋra/ 'paca'
/kra/ 'filho'
c. /ŋrɛ/ 'cantar'
/krɛ/ 'plantar'
d. /ŋi/ 'barro'
/ki/ 'viajar'

018. /k/ e /g/

- a. /kuka/ 'testa'
/kuga/ 'assar'
b. /kaj/ 'coelho'
/ga/ 'você'

019. /ŋ/ e /g/

- a. /ŋʌ/ ‘casa dos guerreiros’
/ga/ ‘você’

020. /ʔ/

- a. /ʔð/ ‘algo’
/ð/ ‘posse’
b. /ʔi/ ‘osso’
/i/ ‘eu’
c. /ʔo/ ‘folha’
/o/ ‘fruto’
d. /kuʔe/ ‘estar.em.pé.pl’
/ku'e/ ‘furúnculo’

1.2 VOGAIS

1.2.1 Vogais orais

Foram depreendidas 16 vogais fonológicas no Xikrín, em concordância com estudos anteriores do Mëbêngôkre (Stout & Thomson 1974).

Quadro 3 – Vogais orais do Xikrin

	Anterior	Central	Posterior
Alto	i	ɨ	u
Médio-fechado	e	ə	o
Médio-aberto	ɛ	ʌ	ɔ
Baixo		a	

O inventário vocálico exposto, tem como base os contrastes existentes nos pares mínimos ou análos exemplificados a seguir:

021. /i/ e /e/

- | | | | |
|---|----|------|-------------|
| . | a. | /ti/ | ‘intensivo/ |
| | | /te/ | ‘carrapato’ |
| | b. | /be/ | ‘essivo’ |
| | | /bi/ | ‘somente’ |
| | c. | /i/ | ‘eu’ |
| | | /e/ | ‘lixo’ |

022. /i/ e /i/

- | | | | |
|--|----|------|--------------|
| | a. | /kĩ/ | ‘engatinhar’ |
| | | /ki/ | ‘forno’ |
| | b. | /bi/ | ‘pegar’ |
| | | /bi/ | ‘somente’ |
| | c. | /tĩ/ | ‘morrer’ |
| | | /ti/ | ‘intensivo’ |
| | d. | /ni/ | ‘novo’ |
| | | /ni/ | ‘fêmea’ |

023. /e/ e /ɛ/

- | | | | |
|--|----|---------|-----------------|
| | a. | /te/ | ‘carrapato’ |
| | | /tɛ/ | ‘perna’ |
| | b. | /be/ | ‘essivo’ |
| | | /bɛ/ | ‘exclamação’ |
| | c. | /ka'ne/ | ‘doença’ |
| | | /ka'nɛ/ | ‘tratar.doença’ |

024. /i/ e /ə/

- a. /mi/ 'pênis'
/mə/ 'pegar?'

025. /ʌ/ e /ə/

- a. /mʌ/ 'dobrar a esquina'
/mə/ 'pegar'
b. /'ʌrʌ/ 'assado'
/ə'rə/ 'direcional'

026. /ʌ/ e /a/

- a. /mʌ/ 'dobrar a esquina'
/ma/ 'fígado'
b. /nʌ/ 'sim'
/na/ 'chuva'
c. /bʌ/ 'floresta'
/ba/ 'eu'
d. /kʌ'je/ 'beliscar'
/kə'je/ 'atrapalhar'

027. /ə/ e /o/

- a. /inəj/ 'cuspe dele'
/ino/ 'tórax dele'
b. /təj/ 'forte'
/to/ 'esticar'

028. /ʌ/ e /ə/

- | | | |
|----|------|------------|
| a. | /kʌ/ | ‘canoa’ |
| | /mə/ | ‘pegar’ |
| b. | /bʌ/ | ‘floresta’ |
| | /be/ | ‘essivo’ |

029. /ʌ/ e /ɔ/

- | | | |
|----|-------|------------|
| a. | /pʌt/ | ‘tamanduá’ |
| | /kɔt/ | ‘sei lá’ |
| b. | /nʌ/ | ‘sim’ |
| | /nɔ/ | ‘olho’ |

030. /o/ e /ɔ/

- | | | |
|----|-------|-----------|
| a. | /kot/ | ‘verdade’ |
| | /kɔt/ | ‘sei lá’ |
| b. | /ɲo/ | ‘água’ |
| | /ɲɔ/ | ‘molhado’ |
| | /mop/ | ‘inhame’ |
| | /mɔ/ | ‘veado’ |

031. /u/ e /o/

- | | | |
|----|------|---------|
| a. | /ku/ | ‘comer’ |
| | /ko/ | ‘vara’ |

- b. /ku'pu/ 'embrulhar'
/ku'bo/ 'assar. pl'

032. /u/ e /i/

- a. /mut/ 'pescoço'
/mit/ 'sol'
- b. /ki/ 'engatinhar'
/ku/ 'comer'

A decisão de reconhecer uma série de vogais centrais no Xikrín, funda-se na percepção de que *i* e *ə* (como em *pi* 'urucum' e *kwəɾə* 'mandioca') não teriam o carácter posterior que lhes é atribuído na literatura prévia (cf., por exemplo, Stout e Thomson (1974, p. 1)). Os dados aqui apresentados mostram um contraste entre a série central e a posterior, de forma que a hipótese de que *ɪ* seja a contraparte não labializada da posterior *ɔ*, por exemplo, fica descartada, como mostram nítidos contrastes entre *ɪ* e *ɔ*, entre *o* e *ə* e entre *i* e *u*:

033. a. /e/ /ɔ/
/pɪt/ 'tamanduá'
/pɔ/ 'achatado'

- b. /o/ e /ə/
/to/ 'esticar'
/təj/ 'forte/

- c. /u/ e /i/
 /mut/ ‘pescoço’
 /mit/ ‘sol’

1.2.2 Vogais nasais

As seis vogais nasais do Xikrín são apresentadas no quadro seguinte:

Quadro 4 – Vogais nasais do Xikrín

	Anterior	Central	Posterior
Alto	ĩ	ĩ	ũ
Médio	ẽ		õ
Baixo		ã	

O contraste entre vogais nasais e orais é exemplificado abaixo:

Contraste entre vogais nasais e orais:

034.

- | | |
|---------------------|-------------------|
| a. /na/ ‘chuva’ | b. /nã/ ‘mãe’ |
| c. /bʌ/ ‘floresta’ | d. /bĩ/ ‘coruja’ |
| e. /te/ ‘carrapato’ | f. /tẽ/ ‘ir’ |
| g. /tɛ/ ‘perna’ | h. /tẽ/ ‘ir’ |
| i. /ki/ ‘berarubu’ | j. /kĩ/ ‘cabelo’ |
| k. /bo/ ‘palha’ | l. /mõ/ ‘ir.pl’ |
| m. /mɔ/ ‘veado’ | n. /mõ/ ‘ir.pl’ |
| o. /tu/ ‘barriga’ | p. /tũm/ ‘velho’ |
| q. /iri/ ‘tecer’ | r. /ĩĩ/ ‘sentado’ |

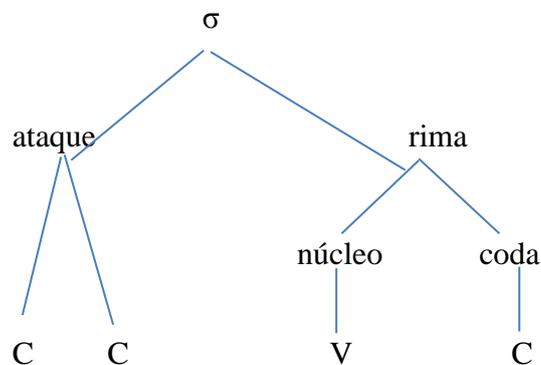
1.3 SÍLABA

Nesta seção apresentamos a constituição da sílaba em Xikrín, seus padrões silábicos e as restrições fonotáticas, que restringem a posição que cada segmento consonantal pode ocupar na estrutura silábica e quais segmentos podem se combinar na formação de sílaba complexa.

1.3.1 Estrutura silábica

A língua Xikrín tem como estrutura máxima de sílaba a forma CCVC (Consoante-Consoante-Vogal-Consoante) e, como estrutura mínima de sílaba, há a forma V (Vogal). Os segmentos consonantais têm restrições quanto a que posição ocupar na estrutura silábica. Assim, todos os segmentos consonantais ocupam a primeira posição silábica. Na segunda posição, apenas os segmentos /t/ /w/ e /j/ são permitidos e na última posição, são permitidos os segmentos /p/, /t/, /k/, /m/, /n/ e /j/.

Abaixo apresentamos um diagrama arbóreo com a distribuição dos fonemas consonantais e vocálicos e sua distribuição na estrutura silábica.



1.3.2 Padrões silábicos

A língua Xikrín possui os seguintes padrões silábicos: V, VC, CV, CVC, CCV e CCVC. A estrutura mínima de sílaba é a forma V (Vogal) e estrutura máxima a forma CCVC (Consoante-Consoante-Vogal-Consoante). A seguir exemplificamos os padrões silábicos da língua Xikrín.

035

V

/a'ŋjet/	tamaduá' (forma antiga)
/a'mak/	'orelha'
/ama'o/	'barba'
/e'krɔk/	'pousar
/i'kɔp/	'unha dele'
/ikra'ʔi/	'dedo dele'
/i'pokri/	'no meio'
/i'mej/	'matar.pl'
/uru/	'pus'
/ʌ'pej/	'trabalho
/ʌ'kre/	'zangado'
/əɾə/	'direcional'
/ɔ'riña/	'longe'
/ĩri/	'sentado'
/a'e/	'ninho'
/kuru'a/	'bater'
/ka.i.ri/	'costurado'

VC

/ʌk/	gavião'
/õt/	'dormir'
/ʌ'rʌ/	'tirado'
/ʌb'ne/	'conversar'
ʌp'kʌ/	'investigar'
/ap'kri/	'tarde'
/am'ŋɔ/	'calor'
/an/	'part. pauc'

/ĩn/	‘fezes’
/aj/	‘sim’
/ajtɛ/	‘iterativo’
/ɔt/	‘agora’
/kruət/	‘traíra’

a. **CV**

/pa/	‘braço’
/katẽ/	‘abóbora’
/ka'ŋã/	‘cobra’
/ka'prãn	‘jabuti’
/kɛ'ket/	‘sorriso’
/tɛ/	‘perna’
/te/	‘carrapato’
/pi.ka/	‘terra’
/'boro/	‘assado’
/'koro/	‘sede’
/nɔ/	‘olho’
/ku'nũn	‘capivara’
/ku'krit/	‘anta’
/gu'ba/	‘nós incl.’
/'tɔkri/	‘doer’
/ʔð/	‘algo’

b. **CVC**

/jʌt/	‘batata-doce’
/nɔt/	‘umbigo’

/rɔp/	‘cachorro’
/ku'dʒek/	‘veia’
/kwa'tij/	‘avó’
/ka'ʔuk/	‘socar’
/a'rɔp/	‘já’
/mɔkɔk'ti/	‘puraquê’
/tũm/	‘velho’
/ku'rũm/	‘de (ablativo)’
/kẽn/	‘pedra’

c. **CCV**

/'kwɔrɔ/	‘mandioca’
/kwɔ/	‘pedaço’
/mrã'mrĩ/	‘verdade’
/krɛ/	‘buraco’
/kra'kri/	‘em baixo de’
/'kriɾɔp/	‘de manhã’
/ŋra/	‘paca’
/ŋrɛ/	‘cantar’
/ŋri/	‘pequeno’
/'briɛ/	‘sapo’
/'krua/	‘flecha’
/'kruɔj'ti/	‘papagaio’
/kruɔt/	‘traíra’
/a'bje/	‘procurar’
/i'kje/	‘lado’; banda
/bi'kwa/	‘parente’
/bi'kjere/	‘dividir’

d. **CCVC**

/kraj/	‘cintura’
/krʌb/	‘amigo formal’
/prõn/	‘corrida’
/twəb/	‘gordura’
/gwaj/	‘nós’
/ku'mrɛj/	‘primeiro’
/ku'krit/	‘anta’

As margens esquerda e direita de sílabas são ambas opcionais. Margens direitas complexas não são permitidas e a fonotática da língua restringe as combinações de fonemas possíveis na margem esquerda de sílaba. Estas combinações não podem conter consoantes homorgânicas isto é, sequências que compartilhem o mesmo ponto de articulação como **tr* ou **pw*). As combinações de fonemas possíveis na margem esquerda de sílaba em Xikrín são as seguintes:

36.

a. **/pr/**

/ka'prã̃n/	‘jabuti’
/prõn/	‘corrida’
/pri/	‘caminho’
/prek/	‘alto’
/ka'prə/	‘vazio’

b. **/br/**

/bricɛ/	‘sapo’
---------	--------

c. **/mr/**

/mri/	‘caça’
/ʌ'mra/	‘gritar’

/õ'mrõ/	‘comida’
/ka'mro/	‘sangue’
/ka'mrek/	‘vermelho’

d. /kr/

/kra'kri/	‘em baixo de’
/kro/	‘podre’
/kraĩj/	‘serra’
/kroβ/	‘amigo formal’
/a'kro/	‘cipó’

e. /ŋr/

/ka'ŋro/	‘quente’
/ŋra/	‘paca’
/ŋrΛ/	‘seco’
/ŋrã'ŋrã/	‘verde’
/ŋrik/	‘raivoso’

f. /krw/

/'krwua/	‘flecha’
----------	----------

g. /tw/

/twəβ/	‘gordura’
--------	-----------

h. /dʒw/

/dʒwa/	‘tomar banho’
/dʒwə'pə/	‘bolacha’
/dʒwəj/	‘verdade’
/kadʒwati/	‘cana-de-açúcar’

- e. /kw/
- | | |
|-----------|------------|
| /kwəɾə/ | ‘mandioca’ |
| /kwĩ/ | ‘fogo’ |
| /kajkwa/ | ‘céu’ |
| /kwĩfĩ/ | ‘quebrado’ |
| /õbi'kwa/ | ‘parente’ |
- f. /gw/
- | | |
|---------|-----------|
| /gwaj/ | ‘nós’ |
| /u'gwɛ/ | ‘canhoto’ |
- g. /pj/
- | | |
|---------|-----------------------|
| /u'pje/ | ‘pendurar no pescoço’ |
|---------|-----------------------|
- h. /bj/
- | | |
|---------|------------|
| /a'bje/ | ‘procurar’ |
|---------|------------|
- i. /kj/
- | | |
|----------|-----------------|
| /i'kje/ | ‘lado’, ‘banda’ |
| /bikjɾe/ | ‘dividir’ |
- j. /ɲj/
- | | |
|--------|----------------------------|
| /ɲjet/ | ‘tamanduá’ (forma arcaica) |
|--------|----------------------------|

De acordo com os exemplos dos padrões silábicos expostos, percebemos que sílabas mínimas com forma V podem ser constituídas por todas as vogais orais e pelas vogais nasais /ĩ/ e /ĩ̃/. Ocorrência de outras vogais nasais neste padrão silábico não foram encontradas no *corpus* analisado.

O acento primário incide, com maior frequência, sobre a sílaba final da palavra. O conjunto de formas excepcionais é formado por: (1) termos derivados por meio da adição de

sufixos extramétricos e que, portanto, não ‘atraem’ o acento e (2) formas derivadas pela adição de uma ‘vogal eco’ ou ‘vogal previsível’.

Padrão de acento regular. Sílabas finais mais proeminentes:

037.

- a. /a-tɛ/ [a'tɛ] ‘tua perna’
- b. /a-tɛ-ɖɔ/ [atɛ'ɖɔ] ‘tuas nádegas’
- c. /a-tɛ-ɖɔ-kɾɛ/ [atɛɖɔ'kɾɛ] ‘teu ânus’

Penúltima sílaba mais proeminente:

038.

- a. [ˈpuru] ‘roça’
- b. [ˈkoto] ‘certo, correto’
- c. [ˈmari] ‘saber’; forma nominal ([ˈma] ‘saber’; forma verbal)
- d. [puˈnu] ‘ruim, feio’
- e. [puˈnure] ‘ruim, feio’ (atenuativo)

Em (e), acima, temos como exemplo de sufixo extramétrico o Atenuativo *-rɛ/*.

1.4 PROCESSOS FONOLÓGICOS

Um conjunto de mudanças fonológicas é observado quando da combinação de morfemas para formar palavras e quando da combinação de palavras para formar frases. Essas mudanças consistem em processos de *sandhi*, que são acionados em fronteira de morfemas ou de palavras.

Sonorização de oclusivas surdas - Consoantes em posição final se sonorizam quando na junção de morfemas são seguidos de consoantes sonoras:

039.

b. /amak/ + /raj/ =[ama'graj] 'orelha grande'

d. /rɔp/ + /ni/ = [rɔb'ni] 'cachorro fêmea, cadela'

Elisão vocálica - Em fala rápida, em certos encontros vocálicos há tendência à elisão vocálica:

040. ba na ba ari a-mũ [banaba aramũ]

1 RLS 1 PAUC 2-ver

'eu vi vocês'

O morfema Associativo-Instrumentivo /-ɔ/ pode cliticizar-se ao item lexical que ocorre à sua direita. Quando a palavra em questão inicia-se por vogal, ocorre, opcionalmente, o aparecimento de uma aproximante labial de transição [w] (ver especialmente o contraste entre (041) e (042) abaixo):

Desenvolvimento de [w] – Na junção do morfema Associativo-Instrumentivo -ɔ com tema iniciado por /a/, ocorre, opcionalmente, o desenvolvimento de uma aproximante labial de transição [w]:

041. tɛp ɔ bi [tɛpɔwabi]

peixe ASS.INSTR subir

'subir com peixe; pescar'

042. mēni na mē mroti kām ɔ ajre [ɔwajre]
mulher RLS PL jenipapo LOC ASS.INSTR misturar
‘As mulheres misturaram o jenipapo’

Quando o morfema Associativo-Instrumentivo -ɔ ocorre seguido por consoante e precedido por uma vogal de qualidade idêntica, há a fusão das duas vogais:

044. mē na mē tɔ.rɔ ɔ mō [mēnamē tɔrɔmō]
PI RLS PI festejar-NLZ ASS ir
‘as pessoas estão festejando’

Na fala rápida, em situações restritas, como em sequências formadas pelo pronome *gu* e a marca de *Irrealis* *ɟa*, observa-se um fenômeno de harmonia vocálica completa (exemplo (045) abaixo). Caso similar foi observado também com a partícula do modo Realis, quando esta ocorre seguida do pronome *gu* (046):

Mudança de a para u:

- 045 gu ɟa tē [guɟutē]
1+2 IRRLZ ir
‘nós vamos’
046. itʃere kām na gu amĩ mũ [nuguamĩmũ]
espelho LOC RLS 1+2 REFL ver
‘Nós nos vimos no espelho’
047. na gu arəp ɟwa [nugarəbɟwa]
RLS 1+2 já tomar banho
nós já tomamos banho’

1.5 CONCLUSÃO

Neste capítulo tratamos brevemente de alguns aspectos da fonologia da língua Xikrín. Inicamos com a descrição dos fonemas vocálicos e consonantais. Em seguida, descrevemos e exemplificamos os padrões silábicos e as restrições fonotáticas existentes na língua Xikrín e finalizamos o estudo descrevendo alguns processos fonológicos presentes nessa língua.

CAPÍTULO II – MORFOLOGIA

O presente capítulo descreve as classes de palavras existentes na língua Xikrín. As classes de palavras apresentam propriedades gramaticais específicas que as distinguem umas das outras sob três pontos de vistas, a saber, distribucional, de constituição interna, e semântico, como demonstraremos nas seções seguintes.

A definição e distinção das classes de palavras está para além da constituição de um fim em si mesmo, na medida em que viabiliza um maior conhecimento de línguas pouco estudadas, como é o caso da língua Xikrín do Cateté. A descrição das classes e subclasses de palavras aqui proposta, além de considerar os critérios já mencionados, leva em conta também como as palavras são atualizadas no discurso.

Com base no conjunto dos critérios elencados até aqui, distinguem-se em Xikrín nove classes de palavras, a saber: nomes, pronomes, verbos, posposições, advérbios, conjunções, palavras aspectuais, palavras modalizadoras, e interjeições.

2.1 NOMES

Partindo da análise dos dados de que dispomos e, levando em consideração critérios estruturais, distribucionais e semânticos e, ainda tomando como parâmetro de análise, o critério de dependência, distinguem-se, na língua Xikrín, três tipos de nomes, os nomes relativos, os nomes descritivos e os nomes absolutos. A seguir, apresentam-se cada um desses subtipos de nomes.

2.1.1 Nomes relativos

Nomes relativos são assim definidos pela conjugação de dois critérios: o semântico e o morfossintático. Semanticamente, são nomes relativos todos aqueles cujos referentes têm existência relativa a algo ou a alguém. A natureza relativa desses nomes revela-se por meio de marcas morfossintáticas, através das quais são licenciados no discurso, numa relação de dependência com outro nominal, formando com este uma unidade sintática (cf. CABRAL, 2001). Compõem esta classe nomes que referem entidades relacionadas à parte do corpo humano, a partes dos animais, a partes das plantas, a relações de parentesco e a alguns termos referentes a utensílios e/ou adornos corporais, típicos da cultura material Xikrín. Os exemplos que seguem ilustram esses tipos de nomes.

Partes do corpo humano

048.

- a. tamakware ɲ-ikra
 Tamakwaré R¹-mão
 ‘mão de Tamakwaré’
- b. i ɲ-ikra
 1 R¹-mão
 ‘mão de mim’ (minha mão)
- c. poi dʒ-wa
 Poy R¹-dente
 ‘dente de Poy’
- d. i dʒ-wa
 1 R¹-dente
 ‘dente de mim’ (meu dente)
- e. poi Ø-nɔ
 Poy R¹-olho
 ‘olho de Poy’
- f. i Ø-nɔ
 1 R¹-olho
 ‘olho de mim’ (meu meu olho)

Partes de animais e plantas

049.

- a. mʌt j-ara
 arara R¹-pena
 ‘pena de arara’

- b. kwej Ø-ŋre
pássaro R¹-ovo
‘ovo de pássaro’
- c. pĩ Ø-kΛ
árvore R¹-casca
‘casca da árvore’
- d. pĩdʒo Ø-rã
fruto R¹-flor
‘flor do fruto da árvore’ (flor)

Relações de parentesco

050.

- a. tute ŋ-ĩŋet
Tute R¹-avô
‘avô de Tute’
- b. a Ø-bãm
2 R¹-pai
‘teu pai’
- c. i dʒ-umreŋet
1 R¹-sogro
‘meu sogro’
- d. Ø-kwatəj
R²-avó
avó dele’

- e. beppõrõti n-õbikwa
 Bep Nhõrõ-Ti R¹-amigo
 ‘amigo de Bep Nhõrõ-Ti’
- f. Ø-õbikwa
 R²-amigo
 amigo dele’

Utensílios e adornos corporais

051.

- a. ikro n-ikrakamɾɿj
 Ikro R¹-anel
 ‘anel de Ikrõ’
- b. i Ø-kĩdʒedʒɿ
 1 R¹-prendedor de cabelo
 ‘meu prendedor de cabelo’
- c. bɿʃe j-akɿkako
 Bàtiê R¹-botoque
 ‘botoque de Bàtiê’
- d. i Ø-padʒe
 1 R¹-braçadeira
 ‘meu prendedor de cabelo’

Como foi dito acima, e corroborado pelos exemplos, os nomes relativos formam uma unidade sintática com outros nominais através do mecanismo morfossintático da flexão relacional, matéria descrita com exaustão no capítulo III.

2.1.2 Nomes descritivos

Neste estudo, são considerados nomes descritivos aqueles que, sob a perspectiva semântica, expressam noções que dizem respeito à qualidade, à sensação física, à estado mental e à dinamicidade e, sob a perspectiva morfossintática, são sempre seguidos de seus determinantes aos quais se ligam por meio de flexão relacional. Desempenham a função de modificadores e núcleo de predicados nominais, conforme mostram os exemplos abaixo.

Qualidade

052.

- a. i ∅-mɛj
 1 R¹-bom
 ‘o bem de mim’ ‘(eu estou bem)’
- b. kĩ ɲ-ipok
 aldeia R¹-redondo
 ‘o redondo do aldeia’ ‘(a aldeia é redonda)’
- c. ɲo ∅-kɔrɔrɔrɛ
 rio R¹-raso
 ‘o raso do rio’ ‘(o rio está raso)’
- d. i ∅-ɲɔ
 1 R¹-molhado
 ‘o molhado de mim’ ‘(eu estou molhado)’
- e. a ∅-kĩ ɲ-abje
 2 R¹-cabelo R¹-comprido
 ‘o comprido do meu cabelo’ ‘(meu cabelo é comprido)’
- f. kĩ ɲ-ipok
 aldeia R¹-redono
 ‘o redondo da aldeia’ (a aldeia é reonda)

Sensações físicas

053.

- a. a \emptyset -kaŋɔ
2 R¹-calor
'o teu calor' '(você está com calor)'
- b. ŋo j-akɾi
água R¹-frio
'o frio da água' '(a água está fria)'
- c. i \emptyset -prõ \emptyset -tikɔza
1 R¹-esposa R¹-cansaço
'o cansaço da minha esposa'
'(minha esposa está cansada)'
- d. pɔi ɲ-õɔɔwa
Poy R¹-sono
'o sono do Poy' (Poy está com sono)

Estados mentais

054.

- a. mēnire \emptyset -kapɾiɾe
mulher R¹-tristeza
'a tristeza da da mulher' '(a mulher está triste)'
- b. benaɔɔwəɾə \emptyset -kĩj
chefe R¹-alegria
'a alegria do chefe' '(o chefe está alegre)'

- c. kubẽ Ø-ŋrik
 não indígena R¹-raiva
 ‘a raiva do não indígena’ ‘(o não indígena está com raiva)’
- d. i dž-ukaŋa
 1 R¹-preguiça
 ‘a preguiça de mim’ ‘(eu estou com preguiça)’
- e. Ø-ukaŋa
 R²-preguiça
 ‘a preguiça dele’ ‘(ele está com preguiça)’

Dinamicidade

055.

- a. ga na ga a Ø-prõt
 2 RLS 2 2 R¹-corrida
 ‘existiu tua corrida’ ‘(tu correste)’
- b. arəp ga a j-arĩ
 já 2 2 R¹-pulo
 ‘já existiu teu pulo’ ‘(tu pulaste)’
- c. guba j-arĩ ket
 1+2 R¹-pulo NEG
 ‘não existiu nosso pulo’ ‘(nós não pulamos)’
- d. ga na ga arəp a Ø-kato
 2 RLS 2 já 2 R¹-saída
 ‘já existiu tua saída’ ‘(tu saiste)’

e. ba dʒa ba i dʒ-Λpej
 1 IRRLS 1 1 R¹-trabalho
 ‘ existirá’o meu trabalho’ ‘(eu vou trabalhar)’

f. ba na ba i ∅-kabẽn
 1 RLS 1 1 R¹-fala
 ‘ existiu minha fala’ ‘(eu falei)’

2.1.3 Nomes absolutos

Os nomes absolutos constituem uma subclasse de temas nominais da língua Xikrín, cujos referentes não dependem de outra entidade para existir. Nomes desta subclasse são, sob o aspecto morfossintático, independentes e, sob o aspecto semântico, são referentes independentes, pois existem por si só. Estes temas designam entidades referentes à fauna, à flora, a elementos da natureza e à nomes de pessoas, como mostram os exemplos a seguir:

Nomes referentes à fauna

056.

a.	kukrit	‘anta’
b.	aŋro	‘porcão’
c.	rɔpkɔri	‘onça pintada’
d.	kaprãn	jabuti
e.	kukej	cotia
f.	kukoj	macaco

Nomes referentes à flora

057.

a.	pidʒorã	flor
b.	pĩ	urucum

- c. aw mogno
d. moj jatobá

Nomes referentes a elementos da natureza

058.

- a. p̄ika ‘terra’
b. kΛjkwa céu
c. m̄it̄irwə ‘lua’
d. m̄it ‘sol’
e. kapetire ‘estrela’
f. krãj ‘serra’

Nomes referentes a manufaturas, a objetos da cultura material, nomes referenciais tomados de empréstimo da língua portuguesa, por força do contato com a sociedade circundante, e, ainda, nomes absolutos, quando ocorrem numa relação de dependência, são vinculados indiretamente a seus determinantes, mediados pelo nome *-õ* ‘pertence’ (c.f. COSTA, 2002, p. 82). Ilustrações disso são os exemplos seguintes.

059.

- a. *i n-õ ko*
1 R¹-PERTENCE borduna
‘meu pertence, a borduna’
- b. *a n-õ kapɔ*
2 R¹-PERTENCE remo
‘teu pertence, o remo’
- c. lusivawdo i n-õ profesor Ø-tũm
Lucivaldo 1 R¹-PERTENCE professor R¹-antigo
Lucivaldo, meu professor antigo’

- d. ba i *ɲ-õ* mãmãĩ
 1 1 R¹-PERTENCE mamãe
 ‘minha mamãe’

Note-se que mamãe, como a palavra professor são empréstimos do Português, razão pela qual são tratados como termos absolutos.

- e. kěnpoti *ɲ-õ* selulah
 Kenpoti R¹-PERTENCE celular
 ‘celular de Kenpoti’

- f. bebdzari *ɲ-õ* kukrit
 Bepdjari R¹-PERTENCE anta
 ‘anta de Bepdjari’ (anta de estimação)

- g. kikre ∅-kãm na i *ɲ-õ* ɾɔp
 casa R¹-LOC RLS 1 R¹-PERTENCE cachorro
 na casa, existe o cachorro de mim’ ‘(meu cachorro
 está em casa)’

2.1.4 Propriedades dos nomes

Os nomes apresentam, através das línguas, entre as propriedades inerentes mais típicas, a flexão para número, a classificação para gênero e, sobretudo, a habilidade de ocorrer como núcleo dentro de um sintagma nominal (cf. TRASK, 1994).

Em Xikrín, a expressão de número e gênero se manifestam por meio de estratégias sintáticas e lexicais, típicas das línguas da família Jê (cf. RODRIGUES, 1999). Nesta seção, mostramos como a expressão gramatical de número e gênero são realizadas na língua Xikrín.

2.1.4.1 Número

Rodrigues (1999, p.183) afirma que a expressão formal de pluralidade não é expressa morfologicamente nos nomes nas línguas da família Jê, embora essa categoria gramatical seja diversamente manifestada em outras línguas do tronco Macro-Jê. Em Xikrín, a categoria de número se manifesta por meio do morfema *mẽ* ‘pluralizador’, anteposto ou posposto a nominais cujos referentes têm o traço semântico exclusivamente [+humano] e dos morfemas *õj* ‘coletivizador de vários’ e *kwə* coletivizador de parte de um todo’, que são pospostos a nominais cujos referentes são [+animados].

2.1.4.1.1. Pluralizador *mẽ*

Distribucionalmente, este morfema pode ocorrer anteposto a nomes, pronomes dependentes da série absoluta e pronomes indefinidos cujos referentes têm o traço semântico exclusivamente [+humano] e posposto a pronomes independentes da série nominativa. A expressão do singular é não marcada.

Anteposto a nomes

060. ...dʒa **mẽ** **ni-rɛ** tɛp j-aɪ ʔãanẽ
 IRLS PL fêmea-ATEN peixe R¹-bater o peixe com a ponta da faca assim
 ɲĩm **mẽ** **mi** ɲo Ø-kaʔõ-j bi...
 SD PL macho rio R¹-bater.timbó-NLZ só
mẽ **ni-rɛ** na mẽ mɾi dʒ-ʌʌ Ø-ɔ dʒa
 PL fêmea-ATEN RLS PL caça R¹-assar.NLZ R¹-ASS.INSTR estar.em pé
 ‘...as mulheres bateram com a ponta da faca no peixe. Foi assim, e os homens estavam só batendo timbó e as mulheres estavam assando a caça’

Anteposto a pronomes da série absolutiva

061. nλ kwɪ **mē** i ket kwɪ ket...
 SIM fogo PL 1 NEG fogo NEG
 ‘então, não havia o nosso fogo. Não havia fogo...’ (sim, nós não tínhamos fogo.
 Não havia fogo)

062. ...gwaj **mē** i ɲ-ōbikwa ∅-mã ku-ɲã
 1+2 PL 1 R¹-parente R¹-DIR R²-dar
 jλt mɔja kunĩ na ba **mē** i ɲ-ōbikwa
 batata doce coisa tudo RLS 1 PL 1 R¹-parente
 ∅-mã ku-ɲã ku-krẽ...
 R¹-DIR R²-dar R²-comer
 ‘...nós os demos (o colhido) para nossos parentes: batata doce, todas as coisas,
 nós as demos aos nossos parentes e eles comeram...’

Anteposto a pronomes indefinidos

063. ...**mē** kunĩ na bλ ∅-kãm mō...
 PL INDEF RLS floresta R¹-LOC ir/vir/PL
 mē ʔōdʒwə na mē bλ ∅-kãm mō
 PL INDEF RLS PL floresta R¹-LOC ir/vir. pl
 ‘...todos (homens) foram para a floresta...’ (todos forma caçar)alguns foram pescar,
 outros foram caçar’

Posposto a pronomes da série nominativa

064. na **ba** **mē** puru ∅-kare
 RLS 1 PL roça R¹-capinar
 ‘eu capinei a roça’

065. ...tã̃m dʒa gu mẽ ʔ-əɾə ʔ-kaʔð...
 ENTÃO IRLS 1+2 PL R¹-DIR R¹-bater.timbó
 ‘...então nós vamos para bater.timbó’

O pluralizador *mẽ* pode ocorrer justaposto ao morfema *kwə* para indicar um determinado número de referentes humanos dentre um grupo maior de participantes. Semanticamente, a combinação desses dois morfemas denota ‘um grupo de gente’, ‘uma parte das pessoas’. Os exemplos 066-067 ilustram a ocorrência desses morfemas justapostos.

066. lusivawdo dʒə ga ʒa ʔ-kã̃m mẽ kwə ʔ-mũ
 Lucivaldo INT 2 DEM.PROX R²-LOC PL PART R²-ver
 ‘Lucivaldo, você conhece parte destas pessoas?’

067. mẽ kwə na mẽ tɛp ʔ-əɾə ʔ-mõ
 PL PART RLS PL peixe R¹-DIR R¹-ir/vir/PL
 ‘alguns foram na direção do peixe’ (alguns foram pescar)
 mẽ ʔðdʒwə na mẽ bʌ ʔ-kã̃m ʔ-mõ
 PL outro RLS PL floresta R¹-LOC R¹-ir/vir/PL
 ‘alguns foram na direção do peixe e outros foram para a floresta’

2.1.4.1.2 Coletivizador *õj*

O morfema *õj* é posposto a nominais cujos referentes apresentam o traço semântico [+animado]. Semanticamente, o morfema *õj* pode denotar ‘um grupo de gente’ ou ‘um grupo de animais’, ‘vários’, como ilustram os exemplos 068-070 a seguir.

068. ‘...nũm Ø-kãm akěj na pāj arəp kubě Ø-õj
 SD R²-LOC voltar RLS em.troca já branco R¹-COL
 Ø-bĩ nẽ mẽ ku-te katoŋ ʔi Ø-õj bi
 R¹-matar MS PL R²-OBL revólver semente R¹-COL pegar
 ‘... e eles voltaram e também mataram alguns não indígenas e pegaram
 alguns projéteis’

069. ɲĩj na ga aŋro Ø-õj Ø-bĩ
 onde RLS 2 porção R¹-COL R¹-matar
 ‘onde você matou um bocado de porções?’

070 na ba ŋo-raj Ø-mã tẽ tep Ø-õj j-aɲĩ
 RLS 1 rio R¹-DIR ir/vir peixe R¹-COL R¹-pescar com rede
 ‘eu fui para o rio e pesquei um bocado de peixes’

2.1.4.1.3 Pluralizador *kwə*

O morfema *kwə* também combina-se com nominais cujos referentes apresentam o traço semântico [+ animado], porém, distingue-se de *õj*, por denotar ‘parte de um todo’, ‘uma porção de’, ‘alguns’.

071. ‘...mẽ arəp akro arəp Ø-prõn nẽ arəp akro Ø-kwə Ø-ãpre...’
 PL já cipó já R¹-corrida MS já cipó R¹-PART R¹-amarrar
 ‘...já houve a corrida dos homens (para encontrar) cipó. (eles) já amarraram alguns’

072. ga na ga i Ø-mã ŋo Ø-kwə Ø-ru
 2 RLS 2 1 R¹-DIR água R¹-PART R¹-colocar
 ‘você colocou um bocado de água para mim’

073. a Ø-jε ɲo Ø-kwə Ø-ɔ a Ø-kõ-j ket
 2 R¹-OBL água R¹-PART R¹-ASS.INSTR 2 R¹-beber-NLZ NEG
 ‘não houve o beber de um bocado de água por ti’ ‘(você não bebeu um bocado de água)’

Contribui também com um significado distributivo:

074. ... ɲũm arəp apĩj mẽbeɲokɾe Ø-kwə arəp ku-məkraɲ...
 SD já cada Xikrín R¹-PART já R²-começar...
 ‘... cada um dos indígenas começou (a falar)...’

2.1.4.2 Gênero

A categoria gramatical de gênero não se gramaticalizou em Xikrín. Ela está presente na distinção lexical de nomes de parentesco, em decorrência da sociedade Xikrín ter a necessidade de classificar os indivíduos que a constituem em diferentes categorias. Os falantes criam, assim, estratégias referenciais para o sistema de relações sociais (cf. VIDAL, 1977, p. 51). A língua Xikrín trata a distinção de gênero biológico nos termos de parentesco de duas formas: (i) tendo como referência o gênero biológico do interlocutor e (ii) tendo como referência o gênero biológico do locutor. Abaixo são apresentados dois quadros que ilustram essa distinção de gênero em Xikrín.

Quadro 5 – Nomes distintos quanto ao gênero sexual do interlocutor

MASCULINO		FEMININO	
REFERÊNCIA	RELAÇÃO	REFERÊNCIA	RELAÇÃO
-bam	‘pai ou tio de ego (pai ou irmão do pai)’	-nã	‘mãe ou tia de ego (irmã da mãe)’
-ɲete	‘avô ou tio de ego masculino (pai ou irmão da mãe)’	-tjwa	‘mãe ou tia de ego feminino (mãe ou irmã do pai)’
-mjet	‘esposo’	prõ	‘esposa’
-kami	‘irmão de ego’	-kanikwəj	‘irmã de ego’

-mΛj	‘cunhado de ego masculino (irmão da esposa)’	-pɔpãj	‘cunhada de ego masculino (irmã da esposa)’
-mΛjɲet	‘sogro de ego masculino (pai da esposa)’	-upãjɲej	‘sogra de ego masculino (mãe da esposa)’

Quadro 6 – Nomes distintos quanto ao gênero sexual do locutor

FALANTE MASCULINO		FALANTE FEMININO	
REFERÊNCIA	RELAÇÃO	REFERÊNCIA	RELAÇÃO
-mΛj	‘cunhado de ego masculino (irmão da esposa)’	-atukΛ	‘cunhado de ego’ feminino (irmão do esposo)
-pɔpãj	‘cunhada de ego masculino (irmã da esposa)’	-wəj	‘cunhada de ego feminino (irmã do esposo)’
-mΛjɲet	‘sogro de ego masculino (pai da esposa)’	atukΛje	‘sogro de ego feminino (pai do esposo)
-upãjɲej	‘sogra de ego masculino (mãe da esposa)’	-umrẽɲej	‘sogra de ego feminino (mãe do esposo)’
-upãj	‘nora de ego masculino (esposa do filho)’	-wəj	‘nora de ego feminino (esposa do filho)’

Outra distinção de gênero biológico existente em Xikrín é feita por meio dos morfemas *-mi* ‘macho’ e *-ni* ‘fêmea’, os quais funcionam como modificadores de nomes de parentesco e de animais.

075. i Ø-kra Ø-mi
 1 R¹-filho R¹-macho
 ‘meu filho macho’

076. i Ø-kra Ø-ni
 1 R¹-filha R¹-fêmea
 ‘minha filha fêmea’

077. kubẽ Ø-mi
 não indígena R¹-macho
 ‘não indígena macho’

078. kubẽ Ø-ni
 não.indígena R¹-fêmea
 ‘ não indígena femea’

079. mẽ Ø-mi
 HUM R²-macho
 ‘gente macho’

080. mẽ Ø-ni
 HUM R²-fêmea
 ‘gente fêmea’

081. rɔp Ø-mi
 cachorro R²-macho
 ‘cachorro macho’

082. rɔp Ø-ni
 cachorro R¹-fêmea
 ‘cachorro fêmea’

2.1.5 Morfologia derivacional dos nomes

Nesta seção, tratamos dos processos derivacionais que afetam os nomes em Xikrín, identificando os morfemas derivacionais e os seus respectivos significados.

2.1.5.1 Atenuação e intensificação

Os nomes, em geral, se combinam com os morfemas derivacionais *{-rɛ}* ‘atenuativo’ e *{-ti}* ‘intensivo’, que atenuam e intensificam respectivamente formas físicas ou sentimentos, estados de espírito, entre outros.

Atenuação e intensificação:

- | | | | |
|------|-----------|-----------------|-----------------|
| 083. | bri | | ‘sapo’ |
| a. | bri-rɛ | sapo-ATEN | ‘sapinho’ |
| b. | bri-ti | sapo-INTENS | ‘sapão’ |
| | | | |
| 084. | rɔp | | ‘cachorro’ |
| a. | rɔp-rɛ | sapo-ATEN | ‘cachorrinho’ |
| b. | rɔp-ti | sapo-INTENS | ‘cachorrão’ |
| | | | |
| 085. | ʌk | | ‘gavião’ |
| a. | ʌk-rɛ | gavião-ATEN | ‘gaviãozinho’ |
| b. | ʌk-ti | sapo-INTENS | ‘gavião grande’ |
| | | | |
| 086. | kamrek | | ‘vermelho’ |
| a. | kamrek-ti | vermelho-INTENS | ‘vermelhão’ |
| | | | |
| 087. | a. tik | | ‘preto’ |
| a. | b. tik-rɛ | preto-ATEN | ‘pretinho’ |
| b. | c. tik-ti | preto-INTENS | ‘pretão’ |

088. jɔt ‘batata’
 a. a. jɔt-tik-rɛ batata –preta-ATEN ‘batata preta’
 b. b. jɔt-krɛ j-aka-rɛ batata-buraco R¹-branco-ATEN ‘batata vermelha’
089. pram ‘fome’
 a. a. pram-ti fome- INTENS ‘fome intensa’
- 090 koro ‘sede’
 a. koro-ti sede- INTENS ‘sede intensa’
091. kri ‘frio’
 a. kri-rɛ frio-ATEN ‘friozinho’
 b. kri-ti frio-INTENS ‘frio intenso’
092. mẽ ni-rɛ Ø-kapɾĩ-rɛ
 HUM fêmea-ATEN R¹-triste-ATEN
 ‘a mulher está tristonha’
093. mẽ ni-rɛ Ø-mej-ti
 HUM fêmea-ATEN R¹-bem-INTENS
 ‘a mulher está intensamente bem’

O morfema *-rɛ* ocorre em temas verbais nominalizados, atenuando o significado do ‘nome de ação’. Ferreira (2003, p. 46) descreve para o Parkatêjê a ocorrência nos verbos de sufixo cognato, embora não especifique que a restrição de ocorrência é a forma nominalizada do verbo.

094. ...ba **∅-kupõ-j-rɛ** anẽ **∅-kupõ-j-rɛ**
 1 R²-matar- NOML-ATEN assim R²-matar- NOML-ATEN
 anẽ nẽ **∅-kãm...**
 assim SM R²-LOC
 ‘...eu o mato (o gavião) assim, mato-o assim e depois...’
095. ...ari i **∅-ɔ-tẽ** ari i **∅-ɔ-tẽ-m-rɛ** **∅-əɾə**
 PAUC 1 R¹-CAUS-ir/vir pauc 1 R¹-CAUS-ir/vir-NLZ-ATEN R¹-DIR
 ‘... (ele) nos fez ir com ele, nos fez ir na direção dele...’

Outra estratégia usada para expressar atenuação e intensificação consiste no uso das formas livres *raj* ‘grande’ e *ɲri* ‘pequeno’, *kra* ‘filho’ e *kri-rɛ* ‘muito pequeno’ justapostos aos nomes que modificam. Os três últimos, podem ocorrer com o sufixo *-rɛ*, opcionalmente, como mostram os exemplos 096 a 100.

096. *ɲo* ‘água’
 a. *ɲo -raj* ‘rio grande’
 água -grande
 b. *ɲo -ɲri-rɛ* ‘rio pequeno’
 água -pequeno-ATEN
097. *rɔp* ‘cachorro’
 a. *rɔp -raj* ‘cachorro grande’
 cachorro -grande
 b. *rɔp -ɲri-rɛ* ‘cachorro pequeno’
 cachorro -pequeno-ATEN
 c. *rɔp -kra-rɛ* ‘cachorrinho’
 cachorro -filho-ATEN

098.	kλ		‘canoas’
a.	kλ	-raj	‘canoas grandes’
	canoas	-grande	
b.	kλ	-ŋri	‘canoas pequenas’
099.	kukoj		‘macaco’
a.	kukoj	-raj	‘macaco grande’
	macaco	-grande	
b.	kukoj	-ŋri-rɛ	‘macaco pequena’
		-pequeno-ATEN	
c.	kukoj	-kra-rɛ	‘filhote de macaco’
		-filho-ATEN	
100.	pĩdʒo-krã		‘fruta’
a.	pĩdʒo-krã	-raj	‘fruta grande’
	fruta	-grande	
b.	pĩdʒo-krã	-kri-rɛ	‘fruta muito pequena’
	fruta	pequeno-ATEN	

2.1.5.2 Composição

A composição é o processo de formação de palavras a partir da combinação morfológica de dois ou mais vocábulos já existentes na língua. O processo de formação de palavras por meio da composição diferencia-se da derivação e da flexão por combinar dois ou mais elementos lexicais. Para Bybee (1885, p. 105), a composição se distingue de todos os outros processos combinatórios de uma língua por se constituir de unidades que também existem independentemente como palavras da língua, sendo completas tanto do ponto de vista fonológico quanto semântico e a expressão lexical resultante da combinação é uma palavra com significado que não é previsível a partir da soma do significado de suas partes. A formação de novas expressões lexicais em Xikrín é feita pela justaposição de temas de diferentes classes, como mostramos a seguir.

NOME + NOME

101. Ø-krã -mej
R²-cabeça -bom
'inteligente'
102. Ø-krã -təj
R²-cabeça -duro
'rude'
103. Ø-piʔok -kaprĩ
R²-folha -triste
'dinheiro'
104. dʒwə -ŋrʌ
massa -seco
'farinha'
105. pĩ -pɔj
pau -achatado
'mesa' (lit. pau achatado)
106. tɛp -tɪk-ti
peixe -escuro- INTENS
'piranha'

107. pĩ -ŋɾΛ
 pau -seco
 ‘lenha’
108. pĩ -tik
 pau -escuro
 ‘carvão’
109. ŋo -tik
 água -escuro
 ‘café’ (lit. água escura)
110. kaprã -pɔ-ti
 jabuti -achatado-INTENS
 ‘tartaruga’
111. pĩdʒo -krã -pɔ-ti
 fruta -grande -achatado-INTENS
 ‘manga’

NOME + VERBO

112. Ø-pa -dʒe
 R²-braço -prender
 ‘braçadeira’

113. Ø-krã -mẽ
 R²-cabeça -arremessar
 ‘machado’

Justaposição

Justaposição de um elemento lexical ou de um sufixo para formar novos nomes é um processo comum em Xikrín. Há três *termos de classe* nessa língua, *baɾi*, *ko* e *kro*. Este processo de formação de novos nomes é encontrado em outras línguas Jê (cf., por exemplo, Dourado (2001), Ferreira (2003), Castro Alves (2004) e Miranda (2014)). Segundo Grinevald (2002, p. 261), termos de classe são um processo de composição cuja função equivale aos processos derivacionais. São mais ou menos produtivos e muito frequentes em dois domínios semânticos, a saber: ocupações humanas e mundo vegetal. Na língua Xikrín, identificamos três termos de classe combinados com temas nominais relacionados ao campo semântico do mundo vegetal para indicar: (a) nomes de árvores, (b) posição vertical do referente nominal, (c) posição horizontal do referente nominal, (d) fruto de árvores e (e) semente de frutos. A seguir, apresentamos exemplos de temas nominais ocorrendo com os termos de classe descritos acima.

Termo de classe para indicar o referente ‘árvore’/‘tronco’: baɾi

	Composto	Tradução
114.		
a.	pĩdʒo kao-ro baɾi	‘tronco de laranja’
b.	kamere krã-ti baɾi	‘tronco de bacaba’
c.	kupu baɾi ~ kubẽ krã-ti baɾi	‘tronco de cupu’
d.	tĩɾiti baɾi	‘tronco de banana’
e.	katẽ baɾi	‘tronco de mamão’
f.	mro-ti baɾi	‘tronco de jenipapo’
g.	pi ʔi baɾi	‘tronco de castanha’

Como os exemplos acima evidenciam, o termo de classe *baɾi*, corresponde, nos contextos dados acima, a arvores, como laranjeira, bacabeiro, cupuzeiro, bananeira,

mamoeiro, jenipapeiro, castanheira, entre outros, usado com respeito a plantas em posição vertical.

O termo de classe que indica um conjunto de plantas da mesma espécie é *ko*. Pode também ser traduzido por ‘lugar em que existe em abundância tal planta’, mas em posição vertical:

115.	Composto	Tradução
a.	ŋroa ko	‘buritizal’
b.	tírítí ko	‘bananal’
c.	mroti ko	‘jenipapozal’
d.	kwərə ko	‘mandiocal’
e.	bɔi ko	‘milharal’
f.	kamere ko	‘bacabal’
g.	kõkɔ̃ ko	‘ingazal’
h.	katẽ bɔri ko	‘mamãozal’
i.	pɔrĩt ko	‘pequizal’
j.	dʒudʒe ko	tucunzal

Há ainda o termo de classe *kro*, que indica um conjunto de plantas, mas em posição horizontal:

116.	Composto	Tradução
a.	mop kro	‘inhamezal’
b.	mɔt kɔwə i kro	‘feijãozal’
c.	katẽ kro	‘abrobral’
d.	motopi i kro	‘amendoinzal’
e.	kruwa kro	‘bambuzal’
f.	jɔt kro	‘batatal’

Há uma tendência a determinados nomes serem concebidos como termos de classe, mas não devem ser considerados como tal em Xikrín, pois podem ter como determinante um prefixo relacional ou um dêitico. Estes são nomes como os seguintes:

- 117.
- | | | |
|----|----------------|---------------------|
| | kamere dʒo | ‘fruto da bacaba’ |
| a. | kamək-ti dʒo | ‘fruto do frutão’ |
| b. | pi ʔi dʒo | ‘fruto da castanha’ |
| c. | prin dʒo | ‘fruto do pequi’ |
| d. | kamerekΛk dʒo | ‘fruto do açai’ |
| e. | bΛ i rɛrɛk dʒo | ‘fruto do cajá’ |
| f. | tiriti dʒo | ‘fruto da banana’ |

118.

- | | | |
|----|------------|-----------------------|
| a. | pi i | ‘semente da castanha’ |
| b. | pi i | ‘semente de urucum’ |
| c. | mΛt kɾwə i | ‘semente de feijão’ |
| d. | motopi i | ‘semente de amendoim’ |

Há ainda em Xikrín dois itens lexicais que parecem desempenhar a função de termo de classe, a saber: *kɾã* ‘cabeça’ e *pɔj* ‘achatado’. O primeiro, combina-se com itens lexicais que designam frutos e expressa a ideia de ‘caroço de frutos’, além de indicar o formato arredondado do referente. O segundo, combina-se a morfemas lexicais indicando seu formato achatado.

Em Xikrín, quando um item lexical refere a líquido, geralmente, vem acompanhado do termo de classe *kaŋo*. A seguir elencamos alguns exemplos de nomes acompanhados do termo de classe *kaŋo*, cuja função é indicar que este nome refere entidade líquida.

119.

- | | | |
|----|---------------|---|
| a. | mri Ø-kΛ kaŋo | ‘leite’ (líquido da pele de animal) |
| b. | nɔ kaŋo | ‘lágrima’ (líquido do olho) |
| c. | kΛ kaŋo | ‘leite materno’ (líquido da pele) |
| d. | i j-akɾɛ kaŋo | ‘coriza nasal’ (líquido do nariz) |
| e. | pidʒo kaŋo | ‘suco’; ‘refrigerante’ (líquido da fruta) |
| f. | kadzwati kaŋo | ‘cachaça’; ‘cerveja’ (líquido da cana) |

Noções distributivas

Noções distributivas são expressas pelas formas *apĩj*, *ĩpĩj kot*, e *apĩi...dʒari*. A primeira, ocorre no início de sentenças e se combina tanto com nomes quanto com pronomes da série absoluta. A segunda, ocorre após as partículas paucal *ari* e plural *mẽ*, as marcas pessoais absolutivas e os nomes. A última, ocorre de forma descontínua *apyj dʒari*.

120. \emptyset -**apĩj** dʒa gwaj ŋo -raj \emptyset -mã mō
 R²-DISTR IRRLS 1+2.PAUC água -grande R¹-DIR ir/vir. PL
 ‘cada um de nós estará indo para o rio’

121. \emptyset -**apĩj** na mẽmĩ \emptyset -ō puru
 R²-DISTR RLS homem R²-PERTENCE roça
 \emptyset -kare-re \emptyset -o mō
 R¹-limpar-NLZ R¹-ASS.INTR ir/vir. PL
 ‘Cada um dos homens está limpando sua roça’

122. ba na ba pidʒo ari \emptyset -**ĩpĩj kot** ku-mã \emptyset -ŋã
 1 RLS 1 fruta PAUC R²-DISTR R²-DAT R²-dar
 ‘eu dei fruta para cada um deles’

123. mẽnĩre na mẽ \emptyset -**ĩpĩj kot** pĩ kəkje
 mulher RLS PL R²-DISTR pau cortar
 ‘cada uma das mulheres cortou pau’

124. ari a **ɲ-ĩpĩj kot** dʒa ga ari mō aŋro ōj \emptyset -bĩ
 PAUC 2 R¹-DISTR IRRLS 2 PAUC IR/VIR.PL porção COL R¹-matar
 ‘cada um de vocês vai matar parte dos porcos’

125. ari i **ɲ-ĩpĩj kot** dʒa ba ari ɲɾɛ
 PAUC 1 R¹-DISTR IRRLS 1 PAUC cantar
 ‘cada um de nós vai cantar’

126. ba na ba mẽ \emptyset -be piʔok j-arẽ-j-dʒwəj
 1 RLS 1 PL R²-ESSIVO folha R¹-dizer- NLZ- NLZ

ɲ-ĩpĩj kot mẽ \emptyset -mã livro \emptyset -bẽ
 R¹-DISTR PL R²-DIR livro R¹-mostrar
 ‘eu mostrei o livro para cada um dos alunos’

127. \emptyset -apĩj grupo **dʒɹi** dʒa mẽ ujarẽ-j ɲ-ipej
 R²-DISTR grupo DISTR IRRLS PL narrar-NLZ R¹-fazer
 ‘cada grupo escreverá uma estória’

128. ‘... \emptyset -apĩj mẽ \emptyset --kra \emptyset --ni **dʒɹi** bo \emptyset --kadʒi
 R²-DISTR PL R²-filho R¹-fêmea DISTR palha R¹-FINLD
 kukrej \emptyset -ɔ \emptyset -wakprõ....’
 material R¹-ASS.INSTR R¹-reunir
 ‘cada um dos pais das meninas está reunido material para
 (confeccionar) o aruanã’

2.2 PRONOMES

O sistema pronominal do Xikrín é formado por pronomes pessoais, pronomes demonstrativos, pronomes interrogativos, pronomes indefinidos, pronome reflexivo e pronome recíproco.

2.2.1. Pronomes pessoais

A língua Xikrín apresenta duas séries de pronomes pessoais, as quais rotulamos aqui de SÉRIE I ou SÉRIE NOMINATIVA, e SÉRIE II ou SÉRIE ABSOLUTIVA.⁸ Essas duas séries pronominais têm formas e funções distintas. Abaixo apresentamos o quadro com essas duas séries pronominais. Os pronomes da série I desempenham funções livres e, distribucionalmente, funcionam como argumento externo de verbo transitivo e argumento interno de verbos intransitivo, ao passo que o sistema pronominal da série II ou absoluta são formas dependentes e funcionam como determinante de nomes, complemento de posições, e argumento interno de verbo intransitivo modificado por expressão adverbial. O sistema pronominal do Xikrín indica referente singular e/ou dual. Quando seguem a partícula *ari* indicam referente paucal, quando seguem a partícula *mê* indicam referente plural. A série pronominal pessoal livre pode ser vista como no quadro abaixo:

Pronomes Pessoais em Xikrín

	SÉRIE I	SÉRIE II
1	ba	i
1+2	gu	guba
2	ga	a
3	ta	ta

Os pronomes da *SÉRIE I* são formas independentes e exercem a função de sujeito de verbos transitivos e intransitivos. Frequentemente, ocorrem como pronomes enfáticos, em coocorrência com eles mesmos ou com os pronomes da SÉRIE ABSOLUTIVA. As partículas *ari* ‘paucal’ e *mê* ‘plural’ se justapõem aos pronomes livres contribuindo respectivamente com os significados de poucos e muitos referentes (cf., por exemplo, Cabral, Rodrigues e Costa (2002) e Costa (2003)).

129. ba na ba kaprãn Ø-mə
 1 RLS 1 jabuti R¹-pegar
 ‘eu peguei jabuti’

⁸ A presente descrição dos pronomes em Xikrín tem como referências principais Costa (2003) e Cabral, Rodrigues e Costa (2004).

130. gu na gu kaprã̃n Ø-mə
 1+2 RLS 1+2 jabuti R¹-pegar
 ‘nós pegamos jabuti’
131. ga na kaprã̃n Ø-mə
 2 RLS jabuti R¹-pegar
 ‘você pegou jabuti’
132. i Ø-bãm na bʌ Ø-kãm tẽ ta na kukrit Ø-bĩ
 1 R¹-pai RLS floresta R¹-LOC ir/vir 3 RLS anta R¹-matar
 ‘meu pai foi à floresta. Ele matou anta’
133. ba dʒa ba krĩ-raj Ø-mã tẽ
 1 IRRLS 1 serra-grande R¹-DIR ir/vir
 ‘eu vou à cidade’
134. gu dʒa gu krĩ-raj Ø-mã tẽ
 1+2 IRRLS 1+2 serra-grande R¹-DIR ir/vir
 ‘nós vamos à cidade’
135. ga dʒa ga krĩ-raj Ø-mã tẽ
 2 IRRLS 2 serra-grande R¹-DIR ir/vir
 ‘vocês vão para a cidade’

Um fato que distingue dialetalmente a variedade Xikrín do Cateté das outras variedades Kayapó é o de que os falantes da primeira variedade linguística fazem a contração dos pronomes *ba* e *ga* com a partícula paucal *ari*, resultando nas formas *ban* e *gan*,

respectivamente, enquanto nas demais variedades esta contração não ocorre.⁹ Estas formas são muito frequentemente usadas pelos Falantes Xikrín do Cateté em suas interações interpessoais, como conversas do dia a dia, contação de relatos históricos e míticos, embora a forma não contraída ainda seja usada na comunidade, mesmo que com menos frequência. Já os falantes da variedade Kayapó, não usam a forma contraída.

136. *na* *ba* *na* *ban* *kaprã̃n* \emptyset -*mə*
 PAUC 1 RLS 1 *jabuti* R¹-pegar
 ‘nós pegamos jabutis’

137. *na* *gu* *na* *gwaj* *kaprã̃n* \emptyset -*mə*
 PAUC 1+2 RLS 1+2. PAUC *jabuti* R¹-pegar
 ‘nós pegamos jabutis’

138. *na* *ga* *na* *gan* *kaprã̃n* \emptyset -*mə*
 PAUC 2 RLS 2 *jabuti* R¹-pegar
 ‘vocês pegaram jabutis’

139. *na* *ba* *dʒa* *ban* *krĩ-raj* \emptyset -*mã* *tẽ*
 PAUC 1 IRRLS PAUC *serra grande* R¹-DIR *ir/vir/SING*
 ‘nós vamos à cidade’

140. *na* *gu* *dʒa* *gwaj* *krĩ-raj* \emptyset -*mã* *tẽ*
 PAUC 1+2 IRRLS 1+2 *serra-grande* R¹-DIR *ir/vir*
 ‘nós vamos à cidade’

⁹ Ainda não temos registro do uso dessas formas pelos Xikrín do Bacajá.

141. an ga dʒa gan krĩ-raj Ø-mã tẽ
 PAUC 2 IRRLS 2.PAUC serra-grande R¹-DIR ir/vir
 ‘você^s vão à cidade’
142. mẽ ba na ba mẽ aŋro õj Ø-bĩ
 PL 1 RLS 1 PL porcão COL R¹-matar
 ‘nós matamos alguns porcões’
143. mẽ gu na gu mẽ aŋro õj Ø-bĩ
 PL 1+2 RLS 1+2 PL porcão COL R¹-matar
 ‘nós matamos alguns porcões’
144. mẽ ga na ga mẽ aŋro õj Ø-bĩ
 PL 2 RLS 2 PL porcão COL R¹-matar
 ‘você^s mataram alguns porcões’

Os pronomes da SÉRIE II/ABSOLUTIVA são formas dependentes e indicam referentes singulares e duais. Quando combinados com a partícula paucal *ari* e a partícula plural *mẽ*, indicam poucos e muitos referentes, respectivamente. Do ponto de vista distribucional, essas formas ocorrem como determinantes de nomes, complemento de posposição, argumento interno de verbo transitivo e como argumento interno de verbo intransitivo, cujo núcleo do predicado é um nome de ação, como mostram os exemplos abaixo.

Determinantes de nomes

145. i Ø-prõ
 1 R¹-esposa
 ‘minha esposa’

146. a \emptyset -nã
 2 R¹-mãe
 ‘tua mãe’
147. guba η -õbikwa
 1+2 R¹-amigo
 ‘nosso amigo (teu e de mim)’
148. i \emptyset -kaprĩ-rɛ
 1 R¹-triste-ATEN
 ‘eu estou tristonho’

complemento de posposição

149. kenpoti na i \emptyset -mã dzudze \emptyset -ŋã
 Kenpoti RLS 1 R¹-DIR arco R¹-dar
 ‘Kenpoti me deu arco’
150. ba dʒa ba a \emptyset -kot tẽ
 1 IRRLS 1 2 R¹-COM ir/vir
 ‘eu vou com você’
151. ba na ba a j-ã i dʒ-ʌbɲĩɲĩ
 1 RLS 1 2 R¹-com respeito a 1 R¹-ciúme
 ‘eu tenho ciúmes de você’ (lit. existe o meu ciúme com respeito a você)

152. “...ge ãanẽ Ø-no Ø-ɔ-boj nẽ eskola Ø-pumũ
 assim R²-olho R¹-CAUS-chegar MS escola R¹-ver
 ari **a** j-ã Ø-akre
 PAUC 2 R¹-com respeito a R²-conferir
 kɔt ari a Ø-pumũ”
 DUB PAUC 2 R¹-ver
 Ø-kãm **gwajba** Ø-mã Ø-kabẽn ʔõ j-arẽ...”
 R¹-LOC 1+2 R¹-DIR R²-fala algo R¹-dizer
 ‘...deixem assim eles verem com os próprios olhos a escola e conferirem a
 respeito de vocês. talvez, ver vocês. Nisso, eles nos dizem algo’

argumento interno de verbo transitivo

153. ta na arəp gwajba Ø-wərə boj nẽ ku-te
 3 RLS JÁ 1+2.PAUC R¹-DIR chegar MS R²-OBL
 ari **a** Ø-pumũ-j na ari **a** Ø-kabi...”
 2 R¹-ver-NLZ RLS PAUC 2 R¹-escolher
 eles (vieram) nos encontrar e’ conhecer vocês (os alunos) e
 escolher vocês’
154. w̃aj-dʒa dʒa kaɲã **a** Ø-ɲa
 cuidado IRRLS cobra 2 R¹-picar
 ‘cuidado! a cobra pode te picar’
155. “Ø-kãm na pidʒəɲãrãdʒwəj kaɲã Ø-kane Ø-ɔ **i** Ø-kaɲuə...”
 R¹-LOC RLS enfermeira cobra R¹-doença R¹-ASS.INTR 1 R¹-furar
 “...nisso, a enfermeira me aplicou remédio contra veneno de cobra...”

argumento interno de verbo intransitivo (nome de ação)

156. ‘...ajte fɔhtaleza Ø-kãm i Ø-tẽ-m..’
 ITER Fortaleza R¹-LOC 1 R¹-ir/vir-NLZ
 ‘...continuei o meu ir em Fortaleza...’

157. no-raj Ø-ã mẽ i Ø-re-re ket
 rio R¹-sobre PL 1 R¹-nadar- NLZ NEG
 ‘não houve o nosso banhar no rio’

2.2.2 Pronomes Demonstrativo

Os demonstrativos têm natureza dêitica e se referem a uma classe de itens cuja função é indicar ou apontar uma entidade do contexto extralinguístico de um evento de fala situando-o no espaço ou no tempo com relação ao centro dêítico que em Xikrin é o falante. Conforme o papel gramatical que desempenham numa dada situação discursiva, os demonstrativos podem funcionar como pronomes demonstrativos ou determinantes demonstrativos. Eles se organizam conforme o parâmetro proximal *versus* distal em relação ao centro dêítico, ou seja, ao falante. Em Xikrín, a forma demonstrativa *ja* ‘este/esta/isto’ é usada para indicar referentes próximos ao centro dêítico, enquanto a forma *wa* ‘aquele/aquela/aquilo’ indica referentes distantes do falante. Abaixo seguem alguns exemplos ilustrativos de ocorrência destes pronomes em Xikrín.

158.

- | | | | | | |
|----|--------------|----------|----|----------------|----------|
| a. | kΛj | ja | b. | kΛj | wa |
| | facão | DEM.PROX | | facão | DEM.DIST |
| | ‘este facão’ | | | ‘aquele facão’ | |

159.

- a. -dʒə ga ajte
 INT 2 ITER
 ‘-você de novo?’ ‘(quer comer mais)?’

- b. -ket ḵa bi
 NEG DEM.PROX só
 ‘- não, só isto’
160. məja w̃a na t̃m
 coisa DEM.DIST RLS cair
 ‘aquela coisa caiu’
161. ḵa na i ∅-tak
 DEM.PROX RLS 1 R¹-bater
 ‘este me bateu’
162. w̃a na i ∅-tak
 DEM.DIST RLS 1 R¹-bater
 ‘aquela me bateu’

Os demonstrativos podem também se combinar com o pronome pessoal *ta*, resultando em *ta ḵa* ‘ele, que está perto falante’ e *ta w̃a* ‘ele’, que está distante do falante’. Nesse uso os demonstrativos em Xikrín não apresentam estratégias morfológicas ou sintáticas para diferenciar singular e plural, como ocorre em outras língua da Família Jê (cf., por exemplo, Santos (1997) e Miranda (2014)). Essa distinção é dada apenas pelo contexto pragmático.

163. *ta ḵa* na pĩ-ŋɾɿ ∅-ɔ-tẽ
 3 DEM.PROX RLS pau-seco R¹-CAUS-ir/vir
 ‘ela está trazendo lenha’
164. *ta w̃a* na pĩ-ŋɾɿ ∅-ɔ-tẽ
 DEM.DIST RLS pau-seco R¹-CAUS-ir/vir
 ‘aquela está trazendo lenha’

2.2.3 Pronomes Indefinidos

Os pronomes indefinidos em Xikrín são expressos pela junção de dois morfemas: um que expressa o significado de indefinidade e o outro que expressa a ideia de ‘pessoa’ ou ‘coisa’ (cf. SCHACHTER, 1985). A estes dois morfemas, combinam-se sintaticamente o pronome indefinido *ʔō* ‘INDEF’ e as palavras quantificadoras *kunĩ* ‘todos(as)’, *ʔōdʒwə* ‘outro(a)’, *kumɛj* ‘muitos(as)’, *ɣri-rɛ* ‘pequeninho’, ‘poucos(as)’, *ɣre-rɛ* ‘pequeninho’, ‘poucos(as) (não contável)’ e *ʔi-rɛ* ‘pouquinho(a)’ para indicar referentes indefinidos cujos traços semânticos são [+animado]). Do ponto de vista distribucional, todas estas palavras funcionam na língua Xikrín como determinantes de nomes, exceto quando vêm precedidos pelo morfema *mẽ* ‘humano’, caso em que funcionam como substantivo.

Nas sentenças 165-166, o pronome indefinido *ʔō* ocorre como argumento nuclear nas funções A e S, respectivamente. Nas duas sentenças, o pronome indefinido *ʔō* é precedido pelo morfema *mẽ*, que possibilita a interpretação de que os argumentos A e S referem entidades indefinidas e humanas.

165. ‘...*mẽ ʔō* i \emptyset -be ari a \emptyset -kurua...’
 HUM INDEF 1 R¹-ABL PAUC 2 R¹-bater
 ‘alguém bateu em vocês em detrimento de mim’

166. ‘...*mẽ ʔō* boj nũm apkri...’
 HUM INDEF chegar SD de tarde
 ‘... alguém chegou; depois entardeceu ...’

Observando o exemplo (167), verifica-se que *ʔō* funciona como determinante do nome *məja* em função S.

167. *məja ʔō* na tĩm
 coisa INDEF RLS cair
 ‘algo caiu’

Em (168), constata-se que *ʔõ* funciona como argumento interno do verbo *-ae* ‘assustar’ e refere a entidade humana, pois vem antecedido da partícula *mẽ*, enquanto no exemplo (169), *ʔõ* aparece como modificador do nome composto *katoŋ ʔ-ʔi* ‘projétil’ em função O.

168. *rɔpkrɔri* *na* *mẽ* *ʔõ* *j-ae*
 onça RLS HUM INDEF R¹-assustar
 ‘a onça assustou alguém’

169. ‘...*mẽ* *ku-tɛ* *katoŋ* *ʔ-ʔi* ***ʔõ*** *ʔ-bi*
 HUM R²-OBL revólver R¹-semente INDEF R¹-pegar
 ‘...houve o pegar de alguns projéteis pelos homens’

Observando os exemplos 170-172, constata-se que o quantificador *kunĩ* aparece modificando nomes que referem entidades (+humano) em função S, O e em função de oblíquo, respectivamente:

170. *piʔokjakrɛdʒwəj* ***ʔ-kunĩ*** *na* *krĩ-raj* *ʔ-mã* *mõ*
 professor R¹-QUANT RLS serra-grande R¹-DIR ir/vir.PL
 ‘todos os professores foram para a cidade’

171. *ba* *na* *ba* *kubẽ* ***ʔ-kunĩ*** *ʔ-mũ*
 1 RLS 1 não indígena R¹-QUANT R¹-ver/conhecer
 ‘eu conheço todos os não indígenas’

172 *ga* *dʒa* *ga* *mẽnirɛ* ***ʔ-kunĩ*** *ʔ-mã* *a* *ʔ-kabẽn*
 2 RLS 2 mulher R¹-QUANT R¹-DIR 2 R¹-fala
 ‘vai haver o teu falar para todas as mulheres’

Em 173-175, *kunĩ* aparece modificando nomes referentes a animais em função S e O, respectivamente:

173. tɛp **∅-kunĩ** na arɔp apej
 peixe R¹-QUANT RLS já acabar
 ‘todos os peixes acabaram’

174. gu ajte bɔi **∅-kunĩ** ∅-krɛ
 1+2 ITER milho R¹-QUANT R¹-plantar
 ‘nós plantamos todo o milho de novo’

175. mēmĩ na kapran **∅-kunĩ** ∅-mə
 homem RLS jabuti R¹-QUANT R¹-pegar
 ‘o homem pegou todos os Jabutis’

Na sentença (176), *kunĩ* ocorre como prominal, funcionando como argumento do verbo *boj* ‘chegar’

176. mē **kunĩ** na puru ∅-kurũm boj
 HUM QUANT RLS roça R¹-ABL chegar
 ‘todos chegaram da roça’

Na sentença (177), *kunĩ* funciona como argumento interno do verbo *-mũ* ‘ver/conhecer’.

177. ba na ba mē **∅-kunĩ** ∅-mũ
 1 RLS 1 PL R²-QUANT R¹-ver/conhecer
 ‘eu conheço todos’

Em (178), verifica-se que *ʔõdʒwə* está ocorrendo como argumento externo na oração, enquanto em (179), ele aparece modificando o nome *nəkāmiʔɛ* ‘óculos’ em função O.

ʔ

178. mē **ʔõdʒwə** na tɛp j-ɑɲĩ
 HUM QUANT RLS peixe R¹-subir
 ‘outros pescaram’

179. dʒa ba nəkāmiʔɛ **∅-ʔõdʒwə** j-ɑdʒɹ
 IRLS 1 óculos R¹-QUANT R¹-usar
 ‘eu vou usar outros óculos’

Em (180), a palavra quantificadora *kumɛj* relaciona-se ao nome *pidʒo* ‘fruta’ na construção existencial, e funciona como modificador, enquanto em (181) modifica o nome *tɛp*, em função O.

180. pidʒo **∅-kumɛj** na kɹ ∅-kām dʒa
 fruta R¹-QUANT RLS cesto R¹-LOC estar.em pé
 ‘há muitas frutas no cesto’

181. mēmĩ na tɛp **∅-kumɛj** dʒ-ɹɲwə
 homem RLS peixe R¹-QUANT R¹-flechar
 ‘os homens flecharam muitos peixes’

No exemplo (182), o quantificador *ɲre-re* -usado com nomes de massa - refere-se ao sintagma nominal *pidʒo* ‘fruta’, como um modificador e no exemplo (183), ele refere-se ao sintagma nominal *-inokɹ*, modificando-o:

182. pidʒo \emptyset -ŋre-rɛ na kɬ \emptyset -kãm dʒa
 fruta R¹-QUANT-ATEN RLS cesto R¹-LOC estar.em pé
 ‘há poucas frutas no cesto’

183. arəp i ɲ-inokɬ \emptyset -ŋre-rɛ
 já 1 R¹-camisa R¹-QUANT-ATEN
 ‘eu tenho poucas camisas’

Na sentença (184), o quantificador *ʒi-rɛ* -usado com nomes incontáveis- modifica o sintagma nominal *pidʒokano* ‘refrigerante’ e no exemplo (185b), o nominal *ŋo* ‘água’.

184. arəp i ɲ-õ *pidʒokano* \emptyset -ʒi-rɛ
 já 1 R¹-PERTENCE refrigerante R¹-QUANT-ATEN
 ‘já há pouquinho do meu refrigerante’

185.

a. - amrẽ a ɲ-õ ŋo dʒa ba kwə i \emptyset -kõ
 para cá 2 R¹-PERTENCE água IRRLS 1 PART 1 R¹-beber
 ‘-venha, vai haver o meu beber da tua água’

b. - ket anẽ arəp i ɲ-õ ŋo \emptyset -ʒi-rɛ
 não assim já 1 R¹-PERTENCE água R¹-QUANT-ATEN
 ‘-não é assim! Já há pouco da minha água’

2.2.4 Pronomes Reflexivo e Recíproco

A língua Xikrín apresenta um morfema para expressar a categoria gramatical de reflexivo e outro para expressar a categoria de recíproco. Assume-se, com Schadt (2000, p. 103), que um marcador reflexivo denota um referente idêntico ao sujeito do sintagma nominal que, geralmente, funciona como objeto da sentença. Ou seja, a forma reflexiva mostra que um mesmo referente na sentença é, sob o ponto de vista semântico, agente/paciente e, sob o ponto de vista sintático, sujeito/objeto da ação expressa pelo verbo. Dito de outra forma, o reflexivo

sinaliza a correferencialidade dos argumentos interno e externo de verbo transitivo (cf. PAYNE, 1997). Em Xikrín, o reflexivo é expresso pelo morfema *amĩ*. Nos exemplos (186-187), a forma *amĩ* funciona como objeto direto do verbo *-ok* ‘pintar’ e das formas nominais *-omũ* e *-nrẽ-j* em que é correferente com o sujeito das respectivas sentenças.

186. mēni na **amĩ** j-ok
mulher RLS REFL R¹-pintar
‘a mulher se pintou’

187. ba na ba itʃerε Ø-kām **amĩ** j-omũ
1 RLS 1 espelho R¹-LOC REFL R¹-ver
‘eu me vi no espelho’

gan ku-be **amĩ** Ø-nrẽ-j ket
2.PAUC R¹-ABLAT REFL R¹-mexer-NLZ Neg
‘...eh, filhos, se depois (puraquê) andar sobre vocês, vocês não se mexem’

Em (188 a 190) a forma *amĩ* funciona como objeto indireto das formas verbais nominalizadas *-ujarẽ-j* ‘contar’, *-kuʔō* ‘lavar’ e do verbo *-re* ‘tirar’. Este pronome, indica também que o objeto indireto destas sentença é correferente com o sujeito.

188. akati Ø-mej i Ø-jε brasiʎja Ø-mã **amĩ**
dia R¹-bem 1 R¹-OBL Brasília R¹-DIR REFL

Ø-tẽ-m Ø-ã i dʒ-ujarẽ-j Ø-mã...”
R¹-ir/vir.NLZ R¹-sobre 1 R¹-contar- R¹-DIR
‘bom dia! Vai haver sobre minha ida a Brasília por mim mesmo...’

189. ba na ba **amĩ** Ø-mã Ø-inokΛ Ø-kuʔõ
 1 RLS 1 REFL R¹-DIR R¹-camisa R¹-lavar
 ‘eu lavei a camisa para mim mesmo’

190. mēni na **amĩ** Ø-mã noʔõ Ø-re
 mulher RLS REFL R¹-DIR cílios R¹-tirar.PL
 ‘a mulher tirou seus próprios cílios’

O Pronome recíproco *abẽn* assemelha-se ao reflexivo por indicar a correferencialidade com um outro nominal recorrente na sentença. Semanticamente, expressa ações, eventos, condições, etc. mútuos (cf. SCHACHER, 1992) e sintaticamente funciona como objeto direto e indireto.

Em (191 e 192), *abẽn* ocorre em função de O e indica a correferencialidade com o sujeito nas duas sentenças.

191. piʔokjakrɛdʒΛ Ø-kãm kubēnire **abẽn** Ø-tak
 escola R¹-LOC não indígena RECIP R¹-bater
 ‘foi na escola que mulheres bateram uma na outra’

192. ‘...arəp Ø-wəɾə **abẽn** j-anə-rɔ dʒa
 ‘...já R²-DIR RECIP R¹-mandar-NLZ estar.em.pé
 ‘...(eles) madaram um ao outro ficar em pé em direção (do gavião)...’

Observando os exemplos (193a,b-194), verifica-se que *abẽn* exerce a função de objeto indireto e é correferente com o sujeito de ambas as sentenças.

193.

- a. ‘...Ø-katik Ø-katik nũm arəp wɛ ajtɛ **abẽn**
 R²-cansado R²-cansado SD JÁ DUB ITER RECIP

- b. Ø-mã Ø-ã Ø-Λbne-j Ø-ɔ dʒa
 R¹-DIR R²-sobre R²conversar-NLZ R¹-ASS.INSTR ficar.em.pé

‘...(o gavião) cansado, cansado; eles (os dois irmão) talvez continuaram conversando um com o outro sobre (como matar o gavião)...’

194. mēmī na mē **abēn** ∅-mã ∅-kabēn ∅-o jĩ
 homem RLS PL RECIP R¹-DIR R²-fala R¹-ASS.INSTR sentar
 ‘os homens estão falando uns com os outros’

2.2.5 Palavras interrogativas

Palavras interrogativas ocupam a posição inicial na sentença e são palavras equivalentes as do português *quem, que, onde, quando*, etc. Segundo Schachter (2007), as palavras interrogativas podem ser constituídas por pronomes interrogativos (*quem, que*) ou por itens lexicais de outras classes, como os advérbios interrogativos (*onde, quando*) (cf. SCHACHTER, 2007). Em Xikrín, há duas palavras interrogativas, *jũm* ‘quem’ e *maj* ‘que’. A palavra *jũm* refere entidades cujo traço semântico é [+humano]. Este pronome pode ocorrer como determinante do sintagma nominal *õ* ‘pertence’ (exs. 195 a 197) e como argumento em função sujeito (exs. 198 a 201), objeto direto (exs. 202 a 203) e objeto indireto (ex. 204).

Determinante do nominal õ

195. **jũm** j-õ rɔp na ãa
 INT R¹-PERTENCE cachorro RLS DEM.PROX
 ‘de quem é este cachorro?’
196. **jũm** j-õ puru na ãa
 INT R¹-PERTENCE cachorro RLS DEM.PROX
 ‘de quem é este roça?’
197. **jũm** j-õ bisikleta na dza
 INT R¹-PERTENCE bicicleta RLS estar.em.pé
 ‘de quem é a bicicleta’

Argumento em função sujeito

198. **ɲũm** na bʌ Ø-kãm tẽ
 INT RLS floresta R¹-LOC ir/vir
 ‘quem foi na floresta?’(quem foi caçar)

199. **ɲũm** na boj
 INT RLS chegar
 ‘quem chegou?’

200. **ɲũm** na kukoj Ø-bĩ
 INT RLS macaco R¹-matar
 ‘quem matou macaco?’

201. **ɲũm** na tĩriti Ø-krẽ
 INT RLS banana R¹-comer
 ‘quem comeu banana?’

objeto direto

202. **ɲũm** na ga Ø-ɔmũ
 INT RLS 2 R²-ver
 ‘quem você viu?’

203. **ɲũm** na mak ku-ɲa
 INT RLS escorpião R²-ferrar
 ‘quem o escorpião ferrou?’

Objeto indireto

204. **ɲũm** Ø-mã na ga tɛp Ø-ɲã
 INT R¹-DIR RLS 2 peixe R¹-dar
 ‘para quem você deu peixe?’

A palavra interrogativa *məj* ‘que’ refere entidades cujo traço semântico é (-humano) e substitui sintagmas nominais na função sujeito de verbos transitivos (Exs. 205-206) e intransitivos (Ex. 207) e objeto direto de verbos transitivos (Exs. 208-209).

205. - **məj** na a Ø-ɲa
 INT RLS 1 R¹-ferrar
 - mak na i Ø-ɲa
 escorpião RLS 1 R¹-ferrar
 ‘- O que te ferrou? - Foi escorpião que me ferrou.’

206. - **məj** na mẽ a j-ae
 INT RLS PL 2 R¹-assustar
 - rɔp na mẽ i j-ae
 onça RLS PL 1 R¹-assustar
 ‘- O que assustou vocês?’
 ‘- Foi a onça que nos assustou’

207. - **məj** na ruə
 INT RLS desceu
 - kukoɲ na ruə
 macaco RLS desceu
 ‘- O que desceu?’
 - Foi o macaco.’

208. - **məj** na ga Ø-uti-ri Ø-ɔ nō
 INT RLS 2 R¹-sonhar-NLZ R¹-ASS.INSTR deitar
- mē Ø-kot i Ø-tē-m na ba
 PL R²-COM 1 R¹-ir/vir.sing-NLZ RLS 1
- Ø-tūm rɔp Ø-uti-ri Ø-ɔ nō
 R²-velho REF.PASS R¹-sonhar-NLZ R¹-ASS.INSTR deitar
- ‘ - O que você sonhou?’
 - o meu ir com as pessoas (para Fortaleza) eu sonhei com (esse) tempo passado’

209. - **məj** na mēmi ku-bĩ
 INT RLS homem R²-matar
- aŋro na mēmi ku-bĩ
 RLS homem R²-matar
- ‘ - o que o homem matou?’
 - foi porção que o homem matou.’

Os pronomes *jũm* e *məj* combinam-se com algumas posposições e/ou temas nominais absolutos, como *akati* ‘dia’, *mit* ‘sol’ para formar locuções interrogativas que expressam noções adverbiais, tais como: quantidade, local, instrumento, finalidade, tempo, razão, companhia, modo, dentre outros, como mostram os exemplos seguintes:

210. **jũm** Ø-ã Ø-kot na ga kaprãn Ø-ɔ-Ø-mō-rō boj
 INT R¹-sobre R²-COM RLS 2 jabuti R¹-CAUS-R¹-ir/vir.PL-NLZ chegar
 ‘com quem você chegou fazendo vir com o jabuti’ ‘(com quem você chegou trazendo jabuti?’
211. **jũm** Ø-ã Ø-kot na Ø-tē pĩ Ø-ɔ Ø-mə
 INT R¹-sobre R²-COM RLS R²-ir/vir chegar R¹-ASS.INSTR R²-pegar
 ‘Com quem ela pegou lenha?’

212. **məj** \emptyset - ɔ na ga kukej \emptyset -bĩ
 INT R¹-ASS-INSTR RLS 2 cotia R¹-matar
 ‘com que você matou cotia?’
213. **məj** \emptyset -**kām** na mēniɾɛ kwərə \emptyset -tu-ru \emptyset - ɔ -mõ
 INT R¹-LOC RLS mulher mandioca R¹-carregar-NLZ R¹-CAUS-ir/vir.PL
 ‘Dentro de que as mulheres estão carregando mandioca?’
214. **məj** **kaɖi** ɖza a \emptyset -bām iskejru \emptyset -bi
 INT FINLD IRRLS 2 R¹-pai isqueiro R¹-pegar
 ‘para que teu pai vai pegar isqueiro?’
215. **məj** **akati** \emptyset -**kām** ɖza ga belěj \emptyset -mã tẽ
 INT dia R¹-LOC IRRLS 2 Belém R¹-DIR ir/vir
 ‘Que dia você vai a Belém?’
216. **məj** **saku** **ku-tɛ** ɖza ga a \emptyset -mã \emptyset -kĩj
 INT saco R²-OBL IRRLS 2 2 R¹-DIR R²-agradar
 ‘Quantos sacos te agradam?’ (Quantos sacos você vai querer?)
217. **məj** na **kaprān** **ku-tɛ** ga a-mə
 INT RLS jabuti R²-OBL 2 R²-pegar
 ‘quantos jabutis você pegou?’
218. **məj** na nəkamiŋɛ pāj **ku-tɛ**
 INT RLS óculos em troca R²-OBL
 ‘Quanto custam os óculos?’

219. **məj** mɪt **ku-te**
 INT sol R²-OBL
 ‘Que horas são?’

Além das palavras interrogativas *ɲũm* e *məj*, há as palavras interrogativas *ɲĩj*, *ɲãj* e *ɲãm*, que codificam informações espaciais (exs. 220 a 224). A forma *ɲĩj*, associa-se ao demonstrativo *ja* e a uma das posposições locativas *ã* e/ou *kãm* para expressar noções espaço-temporais. Essas formas interrogativas exercem papel periférico de adjunto adverbial e ocorrem rigorosamente no início da oração.

220. **ɲĩj** na ga aŋro ja Ø-bĩ
 INT RLS 2 porção DEM.PROX R¹-matar
 ‘onde você matou este porção?’

221. **ɲãj** na ga tẽ
 INT RLS 2 ir/vir
 ‘de onde você veio?’

222. **ɲãm** dʒa ga tẽ
 INT IRRLS 2 ir/vir
 ‘para onde você vai?’

223. **ɲĩj ja ã** dʒa ga boj
 INT DEM.PROX.SOBRE IRRLS 2 chegar
 ‘quando você vai chegar?’

224. **ɲĩj ja kãm** dʒa ga amrẽ tẽ
 INT DEM.PROX.LOC IRRLS 2 DIR.CENTR ir/vir.siing
 ‘quando você virá par cá’

2.3 VERBOS

Os verbos em Xikrín são definidos com base em critérios semânticos, morfológicos e sintáticos. De acordo com critérios semânticos pertencem à classe de verbos temas que expressam ações, processos, estados transitórios, eventos e atividades fisiológicas (cf. SCHACHTER, 1985; GIVON, 1984).

Morfologicamente, os temas verbais, assim como os nomes relativos e as posições, recebem flexão relacional. Neste capítulo não tratamos da flexão relacional nos temas verbais. Para um estudo detalhado da flexão relacional, ver capítulo III.

2.3.1 Classes de verbos em Xikrín

Com base em critérios distribucionais, os verbos em Xikrín agrupam-se em duas classes. Verbos que exigem dois argumentos obrigatórios, um interno, e outro externo, agrupam-se na classe dos transitivos e verbos que requerem apenas um argumento obrigatório, o sujeito, agrupam-se na classe dos intransitivos. Ambas as classes podem ser organizadas em duas subclasses. Assim, a classe dos verbos transitivos subdivide-se em (i) transitivos bivalentes, os quais apresentam dois argumentos obrigatórios e (ii) em transitivos trivalentes, os quais, exigem, além dos argumentos interno e externo, um argumento oblíquo. A classe dos verbos intransitivos subdivide-se em (i) intransitivos monovalentes, os quais têm apenas um argumento obrigatório, o sujeito e (ii) em intransitivos bivalentes, os quais, além do argumento sujeito, têm outro argumento oblíquo.

2.3.1.1 Verbos transitivos bivalentes

225. ba na ba kaprã̃n kwə j-ami
 1 RLS 1 jabuti PART R¹-pegar
 ‘eu peguei alguns jabutis’

226. ga na ga kwərə ∅-kudzo
 2 RLS 2 R¹-mandioca R¹-descascar
 ‘Você descascou mandioca’

227. an ba na ban kɔj dʒ-waŋɾɔ
 PAUC 1 RLS 1.PAUC facção R¹-amolar
 ‘nós descascamos mandioca’

228. ba na ba piʔi Ø-kumɛj Ø-ruruk
 1 RLS 1 castanha R¹-QUANT R¹-cortar.PL
 ‘eu cortei muitas castanhas’

2.3.1.2 Verbos transitivos trivalentes

229. pɔi na i Ø-mã Ø-karõ Ø-bẽ
 Poy RLS 1 R¹-DIR R¹-sombra R¹-mostrar
 ‘Poy me mostrou fotos’

230. tamakware Ø-mã na ba aŋɔ Ø-ŋã
 Tamakwaré R¹-DIR RLS 1 missanga R¹-dar
 ‘foi para o Tamakwaré que eu dei missanga’

231. ga dʒa ga i Ø-mã kruwa j-anɔ
 2 IRRLS 2 1 R¹-DIR flecha R¹-mandar
 ‘você vai me mandar flecha’

2.3.1.3 Verbos intransitivos monovalentes

232. wɛwɛ dʒa tɔ
 borboleta IRRLS voar
 ‘a borboleta vai voar’

233. sábadu Ø-kãm dʒa gu katete Ø-mã mõ
 sábadu R¹-LOC IRRLS 1+2 Cateté R¹-DIR ir/vir.PL
 ‘no sábado, nós vamos para o Cateté’

234. ba dʒa ba ŋõrõ
 1 IRRLS 1 dormir
 ‘eu vou dormir’

235. arəp na ba boj
 já RLS 1 chegar
 ‘eu já cheguei’

2.3.1.4 Verbos intransitivos bivalentes

236. ba na ba kubẽ Ø-mã amra
 1 RLS 1 não indígena R¹-DIR gritar
 ‘eu gritei com o não indígena’

237. mēnicẽ na i Ø-mã ej
 mulher RLS 1 R¹-DIR mentir
 ‘a mulher mentiu para mim’

238. ba i Ø-kami Ø-mã Ø-inokΛ Ø-ɔ-tẽ
 1 1 R¹-irmão R¹-DIR Ø-camisa R¹-CAUS-ir/vir
 ‘Eu vim com camisa para meu irmão’

239. benadɟwərə na i ∅-mã ∅-kabẽn
 cacique RLS 1 R¹-DIR R¹-fala
 ‘houve a fala do cacique para mim’ ‘(o cacique falou comigo)’

2.3.2 Temas verbais supletivos

Nesta seção, tratamos da supleção de temas verbais, isto é, do uso de dois ou mais temas distintos para expressar as flexões de um único item lexical (cf. TRASK, 1994).

Formas verbais supletivas e/ou reduplicadas são atestadas na língua Xikrín. Este fenômeno, comum a muitas línguas da família Jê (cf., por exemplos, Ferreira (2003), Oliveira (2005) e Miranda (2014), é também descrito por Porto (1987)¹⁰ para a língua Kaingáng. Segundo essa autora, há em Kaingáng formas verbais singulares e plurais, conforme seja singular ou plural o sujeito de verbos intransitivos e o objeto de verbos transitivos. Já D’Angelis (2004), rejeita a interpretação de que as ditas formas singulares *versus* formas plurais sejam evidência de concordância de número em favor da interpretação de que esses temas verbais expressam ação única contrastando com ação múltipla, o que difere da análise de Urban (1985) para o Xokleng e da presente análise do Xikrín.

Abaixo apresentamos um quadro com alguns temas verbais que alternam sua forma conforme o objeto de verbos transitivos ou o sujeito de intransitivos seja singular ou plural.

Quadro 7 – Verbos transitivos: ação única *versus* ação plural

Temas verbais transitivos		
O singular	O plural	Glosa
-bĩ-n	-imej-∅	matar
ɟɟ-ΛΛΛ ∞ ɟɟi-ri-	adɟwə- rə	colocar
apok-∅ - ∞ kaɲwə-rə	kamjə-rə	furar
krẽ-n	ku-ru	comer
krɛ-∅	aɲje-j	plantar
kwĩrĩ ∞ kwĩ-j	krakrak-∅	quebrar
mẽ-j	rẽ-j	jogar
tak-∅	titik-∅	bater

¹⁰ Marita Porto Cavalcante. Fonologia e morfologia da língua Kaingáng: o dialeto de São Paulo comparado com o do Paraná. 1987. 0 f. Tese (Doutorado em Lingüística) - Universidade Estadual de Campinas, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Orientador: Aryon Dall’Igna Rodrigues.

Quadro 8 – Verbos intransitivos: ação única *versus* ação plural

Temas verbais Intransitivos		
S singular	S plural	Glosa
dʒa-m	kuʔe-∅	estar.em pé
kato-rɔ	apoj-∅	sair
ɲĩ-rĩ	krĩ-∅	estar.sentado
nõ-rõ	ikwã-∅	estar.deitado
rwæk-∅	krukruk-∅	chover
rwæk-∅	biʔadʒwə-rə	descer
tak-∅	titik-∅	bater
tê-m	mõ-rõ	ir/vir
tĩm-∅	rorok-∅	cair
wadʒa/wadʒΛ-rΛ	aŋje-j	entrar

A seguir, apresentamos exemplos contextualizados das formas singulares e plurais dos verbos Xikrín.

240. ba na ba ɲra ∅-bĩ
 1 RLS 1 paca R¹-matar
 ‘eu matei paca’

241. ‘...amrêbe na gɔrɔtire kikre ∅-mã kato nẽ
 antigamente RLS Gorotire aldeia R¹-DIR sair MS
 mẽmi ɲ-imej mẽnire ∅-pĩtat ∅-ɔ-mõ
 homem R¹-matar.PL mulher R¹-levar R¹-CAUS- ir/vir. PL
 mẽ pĩ-rɛ ∅-ɔ-mõ
 HUM criana-ATEN R¹-CAUS- ir/vir. PL
 ‘..há algum tempo, os Gorotire encontraram a aldeia dos Xikrín e mataram
 muitos homens e levaram mulheres e crianças...’

Observando o exemplo (240), o verbo *-bĩ* temm objeto singular, ao passo que em (241), ocorre a forma verbal *o-imej* já que o objeto é plural.

242. mē nire na kλ ∅-kām kΔj ∅-kudʒλ
mulher RLS cesto R¹-LOC faca R¹-colocar.sing
‘a mulher colocou uma única facas no cesto’
243. mē nire na mē kλ ∅-kām pidʒo j-adʒwə
mulher RLS PL cesto R¹-LOC fruta R¹-colocar.PL
‘as mulheres colocaram as frutas no cesto’

Em (242), *-kudʒλ* ‘colocar’ tem objeto singular, já em (243) ocorre a forma supletiva do mesmo verbo *-adʒwə* ‘colocar’ visto que o objeto é plural.

Outros exemplos:

244. kapran na ba pika ∅-be ku-mē
jabuti RLS 1 chão R¹-ABLAT R²-jogar. sing
‘eu joguei jabuti no chão’
245. ba na ba a ∅-mā pidʒokrāpɔjti ∅-rē
1 RLS 1 2 R¹-DIR manga R¹-jogar.PL
‘eu joguei mangas para você’
246. ba ∅-kām nĩ kadʒi brasiʎja ∅-mā tē
1 R²-LOC DIR.CENTR para Brasília R¹-DIR ir
‘eu, nisso, (vim) para cá para ir a Brasília’
247. ‘...ba mē lusivawdo mē Kahmeʎja mē ba ari
1 CONJ Lucivaldo CONJ Carmélia CONJ 1 PAUC
∅-no ∅-ma mō ba ari takisi ∅-kām mō
R¹-olho R¹-saber ir/vir 1 PAUC táxi R¹-LOC ir/vir

takisi Ø-kãm mõ mra hodoviaria Ø-kãm boj...'
 táxi R¹-LOC ir/vir.PL hes rodoviária R¹-LOC chegar
 nós, Lucivaldo, Carmélia e eu fomos passear de táxi; fomos de táxi e
 chegamos à rodoviária

2.3.3 Nominalização

A nominalização é um mecanismo derivacional que consiste em transformar em nomes elementos de outras classes de palavras, embora muitas línguas nominalizem sintagmas posposicionais e predicados, como o fazem línguas Tupí-Guaraní (cf. RODRIGUES, 1954). Em Xikrín, como resultado da derivação aplicada a verbos, derivam-se nomes de ação, de agente e de circunstância. A nominalização de nome de ação é obtida a partir de temas verbais acrescidos de um dos alomorfes do sufixo nominalizador de nome de ação **-m ~ -n ~ -j ~ -rV ~ -Ø**. É a partir de tais bases nominalizadas que é possível derivar nomes de agente e de circunstância, os primeiros com a adição dos sufixos **-dʒwəj** e os segundos, por meio do sufixo **-dʒʌ**. Os nomes de circunstância referem local, instrumento e evento.

Nomes de agente

Exemplos de nomes de agente são:

<i>Nominalizador de nome agente: -dʒwəj</i>	Tradução: aquele que
mẽ Ø-ŋrɛ-rɛ-dʒwəj HUM R ² -cantar-NLZ-NLZ	‘cantor’
mẽ Ø-wa ɔ apoj-Ø-dʒwəj HUM R ² -dente CAUS sair-NLZ-NLZ	‘dentista’
mẽ Ø-kanɛ-Ø-dʒwəj HUM R ² -tratar.doença-NLZ-NLZ	‘médico’
mẽ pidʒə ŋ-ãrã-Ø-dʒwəj HUM remédio R ¹ -dar-NLZ-NLZ	‘enfermeira’
piʔok j-akrɛ-Ø-dʒwəj R ² -folha R ¹ -mostrar- NLZ-NLZ	‘professor’

Ø-Λpej-dʒwəj R ² -trabalho- NLZ	‘trabalhador’
Ø-pa-ri-dʒwəj R ² -matar- NLZ-NLZ	‘matador’
Ø-mrã-j-dʒwəj R ² -andar- NLZ-NLZ	‘andarilho’
Ø-kukwə-rə-dʒwəj R ² -quebrar-NLZ-NLZ	‘quebrador’
tɛp j-ajĩ-Ø-dʒwəj peixe R ¹ -pegar-NLZ-NLZ	‘pescadores’

Os exemplos que seguem mostram alguns desses nomes de ação contextualizados em enunciados de fala natural.

248. joãw paulo ajberi boj ku-be mẽ Ø-kanɛ-Ø-dʒwəj
João Paulo agorinha chegar R²-essivo HUM R²-tratar.doença- NLZ-NLZ
‘João Paulo acabou de chegar. Ele é médico’
249. bɛp kamrek Ø-be mẽ Ø-pidʒə ɲ-ãrã-Ø-dʒwəj
Bep Kamrek R¹-essivo HUM R²-remédio. R¹-dar-NLZ-NLZ
‘Bep Kamrek é enfermeiro’
250. ɲũm na ku-be Ø-piʔok j-akrɛ-Ø-dʒwəj
quem RLS R²-essivo R²-folha R¹-mostrar-NLZ-NLZ
‘quem é o professor?’
251. pɔkrɛ Ø-be piʔi Ø-kukwə-rə-dʒwəj
Pokre R¹-essivo castanha R¹-quebrar- NLZ-NLZ
‘Pokre é cortador de castanha’

252. mēbɛŋokrɛ ku-be Ø-ðkrɛdʒɛ n-ipej- Ø-dʒwəj
 indígena R¹-essivo R²-colar R¹-fazer- NLZ-NLZ
 ‘os mēbengokre são fazedores de colar’

Formas longas e curtas dos verbos

As línguas da família Jê distinguem formas verbais curtas e longas (cf., por exemplo Shell (1952), Popjes e Popjes (1986), Dourado (2001), Ferreira (2003), Costa (2003), Amado (2005), Souza Filho (2007) e Miranda, 2014)). Em geral, a alternância no uso da forma verbal curta ou longa tem sido descrita como relacionada a tempo imperfeito/perfeito e aspecto imperfectivo/perfectivo.

A alternância entre forma curta e longa em Xikrín não está relacionada à não-conclusão *versus* conclusão de um evento verbal, e sim, à modificação do núcleo de predicado verbal por um adverbial, e à relação de dependência estrutural, como é o caso da subordinação e relativização (cf., Costa (2003) e Miranda (2014)). Em sentenças em que o núcleo do predicado é modificado por uma expressão adverbial, ou quando funcionam como substantivo ou adjetivo, ocorre a forma nominalizada de nome de ação. Em seguida, apresentamos exemplos de sentenças com formas verbais plenas e outros com formas nominalizadas.

Na sentença (253) o predicado tem como núcleo a forma verbal plena *tɔ*; já na sentença (254), por outro lado, ocorre o nome de ação *-tɔrɔ*, já que foi modificado pelo adverbial *-kumɛj*.

253. ba na ba tɔ
 1 RLS 1 festejar
 ‘eu festejei’

254. ba i Ø-tɔrɔ Ø-kumɛj
 1 1 R¹-dançar R¹-QUANT
 ‘houve muito o meu dançar’ (eu dancei muito)

Em (255a), como o núcleo do predicado não é modificado, ocorre a forma finita do verbo *-krẽ*. Já, em (255b), como o núcleo do predicado é modificado pelo adverbial *ket*, é acionada a forma nominalizada do verbo, resultando em *-krẽ-n*.

255.

a. kubẽ kunũm Ø-krẽ ñũm
 não-indígena capivara R¹-comer SD
 ‘os não indígenas come/m capivara mas’

b. mēbenokre Ø-te Ø-krẽ-n ket
 indígenaL R¹-OBL R¹-comer-NOM NEG
 ‘não há o comer de capivara pelos indígenas’

As formas longas são ‘nomes de ação’, formados pelos alomorfes do morfema ‘nome de ação’ ação -m ~ -n ~ -j ~ -r ~ V ~ -Ø. A partir do nome de ação é possível a formação de nomes de agente por meio do sufixo -dʒwəj e a formação de nomes de circunstância com o sufixo -dʒʌ.

Nomes de ação

256. a tẽ-**m** ket
 2 ir-NLZ NEG
 ‘não houve teu ir’

257. i Ø-jɛ aŋro bĩ-**n** ket
 1 R¹-OBL porcão matar-NLZ NEG
 ‘não houve o matar do porcão por mim’

258. mēnire Ø-te mēmi mũ-**j** ket
 mulher R¹-OBL homem ir- NLZ NEG
 ‘não houve o ver do homem pela mulher’

259. mēnire \emptyset -nō-rō ket
mulher R¹-deitar-NLZ NEG
‘não houve o deitar da mulher’
260. i \emptyset -bām boj- \emptyset ket rã?ã
1 R¹-pai chegar-NLZ NEG ainda
‘ainda não houve o chegar do meu pai’

Nomes de circunstância

Um nome de circunstância é formado da combinação de um nome de ação combinado com o sufixo -dʒʌ. Exemplos são os seguintes:

LOCAL

mē \emptyset -kanɛ- \emptyset -dʒʌ ‘hospital’
HUM R²-tratar.donça-NLZ- NLZ.CIRC

mē \emptyset -ĩ-rĩ-dʒʌ ‘acampamento’; ‘aldeia’
HUM R²-sentar-NLZ-NLZ.CIRC

\emptyset -piʔok j-akre- \emptyset -dʒʌ ‘escola’
R²-folha R¹-mostrar-NLZ-NLZ.CIRC

\emptyset -ʌpej-dʒʌ ‘escritório’
R²-trabalhar-NLZ.CIRC

piʔzi- \emptyset -dʒʌ. ‘auditório’
reunir-NLZ-NLZ.CIRC

\emptyset -piʔok \emptyset -təj j-ipej- \emptyset -dʒʌ. ‘universidade’
R²-folha R²-forte R¹-fazer-NLZ-NLZ.CIRC

boj- \emptyset -dʒʌ	‘lugar de chegada’; ‘terminal de integração’
chegar-NLZ-NLZ.CIRC	
\emptyset -ikwã- \emptyset -dʒʌ	‘lugar de deitar de’; final da linha do ônibus;
R ² -deitar/PL-NLZ-NLZ.CIRC	‘garagem’

Os exemplos (261 a 263) foram extraídos de relatos dos professores pesquisas Bep Biere-Ti Xikrín, Bep Nhõri-Ti Xikrín e Kênpo-Ti Xikrín. O primeiro, narrou uma história a respeito da mudança de acampamento/aldeia feita pelos Xikrín. O segundo, descreve a visita que fez a Brasília em 2010, durante a qual participou de um evento promovido pelo Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas da UnB. O último, conta a história de uma briga entre duas adolescentes em uma escola onde estudava no município de Marabá.

261. ...ʃikrĩ na mẽ \emptyset -ĩ-rĩ-dʒʌ \emptyset -tũm \emptyset -kaŋa...
 Xikrín RLS HUM R²-sentar-NLZ- NLZ.CIRC R¹-velho R¹-abandonar
 ‘... os Xikrín abandonaram o acampamento antigo’
262. “kubẽnirɛ-kʌ-krã-tik-rɛ lapis dʒ-wa- \emptyset -dʒʌ \emptyset -bi...”
 a não indígena negra lápis R¹-apontar-NLZ-NLZ.CIRC R¹-pegar...”
 ‘a não-indígena negra pegou o estilete...’
263. ...mẽ \emptyset -tɛ abẽn pidʒi- \emptyset -dʒʌ \emptyset -mã tẽ...
 PL R²-OBL RECIPIENT reunir-NLZ-NLZ.CIRC R¹-DIR ir/vir
 ‘... as pessoas foram para o auditório...’

Instrumento

mẽ \emptyset -ako-ro-dʒʌ	‘ventilador’
HUM R ² -soprar-NLZ-NLZ.CIRC	

mẽ	∅-kĩ-dʒe-∅-dʒΛ	‘prendedor de cabelo’
	HUM R ² -cabelo-preder-NLZ-NLZ.CIRC	
mẽ	∅-kĩ-∅-dʒΛ	‘cadeira’
	HUM R ² -sentar/PL-NLZ-NLZ.CIRC	
mẽ	∅-kabẽn ma-ri-dʒΛ	‘rádio’
	HUM R ² -fala-saber-NLZ-NLZ.CIRC	
mẽ	∅-ã ηo ∅-ηrΛ-∅-dʒΛ	‘toalha’
	HUM R ² -água R ¹ -secar-NLZ-NLZ.CIRC	
mẽ	∅-akΛ-rΛ-∅-dʒΛ	‘tesoura’
	HUM R ² -água R ¹ -cortar.em pedaços-NLZ-NLZ.CIRC	
lapis	dʒ-wa-∅-dʒΛ	‘apontador’; ‘estilete’
	lápiz R ¹ -apontar-NLZ-NLZ.CIRC	
kwi	∅-ã kabe-re-dʒΛ	‘abanador’
	fogo R ¹ -sobre abanar-NLZ-NLZ.CIRC	
kapõ	-j-dʒΛ	‘vassoura’
	R ² -varrer-NLZ-NLZ.CIRC	

Os exemplos (264 a 265) ilustram a ocorrência de nomes de circunstância que fazem referência a instrumentos.

264.	kẽpõti	na	mẽ	∅-ako-ro-dʒΛ	∅-bi
				HUM R ² -soprar-NLZ-NLZ.CIRC	
	Kenpo-Ti	RLS	ventilador		R ¹ -pegar
	‘Kenpo-Ti comprou um ventilador’				

265. piʔok na mẽ Ø-kĩ-Ø-dʒΛ Ø-ã nõ
 folha RLS cadeira R¹-sobre estar.deitado
 ‘o livro está sobre a cadeira’
266. kwəɾə Ø-ke-j-dʒΛ w̃a na mẽ Ø-kunĩ j-õ
 mandioca R¹-ralar- DEM.DIST RLS PL R²-QUANT R²-PERTENCE
 NLZ-NLZ.CIRC
 ‘aquele ralador de mandioca é de todas as pessoas’
267. ikro na Ø-kra Ø-mã mẽ Ø-kĩ-dʒe-Ø-dʒΛ Ø-ɲã
 Ikro RLS R²-filha R²-DIR prendedor de cabelo’ R¹-dar
 ‘Ikro deu prendedor de cabelo para sua filha’
268. amrēbe mẽbeɲokre na mẽ kwɪ Ø-ã kabe-re-dʒΛ j-ipej
 antigamente Xikrín RLS PL fogo R¹-sobre abanar- R¹-fazer
 NLZ-NLZ.CIRC
 ‘antigamente os Xikrín faziam abanador’

2.4 POSPOSIÇÕES

As posposições constituem uma classe fechada de palavras. Do ponto de vista morfológico, são temas flexionáveis - assim como nomes relativos e verbos transitivos. Do ponto de vista sintático, encabeçam sintagmas adverbiais em função oblíqua. Funcionam também como complementos obrigatórios de intransitivos bivalentes e de transitivos trivalentes. Nesta seção não descrevemos os prefixos relacionais em temas posposicionais, pois o capítulo III é dedicado aos relacionais em geral, havendo um destaque especial à sua ocorrência em posposições.

O quadro abaixo apresenta as posposições identificadas na língua Xikrín e os papéis semânticos a que estão associadas.

Quadro 9 – Posposições na língua Xikrín

PAPEL SEMÂNTICO	POSPOSIÇÃO	GLOSA
OBLÍQUO	jε ∞ tε	por
DIRETIVO (DATIVO, FINALIDADE, DIRETIVO)	mã	direção
ABLATIVO	be	afastando-se de
ESSIVO	be	incluso em
COMPANHIA/PERLATIVO/MEIO	kot	com
ASSOCIATIVO-INSTRUMENTIVO	ɔ	com
RELATIVO/ADESIVO	ã	em relação a, próximo de (adesivo), sobre
ABLATIVO	kurum	de
DIRECIONAL	ərə; wərə	em direção de
LOCATIVO PONTUAL	kãm	em (pontual)
PROXIMATIVO	kuri	ao lado de
POTERIORIDADE	iukri	depois de
ANTERIORIDADE	wəɾɒp	antes de

Exemplos:

-mã ‘diretivo/dativo/finalidade’

269. ga na ga a Ø-jε i Ø-mã
 2 RLS 2 2 R¹-OBL 1 R¹-DIRET
 dʒudʒe j-anɔ-rɔ ket
 arco R¹-mandar-NLZ NEG
 ‘não houve o mandar de arco para mim por você’

-be ‘essivo’

270. beppiriti \emptyset -**be** piʔokjakredɔwəj
 Bep Nhōrōti R¹-essivo professor
 ‘Bep Nhōrō-Ti é professor’

-be ‘ablativo’

271. bakaɣa mẽ \emptyset -**be** meniɾe \emptyset -ɔ-ba...
 Bacajá PL R²-ABL mulher R¹-CAUS-andar
 ‘os Bacajá levaram as mulheres deles (dos Xikrín) com eles’

- 272 ‘...mẽʔõ i \emptyset -**be** aɾi a \emptyset -kurua...’
 alguém 1 R¹-ABL PAUC 2 R¹-bater
 ‘...Alguém bateu em vocês’

-kām ‘locativo pontual’

273. ‘...krã \emptyset -**kām** ku-dɣa aɾəp \emptyset -**kot** ŋɾe-ɾe mō...’
 cabeça R¹-LOC R²-colocar já R²-COM cantar-NLZ ir/vir
 ‘...(eles) colocaram (penas) na cabeça (do gavião morto) e foram cantando com ela’

-kot ‘perlativo’

274. ba aɾi ajte akěj nē abĩm metro \emptyset -**kot** mō
 1 PAUC ITER voltar ms voltar metrô R¹-meio ir/vir.PL
 nós, de novo, voltamos e voltamos de metrô’

-əɾə ‘direcional’

275. gɔrɔtɪɾe mɛ̃ **∅-əɾə** apɔj nɛ̃ mɛ̃ ∅-be bakaza **∅-əɾə** boj
 Gorotire PL R²-DIR sair MS PL R²-LOC Bacajá R¹-DIR chegar
 ‘...gorotire na mɛ̃ **∅-əɾə** apɔj nɛ̃ bakaza ɲ-imej
 Gorotire RLS pl R²-DIR sair MS Bacajá R¹-matar.vários
 ‘os Gorotire, eles saíram em direção ao (acampamento dos bacajá) e mataram
 muitos Xikrín do Bacajá’

276. ta gwajba **∅-wəɾə** tɛ̃ boj
 3 1+2. PAUC R¹-DIR ir/vir chegar
 ‘a não indígena chegou e nos encontrou’

-ɔ ‘associativo/instrumentivo’

277. kubɛ̃nɪɾe ɲ-ĩ **∅-ɔ** na boj nɛ̃
 não-indígena R¹-pele R¹-ASS.INSTR RLS chegar MS
 ‘pessoalmente ela já chegou’

-kām ‘locativo pontual’

278.

- a. amrebej na ba i pɾĩ-rɛ̃ **∅-kām**
 não-indígena RLS 1 1 pequeno-ATEN R²-LOC

-mã ‘diretivo’

- b. i **∅-mã** kɾi ɲũm i **∅-nã**
 1 R¹-DIRET frio SD 1 R¹-mãe

-ã ‘relativo/adesivo’

- c. kwi Ø-ã i kaŋɔ
 fogo R¹- próximo de 1 calor
 ‘antigamente, quando eu era criança e sentia frio,
 minha mãe me aquecia perto do fogo’

-kurũm ‘ablativo’

279. i Ø-nã na belěj Ø-kurũm tẽ
 1 R¹- mãe RLS Belém R¹-ABL ir/vir
 ‘minha mãe veio de Belém’

2.5 ADVÉRBIOS

Advérbios têm sido descritos em alguns estudos sobre línguas da família Jê não como o uma classe homogênea, mas como um conjunto de expressões heterogêneas, ou seja, constituídos por elementos de diferentes classes de palavras, cujas funções guardam alguma semelhança entre si (cf., por exemplo, Dourado (2001), Ferreira (2003) e Miranda (2014)). Na realidade, o que ocorre é que nesses estudos, os linguistas não distinguem noções semânticas de classes de palavras. A noção adverbial, por exemplo, em Xikrín, pode ser expressa por advérbios, que constituem uma pequena classe fechada de palavras e por sintagmas posposicionais. Advérbios lexicais quando seguem o verbo acionam a nominalização destes. Podem entretanto, modificar nomes como *kumej* ‘muito’. Já os sintagmas posposicionais têm funções adverbiais, mas não ocorrem em posição pós-núcleo verbal. As expressões adverbiais encontradas na língua Xikrín, podem ocupar duas posições na sentença: a pré-verbal e a pós-verbal. No primeiro caso, os adverbiais tomam por escopo toda a sentença. Em posição pós-verbal, tomam por escopo o predicado, cujo núcleo modificam.

2.5.1. Classe de advérbios

Os elementos da classe de advérbio são:

Quadro 10 – Os advérbios do Xikrín

kumej	muito
ŋri	pouco
ket	negação
rãʔã	‘ainda’

Funcionam como advérbios sintagmas posposicionais:

ǰa kām	‘hoje; agora’ neste
apkrɪ kām	à tarde
akamɔt kām	à noite
amũ ǰa ã	‘ontem’
akati kunĩ kot	‘o dia todo’
akamɔt kunĩ kot	‘a noite toda’
mĩtĩrwə kunĩ kot	‘o mês todo’
amej kunĩ kot	‘o ano todo’
akati kunĩ kot	‘o dia todo’

Exemplos:

280. **ǰa kām** i Ø-mã kri ŋri-rɛ ket
 hoje 1 R¹-DIRET frio POUCO-ATEN NEG
 ‘hoje não há pouco frio para mim’

281. **amũǰaã** mēmĩ na mẽ bɔ Ø-kām mō
 ontem homem RLS PL floresta R¹-LOC ir/vir.PL
 ‘ontem os homens foram para a floresta’

282.

- a. ‘...mrɛ kaʔuk-Ø Ø-ɔ dʒa
 buriti socar-NLZ R¹-ASS.INSTR estar.sentado

b. kaʔuk-∅- ∅-ɔ dʒa
 socar-NLZ R¹-ASS.INSTR estar.sentado

c. ɲũm ʌk **ɰaĩ** ∅-kadzi dʒa
 SD gavião lá R¹-FINLD estar.sentado
 ficaram (os netos e a avó) socando buriti sentados, socando sentados. E
 o gavião (estava) lá (em cima da árvore) em pé

283. **jaĩ** na ba dʒa
 aqui RLS 1 estar.em.pé
 ‘eu estou aqui’

284. **ɰaĩ** na i ∅-bãm dʒa
 lá RLS 1 R¹-pai estar.em.pé
 ‘meu pai está lá’

285.

a. mē ∅-ɔ-akprõ- arəp mē ∅-mã ∅-arē
 pl R²-CAUS-reunir já PL R¹-DIRET ²-dizer

b. **ɔrina** kajmã hio seko nɔrɔkɔt ãtetekti
 longe para cima rio seco DISJ ãtetekti

c. nɔkɔt bɛrɔ-j-adʒwə-dʒʌ ʒa ∅-kãm na tɛp ∅-kumɛj
 DISJ berɔjadjwýdjà DEM.PROX R¹-LOC RLS peixe R¹-QUANT
 ‘reuniram-se com as pessoas e lhes disseram (o lugar onde tinha muito peixe) ‘(era)
 ali para cima, o rio seco, ou o rio ãtetekti ou o rio berɔjadjwýdjà ‘nesse lugar, há
 muito peixe’

286. **ɔrina** i ɲ-õ kikrɛ
 longe 1 R¹- PERTENCE casa
 ‘Minha casa é longe’

Observe que, nos exemplos acima, os adverbiais situam numa perspectiva locacional o estado de coisas expresso pela sentença tendo como ponto de partida o falante como centro dêitico.

2.5.1.1 Quantidade

As noções de quantidade, em Xikrín, são expressas pelos advérbios *kumɛj* ‘muito’ e *ɲiriɛ* ‘pouco’, os quais ocupam obrigatoriamente a posição pós-verbal na sentença e têm escopo sobre o predicado, que, assim modificado tem como núcleo, uma nominalização.

Quadro 11 – Advérbios de quantidade

ɲiri-ɾɛ	‘pouco’
kumɛj	‘muito’

287. i ɔ-je **mɛbɛɲokɾɛ** ɔ-**kabɛn** j-arɛ-j **ɲiriɛ**
 1 R¹-OBL indígena R¹-fala R¹-dizer-NLZ pouco
 ‘existe pouco do dizer da fala indígena por mim’ ‘(eu falo pouco Xikrín)’
288. ‘...ba ɔ-kām atɛ kāj mā dʒa ɲũm ɔ-kām kubɛ
 1 R²-LOC depois para cima estar.em pé SD R²-LOC não indígena
 atɛ mɔ-ɾɔ **kumɛj** ba i ɔ-prɔn...’
 depois chorar-NLZ muito 1 1 R¹-corrida
 ‘...e depois nos levantamos e os não indígenas choraram muito.
 Houve minha corrida...’

2.5.1.2 Advébio de modo

Há dois advérbios de modo em Xikrin *mɛj* ‘bem’ e *punu* ‘mal’.

Quadro 12 – Advérbios de modo em Xikrín

mɛj	bem
punu	mal

289. ga na ga a tɔ-rɔ **mɛj**
 2 RLS 2 2 festejar-NLZ bem
 ‘eu festejo bem’

290. ga na ga a ŋrɛ-rɛ **punu**
 2 RLS 2 2 cantar-NLZ mal
 ‘você canta mal’

291. ga na ga a ɲ-õt **punurɛ**
 2 RLS 2 2 R¹-dormir.NLZ mal-ATEN
 ‘você dormiu mal’

2.5.1.3 Advérbio de negação

O advérbio de negação *ket*, a semelhança dos adverbiais de modo *mɛj* e *punu*, ocupa a posição pós-verbal na sentença e modifica o predicado, obrigando o núcleo deste ser representado por um nome de ação.

Quadro13a – Advérbio de negação

ket	‘negação’
------------	-----------

O Xikrín possui um único advérbio de negação, *ket* ‘negação’. Há porém duas palavras que negam, mas não modificando o núcleo de um sintagma verbal ou nominal. Essas palavras são *kati* ‘não’ e *keteri* ‘nada’ mas são apenas usadas como sentenças fragmento.

292. ba na ba i Ø-jε kukrit Ø-bĩ **ket**
 1 RLS 1 1 R¹-OBL anta R¹-matar-NLZ NEG
 ‘não houve o matar da anta por mim’ ‘(eu não matei anta)’
293. mẽ Ø-tɔ-rɔ Ø-kãm na kubẽ Ø-tɔ-rɔ **ket**
 hum R²-festejar-NLZ R¹-LOC RLS não-indígena R¹-festejar-NLZ NEG
 ‘no festejar, não houve o festejar do não indígena’ ‘(no festejo, o não indígena não festejou)’

2.5.1.4 Advérbio de tempo

O advérbio de tempo *rãʔã*, a semelhança do advérbio de negação *ket* e dos adverbiais de modo *mej* e *punu*, ocupa a posição pós-verbal na sentença e modifica o predicado, obrigando o núcleo deste ser representado por um nome de ação.

Quadro 13b – Advérbio de tempo

<i>rãʔã</i>	‘ainda’
-------------	---------

294. mẽnirε na Ø-tɔ-rɔ Ø-ɔ Ø-ãm *rãʔã*
 mulher RLS R²-festejar-NLZ R¹-ASS.INSTR R²-estar.em pé ainda
 ‘a mulher ainda está festejando’
295. ga na ga a Ø-ɲrε-rε *rãʔã*
 2 RLS 2 2 R¹-cantar-NLZ ainda
 ‘ainda vai haver o teu cantar’ ‘(você ainda vai cantar)’

2.6 PALAVRAS QUE SERVEM PARA TRADUZIR NOÇÕES NUMÉRICAS DO PORTUGUÊS

Não existem numerais em Xikrin. O que existe são nomes como *pidʒi* ‘sozinho’ e *amẽ* ‘par’, ‘dupla’. Outras perífrases podem ser usadas para expressar noções como sem

parelha ou deparelhado, como *amē ikje ket* ‘par + lado + NEG ‘três’ Para expressar quantidade maior que três, os indivíduos Xikrín usam o quantificador ‘*kumēj* ‘muito’, acompanhado de diferentes graus de ênfase e alongamento da vogal da sílaba final, conforme aumenta a quantidade de itens referidos pelo locutor. Para expressar a noção de ‘quatro’, reduplica-se o tema ‘*amē*’ e para expressar a noção de ‘cinco’, combina-se o tema ‘*amē*’, reduplicado, com a locução *ikje-ket* ‘sem banda’. Uma terceira estratégia – já muito comum sobretudo entre os mais jovens - é tomar de empréstimo o sistema numérico da língua portuguesa. Exemplos dessas palavras usadas para traduzir expressões numéricas do Português são apresentados a seguir:

296.

- | | | | | | |
|----|--------------------|----------------------------|----|------------------|--------------------------------|
| a. | <i>rɔp</i> | <i>pidʒi</i> | b. | <i>rɔp</i> | <i>amē</i> |
| | cachorro | sozinho | | cachorro | par |
| | ‘um cachorro’ | | | ‘dois cachorros’ | |
| | | | | | |
| c. | <i>rɔp</i> | <i>amē ikje ket</i> | | | |
| | cachorro | par banda sem | | | |
| | ‘três cachorro’ | | | | |
| | | | | | |
| d. | <i>rɔp</i> | <i>amē amē</i> | e. | <i>kruwa</i> | <i>amē amē ikje ket</i> |
| | cachorro | par par | | flecha | par par banda sem |
| | ‘quatro cachorros’ | | | ‘cinco flechas’ | |

297. *kruwa amē amē amē*
 flecha par par par
 ‘seis flechas’

298. *kukej Ø-be trej*
 cotia R¹-ESSIVO três
 ‘há três cotias’

299. - pəi məj mit Ø-kām dʒa ga funaj Ø-mã tẽ
 Poy INT sol R¹-LOC IRRLS 2 FUNAI R¹-DIRET ir/vir
 Poy, a que horas você vai à FUNAI?

300. - biri **nəvi** ɔra Ø-kām dʒa ba funaj Ø-mã tẽ
 talvez nove horas R¹-LOC IRRLS 1 FUNAI R¹-DIRET ir/vir
 ‘- talvez às nove horas eu vá à FUNAI.’

2.7 CONJUNÇÕES

As conjunções constituem uma classe de palavras fechada que ligam nomes, sintagmas ou sentenças, estabelecendo relações semânticas entre eles (cf., por exemplo, Bussmann (1998) e Trask (1994)).

Em Xikrín, há as seguintes conjunções *mẽ*, *nɔɔkɔt*, *nẽ* e *jũm*. A conjunção *mẽ* coordena pronomes pessoais da série nominativa, nomes e sintagmas. A conjunção *nɔɔkɔt* coordena sintagmas e orações com função disjuntiva. As conjunções *nẽ* e *jũm* estabelecem uma relação sintática entre orações coordenadas ao mesmo tempo marcando correferência entre sujeitos: *nẽ* coordena orações cujos sujeitos são correferenciais e *jũm* coordena orações cujos sujeitos são diferentes¹¹.

301. ba **mẽ** ga
 1 CONJ 2
 ‘eu e você’

302. ŋo **mẽ** òmro
 água CONJ comida
 ‘água e comida’

¹¹ Para maiores esclarecimentos sobre correferencialidade em Xikrín, consultar capítulo VII.

303. kubẽ Ø-kabẽn **mẽ** mẽbeņokre Ø-kabẽn
 não indígena R¹-fala CONJ indígena R¹-fala
 ‘a fala do não indígena e a fala do indígena’
304. ba na ba bΛ Ø-kām tẽ kukej **mẽ** ŋca Ø-bĩ
 1 RLS 1 floresta R¹-LOC ir/vir cotia CONJ paca R¹-matar
 ‘eu fui caça e matei cotia e paca’
305. ba na ba bΛĩ **mẽ** katẽtΛpkuru **mẽ** kwərə Ø-kre
 1 RLS 1 milho CONJ melancia CONJ mandioca R¹-plantar
 ‘Eu plantei milho, melancia e mandioca’
306. ba **nərəkət** ga
 1 DISJ 2
 ‘eu ou você’
307. ŋo **nərəkət** òmro
 água DISJ comida
 ‘água ou comida’
- 308 “...krĩΛp ku-te mẽ Ø-imej akati maktã **nərəkət** krĩΛp
 cedo R²-OBL PL R²-matar.PL dia madrugada DISJ cedo
 parare ĵakãm ku-te mẽ Ø-imej Ø-kadžĩ amĩ Ø-ma...”
 tardezinha aqui R²-OBL HUM R²-matar.PL R²-FINLD REFL R²-ouvir...”
 “cedo, os matariam. De madrugada ou de manhã cedo... de tardezinha; aqui dicutiam
 para melhor matá-los...(os Kayapó)”
309. amrẽbej na wε kukoj ta Ø-umari-dʒΛ Ø-kot
 antigamente RLS dub macaco 3P R²-pensar-NLZ R¹-PERL

 mẽ Ø-kadžĩ umari-dʒΛ Ø-ma **nẽ** Ø-kām arəp
 PL R²-FINLD pensar-NLZ R¹-planejar MS R²-LOC já

ʃãdʒi kumrēj ∅-mã ej...'
 veado primeiro R²-DIRET mentir
 'há algum tempo, parece que o macaco, ele fez um planejamento para
 (enganar) as pessoas) e primeiro enganou o veado....'

310. '...kukoj na ∅-prõn nē kukrit ∅-əɾə ∅-katə.'
 macaco RLS R¹-correr ms anta R¹-DIR R¹-sair
 '...o macaco correu e encontrou a anta.'

311. '...ojɾe kadʒatɲĩ ∅-kaba **nũm** ∅-kãm kukoj pari ∅-ɔ
 macaco algodão R¹-arrancar SD R²-LOC macaco pé ASS.INSTR

 ãdʒa **nũm** ajte ʔõdʒwə ∅-kaba...
 pisar SD ITER outro R²-arrancar
 '...os papagaios tiraram o algodão (da canoa) e nisso o macaco pisou
 com os pés. E os papagaios tiraram outro de novo...'

2.8 PALAVRAS ASPECTUAIS

Aspecto ou modo de ação é uma categoria gramatical relacionada à estrutura temporal interna de uma situação (cf. TRASK, 1994). A expressão aspectual em Xikrín pode se dar por um conjunto de palavras que, em geral, ocupam, ou a posição inicial na sentença, ou a posição final, ou ainda pelo morfema zero. A seguir, mostramos algumas palavras expressando diferentes nuances aspectuais e seus significados. É uma categoria expressa lexicalmente, daí a considerarmos como modo de ação em Xikrín, deixando aspecto para línguas em que essa categoria encontra-se gramaticalizada como flexão verbal (cf. GUENTCHÉVA, 1996, 2007). A seguir apresentamos um quadro com as palavras aspectuais identificadas na língua Xikrín¹².

¹² Para um estudo aprofundado sobre aspecto em Xikrín, ver capítulo IX.

Quadro 14 – Palavras aspectuais

rāʔā	‘aspecto incompletivo’
ajbere	‘aspecto recém realizado’
ajte	‘aspecto iterativo’
kajǵo	‘aspecto frustrativo’
pa	‘aspecto frustrativo’
rāj	‘aspecto iminente’

2.9 PALAVRAS MODALIZADORAS

Palavras modalizadoras são usadas para exprimir o julgamento, a avaliação ou a atitude do falante com respeito ao conteúdo informacional. Em Xikrín, identificamos as seguintes palavras modalizadoras:¹³

Quadro 15 – Palavras modalizadoras

aj	‘hortativo’
ānē	‘assertivo’
kot	‘dúvida’
jabjere	‘dubitativo’
prak	‘probabilidade’
rāj	‘aspecto iminente’

2.10 INTERJEIÇÃO

Palavras de conteúdos exclamativos, as interjeições podem constituir um enunciado por si só e não ter nenhuma relação sintática com outros itens da oração com os quais pode eventualmente ocorrer (SHACHTER, 1996, P. 58).

As interjeições encontradas em Xikrín são as seguintes:

¹³ Sobre os diferentes tipos de modalidade, consultar capítulo IX.

Quadro 16 – Interjeições

tʃa!	‘passa (homem expulsando cachorro)’
dʒe!	‘passa (mulher expulsando cachorro)’
tɔ!	‘reprovação’; ‘surpresa’
dʒi!	‘dor’ (homem quando se queima)
eʔõ!’	‘espanto’ (mulheres)
eʔi!	‘espanto’ (homens)
tohukane	‘barulho de pedra arremessada’
pɔpɔp	‘barulho do bater das asas do gavião durante seu voo’
tʃaʃ	‘barulho da borduna sobre as folhas’
espécie de click línguo-palatal	‘descontetamento’
produção de um som ingressivo	‘concordância, afirmação (produzido só pelas mulheres)’

2.11 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Descrevemos neste capítulo as classes de palavras da língua Xikrín com base em critérios distribucionais, estruturais e semânticos. Vimos que nomes são subdivididos em relativos, descritivos e absolutos. Mostramos que a categoria gramatical de número em Xikrín é expressa por meio de formas *mẽ* ‘pluralizadores’, *õj* ‘coletivizador’ e *kwə* ‘pluralizador’ e a de gênero é realizada por meio de distintos temas conforme o gênero biológico do interlocutor e do locutor. Destacamos que os nomes recebem os sufixos derivacionais *-re* ‘atenuativo’ e *-ti* ‘intensivo’. Descrevemos, em Xikrín, os pronomes pessoais, demonstrativos, indefinidos reflexivos, recíprocos, além de palavras interrogativas. Mostramos nessa língua há verbos transitivos e intransitivos, os quais conforme os argumentos que exigem, podem ser classificados como transitivos bivalentes ou trivalentes e intransitivos monovalentes ou bivalentes. Constatamos, ainda, que alguns verbos transitivos e intransitivos dispõem de formas supletivas conforme o objeto direto daquele e o sujeito deste sejam singular ou plural, respectivamente. Mostramos que temas verbais podem receber sufixos derivacionais e se tornarem temas nominalizados. Também descrevemos as posições, os advérbios, as palavras aspectuais, modalizadoras, as conjunções e as interjeições. Por fim, constatamos que verbos transitivos, intransitivos nominalizados, nomes relativos e posições são as únicas classes de palavras flexionáveis, sendo as demais classes invariáveis.

CAPÍTULO III – FLEXÃO RELACIONAL

Neste capítulo tratamos da flexão relacional, que estabelece relações morfossintáticas de subordinação e de determinação entre temas subordinadores e seus respectivos determinantes. Fundamenta-se em um princípio de organização gramatical segundo o qual todo tema relativo tem que ser marcado por um determinante, de forma que se distingam dos temas absolutos, os quais, diferentemente dos primeiros, não entram em uma relação morfossintática direta com nenhum determinante, uma vez que sua semântica não o permite. A flexão relacional nas línguas Jê, assim como das outras línguas do tronco Macro-jê e de línguas de várias famílias do tronco Tupí, é responsável por manter historicamente padrões estruturais de ordem de palavras e de alterações nessas ordens acionadas por motivações pragmáticas, como veremos no decorrer deste capítulo. Há, dessa forma, uma relação intrínseca entre a flexão relacional e ordem da cadeia estrutural em que núcleos e seus complementos se distribuem. Nas próximas seções, descreveremos os prefixos relacionais, a partir de sua distribuição com os temas dependentes da língua Xikrín do Cateté (seção 3.1), apontamos e discorremos sobre as motivações que acionam a combinação de um tema com um ou outro prefixo relacional (3.2), mostramos como os prefixos relacionais do Xikrin do Cateté correspondem com os prefixos relacionais de outras variedades da língua Kayapó-Mëbengôkre e com línguas do Complexo Timbira, especialmente o Apinajé e o Krahô.

3.1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A FLEXÃO RELACIONAL

O processo morfossintático analisado como estabelecedor de relações de dependência e de contiguidade sintática entre temas determinantes e temas determinados foi identificado por Rodrigues em línguas do Tronco Tupí (1952, 1953, 1981, 1994, 1999, 2001, 2010), em línguas de famílias Macro-Jê (1999, 2001, 2010) e em línguas Karíb (1985). Entretanto, é nas famílias Tupí-Guaraní, Mawé, Mundurukú e Tuparí do tronco Tupí e nas famílias Jê e Maxakali do tronco Macro-Jê que os relacionais podem ser observados ativos sincronicamente, ao passo que em outras famílias do tronco Tupí e em várias famílias do tronco Macro-Jê os relacionais guardam apenas alguns vestígios inalisáveis devido a mudanças de função que alomorfes do que teriam sido prefixos relacionais sofreram em

conjunto ou devido a outras mudanças estruturais que ocorreram na história dessas línguas ou dos grupos de línguas que integravam (cf. CABRAL, em preparação).

A flexão relacional se manifesta nos temas dependentes das línguas, em que é ativa, por meio de prefixos. Para as línguas Tupí-Guaraní, são descritos três ou quatro prefixos relacionais, mas em algumas línguas só é possível a análise de dois relacionais; já nas línguas Jê são descritos dois ou três prefixos relacionais, dependendo do autor e/ou da língua.

Em seguida, sintetizamos o estudo sobre prefixos relacionais nas línguas da família Tupí-Guaraní de autoria de Cabral (2001), por este estudo focalizar o processo morfossintático que ocorre consistentemente em aproximadamente vinte línguas de diferentes subramos da família Tupí-Guaraní, e que fortalece a análise de Rodrigues desse processo como um processo morfossintático configurando-se como altamente funcional e importante para a identidade da gramática dessas línguas. Com essa retomada do estudo de Cabral, falaremos dos relacionais do Xikrín do Cateté na certeza de que eles não serão vistos como algo fácil de ser desafiado, ou seja, fácil de ser negado enquanto um fenômeno morfossintático de importância para as gramáticas das línguas Tupí e das línguas Jê.

Cabral (2001) argumenta que os dados das línguas Tupí-Guaraní sugerem que, "em um estágio anterior comum a todas essas línguas, os temas das classes **I** e **II** se subdividiam nas seguintes subclasses:"

As línguas e fontes usadas por Cabral em seu estudo foram as seguintes: Guaraní Antigo (GA): Ruiz de Montoya, 1876[1639/1640]; Restivo, 1892[1724]; Guaraní-Paraguay (GP): Krivoshein, 1983; Mbyá (Mb): Dooley, 1982, 1988, 1997; Cadogan, 1992; Kaiwá (Kw): Taylor, 1984; Chiriguano (Ch): Dietrich, 1986; Guarayo (Gu): Hoeller, 1932a, 1932b; Tupinambá (Tb): Anônimo, 1952[1621], 1953[1621]; Figueira, 1878[1687]; Língua Geral Amazônica (LGA): Tastevin, 1921; Asuriní do Tocantins (As-T): Nicholson, 1976; Harrison, 1960, 1986; Cabral, 1997); Parakanã (Pr): Rodrigues e Cabral, arquivos pessoais; Souza e Silva, 1999), Suruí (Su): Monserrat, arquivos pessoais; Tapirapé (Tp): Almeida *et al.*, 1983; Leite, 1990; 1995); Tembé (Tm): Boudin, 1978; Cabral, arquivos pessoais; Guajajara (Gj): Bendor-Samuel, 1972; Kayabí (Kb): Dobson, 1988, 1997; Weiss 1998; Asuriní do Xingú (As-X): Monserrat *et al.*, 1998; Rodrigues e Cabral, arquivos pessoais; Araweté (At): Vieira e Leite, 1998; Rodrigues e Cabral, arquivos pessoais; Parintintin (Pt): Betts, 1981; Kamayurá (Km): Seki, 1990; 2000); Wayampí do Amaparí (Wy-A): Jensen, 1989; Wayampí do Jarí (Wy-J): Jensen, 1989; Wayampí da Guyana Francesa (Wy-G): Grenand, 1980, 1989; Ka'apor (Kp): Kakumasu, 1983; Corrêa da Silva, 1997; Cabral, arquivos pessoais); Eméillon (Em):

Coudreau, 1892; Maurel, 1999; Couchili, Maurel e Queixalós, 2000; Jo'é (Jo): Cabral, 1996; 2000).

Apresentamos em seguida, o quadro dos relacionais que poderiam, segundo Cabral (2001) ter constituído o sistema de relacionais do Proto-Tupí-Guaraní. O quadro abaixo foi inspirado em Rodrigues 1981, publicado em Rodrigues 2010, que é um estudo sobre a estrutura da língua Tupinambá:

Quadro apresentado em Cabral 2001:

	1	2	3	4	Temas	Línguas
Classe I						
a)	∅-	i- ~ jo-	o- ∅-		boca; cabeça; ter.comprimento; para; sair; dormir; bater; amarrar	Tb; GA, Ch; Mb; Kw; Gu; Sr; As-T; Pr; Tp; Tm; Gj; Pt; Kj; Ar; As-X; Km; Jo; Em; Wj; Kp
b)	∅-	i-	o-	m-	mão; pé; dançar; ficar	Tb; GA, Ch; Mb; Kw; Gu; Sr; As-T; Tp; Tm; Gj; As-X; Km; Jo; Em; Wj;
Classe II						
a)	r- ~ n-	ts- ~ jots-		t-	olho; rosto; ser.alegre; ser.azedo; diante.de; estar.em movimento; ver	Tb; GA, Ch; Mb; Kw; Gu; Sr; As-T; Pr; Tp; Tm; T-Gj, Pt; Kj; Ar; As-X; Km; Jo; Em; Wj
b)	r- ~ n-	t-	o-	t-	pai; filho (em rel. a pai); vir	Tb; GA, Ch; Mb; Kw; Gu; Sr; As-T; Pr; Tp; Tm; Gj, Pt; Kj; Ar; As-X; Km; Jo; Em; Wj
c)	r- ~ n-	ts- ~ jots-	o-	t-	ser.ardido; lavar	Tb; GA, Ch; Mb; Kw; Gu; Sr; As-T; Pr; Tp; T-Tm; Gj, Pt; Kj; Ar; As-X; Km; Jo; Em; Wj
d)	r- ~ n-	ts-	o-	v → ∅-	caminho; defecar; cuia; emitir.gases	Tb; GA, Ch; Mb; Kw; Gu; Sr; As-T; Pr; Tp; Tm; Gj, Pt; Kj; Ar; As-X; Km; Jo; Em; Wj
e)	r- ~ n-	ts-	o-	ʔ-	casa; flecha	Tb; GA, Ch; Mb; Kw; Gu; Sr; As-T; Pr; Tp; Tm; Gj, Pt; Kj; Ar; As-X; Km; Wj

Como mostra o quadro acima, os temas das línguas da família Tupí-Guaraní se dividem em duas classes e cada uma dessas classes se subdividem em sub-classes, de acordo com a sua distribuição com os alomorfes de três dos prefixos relacionais, conforme descrito para o Tupinambá por Rodrigues (1981, 2010) e para a família Tupí-Guaraní por (Rodrigues (1985) e por Cabral (2001) e, ainda, para o tronco Tupí, consoante Rodrigues e Cabral (2012).

Cabral (2001) observa que a presença de quatro relacionais em línguas de todos os sub-ramos da família "é também indicativa de que os sistemas de relacionais com apenas dois ou três prefixos, presentes em algumas línguas, devem ser resultantes da redução de um sistema original mais complexo.

Cabral ressalva que várias das mudanças de natureza fonológica ou gramatical ocorridas nas línguas da família "teriam resultado na passagem de temas de uma classe ou de uma subclasse a outra, bem como na eliminação de algumas subclasses e/ou no surgimento de novas subclasses."Esta é uma observação também válida para a família Jê, como veremos adiante. Cabral (2001) observa que:

No Jo'é, por exemplo, com a desnasalização histórica das consoantes nasais em temas com acento oral (Cabral, 2000), a forma absoluta de temas da Classe II b, passou a ser obtida com a sonorização de /p/ (byter-a 'parte do meio' < R⁴-meio-ARG), isso nos casos em que não houve mudança de classe. O Ka'apor, como observado por Corrêa da Silva (1997:30), teve o seu sistema de relacionais extremamente reduzido com a perda do prefixo relacional 3, e de vários alomorfes dos prefixos 2 e 4 e com a conseqüente redução do número de subclasses da Classe II. Há vários casos de mudanças de classe de temas em diferentes línguas, como, por exemplo, em Jo'é, em que o alomorfe do prefixo 2 que ocorria em temas da Classe IIa foi reanalisado como parte de alguns temas que receberam uma vogal adicional e passaram para a subclasse IIe (h-ãj > -ahãj 'dente'). No Jo'é e no Eméillon, com o enfraquecimento de *ts para h ou ø, o alomorfe do prefixo 2 que ocorria em temas da Classe II se preservou enquanto h- quase só em temas monossilábicos. No Ka'apor, no Jo'é e no Eméillon, vários temas da classe I passaram a constituir uma subclasse distinta

Sobre a função da flexão relacional em línguas Tupí-Guaraní, Cabral retoma o que dissera Rodrigues em estudo de (1996), que a função dos prefixos relacionais é a de marcar tanto a contiguidade como a não contiguidade sintática de um determinante com respeito ao elemento por ele determinado. Para Cabral, isso quer dizer que a flexão relacional marca "as relações de dependência desenvolvidas entre os dois, ou seja, as relações de dependência que unem sujeito/verbo intransitivo, objeto/verbo transitivo, objeto/posição e genitivo/nome." Cabral acrescenta que "Em todas essas combinações, o elemento núcleo é obrigatoriamente marcado por prefixos relacionais." Cabral ressalta ainda que os temas flexionáveis que não

recebem prefixos relacionais, tais quais os nomes de animais, nomes de plantas, e nomes de certos elementos da natureza não podem funcionar como núcleo nessas combinações.

Para Cabral, a flexão relacional encontrada nas línguas Tupí-Guaraní constitui uma estratégia para "licenciar, na sintaxe, o que no léxico é relativo, ou seja, o que está fadado a ser relacionado a um determinante." Por outro lado, consoante Cabral, "Contrariamente aos elementos lexicais relativos, os elementos não-relativos (absolutos) são livres para operarem na sintaxe, porém não como elemento dependente."

Assim, como já descrevera Rodrigues para o Tupinambá, nas línguas Tupí-Guaraní, Cabral ressalva que "raízes verbais, posposições e nomes possuíveis são os elementos lexicais relativos, e raízes nominais não-possuíveis e dêíticos são os elementos absolutos." Segundo Cabral, todos esses elementos "têm em comum a propriedade de funcionar como argumento e como predicado, o que os distingue dos outros elementos listados no léxico, os quais são de natureza gramatical (partículas e afixos)."

Cabral acentua ainda que as estruturas resultantes da flexão relacional têm em comum um núcleo flexionado por um prefixo relacional, que pode ser um prefixo que exija uma expressão sintática do determinante: (i) [NOM R¹-NÚCLEO], ou que exclua a possibilidade de uma expressão sintática do determinante: -(ii) (NOM) [R²-NÚCLEO] (NOM)). O relacional pode ainda combinar-se com um tema para marcar que o determinante deste é genérico ou humano: [R⁴-NÚCLEO]). Finalmente, o relacional pode indicar que o determinante de um tema é correferente com o sujeito da oração principal: (iii) [R³-NÚCLEO]. Assim, segundo Cabral, o relacional **1** exige que o determinante se posicione imediatamente à esquerda do núcleo e forme com este uma unidade sintática (exemplos 1-4); o relacional **2** permite a expressão sintática do determinante, porém fora do sintagma verbal (exemplos 5-10); o relacional **3** indica que o determinante de um núcleo é correferente com o sujeito da oração principal, o qual pode ou não estar sintaticamente presente no contexto oracional (exemplos 11-12); e o relacional **4** especifica que o determinante de um núcleo é genérico e humano e exclui a expressão sintática desse determinante (exemplos 13-14).

Os exemplos apresentados por Cabral são os seguintes. Mantemos a numeração dos exemplos no texto original:

Asuriní do Tocantins**[NOM R¹-NÚCLEO]**

- “””1) [Mo'ýr-a r-ów-a] 2) [Mo'ýr-a ø-pý-a]
 Mo'ýr-ARG R¹-pai-ARG Mo'ýr-ARG R¹-pé-ARG
 'pai de Mo'ýra' (Cabral, arquivos pessoais) 'pé de Mo'ýra' (Cabral, arquivos pessoais)

- 3) a-há [ka'á-ø r-opí] Raká
 2-ir mato-ARG R²-pelo EPIST
 'ele foi pelo mato' (Cabral, arquivos pessoais)

- 4) ón [[Mo'ýr-a r-áŋ-a] ø-hí]
 3.vir Mo'ýr-ARG R¹-casa-ARG R¹-afastando-se.de
 'ele veio da casa de Mo'ýra' (Cabral, arquivos pessoais)

[R²-NÚCLEO]

- 5) [i-pý-a] 6) [t-ów-a]
 R²-pé-ARG R²-pai-ARG
 'pé dele(s)/dela(s)' (Cabral, arquivos pessoais) 'pai dele(s)/dela(s)' (Cabral, arquivos pessoais)

- 7) [i-hí] 8) ón [i-soká-w] sawár-a
 R²-afastando-se.de 3.vir R-matar-GER onça
 'afastando-se dela(s)/dele(s)' (Cabral, arquivos pessoais) 'ele veio pra matar onça' ou 'ele veio para o matar da onça' (Cabral, arquivos pessoais)

- 9) ón sawár-a [i-soká-w] 10) [h-opí]
 3.vir onça- R-matar- R²-por
 ARG GER
 'ele veio para matar onça' ou 'ele veio para o matar da onça' (Cabral, arquivos pessoais) 'por ele(s)/ela(s)' (Cabral, arquivos pessoais)

[R³-NÚCLEO]

- | | |
|---|---|
| 11) [o-pý-a]
R ³ -pé-ARG
'seu próprio pé' (Cabral, arquivos
pessoais) | 12) [o-hý-a]
R ³ -mãe-ARG
'sua própria mãe' (Cabral,
arquivos pessoais) |
|---|---|

[R⁴-NÚCLEO]

- | | |
|--|---|
| 13) mý-a
m-pý-a
R ⁴ -pé-ARG

'pé (de gente)' (Cabral, arquivos
pessoais) | 14) 'áη-a
R ⁴ -casa-ARG
'casa (de gente)' (Cabral,
arquivos pessoais) |
|--|---|

Cabral ressalta o fato de que os prefixos relacionais **1**, **2**, **3** e **4** têm sido interpretados por alguns autores como prefixos funcionalmente dissociados uns dos outros. Para tais autores, o prefixo **1** e o prefixo **2**, por exemplo, têm sido rotulados respectivamente de *linker* e de marca de terceira pessoa por Jensen (1990; 1997) e por Payne (1994). O prefixo **1** é analisado por Dobson (1988) e por Nicholson (1977) como marca de objeto e o prefixo **2** ora é analisado como marca de posse, ora como terceira pessoa sujeito, ora como terceira pessoa objeto. Jensen (1990; 1997; 1999) inclui o prefixo relacional **2** no mesmo conjunto de marcas pessoais independentes que ela reconstrói para o pTG : (čé (r) '1sg'; oré (r) '1 excl. '; jané (r) '1 incl'; né (r) '2sg. '; pé (r) '2pl'; i- ~ ts- ~ t- '3' (Jensen, 1999:147). Quanto ao relacional **4**, poucos são os linguistas que o têm identificado como elemento morfológico.

Para Cabral, "interpretações dos prefixos relacionais como marcas dissociadas uma das outras não se sustentam", uma vez que "são mutuamente exclusivos, o que constitui uma das bases para a análise desses prefixos como membros de um mesmo paradigma flexional."

Para Cabral, "A análise do relacional **2** como uma marca pessoal integrando um paradigma de pronomes independentes é problemática, pois viola princípios de análise linguística e nega o comportamento de mútua exclusividade dos prefixos". Cabral ilustra isso com os seguintes exemplos do Asuriní do Tocantins:

As-T	Tema da classe I		
	Akwapičína	∅-hý-a	‘mãe de Akwapičína’
(isé)	Sé	∅-hý-a	‘minha mãe’
(ené)	Né	∅-hý-a	‘tua mãe’
(sané)	Sané	∅-hý-a	‘nossa (incl.) mãe’
(oré)	Oré	∅-hý-a	‘nossa (excl.) mãe’
(pé)	Pé	∅-hý-a	‘vossa (excl.) mãe’
--	--	i-hý-a	‘mãe de alguém’
--	--	o-hý-a	‘sua própria mãe’
--	--	∅-hý-a	‘mãe (de gente)’

	Tema da classe II		
	Akwapičína	r-ów-a	‘pai de Akwapičína’
(isé)	Sé	r-ów-a	‘meu pai’
(ené)	Né	r-ów-a	‘teu pai’
(sané)	Sané	r-ów-a	‘nosso (incl.) pai’
(oré)	Oré	r-ów-a	‘nosso (excl.) pai’
(pé)	Pé	r-ów-a	‘vossa (excl.) pai’
--	--	t-ów-a	‘pai de alguém’
--	--	o-ów-a	‘seu próprio pai’
--	--	t-ów-a	‘pai (de gente)’

O papel da flexão relacional na organização da gramática das línguas da família Tupí-Guaraní demonstrado em Cabral (2001) serve de referência para a análise do papel da flexão relacional na gramática da língua Xikrín. Como veremos na seção seguinte, a flexão relacional do Xikrín obedece aos mesmos princípios que orientam, em Tupí-Guaraní, a distribuição de temas relativos com prefixos relacionais em função da contiguidade ou não dos seus respectivos determinantes.

3.2 OS PREFIXOS RELACIONAIS DO XIKRÍN E AS CLASSES DE TEMAS FLEXIONADOS

Em Xikrín, como nas línguas da família Tupí-Guaraní, há um conjunto de prefixos relacionais, que estabelecem relações de dependência e de subordinação entre temas relativos e seus determinantes. Os prefixos relacionais se combinam, assim, com temas relativos. Cognatos dos prefixos relacionais do Xikrín foram analisados também como prefixos relacionais em Krahô (cf., por exemplos, souza (1990), Miranda (2010 e 2014), Panará Dourado (1993 e 2001), Apãniekrá Alves (2004), Suya Santos (1997), Kayapó Borges (1995 e 1996) e Parkatêjê Ferreira (2003).

Em Xikrín, como em Tupí-Guaraní, a distribuição dos prefixos relacionais serve de critério para a divisão dos temas relativos, ou seja, temas que necessitam de determinantes, como nomes das partes do corpo humano ou das partes do corpo de animais; nomes que se referem a relações de parentesco, às partes de plantas, às sensações, a verbos transitivos, a verbos intransitivos (não ativos) e a posposições, em classes temáticas. Estas classes se dividem, por sua vez, em subclasses, como veremos a seguir. Costa (2001) e Cabral e Costa (2003) descrevem três prefixos relacionais para a língua Xikrín, cada qual com seus alomorfes:

- O prefixo R^1 sinaliza que o determinante está adjacente ou contíguo imediatamente à esquerda de seu núcleo formando com ele uma unidade sintática;
- o prefixo R^2 indica que o determinante foi deslocado do sintagma de dependência ou simplesmente não foi expresso nesse sintagma, não constituindo, assim, uma unidade sintática com o seu determinado;
- o prefixo R^4 indica que o determinante, não expresso no sintagma de dependência, é um ser genérico e humano.

Neste estudo, diferentemente do que foi descrito por Costa (2001) e Cabral e Costa (2003), assumimos que o Xikrín apresenta apenas dois prefixos relacionais, o R^1 e o R^2 .

A distribuição dos alomorfes do prefixo relacional R^1 com os temas dependentes são a base para dividi-los em duas classes distintas, classe I e a classe II. Os temas que se

combinam com os alomorfes **j-**, **ɲ-**, **dʒ-** e **∅-** do prefixo **R¹** são os temas da classe I. O alomorfe **j-** ocorre com temas iniciados pela vogal baixa central oral /a/, **ɲ-** ocorre diante de temas iniciados pela vogal anterior, alta, não-arredondada /i/, e diante de vogais nasais, **dʒ-** liga-se a temas iniciados por /u/, /w/ e /ʌ/ e **∅-** ocorre diante de alguns temas posposicionais iniciados por vogal. Os temas da classe II se combinam com o alomorfe **∅-** do mesmo prefixo **R¹**. O prefixo relacional **R²** tem dois alomorfes, **∅-** e **ku-**. Os temas da Classe I se combinam com o alomorfe **∅-** do relacional **R²**. Com relação aos temas da classe II, uma parte deles se combina com o alomorfe **∅-**, enquanto outra parte se combina com o alomorfe **ku-**, distinguindo assim duas subclasses de temas, subclasse IIa e subclasse IIb.

O alomorfe **ku-** alterna com uma forma **a-** quando sinaliza o argumento interno de certos verbos transitivos com sujeito de segunda pessoa, e não forma com este uma unidade sintática, seja por ter sido deslocado do sintagma de dependência, seja por ter sido omitido por razões discursivo-pragmáticas. É importante pontuar aqui que o alomorfe **ku-** do prefixo **R²** da classe II liga-se apenas a certos temas transitivos e a algumas posições, enquanto o alomorfe **∅-** desse mesmo prefixo ocorre com temas nominais, verbais transitivos, verbais intransitivos (não ativos) e posposicionais.

A seguir, apresentamos o quadro dos prefixos relacionais conforme sua distribuição com os temas relativos dividindo-os em duas classes, as classes I e II e, depois, ilustramos a ocorrência desses prefixos e seus respectivos alomorfes.

Quadro 17 – Prefixos relacionais do Xikrín

Distribuição dos prefixos relacionais do Xikrín						
	Classe I				Classe II	
	Ia	Ib	Ic	Id	IIa	IIb
1. Contiguidade	j-	ɲ-	dʒ-	∅-	∅-	∅-
2. Não-contiguidade	∅-	∅-	∅-	∅-	∅-	ku- (~ a-)

Abaixo, são apresentados exemplos da ocorrência de prefixos relacionais em temas nominais, verbais e posposicionais da classe I e de suas respectivas subclasses.

CLASSE I

3.2.1 Flexão relacional em temas nominais

Classe I, subclasse a + R¹

312. mēnire **j**-ape
mulher R¹-boca
‘boca de mulher’

313. mēprĩre **j**-amak
criança R¹-orelha
‘orelha de criança’

313. i **j**-arakre
1 R¹-axila
‘minha axila’

314. a **j**-arakre
2 R¹-axila
‘tua axila’

315. a **j**-aboro
2 R¹-costas
‘tuas costas’

Classe I, subclasse a + R²
--

316. \emptyset -apeR²-boca

‘boca dela’

317. \emptyset -amakR²-orelha

‘orelha dele/dela’

318. \emptyset -arakreR²-axila

‘axila desse/dessa’

319. \emptyset -aboroR²-costas

‘costas dele/dela’

Nos exemplos de (312-315) o alomorfe **j-** do relacional **R¹** flexiona os nomes *boca*, *orelha*, *axila* e *costas*, para indicar que estes nomes formam com seus determinantes uma unidade sintática; nos exemplos de (316-319) estes nomes recebem o prefixo relacional **R²**, isto é, \emptyset - pois os seus determinantes sintáticos não formam com eles uma unidade sintática.

Os exemplos seguintes, de (320-323), evidenciam a ocorrência dos prefixos relacionais com temas das subclasses b) da classe I:

Classe I, subclasse b + -R¹

320. i **j-**ikɔp1 R¹-unha

‘minha unha’

321. mri ɲ-ĩ
 animal R¹-carne
 ‘carne de animal’

322. mri ɲ-õto
 animal R¹-língua
 ‘língua do animal’

323. i ɲ-õmje
 1 R¹-peito
 ‘meu peito’

Classe I, subclasse b + R²
--

324. Ø-ikɔp
 R²-unha
 ‘unha desse/dessa’

325. Ø-ĩ
 R²-carne
 ‘carne desse/dessa’

326. Ø-õto
 R²-língua
 ‘língua dele’

327. Ø-õmje
 R²-peito
 ‘peito desse/dessa’

Como pode ser visto nos exemplos de (320-323) os temas flexionáveis *unha*, *carne*, *língua* e *peito* estão contíguos ao seus respectivos determinantes. Por essa razão recebem o prefixo relacional R¹. Por outro lado, nos exemplos de (324-327), o prefixo que flexiona os temas nominais é o prefixo R², que sinaliza a não contiguidade desses mesmos nomes com os seus respectivos determinantes.

Em seguida, apresentamos exemplos ilustrativos da combinação de temas da classe I, subclasse c com os alomorfes dos prefixos **R¹** e **R²**.

Classe I, subclasse c + R¹
--

328. mẽprĩre **d3**-wa
 criança R¹-dente
 ‘dente da criança’

329. kue **d3**-uru
 furúnculo R¹-pus
 ‘pus do furúnculo’

330. mĩ **d3**-uru
 animal R¹-pus
 ‘pus de animal’

331. i **d3**-umreŋet
 1 R¹-sogro
 ‘meu sogro’

332. i d₃-ud₃wə
 1 R¹-cunhado
 ‘meu cunhado’

Classe I, subclasse c + R²
--

333. Ø-wa
 R²-dente
 ‘o dente dela (da criança)’

334. Ø-uru
 R²-pus
 ‘o pus dele (do furúnculo)’

335. Ø-uru
 R²-pus
 ‘o pus dele (do animal)’

336. Ø-umreŋet
 R²-sogro
 ‘o sogro desse/dessa’

337. Ø-ud₃wə
 R²-cunhado
 ‘cunhado desse/dessa’

Os exemplos de (328-332) ilustram a ocorrência do prefixo relacional de contiguidade no tema relativo, enquanto os temas de (333-337) se combinam com o prefixo de não contiguidade.

3.2.2 Flexão relacional em temas verbais transitivos

Os prefixos relacionais combinam-se com núcleo de temas transitivos para expressar a relação obrigatória destes com seus argumentos internos. Se o argumento interno estiver justaposto ao núcleo, formando com este uma unidade sintática, os temas verbais da classe I recebem um dos alomorfes do prefixo R^1 , de acordo com a qualidade da vogal inicial do tema verbal, o que permite subdividir as classes de temas verbais em três subclasses, a saber, a classe Ia, a classe Ib e a classe Ic. Os exemplos de (338-343) ilustram a ocorrência do prefixo R^1 da subclasses Ia, já que os argumentos internos dos temas *furar*, *xingar*, *estender*, *colocar*, *pintar* e *assustar* estão imediatamente contíguos à esquerda constituindo com eles uma unidade sintática. Entretanto, se o argumento interno do tema transitivo não estiver expresso sintaticamente, por ter sido mencionado anteriormente ou por estar evidente a partir do contexto pragmático, ou ainda se estiver deslocado do sintagma de dependência, o prefixo R^2 será acionado, para sinalizar que núcleo e argumento interno não formam uma unidade sintática, como nos exemplos de (344-349).

Classe I, subclasse a + R^1

338. ba na ba a \emptyset -te j-apok
 1 RLS 1 2 R^1 -perna R^1 -furar
 ‘Eu furei a tua perna ’

339 ba na kubẽ j-apɾɿ
 1 RLS não indígena R^1 -xingar
 ‘eu xinguei o não índio ’

340. ba na ba kubẽ \emptyset -kɿ j-ɿɿo
 1 RLS 1 não indígena R^1 -pele R^1 -estender
 ‘eu estendi a roupa ’

341. ba na ba ɿo \emptyset -kãm berɿ j-adwɿ
 1SG.ENF RLS 1 rio R^1 -LOC puba R^1 -colocar
 ‘eu coloquei a mandioca de molho no rio’

342. mēnire na a j-ok
mulher RLS 2 R¹-pintar
‘a mulher pintou você’

343. ba rɔp j-ae
1 cachorro R¹-assustar
‘eu assustei o cachorro’

Classe I, subclasse a + R²
--

344. a Ø-te na ba Ø-apok
2 R²-perna RLS 1 R²-furar
‘a tua perna, eu a furei’

345. kubě na ba Ø-apɾa
não indígena RLS 1 R²-xingar
‘eu xinguei o não indígena’

346. kubě Ø-kɾa na ba Ø-aɲo
não indígena R¹-pele RLS 1 R²-estender
‘a roupa, eu a estendi’

347. ba na ba ɲo Ø-kām Ø-adwə
1 RLS 1 rio R¹-LOC R²-colocar
‘eu a coloquei de molho no rio’

348. mēnire na Ø-ʔok
mulher RLS R²-pintar
‘a mulher o pintou’

349. ba \emptyset -ae
 1 R²-assustar
 ‘eu o assustei’

Os exemplos de (350-353) ilustram os temas verbais *fazer*, *derrubar*, *cortar cabelo* e *cortar em pedaços* da subclasse Ib combinados com o prefixo relacional R¹. Esta combinação ocorre porque os respectivos argumentos internos desses verbos formam com eles uma unidade sintática. Já nos exemplos de (354-357) os argumentos internos desses verbos não formam com eles uma unidade sintática, motivo pelo qual o tema verbal está sinalizado pelo prefixo relacional R².

Classe I, subclasse b + R¹
--

350. bəbdzari na kλ **ɲ**-ipej
 Bep Djari RLS paneiro R¹-fazer
 ‘BepDjari faz paneiro’
351. kubē na pĩ **ɲ**-ikota
 não indígena RLS árvore R¹-derrubar
 ‘o não indígena derrubou a árvore’
352. ba dʒa ba mēnõrõni **ɲ**-itep
 1 IRRLS 1 jovem R¹-cortar.cabelo
 ‘eu vou cortar o cabelo do jovem’
353. mēni na tep **ɲ**-ire
 mulher RLS peixe R¹-cortar.em pedaços
 ‘a mulher cortou o peixe em pedaços’

Classe I, subclasse b + R²
--

354. bəbdzari na Ø-ipej
 Bep Djari RLS R²-fazer
 ‘Bep Djari a faz’
355. pĩ na kubē Ø-ikota
 árvore RLS não indígena R²-derrubar
 ‘a árvore, o não indígena a derrubou’
356. ba dʒa ba Ø-itəp
 1 IRRLS 1 R²-cortar. Cabelo
 ‘eu vou cortar o cabelo dele’
357. tɛp mēni Ø-ire
 peixe mulher R²-cortar. em pedaços
 ‘o peixe, a mulher o cortou em pedaços’

Os exemplos de (358-360) exemplificam os temas verbais *pendurar no pescoço*, *amolar* e *flechar* da subclasse Ic combinados com o prefixo relacional R¹. Nos exemplos de (361-363), os argumentos internos desses verbos não formam com eles uma unidade sintática, motivo pelo qual o tema verbal está sinalizado pelo prefixo relacional R².

Classe I, subclasse c + R¹
--

358. ba i ɲ-ōkrɛdʒe dʒ-upje
 1 1 R¹-colar R¹-pendurar.no pescoço
 ‘eu pendurei meu colar no pescoço’

359. ga na ga a n-õ kΛj dʒ-waŋɾΛ
 2 RLS 2 2 R¹-pertence facção R¹-amolar
 ‘você amolou o seu facção’

360. ga na ga tɛp dʒ-Λɲwə
 2 RLS 2 peixe R¹-flechar
 ‘você flechou o peixe’

Classe I, subclasse c + R²
--

361. na ba Ø-upje
 RLS 1 R²-pendurar no pescoço
 ‘eu o pendurei no pescoço’

362. arəp na ga Ø-waŋɾΛ
 já RLS 2 R²-amolar
 ‘você já o amolou’

363. tɛp na ga Ø-Λɲwə
 peixe RLS 2 R²-flechar
 ‘você flechou o peixe’

3.2.3 Flexão relacional em temas verbais intransitivos

Além de flexionarem nomes relativos e verbos transitivos, os prefixos relacionais também se combinam com verbos intransitivos quando estes são nominalizados. Os exemplos (364-365) mostram que os argumentos dos temas *voltar* e *sair* estão contíguos formando com esses temas uma unidade sintática, razão pela qual estes últimos recebem o prefixo R¹,

enquanto nos exemplos de (366-367) os mesmos temas se combinam com o prefixo R^2 , pois seus respectivos argumentos não estão contíguos.

Classe I, subclasse a + R^1

364. a j-akěj-∅- ket
 2 R^1 -voltar-NLZ NEG
 ‘não houve o teu voltar’

365. məkām na ga mē a j-apoj-∅- ket
 por que RLS 2 PL 2 R^1 -sair-NLZ NEG
 ‘por que não há o sair de vocês?’

Classe I, subclasse a + R^2

366. ∅-akěj-∅ ket
 R^2 -voltar-NLZ NEG
 ‘não houve o voltar dele’

367. ta w̃a na ∅-apoj-∅ bi
 3 DEM.DIST RLS R^2 -sair-NLZ só
 ‘há só o sair daqueles’

A seguir, apresentamos os prefixos relacionais ocorrendo em outras subclasses da classe I. Nos exemplos (368-369) o alomorfe **n-**do prefixo relacional R^1 , flexiona os tema *dormir*, *deitar* pois este pertence a subclasse Ib, e os temas de (370-371) são marcados pelo morfema **∅-**para indicar a não contiguidade do argumento com respeito ao verbo. Em (372-373) os temas *respirar* e *soprar* são marcados pelo alomorfe **dz-**, o qual indica que estes temas pertencem à subclasse Ic e, ainda, que seus determinantes estão contíguos no sintagma de dependência. Nos exemplos em (374-375) estes mesmo temas recebem o prefixo R^2 - pois não constituem com seus determinantes uma unidade sintática.

Classe I, subclasse b + R¹
--

368. i ɲ-õt Ø-kumɛj
 1 R¹-dormir.NLZ R¹-QUANT
 ‘houve o meu dormir em grande quantidade’

369. mē i ɲ-ikw̃a-Ø ket
 PL 1 R¹-deitar-NLZ NEG
 ‘não houve nosso deitar’

Classe I, subclasse b + R²
--

370. mēbeɲej na Ø-õt Ø-kumɛj
 velha RLS R²-dormir-NLZ R²-QUANT
 ‘houveo dormir da velha em grande quantidade’

371. Ø-ikw̃a-Ø ket
 R²-deitar.PL- NLZ NEG
 ‘não houve o deitar dela’

Classe I, subclasse c + R¹
--

372. ga na ga a dʒ-ʌptoro ket
 2 RLS 2 2 R¹-cuspir NEG
 ‘não houve o teu cuspir’

373. kok dʒ-ʌbere Ø-təj
 vento R¹-sopro R¹-forte

‘há o sopro forte do vento’ ‘(o
vento sopra forte’

Classe I, subclasse c + R²
--

374. \emptyset - Λ pto-ro ket
R²-cuspir-NLZ NEG
‘não houve o cuspir dele’

375. kok na \emptyset - Λ bere \emptyset -təj
vento RLS R²-sopro R¹-forte
‘há a força do sopro do vento’

3.2.4 Flexão relacional em temas posposicionais

As posposições, que constituem uma classe fechada de palavras, recebem flexão relacional para estabelecer relação de dependência com seus complementos obrigatórios. Nesse aspecto morfossintático, se assemelham aos nomes relativos, aos verbos transitivos e aos intransitivos (não ativos). Entretanto, o sintagma posposicional se diferencia do sintagma nominal por não constituir um argumento nuclear; e sim um sintagma periférico,

Até o presente, identificamos as seguintes posposições da classe I:

- a posposição **-ã** . que pertence à subclasse Ia por se combinar com o alomorfe **j-** do prefixo R¹, quando seu determinante é um pronominal. Quando seu determinante é um nominal, essa posposição é marcada pelo alomorfe \emptyset - do prefixo R¹.
- as posposições **-ibi** e **-iukri**, que pertencem à subclasse Ib por se combinarem com o alomorfe **ɲ-** do prefixo R¹.
- A posição **-wəɾɿp**, que pertence à subclasse Ic por se combinarem com o alomorfe **dʒ-** do prefixo R¹.
- As posposições **-əɾə/-wəɾə**, **-ɔ**, que pertencem à subclasse Id por se combinarem com alomorfe \emptyset - do prefixo R¹.

Classe I, subclasse a + R¹
--

376. mēnirɛ na a j-ã Ø-keket
mulher RLS 2 R¹-EM RELAÇÃO A R²-riso
‘houve o riso de você (pela) mulher’

Classe I, subclasse a + R²
--

377. mēnirɛ na Ø-ã Ø-keket
mulher RLS R²-EM RELAÇÃO A R²-riso
‘houve o riso dele (pela) mulher’

Classe I, subclasse c + R¹
--

378. mēprirɛ na mē ŋo ɲ-ibi Ø-arĩ
menino RLS PL rio R¹-sobre R²-pulo
‘houve o pulo das crianças sobre o rio’

379. a Ø-bitfae-re ɲ-iukri na ga dʒwa
2 R¹-brincar-NLZ R¹-DEPOIS DE RLS 2 banhar
‘depois de tua brincadeira, tu banhaste’

Classe I, subclasse Ic + R²

380. mēprirɛ na mē Ø-ibi Ø-arĩ
menino RLS PL R²-SOBRE R²-pulo
‘houve o pulo das crianças nele (rio)’

381. ‘...ba profesoh lusivawdo Ø-mã amĩ Ø-bipti-ri j-arẽ
 1 professor Lucivaldo R¹-DIRET REFL R¹-sonhar-NLZ R¹-dizer
 nũm arəp ku-dʒʌ Ø-iukri ku-tɛ piʔok Ø-kãm Ø-ipej...’
 SD já R²-gravar R²-DEPOIS DE R²-OBL folha R¹-LOC R²-fazer
 ‘...eu contei meu próprio sonho para o professor Lucivaldo e ele o gravou.
 depois ele vai escrevê-lo no papel...’ (Kenpoti, 2012)

CLASSE II

3.2.5 Flexão relacional em temas nominais, verbais e posposicionais

Abaixo apresentamos exemplos de temas nominais, verbais e posposicionais da classe II flexionados pelos prefixos relacionais, observando que os temas da subclasse IIa flexionam o alomorfe Ø- tanto do prefixo R¹, quanto do R², ao passo que na subclasse IIb os temas recebem o alomorfe **ku-** do prefixo relacional R², como já foi descrito acima.

Nomes

Classe II, subclasse a + R¹

382. guba Ø-nã
 1+2 R¹-mãe
 ‘mãe de nós dois’
383. bep nĩrĩti Ø-nã
 Bep Nhõrõ-Ti R¹-mãe
 ‘a mãe do Bep Nhõrõ-Ti’

384. i \emptyset -no
 1 R¹-olho
 ‘meu olho’

385. rɔpkrɔri \emptyset -no
 onça R¹-olho
 ‘olho da onça’

Classe II, subclasse a + R²

386. \emptyset -nã
 R²-mãe
 ‘mãe dele’

387. \emptyset -no
 R²-olho
 ‘olho dela’

388. \emptyset -kra
 R²-filho
 ‘filho dele’

389. \emptyset -bãm
 R²-pai
 ‘pai dele’

Verbos transitivos

Classe II, subclasse a + R¹

390. ba na ba pĩ \emptyset -krãta
 1 RLS 1 pau R¹-cortar
 ‘eu cortei pau’

391. ba na ba pidʒo Ø-kudjo-j Ø-ɔ pĩ
 1 RLS 1 fruta R¹-descascar R¹-ASSOC.INSTR estar. sentado
 ‘eu estou descascando a fruta’

392. mẽmi na rɔp Ø-tak
 homem RLS cachorro R¹-bater
 ‘o homem bateu no cachorro’

Classe II, subclasse a + R²

393. dʒa ba Ø-tak pũm Ø-prõn
 IRRLS 1 R²-bater SD R²-corrida
 ‘se eu bater nele, ele correrá’

394. mẽmi na rɔp Ø-mũ nẽ Ø-kãm Ø-tak
 homem RLS cachorro R¹-ver MS R²-LOC R²-bater
 ‘o homem viu o cachorro e bateu nele’

Verbos intransitivos

Classe II, subclasse a + R¹

395. ga na ga a Ø-tẽ-m ket
 2 RLS 2 2 R¹-ir/vir-NLZ NEG
 ‘não houve o teu ir’

396. ba na ba i \emptyset -boj- \emptyset ket rã?ã
 1 RLS 1 1 R¹-chegar-NLZ NEG ainda
 ‘ainda não houve o meu chegar’

Classe II, subclasse a + R²

- 397 ta wã na \emptyset -tê-m ket
 3 DEM.DIST RLS R²-ir/vir-NLZ NEG
 ‘não houve o ir dele’

398. benadzɔwəɔ na \emptyset -boj- \emptyset ket rã?ã
 cacique RLS R²-chegar-NLZ NEG ainda
 ‘ainda não houve o chegar do cacique’

Posposições

As posposições que integram a subclasse IIa são flexionadas pelo alomorfe \emptyset - tanto do prefixo R¹, quanto do R². Abaixo são apresentados exemplos com algumas posposições dessa subclasse.

Classe II, subclasse a + R¹

399. mēnirɛ na krĩ \emptyset -kurũm tẽ
 mulher RLS aldeia R¹-ABLAT ir/vir
 ‘a mulher veio da aldeia’

400. ba a \emptyset -kuri dza
 1 2 R¹-LOC estar.em.pé
 ‘eu estou ao teu lado’

Classe II, subclasse a + R²

401. krĩ na mēnirē ∅-kurũm tē
 aldeia RLS mulher R²-LOC ir/vir
 ‘foi da aldeia que a mulher veio’

402. ba na ba ∅-kuri dʒa
 1 RLS 1 R²-LOC estar.em.pé
 ‘eu estou do lado dela’

Classe II, subclasse b + R¹

Pertencem à subclasse b, temas verbais transitivos e temas posposicionais que recebem o alomorfe **ku-** do prefixo relacional R².

Verbos transitivos

Classe II, subclasse b + R¹

403. rɔma na piʔi ∅-kukwə ku-ŋã pãj
 Roma RLS castanha R¹-cortar R²-dar em troca
 piʔokapĩ ∅-bi ajtē ∅-kukwə
 dinheiro R¹-pegar de novo R²-cortar
 ‘Roma cortou castanha. vendeu-a. Recebeu dinheiro em troca e cortou novamente (castanha)’

404. i ∅-bãm na bʌ ∅-kãm tē kukrit ∅-bĩ
 1 R¹-pai RLS floresta R¹-LOC ir/vir anta R¹-matar
 ɲũm kãm i ∅-ɲirua ku-tep kwərə j-are
 SD nisso 1 R¹-mãe R²-esperar mandioca R¹-arrancar
 ku-ke nē ∅-une ku-tep-∅ ∅-ɔ ɲĩ
 R²-ralar MS R²-espremer R²-esperar-NLZ R¹-ASSOC.INSTR estar.sentado
 ɲũm ∅-ərə boj

SD R²-DIR chegar

‘Meu pai foi caçar e matou uma anta e minha mãe o esperou. Ela arrancou mandioca.

‘a ralou e a espremeu e esperou (meu pai). E depois ele a encontrou

Classe II, subclasse b + R²

405. rōma na piʔi Ø-kukwə **ku-ŋã** pāj
 Roma RLS castanha R¹-cortar R²-dar em troca

piʔokapĩ Ø-bi ajte Ø-kukwə
 dinheiro R¹-pegar de novo R²-cortar

‘Roma cortou castanha, a vendeu, recebeu
 dinheiro em troca e a cortou novamente’

406. i Ø-bām na bΛ Ø-kām tē kukrit Ø-bĩ
 1 R¹-pai RLS floresta R¹-LOC ir/vir anta R¹-matar

nũm Ø-kām i Ø-pirua **ku-tep** kwəɾə j-are

SD R¹-LOC 1 R¹-mãe R²-esperar mandioca R¹-arrancar
ku-ke nẽ Ø-une **ku-tep-Ø** Ø-ɔ jĩ

R²-ralar MS R²-espremer R²-esperar-NLZ progr estar. sentado
 nũm Ø-əɾə boj

SD R²-DIR chegar

‘meu pai foi caçar e matou anta e minha mãe o esperou. Ela arrancou mandioca, a
 ralou e a espremeu e o esperou e depois ele a encontrou’

407. ga na ga kruwa ta wã Ø-mã **a-ŋã**
 2 RLS 2 flecha 3 DEM.DIST R¹-DIRET R²-dar

‘você deu flecha para aquele’

408. ga **a-bĩ**
 2 R²-matar

‘você o matou’

Posposições

Até o presente, encontramos três posposições ocorrendo na subclasse IIb, a posposições **-mã**, **-be** e **-te**. Essas posposições são flexionadas pelo alomorfe \emptyset - do prefixo R¹ e pelo alomorfe **ku-** do prefixo R². Abaixo, seguem exemplos de ocorrência dessas posposições.

Classe II, subclasse b + R¹

409. mēnire \emptyset -te mēmi \emptyset -mũ-j ket
mulher R¹-OBL homem R¹-ver-NLZ NEG
‘não houve o ver do homem pela mulher’

410. rōma na i \emptyset -mã kruwa \emptyset -ṅã
Roma RLS 1 R¹-DIRET flecha R¹-dar
‘Roma me vendeu flechas’

411. i \emptyset -be piʔok j-akre- \emptyset -dʒwəj
1 R¹-essivo folha- R¹-ensinar-NLZ- NLZ.CIRC
‘eu sou professor’

Classe II, subclasse b + R²

412. mēnire na **ku-te** mēmi \emptyset -mũ-j ket
mulher RLS R²-OBL homem R¹-ver-NLZ NEG
‘a mulher, não houve o ver do homem por ela’

413. rɔma na **ku-mã** kruwa Ø-ŋã
 Romá RLS R²-DAT flecha R¹-dar
 ‘Roma vendeu flechas para ele’
414. **ku-be** piʔok j-akre-Ø-dʒwəj
 R²-essivo folha-R¹-ensinar- NLZ- NLZ.CIRC
 ‘ele é professor’

3.3 Algumas considerações finais sobre a flexão relacional em Xikrín

Como demonstramos neste capítulo, a flexão relacional é uma forte marca morfossintática na língua Xikrín. É por meio dela que são estabelecidas relações de dependência entre termos relativos e seus determinantes. Há, por outro lado, na literatura sobre línguas Jê, adeptos de outras análises que tentam negar a validade do que consideramos como marcas morfossintáticas relacionais. Salanova (2011) chega mesmo a sugerir que a análise de prefixos relacionais para o Xikrín, como proposta por Costa (2002; 2003) e Costa e Cabral (2004) seja descartada.

Salanova tenta argumentar, mas não apresenta provas consistentes, que os prefixos relacionais são na realidade parte dos temas, optando por uma análise segundo a qual os prefixos relacionais podem se tratar de:

processos morfofonológicos que coocorrem com a prefixação dos morfemas de pessoa. A diferença entre esta abordagem e a anterior é que o que na abordagem com “prefixos relacionais” é um morfema separado do tema flexionado, na análise morfofonológica é parte integrante de tema flexionado, e é transformado por regras morfofonológicas que em princípio teriam que ser motivadas pelas propriedades gerais da fonologia das línguas em questão. (Salanova 2011:78)

Um dos questionamentos que faz Salanova (2011:83) sobre a validade da análise de prefixos relacionais em Xikrín é que, para ele, uma palavra como *bitfaer* 'fazer brincadeiras' é resultado da combinação de *-aer* 'assustar' e de um prefixo que ele chama de 'antiacusativo' *bi-*. E como há um segmento sonoro *tʃ*, *bitfaer*, se *tʃ* fosse um prefixo relacional não poderia ocorrer entre o tema verbal e o prefixo *bi*. Mas muito provavelmente *bitfaer* não tem relação

nenhuma com o tema *aer* 'assustar', assim como não fazem sentido as demais etimologias propostas para as formas de onde Salanova quer que tenha os segmentos conhecidos como relacionais.

Segundo Salanova (2011:84), o que ele chama de consoantes de ligação (e que na nossa análise são prefixos relacionais) aparecem em temas não flexionados. Salanova acredita que temas como *pur* 'roça', *pika* 'terra', *dʒwə* 'farinha de mandioca', *juɲ* 'beija-flor' e *ʃat* 'batata doce', teriam como sons iniciais, tais consoantes. O que ele não consegue entender é que nem todos os *p*, *dʒ* e *j* que iniciam palavras em Xikrín são prefixos relacionais, assim como nem todos os *a* iniciais do Português são manifestações do artigo definido feminino singular, como em *aula*, *atas*, *anil*, *amarelo*, da mesma forma que nem todos os *s* em final de palavra dessa mesma língua são manifestações do plural, como em *lápiss*, *cóss*, etc..

Salanova (2011:85) estranha o fato de que haja duas formas não finitas e uma finita, sendo que uma das não finitas é idêntica à finita. Entretanto em se tratando de verbos posicionais, é comum, tanto em Jê como em Tupí, tais variações. Esses são casos muito antigos de processos fonológicos ocorridos na história dessas línguas que resultaram em formas temáticas supletivas de tais verbos (cf. Rodrigues e Cabral em preparação). Esses autores ao demonstrarem esses fenômenos históricos dão exemplos como o verbo *-up* ~ *-tup* 'estar deitado' em Tupí-Guaraní, em que a forma *up*, aparece na terceira pessoa e a forma *tup* nas demais pessoas. Considere-se que há ainda a forma *tupawa* 'lugar de dormir de gente', em que o *T* inicial é um outro sufixo, o relacional que indica que o determinante é genérico e humano'. Dadas as evidências de relacionamentos históricos entre Jê e Tupí, devemos olhar com cautela exemplos como os apresentados por Salanova, os quais não devem ser vistos como os demais verbos da língua.

Outro exemplo dado por Salanova (2011:91) que mostra distribuição análoga é *abandonar* e *ter preguiça*, mas como há duas possibilidades de se dizer:

a. (ku-mã) / i- mã) ɖʒukaɲa
3-para / 1-para abandonar
'ele tem/eu tenho preguiça'

b. ku-mã) / i- mã) ukaɲa
3-para / 1-para 3-abandonar
'ele tem / eu tenho preguiça'

É mais prudente considerar que nesses casos há duas formas lexicais variantes *ɖʒukaŋa* e *ukaŋa*, como há duas formas em Português como *benzida* e *benta*.

Finalmente, Salanova propõe uma análise abstrata para dar conta do que ocorre nas línguas Jê. Para ele há um processo de aférese que ocorre em certos temas em Mëbengôkre, o qual seria "consequência da prefixação de um elemento fonologicamente abstrato, que por ora ele representa por {H-}." Para tanto, Salanova reconhece ser necessário recorrer-se a uma série de regras fonológicas complementares, que, como ele salienta, "por ora chamaremos coletivamente de "reparação de ataques"". Salanova (2011:102) observa que as objeções que podem ser levantadas contra a sua abordagem, como a que aponta para o fato de que {H-} não tem nenhum reflexo fonético na língua, não seria "tão grave se a análise se justifica em termos diacrônicos." Ora, uma análise sincrônica se fortalece quando reforçada por indicações diacrônicas, mas há que se distinguir sincronia de diacronia, e de forma nenhuma, a segunda pode fundamentar sozinha um fato sincrônico.

Salanova (2011:103) chega a postular um possível fonema /h/ para o Mëbengôkre para justificar a sua análise. Ele diz: "De fato, as palavras "iniciadas por vogal" em Mëbengôkre podem ser pronunciadas com um [h] ou [H] inicial na fala cuidadosa. Exploremos a possibilidade de /h/ ser parte do sistema fonológico da língua.

Salanova chega a admitir que "Isso não afeta a essência da nossa análise; apenas a torna um pouco mais concreta." Ora, essa ideia claramente força a concretude de um processo subfonêmico e marginal como o da pronúncia de uma fricativa surda no início de palavras iniciadas por vogal na língua em questão.

Finalmente, conclui que com "este novo fonema no sistema fonológico do Mëbengôkre, podemos propor que o prefixo de terceira pessoa em Mëbengôkre é simplesmente {h-}."

Além de não apresentar fundamentos sólidos e convincentes para quem entende o que são prefixos relacionais, Salanova pretende com o seu ensaio desfazer da hipótese de Rodrigues sobre um parentesco genético Tupí e Jê, mesmo reconhecendo que sua análise é incompleta e que requer avanços.

Contrariamente ao que postula Salanova (2011), apresentamos neste capítulo um número significativo de dados que mostram claramente que o Xikrín possui prefixos relacionais, e que estes são prefixos de importância fundamental no estabelecimento de relações gramaticais na língua. São eles que sinalizam nos temas dependentes a contiguidade sintática do determinante destes.

Salientamos que as línguas estão em constante processo de mudanças e que assim como palavras podem mudar de classe, nesse processo, algumas mudanças podem levar a lexicalização de formas derivadas ou flexionadas. Em Zo'é, por exemplo, temas que sofreram reduções fonológicas tiveram os relacionais reanalisados como parte da raiz em todas as pessoas, menos na terceira pessoa. Assim atualmente diz-se *e r-ahāj* 'meu dente' e *h-āj* 'dente de alguém', quando em estágio anterior da língua se diria *e r-āj* 'meu dente' e *h-āj* 'dente de alguém' (Cabral, comunicação pessoal).

CAPÍTULO IV – PREDICADOS VERBAIS E NOMINAIS EM XIKRÍN

Este capítulo consiste em um estudo sobre os tipos de predicados na língua Xikrín. Considerando-se a natureza do núcleo do predicado, a distribuição das marcas pessoais e o número de argumentos obrigatórios, distinguem-se dois tipos principais de predicados em Xikrín, a saber, os predicados nominais e os predicados verbais. Os primeiros se subdividem em: (i) equativos, (ii) inclusivos, (iii) relativos e (iv) existenciais, seguindo a tipologia proposta por Payne (1997). Os segundos subdividem-se em transitivos, transitivos trivalentes, intransitivos e intransitivos bivalentes.

4.1 PREDICADOS NOMINAIS

Figuram como núcleo de predicados nominais em Xikrín nomes relativos e absolutos. Em termos sintáticos, estes predicados são sempre monoargumentais. Do ponto de vista semântico, podem expressar inclusão própria, equação, relação de pertencimento, dinamicidade e existência, daí poder-se falar em predicados equativos, inclusivos, relativos e existenciais.

4.1.1 Predicados equativos

Predicados equativos manifestam-se como parte de uma equação em que $X = Y$, isto é, expressam uma relação em que um sintagma é simplesmente idêntico à segunda parte da equação. A relação entre argumento e predicado ocorre por justaposição formando uma equação em que $X = Y$, sendo X equivalente ao argumento e Y equivalente ao núcleo do predicado. A seguir, mostramos alguns exemplos de predicados equativos.

415. lusivawdo i Ø-kami
 lucivaldo 1 R¹-irmão
 ‘Lucivalo (é) meu irmão’
416. floriza i Ø-kanikwəj

Floriza 1 R¹-irmã
 ‘Floriza (é) minha irmã’

417. mēpidzəŋãrãdʒwəj ŋ-idʒi floriza
 enfermeira R¹-nome Floriza
 ‘o nome da enfermeira (é) Floriza’

418. krwua ãa
 flecha isto
 ‘isto (é) flecha’

4.1.2 Predicados inclusivos

Predicados inclusivos introduzem um referente em uma classe ou categoria explicitada pelo predicado. Distribucionalmente, seu argumento é constituído de um sintagma nominal - um nome ou um pronome da série absoluta - combinado com a posposição *be,* ‘essiva’, seguido do nome que representa a classe de inclusão, que é o núcleo do predicado. Abaixo há exemplos de predicados inclusivos.

418. beptum Ø-be benjadʒwərə
 Bep-Tum R¹-ESSIVO chefe
 ‘Bep-Tum é chefe’

419. beŋñĩĩti Ø-be piʔok j-akre-Ø-dʒwəj
 Kenpoti R¹-ESSIVO folha R¹-mostrar-NLZ-NLZ
 ‘Bep Nhõrõ-Ti é professor’

420. pɔi ʃ-be ɲokɔ̃bɾɐi
 Poy R¹-ESSIVO conselheiro
 ‘Poy é conselheiro’

4.1.3 Predicados possessivos

Predicados possessivos em Xikrín podem expressar a relação possessiva entre núcleo e argumento. Os núcleos recebem flexão relacional.

421. i ɲ-ikra
 1 R¹-mão
 ‘existe minha mão’ ‘(eu tenho mão)’

422. i j-amak
 1 R¹-orelha
 ‘‘ existe minha orelha’ ‘(eu tenho orelha)’

423. rɔpkrɔri ʃ-kra
 onça R¹-filho
 ‘filhote de onça’

424. ba na ba i ʃ-prɔ̃n
 1 RLS 1 1 R¹-corrida
 ‘houve minha corrida’ ‘(eu corri)’

425. dʒa ba i j-ari
 IRRLS 1 1 R¹-pular
 ‘vai haver meu pulo’ ‘(eu vou pular)’

426. ta ãa na arəp **∅-prõn**
 3 DEM.PROX RLS já R²-corrida
 ‘já existiu a corrida deste’ ‘(ele correu)’
427. guba **j-ari** ket
 1+2 R¹-pulo NEG
 ‘não houve nosso pulo’ ‘(nós não pulamos)’
428. ŋo **∅-ã** dʒa ba i **∅-kato**
 rio R¹-sobre IRRLS 1 1 R¹-saída
 ‘vai haver minha saída do rio’ ‘(eu vou sair do rio)’
429. kriʌp dʒa ba i **dʒ-ʌpej**
 amanhã IRRL 1 1 R¹-trabalho
 ‘amanhã vai haver meu trabalho’ ‘(amanhã eu vou trabalhar)’
430. ga na ga a **∅-kəkət**
 2 RLS 2 2 R¹-sorriso
 ‘houve teu sorriso’ ‘(você sorriu)’
431. ba a **∅-mã** i **∅-kabēn**
 1 2 R¹-DIRET 1 R¹-fala
 ‘houve meu falar a você’ ‘(eu falei com você)’

4.1.4 Predicados existenciais

Predicados existenciais expressam a existência ou presença de algo ou alguém introduzido na cena discursiva (PAYNE, 1998). O núcleo dos predicados existenciais é composto por nomes absolutos, nomes de qualidade e de sensações. Esses tipos de predicados podem ser constituídos apenas por seu núcleo, ou podem exigir um adjunto locativo ou temporal regido ou pela posposição *mã* ou *kãm*. Observa-se que nas construções existenciais que requerem o adjunto locativo ou temporal, há a ocorrência da partícula modal *na*, que sempre segue o núcleo do predicado. O mesmo não ocorre nesses tipos de predicados quando seu argumento único é regido pela posposição dativa *mã*.

432. *krwua*

flecha

‘existe flecha’

433. *tɛp*

peixe

‘existe peixe’

434. *mẽprĩre* \emptyset -*kane*

criança R¹-doença

‘existe a doença da criança’

435. *i* \emptyset -*kaŋɔ*

1 R¹-calor

‘existe o meu calor’

436. *kikre* \emptyset -*kãm* *na* *rɔp*

casa R¹-LOC RLS cachorro

‘existe cachorro na casa (aldeia)’

437. i Ø-mã kri
 1 R¹-DIRET frio
 ‘existe frio para mim’

438. kəjkwa Ø-kām na kakũm
 nuvem R¹-LOC RLS nuvem
 ‘existe nuvem no céu’

4.2 PREDICADOS VERBAIS

Os predicados verbais se subdividem em intransitivos e transitivos. Tanto os intransitivos quanto os transitivos podem ser subdivididas em duas subclasses. A classe dos predicados intransitivos pode ser subdividida em intransitivos monovalentes e intransitivos bivalentes. Da mesma forma, a classe dos transitivos pode ser subdividida em transitivos bivalentes ou trivalentes. Nas seções seguintes, descrevemos com maiores detalhes cada um desses dois tipos de predicados.

4.2.1 Predicados verbais intransitivos monovalentes

Os predicados verbais intransitivos monovalentes são os que têm como núcleo um verbo que exige apenas um argumento interno, o sujeito, que pode ser um pronome livre da série nominativa (439), um demonstrativo (440), um pronome interrogativo (441), um pronome indefinido (442) ou ainda um nome referencial (443).

439 guba na gu tɔ
 1+2 RLS 1+2 festejar
 ‘nós festejamos’

440. *ũa* *na* ***ŋɾɛ***
 DEM. DISTAL RLS cantar
 ‘aquele cantou’

441. *ɲũm* *na* ***re***
 quem RLS nadar
 ‘quem nadou?’

442. *mẽʔõ* *na* ***re***
 alguém RLS nadar
 ‘alguém nadou’

443. *kubẽnire* *na* *tɔ*
 mulher RLS festejar
 ‘a mulher festejou’

4.2.2 Predicados verbais intransitivos bivalentes

Há também predicados intransitivos que, além do argumento interno sujeito, requerem outro argumento obrigatório, que é um complemento oblíquo regido pela posposição diretiva *mã*, ou pela posposição locativa *kãm*. Este tipo de predicado é também conhecido na literatura como predicado intransitivo estendido (DIXON, 1994). São exemplos de predicados intransitivos bivalentes as sentenças (444-445).

444. *ba* *na* *ba* *a* *∅-mã* ***akia***
 1 RLS 1 2 R¹-DIRET gritar
 ‘eu gritei para você’(pedindo socorro)

445. mēmī na i Ø-mã Ø-kabēn
 homem RLS 1 R¹-DIRET R²-fala
 ‘houve a fala do homem para mim’ ‘(o
 homem falou para mim)’

4.2.3 Predicados verbais transitivos bivalentes

Os predicados verbais transitivos bivalentes têm como núcleo um verbo que exige um argumento interno correspondente ao objeto direto, e outro externo correspondente ao sujeito/agente. Podem ocorrer como argumento externo de verbos transitivos, pronomes pessoais do caso nominativo, demonstrativos, interrogativos, indefinidos, além de nomes referenciais. Quando o núcleo do predicado verbal transitivo é modificado por expressão adverbial, seu argumento externo, se pronominal, é da série absoluta e regido pela posposição *je ∞ te*. Se o argumento externo for um nome referencial ou um pronome demonstrativo, será igualmente regido pela posposição *je ∞ te*. Se o sujeito já for conhecido pelos interlocutores, pode ser expresso simplesmente por *ku-te*, isto é, prefixo relacional de não contiguidade mais a posposição *-te*. Já o argumento interno de um predicado verbal transitivo pode ser expresso por pronomes pessoais do caso absoluto, por demonstrativos, interrogativos, indefinidos ou por um nome referencial, como ilustram os exemplos abaixo.

446. piʔi na ba Ø-kukwə
 castanha RLS 1 R²-quebrar
 ‘foi castanha que eu quebrei’

447. mēmī na tɛp dʒ-ʌɲwə
 homem RLS peixe R¹-flechar
 ‘os homens flecharam peixe’

448. mēʔō na kʌ ɲ-ipej
 alguém RLS canoa R¹-fazer
 ‘alguém fez canoa’

449. **ɲũm** na kaprã̃n Ø-mə
 quem RLS jabuti R¹-pegar
 ‘quem pegou jabuti?’
450. **a** Ø-jɛ kaɲɲaɾati Ø-bĩ-n ket
 2 R¹-OBL mutum R¹-matar-NLZ NEG
 ‘não houve o matar do mutum por você’ ‘(você não matou o mutum)’

Os exemplos (451-455) ilustram a ocorrência de argumento interno de predicados transitivos bivalentes.

451. i Ø-jɛ **kukrit** Ø-bĩ-n ket
 2 R¹-OBL anta R¹-matar-NLZ NEG
 ‘não houve o matar da anta por mim’ ‘(eu não matei anta)’
452. ɲũm na **i** Ø-mũ
 quem RLS 1 R¹-ver
 ‘quem me viu?’
453. rɔp na **mẽʔõ** Ø-ɲa
 cachorro RLS alguém R¹-morder
 ‘o cachorro mordeu alguém’
454. ɲũm na **a** j-ɔmũ
 quem RLS 2 R¹-ver
 ‘quem você viu?’

455. ga na ga ta w̃a Ø-mũ
 2 RLS 2 3 DEM.DIST R¹-ver
 ‘você a viu’

4.2.4 Predicados verbais transitivos trivalentes

Os predicados transitivos trivalentes caracterizam-se por exigir um argumento interno, um externo e um argumento oblíquo obrigatório regido por posposição, como mostram os exemplos (456-457).

456. nũm Ø-mã na ga mri n-ĩ Ø-ŋã
 quem R¹-DIRET RLS 2 caça R¹-carne R¹-dar
 ‘para quem você deu carne de caça?’

457. kenpoti i Ø-mã krwuapu j-ano
 Kenpoti 1 R¹-DIRET tipo de cocar R¹-mandar
 ‘Kenpoti me mandou um cocar’

4.3 NOMINALIZAÇÕES DE PREDICADOS VERBAIS

A língua Xikrín apresenta formas verbais nominalizadas usadas como núcleo de predicados nominais. Estas formas correm em orações independentes quando o núcleo do predicado é modificado por expressões de valor adverbial e em orações dependentes completivas, relativas e adverbiais. Este processo derivacional cria nomes de ação por meio do acréscimo de um dos alomorfes do sufixo nominalizador {-r}: -j, -n, -m, -k, ou -Ø à forma verbal básica.

Observa-se que os condicionamentos que levam ao uso de um nome de ação como núcleo de predicados transitivos e intransitivos em Xikrín não obedecem ao critério TAM, como tem sido descrito para outras línguas da família (cf., por exemplo, Santos (1997),

Dourado (2001), Ferreira (2003), Castro Alves (2004) e Miranda (2014). Em Xikrín é indiferente se uma oração é marcada pelo aspecto perfectivo ou imperctivo ou se se encontra no modo *realis* ou *irrealis*. Como vimos, o que determina de fato a natureza nominal ou verbal do núcleo do predicado em Xikrín, é se este é ou não modificado por expressão adverbial, ou se se trata de uma oração em relação de dependência com outra, a oração principal. Vejamos alguns exemplos abaixo:

Modificação por expressão adverbial

458. ga na [ga tɔ]
2 RLS 2 festejar
'você festejou'

459. ga na ga [a Ø-tɔ-rɔ kumɛj]
2 RLS 2 2 R¹-festejar-NLZ muito
'houve o teu festejar em grande quantidade' '(você festejou muito)'

460. ba na [ba a Ø-mũ]
1 RLS 1 2 R¹-ver
'eu vi você'

461. ba na ba [i Ø-jɛ mēni Ø-mũ-j ket]
1 RLS 1 1 R¹-OBL homem R¹-ver-NLZ NEG
'não houve o ver da mulher por mim' '(eu não vi a mulher)'

Em função adjetiva

462. mēmi [Ø-katɔ-rɔ] rɔpkrɔri Ø-bĩ
homem R¹-sair-NLZ onça pintada R¹-matar
'o homem que saiu matou onça pintada'

463. mēbeŋokɾe na [ku-tɛ i Ø-mũ-j] tɛp j-aŋĩ
 indígena RLS R²-OBL 1 R¹-ver-NLZ peixe R¹-pescar
 ‘o homem que me viu pesca’
464. mēmi [mak Ø-tɛ Ø-kaɾwə-rə] amɾa-Ø Ø-ɔ nō
 homem escorpião R¹-OBL R²-ferrar-NLZ gritar- NLZ R¹-ASS.INSTR estar.deitado
 ‘o homem que o escorpião ferrou está griando’

Complementação

465. ga na ga [a-jɛ Ø-ma-ri] ba Ø-kām ŋɾɛ
 2 RLS 2 2-OBL R²-saber-NLZ 1 R²-LOC cantar
 ‘você sabe que eu cantei’
466. dʒə na kwərətɪ [Ø-tɛ piʔi Ø-kukwə-rə] ma
 INT RLS kyryti R¹-OBL castanha R¹-cortar-NLZ saber
 ‘Kwỳrỳti sabe cortar castanha?’

4.4 CONCLUSÃO

Descrevemos, neste capítulo, os tipos de predicados em Xikrin. Vimos que a principal distinção dos predicados é a sua natureza, verbal ou nominal. Vimos que há predicados de natureza nominal que têm por núcleo verbos nominalizados por meio de um dos alomorfes do sufixo nominalizador {-r}: -j, -n, -m, -k, ou -Ø à forma verbal básica. Trata-se de processo altamente produtivo na língua. Mas nem toda nominalização funciona como núcleo de predicado, podendo funcionar como substantivo e como adjetivo ou como complemento de posposições.

CAPÍTULO V – CONSTRUÇÕES COORDENADAS

Construções coordenadas podem ser identificadas com base em sua simetria: uma construção [A B] é considerada coordenada se as duas partes A e B tiverem o mesmo *status* (cf. HASPELMATH, 2014, p. 3). Para Haspelmath (2014, p. 4), estas construções consistem de duas ou mais orações independentes, mediadas por um elemento gramatical o ‘coordenador’, que pode ser um morfema livre (conjunção, partícula) ou preso (afixo). Se a coordenação de orações independentes envolver o uso de um elemento gramatical, estas serão chamadas de orações sindéticas. Se eles estiverem simplesmente justapostas, serão chamadas de construções assindéticas. Semanticamente, as construções coordenadas podem ser de três tipos distintos, a saber: conjuntiva, disjuntiva e adversativa.

Neste capítulo, descrevemos as estratégias usadas na língua Xikrín para coordenar orações sintaticamente independentes. Em 5.1, descrevemos orações coordenadas que se combinam através da estratégia de justaposição e em 5.2, descrevemos as orações independentes ligadas por meio do uso de elementos gramaticais, que, além de exercerem a função conectiva, marcam a correferencialidade ou não entre sujeitos oracionais¹⁴ e, em 5.3, tratamos das orações coordenadas conjuntivas e, finalmente, em 5.4, descrevemos as orações coordenadas disjuntivas. As orações coordenadas adversativas e conclusivas são tratadas em 5.5 e 5.6, respectivamente.

5.1 ORAÇÕES COORDENADAS POR JUSTAPOSIÇÃO

Orações coordenadas por justaposição ligam-se sem auxílio de elementos gramaticais. Nomenclalmente, podem denotar um mesmo evento sucessivo ou eventos distintos sucessivos. Quando o sujeito da segunda oração é correferencial com o da primeira, ele pode ser omitido na segunda oração; mas, quando ele for diferente do da primeira oração ou estiver numa construção em que o núcleo do predicado for modificado, o sujeito da segunda oração será obrigatoriamente expresso, sendo ou não correferente com o da primeira oração.

No exemplo (467), há duas orações justapostas. O sujeito da oração intransitiva *ba* ‘eu’ é correferente com o da oração transitiva, por isso o argumento A, na segunda oração está

¹⁴ Para maior compreensão e aprofundamento sobre correferencialidade em Xikrín, consultar COSTA *et al* (2010), bem como o capítulo VII, que traz uma discussão atualizada e acurada sobre este tema.

elíptico, demonstrando uma configuração nominativa. Em (468), o núcleo do predicado da segunda oração *-bĩ-n* ‘matar’ foi modificado pelo advérbio *ket* ‘não’, caso em que o sujeito, mesmo sendo correferencial com o da primeira oração, deve vir expresso na segunda.

467. [ba na ba b λ \emptyset -kãm tẽ] [kukrit \emptyset -bĩ]
 1 RLS 1 floresta R¹-LOC ir/vir anta R¹-matar
 ‘eu fui caçar e matei anta’

468. [na ba b λ \emptyset -kãm tẽ]
 RLS 1 floresta R¹-LOC ir/vir
 [i \emptyset -jɛ kukrit \emptyset -bĩ-n ket]
 1sg.abs R¹-OBL anta R¹-matar-NLZ NEG
 ‘eu fui caçar, (mas) não houve o matar da anta por mim’

Em (469), há cinco orações transitivas independentes justapostas. Na primeira oração, o argumento **A** *i n-irua* ‘minha mãe’ é correferente com o argumento **A** das quatro orações subsequentes, motivo pelo qual não está nelas explícito. Estas orações têm uma configuração A/A, seguindo uma orientação nominativa.

469. [i n-irua ku-tep] [kwərə j-are] [ku-ke]
 1 R¹-mãe R²-esperar mandioca R¹-arrancar R²-ralar
 [\emptyset -une] [ku-tep \emptyset -ɔ-pĩ]
 R²-espremer R²-esperar R²-CAUS-sentar
 ‘minha mãe o esperou. arrancou mandioca, a ralou, a espremeu o esperando...’

O exemplo abaixo (470) consiste de duas orações independentes justapostas, a primeira é uma oração transitiva e a segunda, uma oração intransitiva. Nesta, o argumento **S** é omitido por ser correferencial com o argumento **A** da primeira oração. Assim, as orações em tela apresentam uma configuração A/S, seguindo um alinhamento nominativo:

470. [ba na ba a j-ɔmũ] [arəp \emptyset -mã tẽ]
 1 RLS 1 2 R¹-ver já R²-DIRET ir/vir
 ‘eu vi você e fui embora’

5.2 ORAÇÕES COORDENADAS POR MEIO DE CONJUNÇÕES

Em Xikrín, orações independentes também podem ser ligadas por meio das conjunções *ně*, *jũm* e *nərcəkət*. A primeira conjunção liga orações independentes cujos sujeitos são correferenciais; a segunda, relaciona orações cujos sujeitos são diferentes, enquanto que a terceira conjunção pode ligar orações com sujeitos correferenciais ou diferentes.

O exemplo (471) é um trecho de um relato do professor Bep Nörõ-Ti sobre sua ida a Brasília. As duas primeiras orações são intransitivas e estão justapostas. O sujeito da primeira oração *ba ari* ‘1 + PAUC’ é também o sujeito da segunda oração, por isso não vem expresso nesta, tendo ambas as orações uma configuração S/S. A terceira oração é introduzida pela conjunção *ně*, indicando que o argumento **A**, omitido naquela oração, é correferencial com o argumento **S** das duas primeiras orações, o que configura um alinhamento S/A. A quarta oração, intransitiva, é introduzida pela conjunção *jũm* sinalizando que seu argumento **S** *matka* ‘avião’ é diferente do argumento **A** da oração anterior, mas correferente com o argumento **O** daquela oração. Por essa razão, o argumento **S** da quarta oração pôde ter sido omitido, apresentando uma configuração O/S. A quinta oração inicia com a conjunção *jũm*, porque houve, novamente, mudança de sujeito. A sexta oração, intransitiva, é introduzida pela conjunção *ně*, pois o argumento **S**, embora expresso na oração, é correferente com o argumento **S** da oração anterior. A última oração, intransitiva, é introduzida também pela conjunção *ně*, pois seu argumento **S** é correferente com o da sexta oração, motivo pelo qual está omitido, mas facilmente inferido pelo contexto enunciativo.

471.	kwatro	ɔra	∅-kãm	[ba	ari	arəp	kapot	∅-mã	tě]
	quarto	horas	R ¹ -LOC	1	PAUC	já	campo	R ¹ -DIRET	ir/vir
	[boj]	[ně	matka	∅-kamama]	[jũm	sejs	ɔra		
	chegar	MS	avião	R ¹ -esperar	SD	seis	horas		
	∅-kãm	boj]	[jũm	ba	ari	∅-kãm	mě	∅-kot	tě]
	R ² -LOC	chegar	SD	1	PAUC	R ² -LOC	PL	R ² -COMP	ir/vir
	[ně	nəvi	ɔra	∅-kãm	ba	ari	boj]		
	depois	nove	horas	R ¹ -LOC	1	PAUC	chegar		
	[ně	braziłja	∅-kãm	boj]					
	MS	Brasília	R ¹ -LOC	chegar					

‘...às quatro horas nós fomos ao aeroporto. Chegamos e esperamos o avião e às seis horas o avião chegou e nós fomos com as pessoas no (avião). Depois, às nove horas, nós chegamos, chegamos a Brasília...’

O trecho seguinte é extraído do mito *kukoj mē Ojre*, escrito por um grupo de alunos/professores Xikrín durante o curso de elaboração da escrita da língua materna, realizado na aldeia Cateté em outubro de 2014.

O exemplo (472) traz duas orações transitivas ligadas pelo conectivo *nē*. O argumento **A** da primeira oração, *kukoj* ‘macaco’, é também o sujeito da segunda oração, motivo pelo qual está elíptico nesta, e facilmente identificado pelo contexto. Estas orações apresentam uma configuração A/A.

472. [amrēbej na wε kukoj ta ∅-uma-ri-dʒΛ ∅-kot
 antigamente RLS DUB macaco 3 R²-pensar-NLZ- NLZ.CIRC R¹-PERL
 mē ∅-kadʒi ∅-uma-ri-dʒΛ ∅-ma] [nē ∅-kām arəp
 PL R²-FINLD R²-pensar- NLZ- NLZ.CIRC R¹-saber MS R²-LOC já
 jādʒi kumrēj ∅-mã ej...]
 veado primeiro R²-DIRET mentir
 ‘...antigamente, o macaco, ele fez um planejamento para enganar as pessoas e primeiro enganou o veado...’

O mesmo acontece no exemplo (473): as orações estão ligadas pelo conectivo *nē*, indicador de referência compartilhada, exibindo configuração sintática S/A.

473. [...kukoj na ∅-prōn] [nē kukrit ∅-ərə ∅-katə]
 macaco RLS R²-correr ms anta R¹-DIR R¹-saída
 ‘...o macaco correu e encontrou a anta.’

No exemplo de (474), há três orações independentes, ligadas pelo conectivo *nūm*. O Argumento **A** da primeira oração é *ojre* ‘espécie de papagaio’ e o argumento **S** da segunda oração é *kukoj*. Por se tratar de sujeitos diferentes, a segunda oração é introduzida pela conjunção *nūm*. A terceira oração é introduzida pela conjunção *nūm*, pois seu argumento A é

diferente do argumento S da segunda oração, mas correferente com o argumento A da primeira.

474. ojɾɛ kadʒatɲĩ Ø-kaba] [ɲũm kãm kukoj Ø-pari
 macaco algodão R¹-arrancar SD nisso macaco R¹-pé
 Ø-ɔ-ãdʒa] [ɲũm ajtɛ ʔõdʒwə Ø-kaba...]
 R¹-CAUS-COMIT-pisar SD ITER outro R¹-arrancar

‘o papagaio arrancou o algodão (da canoa) e o macaco tapou com os pés e de novo o papagaio tirou outro (algodão)’

Os exemplos (475 e 476) são fragmentos de um relato que narra a ida dos homens à floresta em busca de caça para abastecer a comunidade por ocasião de uma festa na aldeia. Nestas orações, há ocorrência da conjunção *nɔɾɔkɔt*, que exprime a escolha de uma das duas ações expressas pelos verbos -apɾɛ ‘juntar’ e *apɔ* ‘pendurar’ e -ga ‘assar’ e -mɾõ, ‘cozinhar’, respectivamente.

- 475 mẽ ku-tɛ Ø-ɔ-ba Ø-ɔ-boj kunĩ
 PL R²-OBL R²-CAUS.COMIT-andar R²-CAUS-chegar tudo
 Ø-kot amĩ Ø-mã Ø-apɾɛ **nɔɾɔkɔt** Ø-apɔ nẽ
 R¹-COMP REFL R¹-DIRET R²-juntar DISJ R²-pendurar MS
 ku-tɛ amĩ Ø-mã Ø-kai-ri Ø-tu-ru Ø-kadʒi
 R²-OBL REFL R¹-DIRET R²-colocar-NLZ R²-carregar-NLZ R¹-FINLD

‘homens andaram com (jabuti), chegaram com (jabuti) juntaram tudo para eles mesmos ou penduram e (fizeram) o kayry para eles mesmos para carregarem jabuti’

476. Apjêti na krɛ Ø-kãm Ø-ikwã ɲũm
 tipo de tatu RLS buraco R¹-LOC R²-sentar.PL SD
 mẽ Ø-prek nẽ Ø-ãkrɛ Ø-kãm ku-pa
 PL R²-cutucar MS R²-cavar R²-LOC R²-matar
 Ø-ɔ-boj nẽ Ø-kãm ku-ga **nɔɾɔkɔt**
 R²-CAUS.COMIT-chegar MS R²-LOC R²-assar DISJ
 Ø-mɾõ Ø-kãm ku-krẽ
 R²-cozinhar R²-LOC R²-comer

‘o tatu vive no buraco. as pessoas cutucam e cavam (no buraco) e matam-no.(depois), tranzem-no e o assam (no fogo) ou o cozinham e nisso o comem’

5.3 ORAÇÕES COORDENADAS CONJUNTIVAS

As orações coordenadas conjuntivas ligam-se através dos morfemas *ně* e *nũm*, que indicam, respectivamente, mesmo sujeito e sujeito diferente. Os exemplos (477-480) e (481-484) ilustram a ocorrência dos conectivos *ně* ‘mesmo sujeito’ e *nũm* ‘sujeito diferente’.

477. mēni na boj **ně** kwərə Ø-kudzo
mulher RLS chegar MS mandioca R¹-descascar
‘a mulher chegou e descascou mandioca’
478. pĩkamrekti Ø-ɔ na mē kotit n-ipej **ně**
pau brasil R¹-ASS.INSTR RLS hum mão de pilão R¹-fazer MS
Ø-ɔ ko n-ipej **ně** kawa n-ipej
R²-ASS.INSTR borduna R¹-fazer MS pilão R¹-fazer
‘com o pau brasil se faz mão de pilão e, com ele, se faz borduna e pilão’
479. kukrĩtkako na ʌmra arəp Ø-bām Ø-ərə
Kukrykako RLS gritar já R²-pai R¹-DIR
Ø-mə-rə tē **ně** Ø-ərə boj
R²-chorar-NLZ ir/vir MS R²-DIR chegar
Kukryt Kako gritava e já ia chorando na direção de seu pai e o encontrou’
480. ʌk na ari i Ø-be Ø-ŋʌdʒwətʃe Ø-kʌŋe
gavião RLS PAUC 1 R²-ABLAT R²-sogra R¹-agarrar
ně kam arəp akěj
MS nisso já voltar
‘o gavião pegou nossa sogra em detrimento de nós e nisso voltou’

481. ga ari \emptyset -ipej **ɲũm** ari a
 2 PAUC R²-fazer SD PAUC 2
 \emptyset -nã arəp \emptyset -kĩj
 R¹-mãe já R²-felicidade/alegria
 ‘você^s o fizeram (cursaram o ensino médio) e as mães de você^s
 estão felizes’
482. i \emptyset -je kaɲã \emptyset -mũ-j ket **ɲũm**
 1 R¹-OBL cobra R¹-ver-NLZ NEG SD
 kaɲã arəp i \emptyset -ɲa **ɲũm**
 cobra já 1 R¹-picar SD
 \emptyset -təkri ba Δmra...
 R²-dor 1 gritar
 ‘...não houve o ver da cobra por mim e a cobra me
 picou e (a picada dela) doeu. Eu gritei’
483. mēniɾe kamere \emptyset -əɾə tē **ɲũm**
 homem açai R¹-DIR ir/vir SD
 mēmi ku-tep ɲĩ
 homem R²-esperar sentar
 ‘a mulher foi apanhar açai e o homem a esperou’
- 484) mēniɾe puru \emptyset -mã tē kwəɾə j-are
 mulher roça R¹-DIRET ir/vir mandioca R¹-arrancar
 ɲo \emptyset -kãm ku-dʒi **ɲũm** arəp
 água R¹-LOC R²-colocar SD já
 \emptyset -ɾɛɾɛk **ɲũm** mēʔð \emptyset -əɾə tē \emptyset -ɔmũ
 R²-mole SD alguém R²-DIR ir/vir R²-ver
 ‘a mulher foi para a roça e arrancou mandioca.
 Colocou-a na água e (ela) amoleceu. Alguém veio ver
 (a mandioca)...’

5.4 ORAÇÕES COORDENADAS DISJUNTIVAS

As orações coordenadas disjuntivas em Xikrín combinam-se por meio do conectivo *nərəkət* ‘ou’, como exemplificado nos exemplos (485-487). Este morfema é usado também na coordenação de sintagmas nominais complexos, como mostram os exemplos (488-490).

485. *ɟə* *ga* [*kukrit* *õj* \emptyset -*bĩ* **[*nərəkət***
 INT 2 anta INDEF R¹-matar DISJ
ɟə *ga* *aŋro* *õj* \emptyset -*bĩ*]
 INT 2 porção INDEF R¹-matar
 ‘você vai matar anta ou vai matar porção?’

486. *ga* *ɟa* *ga* *maraba* \emptyset -*mã* *tẽ*
 2 IRRLS 2 Marabá R¹-DIRET ir/vir
**[*nərəkət* *ɟa* *ga* *parauapebas* \emptyset -*mã* *tẽ*]
 DISJ IRRLS 2 Parauapebas R¹-DIRET ir/vir
 ‘você irá a Marabá ou irá a Parauapeba.’**

487. *mẽ* *ku-tɛ* \emptyset -*ɔ*-*ba*- \emptyset \emptyset -*ɔ*-*boj* *kunĩ*
 PL R²-OBL R²-CAUS.COMIT-andar-NLZ R²-CAUS.COMIT-chegar tudo
 \emptyset -*kot* *amĩ* \emptyset -*mã* \emptyset -*apɾɛ* ***nərəkət*** \emptyset -*aŋo* *nẽ* *ku-tɛ*
 R¹-COMP REFL R¹-DIRET R²-juntar DISJ R²-pendurar MS R²-OBL
amĩ \emptyset -*mã* \emptyset -*kai-rĩ* \emptyset -*tu-ru* \emptyset -*kadzĩ*
 REFL R¹-DIRET R²-tecer-NLZ R²-carregar-NLZ R¹-FINLD
 ‘os homens fizeram chegar consigo, fazendo o andar (dos jabutis) por eles.
 juntaram tudo para eles mesmos ou os penduram e houve o trançar (dos jabutis)
 para eles mesmos para haver o carregar (dos jabutis) nas costas (por eles)’

488. ***ŋĩj*** *na* *apjeti* *ɟ-aku-ru-ɟʌ* *ɟə*
 onde RLS tipo de tatu R¹-comer- NLZ-NLZ.CIRC INT

bλ Ø-kām [nərəkət] kapot Ø-kām
 floresta R¹-LOC DISJ campo Ø-LOC

‘onde é o lugar de comer do tatu, na floresta ou no campo?’

489. māj na ga a-bĩ [kukrit nərəkət aŋro]
 INT RLS 2 R²-matar anta DISJ porcão

‘o que você matou: anta ou porcão?’

490. ...mẽ i ŋo ʔð Ø-pumũ ŋo ʔð Ø-kərərəre
 PL 1 rio algum R¹-ver rio algum R¹-raso
 Ø-kām tɛp Ø-kumɛj nũm Ø-ɔmũ Ø-kām tẽ
 R²-LOC peixe R¹-QUANT SD R²-ver R²-LOC ir/vir
 nũm akamɔt nũm mẽ Ø-ɔ-akprð arəp mẽ Ø-mã
 SD noite SD PL R²-CAUS-reunir já PL R²-DIRET
 Ø-arẽ ɔrina kɔjmã [hiw seko nərəkət ãtetekti]
 R²-dizer longe para cima rio seco DISJ ãtetekti...

‘nós vimos algum rio, algum rio raso no qual exista peixe em grande quantidade. Vimos e fomos nele. Anositeceu. (nós) fizemos as pessoas reunirem conosco para lhes dizer (que) é longe, o Rio Seco ou ãtetekti...’

5.5 ORAÇÕES COORDENADAS ADVERSATIVAS

Na coordenação de orações coordenadas adversativas, a oração coordenada adversativa é marcada por uma conjunção, como *mas*, *but*, *aber*. De um ponto de vista nocional, subdividem-se entre as que marcam oposição semântica, as que denotam negação da expectativa e as que denotam impedimento (PAYNE, 1985, p. 06;08). As primeiras, implicam que a relação entre as orações é simplesmente a de contraste ou oposição. As que denotam negação da expectativa implicam um contraste de base pragmática, isto é, se A ocorrer, espera-se que B não ocorra. As orações que denotam impedimento têm o seguinte significado: A que poderia acontecer, não acontecerá por causa de B.

As orações coordenadas adversativas em Xikrín não apresentam uma conjunção como em português, inglês ou alemão. Formalmente, assemelham-se às orações conjuntivas por serem marcadas, às vezes, pelos morfemas *ně* ‘mesmo sujeito’ e *ḡũm* ‘sujeito diferente’. O que as diferenciam daquelas é o fato de a segunda oração ocorrer na forma negativa (cf. MIRANDA 2014, p. 188). Os exemplos (491-496) ilustramos as orações adversativas do Xikrín.

491. ba na ba boj ně i Ø-jε

1 RLS 1 chegar MS 1 R¹-OBL

a j-ɔmũ-j ket

2 R¹-ir/vir-NLZ NEG

‘você chegou mas não houve o ver de você por mim’

492. ba na ba mēmī Ø-mũ ḡũm Ø-tě-m ket

1 RLS 1 homem R¹-ver SD R²-ir/vir-NLZ NEG

‘eu vi o homem mas não houve o ir dele’

493 mēpidzəḡnãrãdʒwəj na mēprĩ Ø-kaḡuə ḡũm Ø-mə-rə ket

enfermeira RLS criança R¹-furar SD R¹-chorar-NLZ NEG

‘a enfermeira (aplicou injeção na) furou a criança, mas não houve o chorar dela’

494. bekwəj na aḡro Ø-ga ḡũm bεḡ ḡĩřti

Bekwỳi RLS porcão R¹-matar SD Bep Nhõrõ-Ti

Ø-tε Ø-krẽ-n ket

R¹-OBL R²-comer-NLZ NEG

Bekwỳi assou porcão, mas não houve o comer dele por

Bep Nhõrõ-Ti’

495. mēkanɛɔwəj na krĩ Ø-kãm dʒa nẽ Ø-tɛ
 médico RLS aldeia R¹-LOC R¹-estar.em.pé MS R²-OBL

i Ø-kra Ø-kanɛ-Ø ket
 1 R¹-filho R¹-tratar.doença-NLZ NEG

‘o médico estava na aldeia, mas não houve o tratar da doença do meu filho por ele’

496. rɔp na Ø-kane Ø-kãm Ø-ti-k ket
 cachorro RLS R²-doença R²-LOC R²-morrer-NLZ NEG

‘havia a doença do cachorro, mas mas não houve o morrer dele’

5.6 ORAÇÕES COORDENADAS CONCLUSIVAS

Orações coordenadas conclusivas exprimem a dedução ou conclusão de uma ideia em relação a um fato expresso na oração antecedente. Em Xikrín, essas orações são marcadas pela conjunção *kãm* ‘por isso’, como mostram os exemplos seguintes.

497. na na ruə ba **kãm** arek kikrɛ Ø-kãm jĩ
 RLS chuva descer 1 CONJ ficar casa R¹-LOC estar.sentado

‘a chuva desceu, por isso eu fiquei em casa’

498. ...nẽ kũm kok Ø-rãrãŋ Ø-təj na mẽ Ø-iro
 ms dizer vento R¹-barulho R¹-forte RLS PL R²-devastar

tẽ ba **kãm** Ø-umaje i Ø-prõn...
 ir/vir 1 CONJ R²-medo 1 R¹-corrida

‘...e (o macaco) disse: há uma ventania devastando todo, por isso eu eu corri de medo...’

499. dʒa na ruə ba kām i Ø-kato-rə ket
 IRRLS RLS descer 1 CONJ 1 R¹-sair-NLZ NEG
 ‘vai chover, por isso não vai haver o meu sair’
500. mak na i ja **kām** pidʒəɲãrãdʒwəj
 escorpião RLS 1 R¹-picar CONJ enfermeira
 mak Ø-kane Ø-ɔ i Ø-kəɲuə
 escorpião R¹-doença R¹-ASS.INSTR 1 R¹-furar
 ‘o escorpião me picou, por isso a enfermeira me
 aplicou injeção’
501. mēniɾe puru Ø-mã tē kwərə j-are kām Ø-tikdʒʌ
 mulher roça R¹-DIRET IR/VIR mandioca R¹-arrancar CONJ R²-cansaço
 ‘a mulher foi para a roça. Arrancou mandioca, por isso existe o seu cansaço’

5.7 CONCLUSÃO

Neste capítulo, descrevemos brevemente as orações coordenadas em Xikrín, mostrando as estratégias morfossintáticas utilizadas em sua construção. Em 5.1 apresentamos as orações coordenadas justapostas. Em 5.2 descrevemos as orações coordenadas que se ligam por meio de elemento gramatical. Em 5.3, apresentamos as orações coordenadas conjuntivas, introduzidas por conectivos que, além de exercerem a função de ligar as orações, indicam a correferencialidade ou não dos sujeitos das orações por eles ligadas. As orações coordenadas disjuntivas foram analisadas em 5.4 e as adversativas foram descritas em 5.5. Finalizamos o capítulo tratando, em 5.6, das orações coordenadas conclusivas.

CAPÍTULO VI – ORAÇÕES SUBORDINADAS

Neste capítulo descrevemos as orações dependentes ou subordinadas da língua Xikrín, tendo como foco a investigação da natureza dos predicados dessas orações – verbal ou nominalizado - e os fatores que os condicionam.

Descreveremos três tipos de orações dependentes encontrados em várias línguas, como por exemplos, o Português e o Inglês: as completivas, as adverbiais e as relativas. O presente capítulo está assim organizado: na seção 6.1 apresentaremos as estratégias que as línguas naturais dispõem para expressar a subordinação de orações; em 6.2, discorreremos sobre as orações completivas; na seção 6.3 descrevemos alguns tipos de orações adverbiais. Em 6.4., mostramos as estratégias empregadas para a formação de sintagmas nominais que correspondem a orações relativas em outras línguas; em e, em 6.5, apresentamos uma síntese do capítulo.

6.1 ESTRATÉGIAS DE SUBORDINAÇÃO

Thompson e Longacre (1985, p. 172), distinguem três tipos de orações subordinadas: as completivas – que funcionam como sintagmas nominais, as relativas – que funcionam como modificadores de nomes e as adverbiais – que funcionam como modificadores de verbos ou de toda a oração.

Para os autores (*ibidem*), há três mecanismos atestados nas línguas do mundo usados para marcar orações subordinadas:

- (a) Morfemas subordinadores. Podem ser de dois tipos: (i) morfemas gramaticais que não apresentam significado lexical, como *to* do inglês e (ii) morfemas gramaticais com conteúdo lexical, como *before, when, if* do inglês;
- (b) Formas verbais especiais, isto é, aquelas que não são usadas em asserções independentes. Em línguas com concordância verbo-sujeito, a forma verbal especial pode ser a forma não-finita que perde uma ou mais das categorias de concordância;
- (c) Ordem de palavras. Algumas línguas têm uma ordem de palavras especial para orações subordinadas, como em alemão e em sueco (cf. THOMPSON e LONGACRE, 1985, p. 173).

Além das três estratégias citadas, Noonan (1985, p. 55) afirma que a parataxe é também uma estratégia usada para expressar a subordinação de orações. Neste tipo de construção, tanto oração principal quanto oração dependente podem ser consideradas como orações independentes, cada uma contendo sintagmas verbais com verbo flexionado, sem nenhum marcador de coordenação ou subordinação ligando as duas orações e sem nenhuma forma verbal especial. A o quadro a seguir é um resumo de como Noonan (1985, P. 65) sumariza a complementação por meio da paraxe:

Quadro 18 – Complementação por paraxe

Tipo de complemento	Classe de palavra do predicado	Relação sintática do sujeito com o predicado	Categorias flexionais	Outras propriedades
Paratático	verbo	o predicado pode concordar com o sujeito, mas não forma um constituinte com ele	as mesmas do indicativo	interpretado como asserção separada; sintaticamente não é uma oração subordinada; não possui complementizador

A seguir descrevemos as orações dependentes da língua Xikrín. Iniciamos com a análise das orações completivas. Em seguidas, passamos à descrição das orações adverbiais e finalizamos com a descrição das orações relativas.

6.2 ORAÇÕES COMPLETIVAS

Orações completivas funcionam sintaticamente como argumento do verbo da oração principal. Esta característica as distingue de outras orações subordinadas, como as relativas e as adverbiais (cf., por exemplo, Noonan (1985), Givón (2001) e Dixon (2010)).

Para Givón (2001, p. 40), os verbos que exigem complemento oracional agrupam-se em três classes semânticas principais:

- Verbos de modalidade (‘querer’, ‘começar’, ‘terminar’, ‘tentar’ etc.);
- Verbo de manipulação (‘fazer’, ‘dizer’, ‘ordenar’, ‘pedir’ etc.)
- Verbos de cognição-elocução (‘ver’, ‘saber’, ‘pensar’, etc.).

Nas subseções seguintes, descrevemos as propriedades de cada classe semântica segundo Givón (*ibidem*) e passamos à análise dos dados da língua Xikrín.

6.2.1 Verbo de modalidade

De acordo com Givón (2001, p. 55), orações principais que têm como núcleo verbos de modalidade codificam ações, estados ou atitudes modais (tentativa, intenção, obrigação, habilidade, possibilidade) e aspectuais (início, término, continuação, sucesso, fracasso) do sujeito frente ao evento/estado codificado na oração completiva.

Do ponto de vista sintático, a relação entre verbos modais e seus complementos são as seguintes (cf. GIVÓN, 2001, p. 55):

- O sujeito da oração principal é também o sujeito da oração completiva;
- O sujeito da oração completiva tem codificação zero;
- O verbo da oração completiva é comumente não-finito ou nominalizado;
- A oração completiva é análoga ao objeto da oração principal (OV ou VO);
- A oração completiva tende a ter um contorno intonacional unificado com a oração principal.

Pertencem à classe de verbos de modalidade temas como ‘querer’, ‘começar’, ‘terminar’, ‘tentar’, ‘deixar’, ‘dever’, ‘poder’, ‘permitir’, ‘conseguir’. Descrevemos, neste estudo, orações completivas com os verbos *-ɔjnɔɾɛ* (6.2.1.1), *-mɔkraɟ* (6.2.1.2), *-boj* (6.2.1.3), e *-prã̃m* (6.2.1.4),

6.2.1.1. Orações completivas com o verbo *-ɔjnɔɾɛ*

As orações completivas com o verbo *-ɔjnɔɾɛ* ‘terminar’ funcionam como objeto da oração principal. Têm como núcleo de predicado verbos nominalizados e seu sujeito é correferente com o da oração principal.

502. ba na ba arəp [kruwapu Ø-kai-ri] Ø-ɔjnɔɾɛ
 1 RLS 1 já capacete R¹-tecer-NLZ R¹-terminar
 ‘eu já terminei o tecer do capacete’ ‘(eu já terminei de tecer o capacete)’
503. i Ø-jɛ [kruwapu Ø-kai-ri] Ø-ɔjnɔɾɛ-rɛ ket rãʔã
 1 R¹-OBL capacete R¹-tecer-NLZ R¹-terminar-NLZ NEG ainda
 ‘não houve ainda o terminar do tecer do capacete por mim’ ‘(eu ainda não terminei de tecer o capacete)’
504. mēbeŋet na mē arəp [kɬ ɲ-ipej-Ø] Ø-ɔjnɔɾɛ
 velho RLS HUM já pão R¹-fazer-NLZ R¹-terminar
 ‘o velho já terminou o fazer do pão’
505. mēbeŋet na Ø-tɛ [kɬ ɲ-ipej-Ø]
 velho RLS R¹-OBL pão R¹-fazer-NLZ
 Ø-ɔjnɔɾɛ-rɛ ket rãʔã
 R¹-terminar-NLZ NEG ainda
 ‘ainda não houve o fazer do do pão pelo velho’ ‘(o velho ainda não terminou de fazer do pão)’
506. mēniɾɛ na mē arəp [kubēkɬ Ø-põ-j] Ø-ɔjnɔɾɛ
 mulher RLS HUM já roupa R¹-lavar-NLZ R¹-terminar
 ‘a mulher já terminou o lavar de roupas’ ‘(a mulher já terminou de lavar roupa)’
507. mēniɾɛ na mē Ø-tɛ [kɬ ɲ-ipej-Ø]
 mulher RLS HUM R¹-OBL pão R¹-fazer-NLZ
 Ø-ɔjnɔɾɛ-rɛ ket rãʔã
 R¹-terminar-NLZ NEG ainda
 ainda não houve o terminar do fazer do pão pela mulher’
 ‘(a mulher ainda não terminou de fazer o pão)’

508. mēnirē na mē arəp [kwərə j-are-j] Ø-ɔjnɔɾe
mulher RLS HUM já mandioca R¹-arrancar-NLZ R¹-terminar
‘as mulheres já terminaram o arrancar de mandioca’ ‘(as mulheres já terminaram de arrancar mandioca)’
509. mēnirē na mē Ø-tɛ [kwərə j-are-j]
mulher RLS HUM R¹-OBL mandioca R¹-arrancar-NLZ
Ø-ɔjnɔɾe-rɛ ket rãʔã
R¹-terminar-NLZ NEG ainda
‘ainda não houve o terminar do arrancar de mandioca pelas mulheres’ ‘(as mulheres ainda não terminaram de arrancar mandioca)’
510. arəp na ba [i Ø-re-re] Ø-ɔjnɔɾe
já RLS 1 1 R¹-nadar-NLZ R¹-terminar
‘eu já terminei o meu nadar’ ‘(eu já terminei de nadar)’
511. ba na ba [i Ø-re-re]
1 RLS 1 1 R¹-nadar-NLZ
Ø-ɔjnɔɾe-rɛ ket rãʔã
R¹-terminar-NLZ NEG ainda
‘eu ainda não terminei de nadar’ (ainda não houve o término do meu nado)’
512. mēprirē na mē [Ø-re-re] Ø-ɔjnɔɾe
crianças RLS PL R²-nadar-NLZ R¹-terminar
‘as crianças terminaram seu nadar’ ‘(as crianças terminaram de nadar)’

513. mēprĩre na mē Ø-te [Ø-re-re] Ø-ɔjnɔre-re ket rãʔã
 criança RLS PL R²-OBL R²-nadar-NLZ R¹-terminar-NLZ NEG ainda
 ‘ainda não houve o terminar do nadar das crianças’ ‘(as crianças ainda não terminaram de nadar)’

514. ga na ga arəp [a dʒ-wə-rə] Ø-ɔjnɔre
 2 RLS 2 já 2 R¹-banhar-NLZ R¹-terminar
 ‘você já terminou o seu banhar’ ‘(você já terminou de banhar)’

515. ga na ga a Ø-jɛ [a dʒ-wə-rə]
 2 RLS 2 2 R¹-OBL 2 R¹-banhar-NLZ
 Ø-ɔjnɔre-re ket rãʔã
 R¹-terminar-NLZ NEG ainda
 ‘(não houve ainda o terminar do teu banhar ‘9você ainda não terminou de banhar)’

6.2.1.2. Orações completivas com o verbo -mɔkraɟ ‘começar’

516. mēni na mē arəp [pĩ Ø-kɒ-rɒ] Ø-mɔkraɟ
 mulher RLS PL já pau R¹-cortar-NLZ R¹-começar
 (as mulheres já começaram o cortar do pau)’ ‘as mulheres já começaram a cortar pau’

517. mēni na mē Ø-te [pĩ Ø-kɒ-rɒ]
 mulher RLS PL R¹-OBL pau R¹-cortar-NLZ
 Ø-mɔkraɟ-Ø ket rãʔã
 R¹-começar-NLZ NEG ainda
 ‘ainda não houve o começar de cortar pau pelas mulheres’
 ‘(as mulheres ainda não começaram a cortar pau)’

518. i \emptyset -prõ dʒa [mri ɲ-ĩ \emptyset -dʒʌ-rʌ] \emptyset -møkraj
 1 R¹-esposa IRLS caça R¹-carne R¹-assar-NLZ R¹-começar
 ‘minha esposa começou o assar carne de caça’ (minha esposa começou o
 assar de carne de caça)’
519. i \emptyset -prõ dʒa \emptyset -te [mri \emptyset -dʒʌ-rʌ]
 1 R¹-esposa IRLS R¹-OBL caça R¹-assar-NLZ
 \emptyset -møkraj- \emptyset ket rãʔã
 R¹-começar-NLZ NEG ainda
 ‘não houve o começar do assar da caça por minha esposa’
 ‘(minha esposa não começou a assar da caça)’
520. pikadʒwa na arəp [kʌj dʒ-waŋrʌ-j] \emptyset -møkraj
 Pykadjwá RLS já facão R¹-amolar-NLZ R¹-começar
 ‘Pykadjwá já começou o amolar do facão’ ‘(Pykadjwá já começou a amolar o
 facão)’
521. Pikadʒwa na \emptyset -te [kʌj dʒ-waŋrʌ-j]
 Pykadjwá RLS R²-OBL facão R¹-amolar-NLZ
 \emptyset -møkraj- \emptyset - ket rãʔã
 R¹-começar- NLZ NEG ainda
 ‘Ainda não houve o amolar do facão por Pykadjwá’
 ‘(Pykadjwá ainda não começou a amolar o facão)’
522. ta ãwa na arəp [kruwapu \emptyset -kai-ri] \emptyset -møkraj
 3 DEM.DIST RLS já capacete R¹-tecer-NLZ R¹-começar
 ‘aqueles já começaram o tecer do capacete’ ‘(aqueles já começaram a tecer o
 capacete)’

523. ta ʔa na ʔ-te [kruwapu ʔ-kai-ri]
 3P DEM.DIST RLS R²-OBL capacete R¹-tecer-NLZ
 ʔ-məkraj-ʔ ket rãʔã
 R¹-começar- NLZ NEG ainda
 ‘não houve ainda o terminar do tecer do capacete por mim’ ‘(eu ainda não terminei de tecer o capacete)’
524. guba na gu arəp [ɖɔwəŋrɒ ŋ-ipej-ʔ] ʔ-məkraj
 1+2 RLS 1+2 já farinha R¹-fazer-NLZ R¹-começar
 ‘nós começamos o fazer da farinha’ ‘(nós começamos a fazer farinha)’
525. guba na guba ʔ-jɛ [ɖɔwəŋrɒ ŋ-ipej-ʔ]
 1+2 RLS 1+2 R¹-OBL farinha R¹-fazer-NLZ
 ʔ-məkraj-ʔ ket rãʔã
 R¹-começar-NLZ NEG ainda
 ‘não houve ainda o começar do fazer da farinha por nós)’ ‘nós ainda não começamos a fazer farinha’
526. ba na ba arəp [i ʔ-tɔ-rɔ ʔ-məkraj
 1 RLS 1 já 1 R¹-festejar-NLZ R¹-começar
 ‘eu já comecei o meu festejar’ ‘(eu já comecei o meu festejar)’
527. ba na ba i ʔ-jɛ [i ʔ-tɔ-rɔ
 1 RLS 1 1 R¹-OBL 1 R¹-festejar-NLZ
 ʔ-məkraj-ʔ- ket rãʔã
 R¹-começar- NLZ NEG ainda
 ainda não houve o começar do meu festejar’ ‘(eu ainda não comecei a festejar)’

528. ta ẵa na arəp [∅-re-re ∅-məkraj
 3 DEM.DIS RLS já R²-nadar-NLZ R¹-começar
 a quele já começaram seu nadar’ (‘aqueles já começaram a nadar)’
529. ta ẵa na ∅-tɛ [∅-re-re] ∅-məkraj-∅ ket rã?ã
 3 DEM.DIS RLS já R¹-nadar-NLZ R¹-começar-NLZ NEG ainda
 ‘ainda não houve o começar do nadar por eles’ (‘aqueles ainda não começaram a nadar)’
530. mễ kunĩ na mễ arəp [∅-ŋrɛ-rɛ] ∅-məkraj
 HUM QUANT RLS HUM já R²-cantar-NLZ R¹-começar
 todos começaram seu cantar’ (‘todos começaram a cantar)’
531. mễ kunĩ na mễ ∅-tɛ [∅-ŋrɛ-rɛ] ∅-məkraj-∅ ket rã?ã
 HUM QUANT RLS PL R²-OBL R²-cantar-NLZ R¹-começar-NLZ NEG ainda
 ‘ainda não houve o começar do cantar por todos eles’

6.2.1.3. Orações completivas com o verbo *-boj* ‘conseguir’

532. ba na ba [i ∅-jɛ a ∅-mã
 1 RLS 1 1 R¹-OBL 2 R¹-DIRET
 ∅-akrɛ-∅ ∅-ərɔ] boj
 R¹-ensinar-NLZ R¹-DIR conseguir
 ‘eu consegui na direção do ensinar para você’ (‘eu consegui te ensinar)’
533. ba na ba [i ∅-jɛ a ∅-mã ∅-akrɛ-∅
 1 RLS 1 1 R¹-OBL 2 R¹-DIRET R¹-ensinar-NLZ

- [\emptyset -əɾə]** i **[\emptyset -boj- \emptyset]** ket rãʔã
 R¹-DIR 1 R¹-conseguir-NLZ NEG ainda
 ‘não houve o conseguir na direção do ensinar a você
 por mim’ ‘(eu não consegui te ensinar)’
534. mēm̃i na mē **[\emptyset -tɛ aŋro \emptyset -bī-n \emptyset -əɾə]** boj
 homem RLS HUM R²-OBL porcão R¹-matar-NLZ R¹-DIR conseguir
 ‘o homem conseguiu na direção do matar do porcão por ele’ ‘(o homem
 conseguiu matar o porcão)’
535. mēm̃i na mē **[\emptyset -tɛ aŋro \emptyset -bī-n \emptyset -əɾə]**
 homem RLS HUM R²-OBL porcão R¹-matar-NLZ R¹-DIR
[\emptyset -boj- \emptyset] ket rãʔã
 R¹-conseguir-NLZ NEG ainda
 ‘não houve o conseguir na direção do matar do porcão pelo homem’ ‘(o
 homem não conseguiu matar o porcão)’
536. ga na ga **[a \emptyset -jɛ ni \emptyset -mū-j**
 2 RLS 2 2 R²-OBL mulher R¹-ver-NLZ
[\emptyset -əɾə] **[\emptyset -boj]**
 R¹-DIR R¹-conseguir
 ‘você conseguiu na direção do ver da mulher por você’ ‘(você conseguiu ver a
 mulher)’
537. ga na ga **[a \emptyset -jɛ ni \emptyset -mū-j**
 2 RLS 2 2 R²-OBL mulher R¹-ver-NLZ
[\emptyset -əɾə] a **[\emptyset -boj- \emptyset]** ket
 R¹-DIR 2 R¹-conseguir-NLZ NEG
 ‘não houve o conseguir na direção do ver da mulher por você’ ‘(você não
 conseguiu ver a mulher)’

538. ba na ba [i \emptyset -jε piʔokapri \emptyset -bi-ri
 1 RLS 1 1 R²-OBL dinheiro R¹-pegar-NLZ
 \emptyset -arə] boj
 R¹-DIR conseguir
 ‘eu consegui na direção do pegar do dinheiro’ ‘(eu consegui receber o dinheiro)’
539. ba na ba [i \emptyset -jε piʔokapri \emptyset -bi-ri
 1 RLS 1 1 R²-OBL dinheiro R¹-ensinar-NLZ
 \emptyset -arə] i \emptyset -boj- \emptyset ket
 R¹-DIR 1 R¹-conseguir-NLZ NEG
 ‘não houve o conseguir na direção do pegar do dinheiro por mim’ ‘(eu não consegui receber o dinheiro)’
540. mẽmi na mẽ arəp gərotire \emptyset -kām [\emptyset -boj- \emptyset -
 homem RLS PL já Gorotire R¹-LOC R²-chegar-NLZ
 \emptyset -arə] boj
 R¹-DIR conseguir
 ‘os homens já conseguiram na direção do seu chegar ao Gorotire’ ‘(os homens já conseguiram chegar ao Gorotire)’
541. mẽmi na mẽ gərotire \emptyset -kām [\emptyset -boj- \emptyset -
 homem RLS PL Gorotire R¹-LOC R²-chegar-NLZ
 \emptyset -arə] \emptyset -boj- \emptyset ket rãʔã
 R¹-DIR R²-conseguir-NLZ NEG ainda
 ‘ainda não houve o conseguir na direção do chegar dos homens ao Gorotire’ ‘(os homens ainda não conseguiram chegar ao Gorotire)’

542. ba na ba arəp [i Ø-ŋrɛ-rɛ
 1 RLS 1 já 1 R¹-cantar-NLZ
 Ø-ərə] boj
 R¹-DIR conseguir
 ‘eu já consegui na direção do meu cantar’ ‘(eu já consegui cantar)’
543. ba na ba [i Ø-ŋrɛ-rɛ Ø-ərə]
 1 RLS 1 1 R¹-cantar-NLZ R¹-DIR
 i Ø-boj-Ø ket rãʔã
 1 R¹-conseguir-NLZ NEG ainda
 ‘ainda não houve o conseguir na direção do meu cantar’
 ‘(eu ainda não consegui cantar)’
544. ba na ba arəp [i Ø-mɛj Ø-ərə] boj
 1 RLS 1 já 1 R¹-bom R¹-DIR conseguir
 ‘(eu já consegui na direção do meu estar bem)’ ‘(eu já consegui ficar bem)’
545. ba na ba [i Ø-mɛj Ø-ərə]
 1 RLS 1 1 R¹-bom R¹-DIR
 i Ø-boj-Ø ket rãʔã
 1SG.ABS R¹-conseguir-NLZ NEG ainda
 ‘ainda não houve o conseguir na direção do meu estar bem’
 ‘(eu ainda não consegui fica bem)’

6.2.1.4. Orações completivas com o verbo *-prãm*

546. ba na ba i Ø-mã
 1 RLS 1 1 R¹-DIRET
 [puru Ø-kare-re] Ø-prãm
 roça R¹-limpar-NLZ R¹-querer
 ‘eu quero limpar a roça’ ‘

547. ba na ba i Ø-mã
 1 RLS 1 1 R¹-DIRET
[puru Ø-kare-re] Ø-prãm ket
 roça R¹-limpar-NLZ R¹-querer NEG
 ‘eu não quero limpar a roça’
548. kubẽ ku-mã **[kaprãn Ø-krẽ-n]** Ø-prãm
 não indígena R²-DIRET jabuti R¹-comer-NLZ R¹-querer
 ‘o não indígena quer comer jabuti’
549. kubẽ na ku-mã **[kaprãn Ø-krẽ-n]** Ø-prãm ket
 não indígena RLS R²-DIRET jabuti R¹-comer-NLZ R¹-querer NEG
 ‘o não indígena não quer comer jabuti’
550. i Ø-mã **[tɛp j-ajĩ-j]** Ø-prãm
 1 R¹-DIRET peixe R¹-pescar-NLZ R¹-querer
 ‘eu quero pescar’
551. i Ø-mã **[tɛp j-ajĩ-j]** Ø-prãm ket
 1 R¹-DIRET peixe R¹-pescar-NLZ R¹-querer NEG
 ‘eu não quero pescar’
552. mẽprĩre na mẽ **[ŋo Ø-kãm Ø-bitɕae-re]** Ø-prãm
 criança RLS PL água R¹-LOC R¹-brincar-NLZ R¹-querer
 ‘as crianças querem brincar no rio’

553. mēprĩre na mē [ŋo Ø-kãm
 criança RLS PL água R¹-LOC
 Ø-bitʃae-re] Ø-prãm ket
 R¹-pescar-NLZ R¹-querer NEG
 ‘as crianças não querem brincar no rio’
554. ba na ba maraba Ø-mã
 1 RLS 1 Marabá R¹-DIRET
 [i Ø-tẽ-m] Ø-prãm
 1 R¹-ir/vir-NLZ R¹-querer
 ‘eu quero ir a Marabá’ (existe o querer do meu
 ir a Marabá)
555. ba na ba maraba Ø-mã
 1 RLS 1 Marabá R¹-DIRET
 [i Ø-tẽ-m] Ø-prãm ket
 1 R¹-ir/vir-NLZ R¹-querer NEG
 ‘eu não quero ir a
556. ga na ga a Ø-mã
 2 RLS 2 2 R¹-DIRET
 [a ɖʒwə-rə] Ø-prãm
 2 R¹-ir/vir-NLZ R¹-querer
 ‘você quer tomar banho’
557. ga na ga a Ø-mã
 2 RLS 2 2 R¹-DIRET
 [a ɖʒwə-rə] Ø-prãm ket
 2 R¹-ir/vir-NLZ R¹-querer NEG
 ‘você não quer tomar banho’

558. ga na ga a Ø-mã
 2 RLS 2 2 R¹-DIRET
 [i Ø-ŋrɛ-rɛ] Ø-prãm
 1 R¹-cantar-NLZ R¹-querer
 ‘você quer que eu cante’

559. ga na ga a Ø-mã
 2 RLS 2 1SG.ABS R¹-DIRET
 [i Ø-ŋrɛ-rɛ] Ø-prãm ket
 1 R¹-cantar-NLZ R¹-querer NEG
 ‘você não quer que eu cante’

560. mēni na mē ku-mã [i Ø-tɔ-rɔ] Ø-prãm
 mulher RLS HUM R²-DIRET 1 R¹-festejar-NLZ R¹-querer
 ‘a mulher quer que eu dance’

561. mēni na mē ku-mã [i Ø-tɔ-rɔ] Ø-prãm ket
 mulher RLS HUM R²-DIRET 1 R¹-festejar-NLZ R¹-querer NEG
 ‘a mulher não quer que eu dance’

6.2.2 Verbos de manipulação

Orações principais que têm como núcleo verbos de manipulação apresentam as seguintes características semânticas e sintáticas, de acordo com Givón (2001, p. 41):

Características semânticas

- O agente da oração principal manipula o comportamento do *manipulee* ‘alvo’, um agente em potencial;
- O *manipulee* do verbo principal é correferente com o agente da oração completiva;
- A oração completiva codifica o evento a ser realizado pelo *manipulee*.

Características sintáticas

- O agente manipulador do verbo principal é o sujeito da oração principal;
- O *manipulee* do verbo principal exerce a função de objeto direto ou indireto da oração principal;
- O *manipulee* do verbo principal é também o sujeito da oração completiva.
- sujeito '*manipulee*' da oração completiva é codificado como zero na oração completiva.
- O verbo da oração completiva exibe com maior frequência morfologia nominalizada ou não-finita.
- A oração completiva tende a ocupar a posição de objeto na oração principal (OV ou VO).
- A oração completiva tende a ter um contorno intonacional unificado com a oração principal.

São considerados de manipulação verbos como: 'fazer', 'dizer', 'ordenar', 'pedir', 'mandar', 'falar', dentre outros.

6.2.2.1 Orações completivas com o verbo *-arẽ* 'dizer'

As orações completivas com verbo de manipulação são sintaticamente independentes da oração matriz, mas completam o significado desta. Ocorrem justapostas, têm como núcleo do predicado formas verbais plenas e seu argumento sujeito é codificado pelas marcas pessoais nominativas.

562. *krupdʒo na Ø-arẽ [dʒa Ø-prõ tɛp Ø-ga]*
Krupdjo RLS R²-dizer IRRLS R²-esposa peixe R¹-assar
 'Krupdjo disse (que) (há potencialidade de que) esposa assa peixe'

563. *krupdʒo na Ø-arẽ [dʒa Ø-prõ Ø-tɛ]*
Krupdjo RLS R²-dizer IRRLS R²-esposa R²-OBL

- tɛp dʒ-ʌɾʌ ket]**
 peixe R¹-assar-NLZ NEG
 ‘Krupdjo disse que sua esposa não (que) não há
 potencialidade de que) esposa
564. mēni na mē Ø-arē [dʒa ga mē kwərə dʒ-une]
 mulher RLS HUM R²-dizer IRRLS 2 PL mandioca R²-espremer
 ‘a mulher disse (potencialmente) vocês vão espremer mandioca’
565. mēni na mē Ø-arē [dʒa mē a
 mulher RLS HUM R²-dizer IRRLS PL 2
kwərə dʒ-une-j ket]
 mandioca R²-espremer-NLZ NEG
 ‘a mulher disse que (potencialmente) vocês não vão espremer
 mandioca’
566. ga na ga i Ø-mã kariño i j-arē
 2 RLS 2 1 R¹-DIRET fumo 1 R¹-dizer
[dʒa ba a Ø-mã ku-bi
 IRRLS 2 2 R¹-DIRET R²-pegar
 ‘você disse que (potencialmente) eu vou
 pegar fumo para você’
567. ga na ga i Ø-mã kariño i j-arē
 2 RLS 2 1 R¹-DIRET fumo 1 R¹-dizer
[dʒa i Ø-jɛ a Ø-mã ku-bi]
 IRRLS 1 R¹-OBL 2 R¹-DIRET R²-pegar
 ‘você disse que (não há a potencialidade) eu não vou pegar
 fumo para você’

568. ba na ba a \emptyset -mã \emptyset -arẽ
 1 RLS 1 2 R¹-DIRET R²-dizer
[dʒa ga puru \emptyset -mã tẽ]
 IRRLS 2 roça R²-DIRET ir/vir
 ‘eu disse que você vai para a roça’
568. ba na ba a \emptyset -mã \emptyset -arẽ
 1 RLS 1 2 R¹-DIRET R²-dizer
[dʒa ga puru \emptyset -mã a \emptyset -tẽ-m ket]
 IRRLS 2 roça R²-DIRET 2 R¹-ir/vir NEG
 ‘eu disse que você não vai para a roça’
569. benadzɔwərə na \emptyset -arẽ **[dʒa mẽ**
 cacique RLS R²-dizer IRRLS PL
mõ ɲo \emptyset -kaʔõ]
 para cá ir/vir R¹-bater.timbó
 ‘o cacique está dizendo que (há potencialidade) eles vão bater timbó’
570. benadzɔwərə na \emptyset -arẽ **[dʒa mẽ**
 cacique RLS R²-dizer IRRLS PL
mõ ɲo] \emptyset -kaʔõ-j ket]
 para cá ir/vir R¹-bater.timbó NEG
 ‘o cacique está dizendo que eles não vão bater timbó’
571. ba na ba arəp \emptyset -arẽ **[dʒa mẽprĩrɛ ɲõrõ]**
 1 RLS 1 já R²-dizer IRRLS criança dormir
 ‘eu disse que a criança vai dormir’
572. ba na ba arəp \emptyset -arẽ **[dʒa mẽprĩrɛ ɲ-õt ket]**
 1 RLS 1 já R²-dizer IRRLS criança R¹-dormir NEG
 ‘eu disse que criança não vai dormir’

573. \emptyset -nã na arəp \emptyset -arẽ [dʒa \emptyset -krã re]
 R²-mãe RLS já R²-dizer IRRLS R²-filho nadar
 ‘a mãe disse que o filho vai nadar’

574. \emptyset -nã na arəp \emptyset -arẽ [dʒa \emptyset -krã \emptyset -re-re ket]
 R²-mãe RLS já R²-dizer IRRLS R²-filho R¹-nadar-NLZ NEG
 ‘a mãe disse que o filho não vai nadar’

6.2.3 Verbos de cognição-elocução (‘ver’, ‘saber’, ‘pensar’, ‘dizer’ etc.).

Os verbos de cognição-elocução apresentam as seguintes características semânticas sintáticas, conforme Givón (2001:42):

Características semânticas

- O verbo da oração principal codifica um evento ou estado mental ou um evento de percepção ou cognição ou um ato de fala.
- O sujeito do verbo é uma agente marcado pelo caso dativo.
- O estado ou evento codificado na oração completivas é análogo ao paciente do verbo da oração principal

Características sintáticas

- Não há restrições quanto à correferencialidade entre a oração principal e a oração completiva.
- Em geral, a oração completiva terá uma oração principal com estrutura finita, com um sujeito plenamente expresso e morfologia verbal finita.
- As duas orações podem ser separadas por um morfema subordinador.
- As duas orações têm contornos intonacionais separados.

6.2.3.1 Orações completivas com o verbo *-mũ* ‘ver’

As orações completivas com verbo de cognição-elocução *-mũ* ‘ver’ ocorrem encaixadas na oração matriz, tem como núcleo de predicado formas verbais nominalizadas e seu argumento sujeito é codificado pelos pronomes da série absoluta regidos pela posição oblíqua *-jε/te*. Semanticamente, funcionam como objeto direto da oração principal.

575. ba na ba [a \emptyset -jε kaŋã \emptyset -bĩ-n] \emptyset -mũ
 1 RLS 1 2 R¹-OBL cobra R¹-matar-NLZ R¹-ver
 ‘eu vi o matar da cobra por você’ ‘(eu vi que você matou a cobra)’

576. ba na ba i \emptyset -jε [a \emptyset -jε kaŋã
 1 RLS 1 1 R¹-OBL 2 R¹-OBL cobra
 \emptyset -bĩ-n] \emptyset -mũ-j ket
 R¹-matar-NLZ R¹-ver-NLZ NEG
 ‘não houve o ver de mim do matar da cobra por você’ ‘(eu não vi que você não matou a cobra)’

577. ba na ba \emptyset -ɔmũ
 1 RLS 1 R²-ver
 a \emptyset -jε kaŋã \emptyset -bĩ-n] ket
 2 R¹-OBL cobra R¹-matar-NLZ NEG
 ‘eu vi que não houve o matar da cobra por você’ ‘(eu vi que você não matou a cobra)’

578. mēmi na mē [mēnirε \emptyset -te pĩ \emptyset -kəkje-re] \emptyset -mũ
 homem RLS PL mulher R¹-OBL pau R¹-cortar-NLZ R¹-ver
 ‘os homens viram que houve o cortar de pau pelas mulheres’ ‘(os homens viram que as mulheres cortaram pau)’

579. mēmi na mē \emptyset -tɛ [mēnirɛ \emptyset -tɛ
 homem RLS PL R²-OBL mulher R¹-OBL
 pī \emptyset -kəkje-re] \emptyset -mũ-j ket
 pau R¹-cortar-NLZ R¹-ver NEG
 ‘não houve o ver pelos homens do cortar pau pelas mulheres’ ‘(os homens não viram que as mulheres cortaram pau)’
580. mēmi na mē \emptyset -omũ [pũm mēnirɛ pī \emptyset -kəkje-re ket]
 homem RLS PL R²-ver SD mulher PAU R¹-cortar-NLZ NEG
 ‘os homens viram que não houve o cortar de pau pelas mulheres’ ‘(os homens viram que as mulheres não cortaram pau)’
581. ga na ga [mēnirɛ kwərə j-are-j] \emptyset -omũ
 2 RLS 2 mulher mandioca R¹-arrancar-NLZ R¹-ver
 ‘você viu que houve o arrancar de mandioca pela mulher’ ‘você viu que a mulher arrancou mandioca’
582. ga na ga \emptyset -omũ pũm mēnirɛ
 2 RLS 2 R²-ver SD mulher
 \emptyset -tɛ kwərə j-are-j ket]
 R¹-OBL andioca R¹-arrancar-NLZ NEG
 ‘você viu que não houve o arrancar de mandioca pela mulher’ ‘(você viu que a mulher não arrancou mandioca)’
583. ga na ga a \emptyset -jɛ [mēnirɛ \emptyset -tɛ kwərə
 2 RLS 2 2 R¹-OBL mulher R¹-OBL mandioca
 j-are-j] \emptyset -mũ-j ket
 R¹-arrancar-NLZ R¹-ver-NLZ NEG
 ‘não houve o teu ver do arrancar de mandioca pela mulher’ ‘(você não viu que a mulher arrancou mandioca)’

584. ba na ba [rɔp Ø-kλ-rλ
 1 RLS 1 cachorro R¹-latir-NLZ
 Ø-ɔ Ø-ã-m] Ø-mũ
 ASS.INSTR R²-estar.em.pé-NLZ R¹-ver
 ‘eu vi que houve o latido do cachorro’ ‘(eu vi
 que o cachorro latiu)’
585. ba na ba i Ø-jε [rɔp Ø-kλ-rλ
 1 RLS 1 1 R¹-OBL cachorro R¹-latir-NLZ
 Ø-ɔ Ø-ã-m] Ø-mũ-j ket
 R¹-ASS.INSTR R²-estar.em.pé-NLZ R¹-ver-NLZ NEG
 ‘não houve o ver por mim do latido do cachorro’ ‘(eu não vi que o
 cachorro estava latindo)’
586. ba na ba Ø-ɔmũ jũm [rɔp Ø-kλ-rλ
 1 RLS 1 R¹-ver SD cachorro R¹-latir-NLZ
 Ø-ɔ Ø-ã-m] ket
 R¹-ASS.INSTR R²-estar.em.pé-NLZ NEG
 ‘não houve o ver por mim do latido do cachorro’ ‘(eu vi que o cachorro não
 estava latindo)’
587. mēnirε na Ø-ɔmũ [jũm mēprirε dʒwa]
 mulher RLS R²-ver SD criança banhar
 ‘a mulher viu que a criança banhou’
588. mēnirε na Ø-tε mēprirε dʒ-wə-rə Ø-mũ-j ket
 mulher RLS R²-ver criança R¹-banhar-NLZ R¹-banhar-NLZ NEG
 ‘não houve o ver pela mulher do banhar da criança’ ‘(a mulher não viu que a
 criança banhou)’

589. mēnirɛ na Ø-ɔmũ [ɲũm mēprĩɛ dʒ-wə-rə ket]
mulher RLS R²-ver SD criança R¹-banhar-NLZ NEG
‘a mulher viu que não houve o banhar da criança’ ‘(a mulher viu que a
criança não banhou)’
590. ba na ba [mēnirɛ Ø-tɔ-rɔ] Ø-mũ
1 RLS 1 mulher R¹-dançar-NLZ R¹-ver
‘eu vi o dançar das mulheres’ ‘eu vi que as mulheres dançaram’
591. ba na ba i Ø-jɛ
1 RLS 1 1 R¹-OBL
‘eu vi que as mulheres dançaram’ ‘(eu vi o dançar das mulheres)’
[mēnirɛ Ø-tɔ-rɔ] Ø-mũ-j ket
mulher R¹-dançar-NLZ R¹-ver NEG
‘não houve o ver por mim do dançar das mulheres’ ‘(eu não vi que as
mulheres dançaram)’
592. ba na ba Ø-ɔmũ ɲũm [mēnirɛ Ø-tɔ-rɔ] ket
1 RLS 1 R²-ver SD mulher R²-dançar-NLZ neg
‘eu vi que não houve o dançar das mulheres’ ‘(eu vi que as mulheres não
dançaram)’
593. ba na ba Ø-ɔmũ [a Ø-kapĩɛ]
1 RLS 1 R²-ver 1 R¹-triste
‘eu vi haver tua tristeza’ ‘(eu vi que você está triste)’

6.2.3.2 Orações completivas com o verbo *-ma* ‘saber’

As orações completivas de cognição-elocução com o verbo *-ma* ‘saber’ podem ocorrer justapostas ou podem vir encaixadas à principal. No primeiro caso, o núcleo do predicado da oração dependente é composto por temas verbais plenos e seu argumento sujeito é marcado pelos pronomes nominativos. Quando a oração dependente vem encaixada na matriz, o núcleo de seu predicado é codificado por um nome de ação e seu argumento sujeito é marcado pelos pronomes dependentes da série absoluta.

594. ba na ba ku-ma **[ɲũm mẽnirɛ kwərə j-are]**
 1 RLS 1 R²-saber SD mulher mandioca R¹-arrancar
 ‘eu sei que houve o arrancar de mandioca pelas mulheres’ ‘(eu sei que a
 mulher arrancou mandioca)’

595. ba na ba i ∅-jɛ ∅-ma-ri ket
 1 RLS 1 1 R¹-OBL R²-saber-NLZ NEG
 [ɲũm mẽnirɛ kwərə j-are]
 SD mulher mandioca R¹-arrancar
 ‘não há o saber por mim de que a mulher arrancou mandioca’ ‘(eu não sei que a
 mulher arrancou mandioca)’

596. i ∅-jɛ **[mẽnirɛ ∅-tɛ kwərə j-are-j]** ∅-ma-ri
 1 R²-OBL mulher R¹-OBL mandioca R¹-arrancar- NLZ R¹-saber-NLZ
 ‘há o saber por mim do arranca de mandioca pela mulher’ ‘(eu sei que a mulher
 arrancou mandioca)’

597 i ∅-jɛ **[mẽnirɛ ∅-tɛ kwərə**
 1 R²-OBL mulher R¹-OBL mandioca

j-are-j] Ø-ma-ri ket
 R¹-arrancar-NLZ R¹-saber-NLZ NEG

‘não há o saber por mim do arrancar de mandioca pela mulher’ ‘(eu não sei que a mulher arrancou mandioca)’

598. ga na ga a-ma [**ba kukrit Ø-bī]**
 2 RLS 2 R²-saber 1 anta R¹-matar
 ‘você sabe que eu matei anta’

599. a Ø-jε Ø-ma-ri ket [**ba kukrit Ø-bī]**
 2 R²-OBL R²-saber-NLZ NEG 1 anta R¹-matar
 ‘você não sabe que eu matei anta’ ‘(não há o saber por você de que eu matei anta)’

600. a Ø-jε [**i Ø-jε kukrit Ø-bī-n]** Ø-ma-ri
 2 R²-OBL 1 R²-OBL anta R¹-matar-NLZ R¹-saber-NLZ
 ‘não há o saber por você de que eu matei anta’ ‘(você não sabe que eu matei anta)’

601 a Ø-jε [**i Ø-jε kukrit**
 2 R²-OBL 1SG.ABS R²-OBL anta
 Ø-bī-n] **Ø-ma-ri** **ket**
 R¹-matar-NLZ R¹-saber-NLZ NEG
 ‘você não sabe que eu matei anta’ ‘(não há o saber por você do matar de anta por mim)’

602. benadz̥wəɾə na ku-ma **pũm mēmi piʔi** Ø-kukwə
 cacique RLS R²-saber SD homem castanha R¹-cortar
 ‘o cacique sabe que os homens cortaram castanha’

603. benadzɔwərə na Ø-tɛ Ø-ma-ri ket
 cacique RLS R²-OBL R²-saber NEG
[ɲũm mēmi piʔi Ø-kukwə]
 SD homem castanha R¹-cortar
 ‘o cacique não sabe que os homens
 cortaram castanha’
604. benadzɔwərə na Ø-tɛ **[mēmi Ø-tɛ piʔi**
 cacique RLS R²-OBL homem R²-OBL castanha
Ø-kukwə-rə] Ø-ma-ri ket
 R¹-cortar-NLZ R¹-cortar-NLZ NEG
 ‘não há o saber do cacique do cortar de castanha pelos
 homens’ ‘(o cacique não sabe que os homens cortaram
 castanha)’
605. ba na ba i Ø-jɛ **[bʌ**
 1 RLS 1 1 R¹-OBL floresta
Ø-kām i Ø-tē-m] Ø-ma-ri
 R¹-LOC 1SG.ABS R¹-ir/vir-NLZ R¹-saber-NLZ
 ‘existe o saber do meu ir à floresta por mim)’ ‘(eu sei caçar)’
606. ga na ga a Ø-jɛ **[i**
 1 RLS 1SG.ENF 1SG.ABS R¹-OBL floresta
Ø-katə-rə] Ø-ma-ri
 R¹-sair-NLZ R¹-saber-NLZ
 ‘existe o saber do meu sair por você’ ‘(você sabe que eu
 sai)’
607. mēniɾɛ na Ø-tɛ **[a** Ø-ŋɾɛ-rɛ Ø-ma-ri
 mulher RLS R¹-OBL 2 R¹-cantar-NLZ R¹-saber-NLZ
 ‘a mulher sabe que você canta’ (existe o saber pela mulher de teu cantar)’

608. ga na ga a Ø-jε [i Ø-nõ-rõ Ø-ma-ri
 2 RLS 2 2 R¹-OBL 2 R¹-cantar-NLZ R¹-saber-NLZ
 ‘existe o saber por você do meu deitar’ ‘(você sabe que eu deitei)’

609. ga na ga a Ø-jε
 2 RLS R¹-OBL 2 R¹-banhar-NLZ
 i Ø-mə-rə] Ø-ma-ri
 1 R¹-banhar-NLZ R¹-saber-NLZ
 ‘existe o saber do meu chorar por você’ ‘(você sabe que eu chorei)’

6.2.3.3 Orações completivas com o verbo -ɔwagnɔ ‘esquecer’

As orações dependentes com o verbo -ɔwagnɔ ‘esquecer’ ocorrem encaixadas à principal e funcionam como complemento desta. O núcleo do predicado da oração dependente é codificado por formas verbais nominalizadas e seu argumento sujeito segue orientação absoluta.

610 mēbejet na mē [kukoj ɔɟ-ʌɲwə-rə] Ø-ɔwagnɔ
 velho RLS HUM macaco R¹-flechar-NLZ R¹-esquecer
 ‘o velho esqueceu (de) flechar o macaco’

611. mēbejet na mē Ø-tε [kukoj
 velho RLS HUM R²-OBL macaco
 ɔɟ-ʌɲwə-rə] Ø-ɔbignɔ-rɔ ket
 R¹-flechar-NLZ R¹-esquecer-NLZ NEG
 ‘o velho não esqueceu (de) flechar o macaco’ ‘(não houve
 o esquecer do flechar do macaco pelo velho)’

612. mēnirɛ na mē [jʌt j-are-j] Ø-ɔwagnɔ
mulher RLS HUM batata doce R¹-arrancar-NLZ R¹-esquecer
‘a mulher esqueceu (de) arrancar batata doce’
613. mēnirɛ na mē Ø-tɛ [jʌt
mulher RLS HUM R²-OBL batata doce
j-are-j Ø-ɔbignɔ-rɔ ket
R¹-arrancar-NLZ R¹-esquecer-NLZ neg
não houve o esquecer da mulher do arrancar de batata-doce por ela’ ‘(a
mulher não esqueceu (de) arrancar batata-doce)’
614. ga na ga [i Ø-mã piʔokapĩ
2 RLS 2 1 R¹-DIRET dinheiro
Ø-pã-rã Ø-ɔwagnɔ
R¹-dar-NLZ R¹-esquece
‘você esqueceu (de) me dar dinheiro’
615. ga na ga a Ø-jɛ [i Ø-mã
2 RLS 2 2 R¹-OBL 1SG.ABS R¹-DIRET
piʔokapĩ p-ã-rã Ø-ɔbignɔ-rɔ ket
dinheiro R¹-dar-NLZ R¹-esquecer-NLZ NEG
‘não houve o esquecer de você do dar dinheiro para mim por você’ ‘(você não
esqueceu (de) me dar dinheiro)’
616. ba na ba [i Ø-kra Ø-mã
1 RLS 1 1 R¹-OBL R¹-DIRET
tɛp j-anɔ-rɔ Ø-ɔwagnɔ
peixe R¹-mandar-NLZ R¹-esquecer
‘eu esqueci de mandar peixe para meu filho’

617. ba na ba [i 0-jɛ [i 0-kra 0-mã
 1 RLS 1 1 R¹-OBL 1 R¹- filho R¹-DIRET
 tɛp j-anɔ-rɔ 0-ɔbignɔ-rɔ ket
 peixe R¹-mandar-NLZ R¹-esquecer-NLZ NEG
 ‘eu não esqueci de mandar peixe para meu filho’ (não houve o
 esquecer do mandar peixe para meu filho por mim)’

618. ba na ba arɔp [i 0-ŋrɛ-rɛ] 0-ɔwagnɔ
 1 RLS 1 já 1 R¹-cantar-NLZ R¹-esquecer
 ‘eu esqueci o meu cantar’ ‘(eu esqueci de cantar)’

619. ba na ba i 0-jɛ [i
 1 RLS 1 1 R¹-OBL 1
 0-ŋrɛ-rɛ] 0-ɔbignɔ-rɔ ket
 R¹-cantar-NLZ R¹-esquecer-NLZ NEG
 ‘não houve o esquecer do cantar por mim’ ‘(eu não esqueci de
 cantar)’

620. ga na ga [a ɖɔ-wɔ-rɔ] 0-ɔwagnɔ
 2 RLS 2 2 R¹-banhar-NLZ R¹-esquecer
 você esqueceu o seu banhar’ ‘(você esqueceu de banhar)’

621. ga na ga a 0-jɛ [a
 2 RLS 2 2 R¹-OBL 2
 ɖɔ-wɔ-rɔ] 0-ɔbignɔ-rɔ ket
 R¹-banhar-NLZ R¹-esquecer-NLZ NEG
 ‘não houve o seu esquecer do banhar por você’ ‘(você
 não esqueceu de banhar)’

6.3 ORAÇÕES ADVERBIAIS

Orações dependentes adverbiais funcionam como advérbio e modificam a oração principal, com a qual contribuem com noções de tempo, modo, lugar, finalidade, condição, etc.

Segundo Thompson *et al* (2007, p. 238), orações adverbiais são consideradas como uma combinação hipotática com respeito à oração principal, uma vez que elas se relacionam à oração principal como um todo. Para estes autores, há três estratégias usadas para codificar as orações subordinadas, a saber: (a) por meio de morfemas subordinantes, (b) por meio de formas verbais especiais e (c) por meio da ordem de palavras. Todas essas estratégias são atestadas nas línguas do mundo para marcar orações dependentes adverbiais.

Neste capítulo, descrevemos as orações dependentes adverbiais encontradas na língua Xikrín do Cateté. Veremos que as orações dependentes adverbiais da língua Xikrín são codificadas pelas três estratégias propostas por Thompson *et al* (2007, p. 238). Esta seção está assim organizada: em 6.3.1 descrevemos as orações adverbiais temporais. Em 6.3.2, apresentamos as orações adverbiais de finalidade. Na seção 6.3.3, apresentamos as orações adverbiais condicionais. Em 6.3.4, descrevemos as orações adverbiais circunstanciais e, em 6.3.5, encerramos com as orações causais.

6.3.1 Orações adverbiais temporais

As orações adverbiais temporais em Xikrin podem ser marcadas por posições ou podem ser justapostas. Estas orações expressam eventos retrospectivos, sucessivos e simultâneos em relação ao evento da oração principal, conforme sejam marcadas pelos morfemas. *-wəjrɔp* ‘antes de’ *-iukri* ‘depois de’ e por verbos de movimento ou posicionais, respectivamente. As orações adverbiais temporais em Xikrín podem ser de anterioridade (6.3.1.1), de sucessividade, (6.3.1.2), e (c) de simultaneidade (6.3.1.3), as quais descrevemos nas subseções seguintes.

6.3.1.1 Orações adverbiais temporais de anterioridade

As orações subordinadas adverbiais temporais que expressam eventos retrospectivos são marcadas pela posposição *dʒ-wəjɾɒp* ‘antes de’. Estas orações têm como núcleo do predicado nomes ou verbos nominalizados e ocorrem sempre antepostas à oração principal.

Quando o núcleo do predicado da oração dependente é um nome (129-131) ou um verbo intransitivo nominalizado (132-134) seu argumento único é marcado pelos pronomes da série absolutiva, ou pode ser expresso por um nome referencial não regido por posposição oblíqua.

622. [i Ø-mã kri dʒ-wəjɾɒp] na ba amĩ j-ãprɔ
 1 R¹-DIRET frio R¹-antes.de RLS 1 REFL R¹-cobrir
 ‘antes de haver frio na minha direção, eu me cobri’
623. [i Ø-mã Ø-prãm-Ø- dʒ-wəjɾɒp] na ba kaprãn Ø-krẽ
 1 R¹-DIRET R²-querer-NLZ R¹-antes.de RLS 1 jabuti R¹-comer
 ‘antes do querer (a comida) na minha direção, eu comi jabuti’ (antes de sentir fome, eu comi jabuti)’
624. [kubẽ Ø-katɔ-rɔ dʒ-wəjɾɒp] ta wã na kaprãn Ø-mə
 1 R¹-SAIR-NLZ R¹-antes.de 3 DEM.DIST RLS jabuti R¹-pegar
 ‘antes da saída do não indígena, ele pegou jabuti’
625. [bɒ Ø-kãm i Ø-tẽ-m dʒ-wəjɾɒp]
 floresta R¹-LOC 1 R¹-ir/vir-NLZ R¹-antes.de
 na ba kɒj Ø-dʒwɒŋɾɒ
 RLS 1 facão R¹-amolar
 ‘antes do meu ir na floresta, eu amolei o facão’
626. [tɛp Ø-ɛrɔ a Ø-tẽ-m dʒ-wəjɾɒp]

floresta R¹-DIR 2 R¹-ir/vir-NLZ R¹-antes.de
 dʒa ga tɛprãmdʒʌ ʔð kumrẽj Ø-kaba
 RLS 2 minhoca INDEF primeiro R¹-tirar
 ‘antes do meu ir na direção do peixe, eu vou primeiro tirar algumas minhocas’

627. [i dʒ-wə-rə dʒ-wəjɾʌp] i dʒ-ʌpej kumrẽj
 1 R¹-banhar-NLZ R¹-antes.de 1 R¹-trabalho primeiro
 ‘antes do meu banhar, houve meu trabalho primeiro’

Orações dependentes adverbiais com núcleos transitivos têm seu argumento externo marcado pelos pronomes da série absoluta regidos pelo alomorfe *-jɛ* ‘por’, ou por nomes regidos pelo alomorfe *-tɛ* da mesma posposição, enquanto as orações principais têm o mesmo argumento marcado pela série pronominal nominativa ou por nomes referenciais sem auxílio de posposição (Exs. 628, 630, 632, 634, 636). Entretanto, quando o núcleo do predicado da oração principal é modificado por expressão de valor adverbial, seu argumento externo será marcado da mesma forma que o argumento externo da oração dependente, isto é, pela série absoluta regida pela posposição *-jɛ/-tɛ*, como mostram os exemplos (629, 631, 633, 635, 637).

628. a Ø-jɛ tɛp dʒ-ʌ-rʌ dʒ-wəjɾʌp]
 2 R¹-OBL peixe R¹-assar-NLZ R¹-antes.de
 dʒa ba kwɪ kumrẽj ɲ-ipej
 IRLS 1 fogo primeiro R¹-fazer
 ‘antes do assar do peixe por você, eu vou primeiro fazer o fogo’

629. a Ø-jɛ tɛp dʒ-ʌ-rʌ dʒ-wəjɾʌp]
 2 R¹-OBL peixe R¹-assar-NLZ R¹-antes.de
 dʒa i Ø-jɛ kwɪ ɲ-ipej-Ø kumrẽj
 IRLS 1 R¹-OBL fogo R¹-fazer- NLZ primeiro
 ‘antes do assar do peixe por você, vai haver o fazer do fogo por mim primeiro’

630. **a** \emptyset -jε **kwərə** \emptyset -ke-j **ɖɔ-wəjɾΛp]**
 2 R¹-OBL mandioca R¹-ralar-NLZ R¹-antes.de
ɖɔa ga kumrēj \emptyset -kudɔo
 IRRLS 2 primeiro R²-arrancar
 ‘antes do ralar mandioca por você, você primeiro a arrancou’
631. **a** \emptyset -jε **kwərə** \emptyset -ke-j **ɖɔ-wəjɾΛp]**
 2 R¹-OBL mandioca R¹-ralar-NLZ R¹-antes.de
ɖɔa ga **a** \emptyset -jε \emptyset -kudɔo-j kumrēj
 IRRLS 2 2 R¹-OBL R²-arrancar primeiro
 ‘antes do ralar mandioca por você, houve o arrancar dela por você primeiro’
632. **i** \emptyset -jε **kukej** **j-amə-j** **ɖɔ-wəjɾΛp]**
 1 R¹-OBL cotia R¹-pegar-NLZ R¹-antes.de
 katΛpti na kumrēj ku-mã ku-mě
 Katop-Ti RLS primeiro R²-DIRET R²-atirar
 ‘antes do pegar cotia por mim, Katop-Ti atirou primeiro nela’
633. **i** \emptyset -jε **kukej** **j-amə-j** **ɖɔ-wəjɾΛp]**
 1 R¹-OBL cotia R¹-pegar-NLZ R¹-antes.de
 katΛpti na \emptyset -tε ku-mã \emptyset -mě-j kumrēj
 Katop-Ti RLS R²-OBL R²-dat R²-atirar-NLZ primeiro
 ‘antes do pegar cotia por mim, houve o atirar nela por Katop-Ti primeiro’
634. **i** \emptyset -jε **rõpõ** \emptyset -ku-ru **ɖɔ-wəjɾΛp]**
 1 R¹-OBL palmito R¹-comer-NLZ R¹-antes.de
 na ba kumrēj ku-bo
 RLS 1 primeiro R²-assar
 ‘antes do comer palmito por mim, eu primeiro o assei’ ‘

635. **i Ø-jε rõpõ Ø-ku-ru dʒ-wəjɾɒp]**
 1 R¹-OBL palmito R¹-comer-NLZ R¹-antes.de
 na ba i Ø-jε Ø-bo-ro kumrēj
 RLS 1 1 R²-OBL R²-assar-NLZ primeiro
 ‘antes do comer palmito por mim, houve o assar dele por mim primeiro’
636. **[mēniɾε na Ø-tε kwərə Ø-kɾε-Ø dʒ-wəjɾɒp]**
 mulher RSL R¹-OBL mandica R¹-plantar-NLZ R¹-antes.de
na mēmī puru kumrēj Ø-kare
 RLS homem roça primeiro R¹-limpar
 ‘antes do plantar mandioca pelas mulheres, os homens primeiro limpavam a roça’
637. **[mēniɾε na Ø-tε kwərə Ø-kɾε-Ø dʒ-wəjɾɒp]**
 mulher RSL R²-OBL mandica R¹-plantar-NLZ R¹-antes.de
na mēmī Ø-tε puru Ø-kare-re kumrēj
 RLS homem R¹-OBL roça R¹-limpar-NLZ primeiro
 ‘antes do plantar mandioca pelas mulheres, houve o limpar da roça pelos homens primeiro’

6.3.1.2 Orações adverbiais temporais de sucessividade

Orações adverbiais temporais que expressam sucessão de eventos são codificadas pela posposição *-iukri* ‘depois de’. Do ponto de vista distribucional, ocorrem antepostas à oração principal e têm como núcleo de predicado nomes ou formas verbais intransitivas nominalizadas e, por isso, exibem orientação absoluta (Exs. 638-644). Quando o núcleo do predicado dessas orações é formado por verbo transitivo nominalizado, o argumento externo, codificado pelas formas pronominais dependentes, é regido pela posposição oblíqua *-jε/-tε*. (Exs.645-652). Já a oração principal quando tem como núcleo verbo intransitivo, seu argumento único é codificado pelas formas pronominais livres (Exs. 638, 639, 641, 643), exibindo alinhamento nominativo. Mas se o núcleo de seu predicado for modificado por

expressão de valor adverbial, exibem mesmo alinhamento que as orações dependentes. (639, 640, 641, 643). As orações principais que têm como núcleo de predicado temas verbais transitivos também apresentam uma orientação nominativa, tendo seu argumento externo marcado pelos pronomes livres (Exs. 645, 647, 649, 651), exceto se o núcleo do predicado for modificado por elemento adverbial, caso em que seu argumento externo passa a ser codificado pelos pronomes dependentes regidos pela posposição *je/-te*, exibindo alinhamento absoluto (Exs. 646, 648, 650, 652).

638. [ta ãwa Ø-prõn n-iukri] dʒa ta ãwa ŋrɛ
 3 DEM.DIST R¹-corrida R¹-depois.de IRRLS 3 DEM.DIST cantar
 ‘depois da corrida daqueles, aqueles vão cantar’

639. [ta ãwa Ø-prõn n-iukri]
 3 DEM.DIST R¹-corrida R¹-depois.de
 dʒa ta ãwa ŋrɛ-rɛ ket
 IRRLS 3P DEM.DIST cantar-NLZ NEG
 ‘depois da corrida daqueles, não vai haver o cantar daqueles’

639. [i dʒ-ʌpej n-iukri] na ba dʒwa
 1 R¹-trabalho R¹-depois.de RLS 1 banho
 ‘depois do meu trabalho, eu banhei’

640. [i dʒ-ʌpej n-iukri] na ba
 1 R¹-trabalho R¹-depois.de RLS 1
 i dʒ-wə-rə ket
 1 R¹-tomar.banho-NLZ NEG
 ‘depois do meu trabalho, não houve o meu banhar’

641. [guba dʒ-wə-rə n-iukri] na gu nã
 1+2 R¹-banhar-NLZ R¹-depois.de RLS 1+2 deitar
 ‘depois do nosso banhar, nós deitamos’

642. [guba ɖɔ-wə-rə ɲ-iukri] na guba nō-rō ket
 1+2 R¹-banhar-NLZ R¹-depois.de RLS 1+2 R¹-ver-NLZ NEG
 ‘depois do nosso banhar, não houve nosso deitar’
643. [benadɔwərə Ø-boj-Ø ɲ-iukri] na Ø-ōbikwa mua
 cacique R¹-chegar-NLZ R¹-depois.de RLS R²-parente R¹-chorar
 ‘depois do chegar do cacique, seus parentes choraram’
644. [benadɔwərə Ø-boj-Ø ɲ-iukri] na
 cacique R¹-chegar-NLZ R¹-depois.de RLS
 Ø-ōbikwa mə-rə ket
 R²-parente R¹-chorar-NLZ NEG
 ‘depois do chegar do cacique, não houve o choro
 de seus parentes’
645. [i Ø-jɛ aŋro Ø-āprɛ-Ø ɲ-iukri]
 1 R¹-OBL porcão R¹-amarrar-NLZ R¹-depois.de
 na ba ku-tu
 RLS 1 R²-carregar
 ‘depois do amarrar do porcão por mim, eu o carreguei’
646. [i Ø-jɛ aŋro Ø-āprɛ-Ø ɲ-iukri] na
 1 R¹-OBL porcão R¹-amarrar-NLZ R¹-depois.de RLS
 ba [i Ø-jɛ Ø-tu-ru ket
 1 1 R¹-OBL R¹-carregar-NLZ NEG
 ‘depois do amarrar do porcão, não houve o carregar dele por mim’
647. [a Ø-jɛ kwərə Ø-kudɔ-j ɲ-iukri]
 2 R¹-OBL mandioca R¹-descascar-NLZ R¹-depois.de
 ɖɔa ba ku-ke

RLS 1 R¹-ralar

‘depois do descascar da mandioca por mim’ eu a vou ralar’

648. [a Ø-jɛ kwərə Ø-kudʒo-j ɲ-iukri] dʒa
2 R¹-OBL mandioca R¹-descascar-NLZ R¹-depois.de RLS

ba [i Ø-jɛ Ø-ke-j ket
1 1 R¹-OBL R¹-ralar-NLZ NEG

‘depois do descascar da mandioca por você, não vai
haver o ralar dela por mim’

649. [mēnirɛ Ø-tɛ tɛp dʒ-ʌ-rʌ ɲ-iukri] dʒa
mulher R¹-OBL mandioca R¹-assar-NLZ R¹-depois.de RLS

mẽ [ku-krẽ
PL R²-comer

‘depois do assar do peixe pelas mulheres, eles vão comê-lo’

650. [mēnirɛ Ø-tɛ tɛp dʒ-ʌ-rʌ ɲ-iukri] dʒa
mulher R¹-OBL mandioca R¹-assar-NLZ R¹-depois.de RLS

mẽ Ø-tɛ [Ø-krẽ-n ket
PL R²-OBL R²-comer-NLZ NEG

‘depois do assar do peixe pelas mulheres, eles não vão comê-lo’

651. [i Ø-jɛ kukrit Ø-bĩ-n ɲ-iukri] dʒa
1 R¹-OBL anta R¹-matar-NLZ R¹-depois.de IRRLS

ba piʔi [kukwə
1 castanha R²-quebrar

‘depois do matar da antas pr mim, eu vou quebrar castanha’

652. [i Ø-jɛ kukrit Ø-bĩ-n ɲ-iukri] dʒa
1 R¹-OBL anta R¹-matar-NLZ R¹-depois.de IRRLS

ba i Ø-jε piʔi [kukwə-rə ket
 1 1 R¹-OBL castanha R²-quebrar-NLZ NEG
 ‘depois do matar da anta por mim, não vai haver o quebrar
 da castanha por mim’

6.3.1.2 Orações adverbiais temporais de simultaneidade

Orações dependentes adverbiais que expressam simultaneidade de eventos são codificadas através dos temas verbais que expressam movimento *-ba* ‘andar’ e *-mō* ‘ir/vir’, ou posição *-nō* ‘estar.deitado’, *-dʒa* ‘estar. em.pé’, *-jĩ* ‘estar. sentado’ precedidos ou não da posposição *-o* ‘associativo instrumentivo’. Em termos distribuiconais, essas orações ocorrem antepostas às orações principais. O núcleo do predicado da oração dependente é nominalizado e os argumentos interno de predicado intransitivo e externo de predicado transitivo apresentam alinhamento absolutivo

653 na ba [i dʒ-ʌpej mō] jũm arəp ŋōrō
 RLS 1 1 R¹-trabalho ir/vir SD ja dormir
 ‘enquanto há meu trabalho, ele dorme’

654. ga na ga [a dʒ-wə-rə a Ø-ba]
 2 RLS 2 2 R¹-banhar-NLZ 2 R¹-andar
 jũm arəp a j-ō pĩ mua
 SD ja 2 R¹-PERTENCE criança chorar
 ‘enquanto há o teu banhar, teu filho chora

655. ga na ga [a j-ōt Ø-o nō]
 2 RLS 2 2 R¹-dormir-NLZ R¹-ASS.INSTR deitar
 ba arəp pĩ tu-ru Ø-o tẽ
 SD ja pau R¹-carregar-NLZ R¹-ASS.INSTR ir/vir
 ‘enquanto havia o seu dormir, eu carregava pau’

656. [a \emptyset -jɛ kaprã̃n dʒ-ʌ-rʌ \emptyset -ɔ a dʒ-ã̃m]
 2 R¹-OBL jabuti R¹-assar-NLZ R¹-ASS.INSTR 2 estar.em.pé. NLZ
 dʒa] ba ɲra \emptyset -bĩ
 IRRLS 1 paca R¹-matar
 ‘enquanto vai haver o assar do jabuti por você, eu vou matar paca’

657. [a \emptyset -jɛ mēmi \emptyset -ʔok- \emptyset \emptyset -ɔ a dʒ-ã̃m]
 2 R¹-OBL homem R¹-pintar-NLZ R¹-ASS.INSTR 2 estar.em.pé.NLZ
 dʒa ba dʒwa
 IRRLS 1 banhar
 ‘enquanto há o pintar do homem por você, eu vou banhar’

658. [mēnirɛ na mē \emptyset -tɛ abēn \emptyset -mã \emptyset -kabēn
 mulher RLS PL R²-OBL RECIP R¹-DIRET R²-fala
 mō] kwərə̃ j-are-j \emptyset -ɔ mō
 IR/VIR mandioca R¹-arrancar-NLZ ASS.INSTR ir/vir
 ‘enquanto as mulheres conversam, elas arrancam mandioca’

6.3.2 Orações adverbiais de finalidade

As orações adverbiais de finalidade em Xikrín são codificadas pela posposição -*kadʒi*. Ocorrem pospostas à oração principal e o núcleo de seu predicado pode ser formado por nomes descritivos (Exs. 659-663) e por nomes de ação, derivados de verbos intransitivos (Exs. 664-666) e transitivos (Exs. 667-673).

659. na ba kaprã̃n j-ĩ \emptyset -krē [nē i \emptyset -təj \emptyset -kadʒi]
 RLS 1 jabuti R¹-carne R¹-comer MS 1 R¹-foça R¹-FINL
 ‘eu comi carne de jabuti para haver a minha força’

660. ba dʒa ba amĩ j-ɔ-mɛj [nẽ i Ø-mɛj Ø-kadʒi]
 1 IRRLS 1 REFL R¹-CAUS-bom MS 1 R¹-bom R¹-FINLD
 ‘eu vou me fazer bom para haver o bom de mim’ ‘(eu vou me arrumar para ficar bonito)’
661. ɲo Ø-kãm dʒa menire kwərə Ø-dʒi
 água R¹-LOC RLS mulher mandioca R¹-colocar
[ɲũm Ø-rɛrɛk Ø-kadʒi]
 SD R¹-mole R¹-FINLD
 ‘foi na água que as mulheres colocaram a mandioca para amolecer’
662. pɔi na mẽ kikre Ø-mã tiriti Ø-ɔ-boj
 Poy RLS HUM casa R¹-DIRET banana R¹-CAUS-chegar
[kamrek Ø-kadʒi]
 vermelha R¹-FINLD
 ‘Poy trouxe a banana para casa para amadurecer’
663. ga na ga boj nẽ i Ø-ɲrɛ-rɛ Ø-kadʒi
 2 RLS 2 chegar MS 1 R¹-cantar- NLZ R¹-FINLD
 ‘você chegou o cantar de você’ ‘(você chegou para cantar)’
664. ɲo Ø-raj Ø-mã na ba tẽ
 água R¹-grande R¹-DIRET RLS 1 ir/vir
i Ø-re-re Ø-kadʒi]
 1 R¹-nadar-NLZ R¹-FINLD
 ‘foi para o rio que eu fui para o meu nadar’
665. mẽpɹĩre na mẽ ɲo Ø-raj Ø-mã mõ
 crianças RLS PL água R¹-grande R¹-DIRET ir/vir.PL
[Ø-wə-rə Ø-kadʒi]
 R²-banhar-NLZ R¹-FINLD
 ‘as crianças foram ao rio para o banhar delas’

666. kubẽ i n-õ kikɛ ∅-kãm boj
 não indígena 1 R¹-PERTENCE casa R¹-LOC chegar
 nẽ [õt ∅-kadzi]
 ms R²-dormir-NLZ R¹-FINLD
 ‘o não indígena chegou à minha casa para o dormir dele’

667. mẽbejet na boj [nẽ ∅-tɛ rõpõ ∅-krẽ-n ∅-kadzi]
 velho RLS chegar MS R²-OBL palmito R²-comer-NLZ R¹-FINLD
 ‘o velho chegou para o comer do palmito por ele’

668. mẽnire dɟ-apej mẽnire na mẽ kikɛ ∅-kãm
 mulher R¹-trabalho mulher RLS PL casa R¹-LOC
 [∅-tɛ ∅-kra ∅-mũ-j ∅-kadzi]
 R²-OBL R²-filho R¹-VER-NLZ R¹-FINLD
 ‘...o trabalho das mulheres, as mulheres, elas (ficam) em casa,
 para o ver dos filhos por elas’

669. mẽbejet na ko n-ipej nẽ ∅-tɛ
 velho RLS borduna R¹-fazer MS R²-OBL
 ∅-ɔ kukrit ∅-bĩ-n ∅-kadzi]
 R²-OBL anta R¹-matar-NLZ R¹-FINLD
 ‘o velho fez borduna para o matar da anta com ela por ele’

670. mẽnire na mẽ pĩ ∅-kɔkje [∅-tɛ
 mulher RLS PL R¹-fazer R¹-cortar R²-OBL
 ∅-ɔ kwi n-ipej-∅ ∅-kadzi]
 R²-OBL fogo R¹-fazer-NLZ R¹-FINLD
 ‘as mulheres cortaram pau para o fazer do fogo com ele por elas’

671. ba na ba kΛ ∅-kām kΛj dʒa
 1 RLS 1 cesto R¹-LOC facão R¹-colocar
ga a ∅-jε ∅-bi-ri ∅-kadʒi]
 2 2 R¹-OBL R¹-pegar-NLZ R¹-FINLD
 ‘eu coloquei o facão no cesto para o pegar dele por você’

672. mēnirɛ na mē kuběkΛ j-amə ∅-tɛ ∅-põ-j ∅-kadʒi]
 mulher RLS PL roupa R¹-pegar R²-OBL R²-lavar-NLZ R¹-FINLD
 ‘a mulher pegou as roupas para o lavar delas por ela’

673. ba na ba kukoj ∅-bĩ [i ∅-jε ∅-krẽ-n ∅-kadʒi]
 1 RLS 1 macaco R¹-matar 1S R¹-OBL R²-lavar-NLZ R¹-FINL
 ‘eu matei o macaco para o comer dele por mim’

6.3.3. Orações adverbiais condicionais

Thompson *et. al.* (2007. P. 255) distinguem dois tipos de orações adverbiais condicionais, as de realidade e as de irrealidade. Para aqueles autores, as condicionais de realidade referem-se a uma situação presente real, habitual/genérica ou passada. Como ilustração desse tipo semântico de oração condicional, vejamos os exemplos traduzidos dos exemplos 62), 63) e 64), dados por Thompson *et. al.*:

Present

- Se estiver chovendo lá fora, meu carro está molhando

Habitual/generic

- Se você pisa no freio, o carro para

Past

- Se você estivesse na festa, então você saberia sobre Sue e Fred

Já as orações condicionais de irrealidade são usadas para expressar situações irreais. Segundo os autores supra, as condicionais de irrealidade se subdividem em: a) imaginativas – aquelas nas quais imaginamos o que poderia ser ou o que poderia ter sido e b) preditivas – aquelas nas quais prevemos o que será.

Dentre as condicionais imaginativas, Thompson et. al. (2007:256) distinguem dois subtipos, (1) as imaginativas hipotéticas- que se referem a situações que poderiam ter acontecido- e (2) as contrafactuais – que se referem a situações que não aconteceram ou não puderam acontecer.

Os autores sumarizam os tipos semânticos de orações condicionais da seguintes formas:

Real

- 1 Presente
- 2 habitual/genérico
- 3 passado

Irreal

1. Imaginativa
 - a) Hipotética
 - b) Contrafactual
- 2 Preditiva.

Nesta seção descrevemos as orações adverbiais condicionais em Xikrín, as quais ocorrem preferencialmente antepostas à oração matriz. A análise dos dados da língua Xikrín revelam que esta língua não distingue formalmente orações condicionais de realidade e irrealidade. Mas estabelece contraste formal e morfossintático com as orações adverbiais temporais-espaciais, as quais expressam eventos realizados de fato. A seguir, descrevemos estas orações.

6.3.4. Orações subordinadas condicionais

As orações subordinadas condicionais são usadas para expressar eventos que poderiam ser ou ter sido realizados, mas, por algum motivo, não o foram ou não puderem ter sido. Esse tipo de oração é marcado em Xikrín por meio da partícula *dʒa.* 'irrealis' e ocorre, na grande maioria das vezes, anteposta à oração matriz. O núcleo do predicado dessas orações

pode ser preenchido por nomes descritivos (Exs. 675-680), verbos intransitivos (681-686) e transitivos (687-692), exibindo alinhamento nominativo/absolutivo, semelhante ao da oração principal.

675. [dʒa ba i Ø-kapĩrɛ] nẽ mua
 IRRLS 1 1 R¹-triste MS chorar
 ‘quando/se eu estiver triste, eu choro’ ‘(quando/se houver minha tristeza, eu choro)’
676. [dʒa tiriti Ø-kamrek] ba ku-krẽ
 IRRLS banana R¹-vermelha 1 R²-comer
 ‘quando/se a banana amadurecer eu a como
677. [dʒa mẽpĩrɛ Ø-tɔkri] ga ku-mã pidʒə Ø-ŋã
 IRRLS criança R¹-doente 2 R²-DIRET remédio R²-dar
 ‘quando/se a criança estiver doente, você lhe dá
678. [dʒa a j-õ kwə Ø-krẽ-n Ø-raj]
 IRRLS 2 R¹-PERTENCE PART R²-comer-NLZ R¹-grande
 a Ø-tu Ø-kãm Ø-tɔkri
 2 R¹-barriga R¹-LOC R²-doente
 ‘quando/se houver grande quantidade do teu comer, tua barriga vai doer’
679. [dʒa ga a Ø-tikdʒʌ] nẽ nõ
 IRRLS a 2 R¹-cansaço MS deitar
 ‘quando/se você estiver cansado, você deita’

680. [dʒa ga a Ø-dʒ-ʌpej] nẽ kunĩ Ø-ɔjnɔɾɛ
 IRRLS 2 2 R¹-trabalho MS tudo R¹-terminar
 ‘quando/se houver o teu trabalho, você termina tudo’
681. [dʒa ga a Ø-mrã-j Ø-təj] nũm
 IRRLS 2 2 R¹-andar-NLZ R¹-forte SD
 wajaŋa a j-ɔmũ
 pajé 2 R¹-ver
 ‘quando/se houvero forte do teu andar, você ver o pajé’
682. [dʒa ga bʌ Ø-kãm tẽ] gwaj
 IRRLS 2 2 R¹-andar-NLZ R¹-forte 1+2.PAUC.ABS
 arəp ba ɲ-õ mri ɲ-ĩ
 já 1 R¹-PERTENCE caça R¹-carne
 ‘se você tivesse ido caçar, nós teríamos nossa carne de caça’
683. [dʒa mẽpɾĩɾɛ dʒwa] nẽ arəp ɲõrõ
 IRRLS criança banhar MS já dormir
 ‘se a criança tivesse banhado, já poderia ter dormido’
684. [dʒa ba tɔ] ga i Ø-kãm
 IRRLS 1 festejar 2 1 R¹-LOC
 a Ø-kĩj
 2 R¹-feliz
 ‘se eu tivesse festejado, você teria ficado feliz comigo’
685. [dʒa ba boj] nẽ a j-ɔmũ
 IRRLS 1 chegar MS 2 R¹-ver
 ‘quando/se eu chegar, vou ver você’

686. [dʒa ga mua] a Ø-kami
 IRRLS 2 chorar 2 R¹-irmão
 a Ø-mã məja Ø-ŋã
 2 R¹-DIRET coisa R¹-dar
 ‘se você tivesse chorado, teu irmão teria te dado algo’
687. [dʒa kaŋã i Ø-ɲa] ba arəp ti
 IRRLS cobra R¹-picar 1 já morrer
 ‘se a cobra tivesse me picado, eu teria morrido’ ou ‘se
 acobra me picar, eu morro’
688. [dʒa i Ø-kwatij kwərə j-ane]
 IRRLS 1 R¹-avó mandioca R¹-espremer
 ba dʒwəŋɾɒ ɲ-ipej
 1 farinha R¹-dar
 ‘se minha avó espremer mandioca, eu faço farinha’
689. [dʒa ga kaɲ Ø-ɔ-boj] ba arəp
 IRRLS 2 facão R¹-CAUS-chegar 1 já
 Ø-ɔ mri ɲ-ĩ kwə Ø-ta
 R²-ASS.INSTR caça R¹-carne PART R¹-corta
 ‘se você trazer o facão, eu corto a parte da carne com ele’
690. [dʒa memi i Ø-mã katōŋ Ø-ŋã]
 IRRLS homem 1 R¹-DIRET revólver R¹-dar
 ba kukrit Ø-mã ku-mẽ
 1 anta R¹-DIRET R¹-atirar
 ‘quando/se o homem me der o revólver, eu atiro na direção da anta’
691. [dʒa ba ōmrõ ɲ-ipej] gu ku-krẽ
 IRRLS 1 comida R¹-fazer 1+2 R²-comer
 ‘quando/se eu fizer comida, nós comemos’

692. [dʒa mēbeŋet piʔi Ø-kukwə]
 IRRLS velho castanha R¹-quebrar
 ɲũm mēnirɛ òmrõ ɲ-ipej
 SD mulher comida R¹-pescar
 ‘se os velhos cortarem castanha, as mulheres fazem a comida’

6.3.5 Orações adverbiais temporais-espaciais

As orações que neste estudo chamamos de adverbiais temporais-espaciais correspondem ao que em outras línguas são chamadas de orações subordinadas temporais, causais e coordenadas explicativas. Estas orações são marcadas pela posição *-kām* ‘locativa’, cujo complemento é um nominal e são usadas para expressar acontecimentos reais, por isso ocorrem no modo *realis*. Do ponto de vista sintático, estas orações são independentes. Em termos distribucionais, ocorrem antepostas à oração matriz, da qual são semanticamente dependentes. Estas orações podem ter como núcleo de seus predicados temas nominais e verbais intransitivos e transitivos nominalizados e seguem o padrão absolutivo. A seguir, apresentamos exemplos de orações temporais-espaciais tendo como núcleo nomes (Exs. 693-702), verbos intransitivos nominalizados (Exs. 703-707), e verbos transitivos nominalizados (Exs. 708-716).

693. [a Ø-tikdʒʌ Ø-kām] na ga nõ
 2 R¹-cansaço R¹-LOC RLS 2 deitar
 ‘no cansaço de você, você deitou’
694. [i j-atɔp Ø-kām] na ba dʒwa
 1 R¹-sujeira R¹-LOC RLS 1 banhar
 ‘na minha sujeira, eu banhei’
695. [tiriti Ø-kamrek Ø-kām] na mēprĩɛ ku-krẽ
 banana R¹-vermelho R¹-LOC RLS criança R¹-comer
 ‘no vermelho da banana, as crianças a comeram’

696. [i \emptyset -kaprĩɛ \emptyset -kãm] na ba mua
 1 R¹-tristeza R¹-LOC RLS 1 chorar
 ‘na minha tristeza, eu chorei’
697. [mẽprĩɛ \emptyset -tɔkri \emptyset -kãm] nũm mẽpidzəŋãrãdʒwəj
 criança R¹-dor R¹-LOC SD enfermeira
 ku-mã pidzə \emptyset -ŋã
 R²-DIRET remédio R²-dar
 ‘na dor da criança, a enfermeira lhe deu remédio’
698. [mẽprĩɛ \emptyset -kane \emptyset -kãm] nẽ \emptyset -rɛrɛk-rɛ
 criança R¹-doença R¹-LOC MS R²-fraqueza-ATEN
 ‘na doença da criança, houve a fraqueza dela’
699. [i ɲ-õdʒwa \emptyset -kãm] nẽ i ɲ-õ-t kumɛj
 1 R¹-sono R¹-LOC MS 1 R¹-dormir.NLZ muito
 ‘no meu sono, houve muito o meu dormir’
700. [a \emptyset -mã \emptyset -koro \emptyset -kãm] na ga
 2 R¹-DIRET R¹-sede R¹-LOC RLS 2
 ŋo \emptyset -ɔ i \emptyset -kõ
 água R¹ASS.INSTR 1 R¹-bebida
 ‘na sede na tua direção, houve a tua bebida de água’
701. [i \emptyset -mã \emptyset -kri \emptyset -kãm] na ba amĩ j-ãprɔ
 1 R¹-DIRET R¹-frio R¹-LOC RLS 1 REFL R¹-cobrir
 (no frio na minha direção, eu me cobri)’

702. [bʌtʃe nōrōnirɛ Ø-kām] na bakaʒa Ø-mã mō
 Bàxê adolescente R¹-LOC RLS Bacajá R¹-DIRET ir/vir.PL
 ‘na adolescência de Baxe , ele ia ao Bacajá’
703. [bʌ Ø-kām a Ø-tē-m Ø-kām]
 floresta R¹-LOC 2 R¹-andar-NLZ R¹-LOC
 na ga mri Ø-ɔ-boj
 RLS 2 caça R¹-CAUS-chegar
 ‘no ir você à floresta, você trouxe caça’
704. [i tɔ-rɔ Ø-kām] na ga i Ø-kām
 1 festejar-NLZ R¹-LOC RLS 2 2 R¹-LOC
 a Ø-kĩj kumrēj
 2 R¹-felicidade/alegria de fato
 ‘no meu festejar, houve tua alegria com respeito a mim)’
705. [i Ø-boj-Ø- Ø-kām] ba a j-ɔmũ
 1 chegar R¹-LOC 1 2 R¹-ver
 ‘no meu chegar, eu vi você’
706. [a Ø-mə-rɔ Ø-kām] na a Ø-kami
 2 chorar-NLZ R¹-LOC RLS 2 R¹-irmão
 a Ø-mã mɔja Ø-ŋã
 2 R¹-DIRET coisa R¹-dar
 ‘no chorar de você, o irmão de você deu algo a você’
707. [mẽ i Ø-ŋrɛ-rɛ Ø-kām] na kubẽ tɔ
 PL 1 R¹-cantar R¹-LOC RLS não indígena festejar
 ‘no nosso cantar, o não indígena festejou’

708. [a Ø-jε kλ Ø-ãprε-Ø ket Ø-kãm]
 1 R¹-OBL canoa R¹-amarrar-NLZ não indígena R¹-LOC
 nũm arəp Ø-mã ηo Ø-ɔ-mõ
 SD já R¹-DIRET água R¹-CAUS-ir/vir.PL
 ‘a canoa foi embora porque você não a amarrou’ ‘(no não amarrar da canoa por você, ela foi com a água)’
709. [mak Ø-tε i Ø-ɲa-j Ø-kãm] nũm
 escorpião R¹-OBL R¹-picar-NLZ R¹-LOC SD
 mēkanəɖʒwəj i Ø-mã piɖʒə Ø-ɲã
 médico 1 R¹-DIRET remédio R¹-dar
 ‘quando o escorpião me picou, o médico me deu remédio’ ‘(no picar de mim pelo escorpião, o médico me deu remédio)’
710. [i Ø-kwatij Ø-tε kwərə j-ane-j Ø-kãm]
 1 R¹-avó R¹-OBL mandioca R¹-espremer-NLZ R¹-LOC
 ba Ø-kot Ø-ɔ- Ø-kaŋõ
 1 R²-COM R²-ASS.INTR R¹-suportar/aguentar
 ‘no espremer da mandioca por minha avó, eu suportei (a mandioca) com com ela)’
711. [a Ø-jε kλj Ø-ɔ-boj-Ø Ø-kãm] na ba
 2 R¹-OBL facão R¹-CAUS-chegar-NLZ R¹-LOC RLS 1
 Ø-ɔ mri kwə Ø-ta
 R²-ASS.INSTR caça PART R¹-corta
 ‘no fazer chegar do facão por você, eu corte parte da carne de caça com ele)’
712. [i Ø-jε poi Ø-mã katõŋ ɲ-ãrã Ø-kãm]
 1 R²-OBL Poy R¹-DIRET revólver R¹-dar.NLZ R¹-LOC
 na Ø-ɔ kukrit Ø-mã ku-mẽ
 MS R²-ASS.INSTR anta R¹-DIRET R¹-atirar
 ‘no dar do revólver na direção de Poy por mim, ele atirou na anta com ele)’

713. [i \emptyset -jɛ aŋro \emptyset -bī-n \emptyset -kām]
 1 R²-OBL porcão R¹-fazer R¹-LOC
 ŋũm i \emptyset -prõ ku-ga
 SD 1 R¹-esposa R¹-assar
 ‘no matar do porcão por mim, minha esposa o assou’
714. [mẽmi \emptyset -tɛ kwərə \emptyset -ke-j \emptyset -kām]
 homem R²-OBL mandioca R¹-ralar-NLZ R¹-LOC
 ŋũm mẽni \emptyset -ane
 SD HOMEM R²-espremer
 ‘no ralar da mandioca pelos homens, as mulheres a espremeram’
715. [i \emptyset -jɛ bɔra j-apĩ- \emptyset \emptyset -ɔjnɔɛ-rɛ \emptyset -kām]
 1 R²-OBL bola R¹-chutar-NLZ R¹-terminar-NLZ R¹-LOC
 nẽ ba ɖʒwa
 SD 1 R¹-banhar
 ‘no terminar do chutar bola por mim, eu banhei’
716. [a \emptyset -jɛ i \emptyset -mã ko ɲ-ãrã \emptyset -kām]
 1 R²-OBL 1 R¹-DIRET borduna R¹-dar-NLZ R¹-LOC
 ba arəp ku-bĩ
 1 já R¹-pegar
 ‘no dar da borduna na minha direção por você, eu a peguei’

6.3.6 Orações adverbiais causais

De acordo com Thompson *et. al* (2007, p. 250), as orações adverbiais causais são usadas para explicar ou justificar a ocorrência de um dado estado ou uma dada ação. Em Xikrín, essas orações são englobadas, por um lado, pelas orações adverbiais temporais-

espaciais e, por outro lado, realizam-se por meio da justaposição de oração sintaticamente independentes, as quais, entretanto, estabelecem relação de subordinação: a oração subordinada justifica ou explica o conteúdo informacional da oração principal. Do ponto de vista distribucional, a oração semanticamente dependente é posposta à principal. Ambas as orações podem ter como núcleo de predicado, nome e verbo e seu argumento sujeito é codificado pelas formas pronominais absolutivas (predicados nominais) e nominativas (predicados verbais). Em (Exs. 717-720) exemplificamos orações causais com núcleo formado por nome. Nos exemplos (Exs. 721-723) e (Exs. 724-727) mostramos orações adverbiais causais com núcleo composto por verbo intransitivo e transitivo, respectivamente.

717. mēnirɛ na tiri ti Ø-mã Ø-ta [nũm arəp Ø-kamrek]
mulher RLS banana R¹-DIRET R¹-tirar SD já R¹-vermelho
‘a mulher tirou na direção da banana porque já estava madura’

718. mēprĩre na Ø-rɛrɛk-rɛ [Ø-kane]
criança RLS R¹-fraqueza-ATEN R²-doença
‘existe a fraqueza da criança. existe a doença dela’ ‘(a criança está fraquinha por causa da doença)’

719. ba rəpkrəri Ø-ɔmũ [nẽ i Ø-prõn]
1 onça R¹-amarrar- MS 1 R¹-corrida
‘eu vi a onça e houve a minha corrida’

720. na ba i Ø-tikɟɬ [i ɟɬ-ɬpej Ø-kumɛj]
RLS 1 1 R¹-cansaço RLS R¹-trabalho R¹-QUANT
‘há o meu cansaço. Houve muito o meu trabalho’ ‘(eu estou cansado porque eu trabalhei muito)’

721. i n-õbikwa Ø-mə-rə Ø-ɔ nĩ
1 R¹-parente R²-chorar-NLZ R¹-ASS.INSTR sentar
[nũm arəp i Ø-kami boj]
SD já 1 R¹-irmão chegar
‘estava havendo o choro dos meus parentes porque meu irmão chegou’

722. mēni na mē \emptyset -tə-rə \emptyset -ə ñĩ
mulher RLS PL R²-festejar-NLZ R¹-ASS.INSTR estar.em.pé
[ɲũm mēmi bʌ \emptyset -kurũm arəp boj]
SD homem já R¹-ABLAT.CENTR já chega
‘as mulheres estavam festejando porque os homens cheragam da floresta’
723. ta ãa na \emptyset -mə-rə \emptyset -ə dʒa
3 DEM. DISTAL RLS R²-chorar-NLZ R¹-ASS.INSTR fica.em.pé
[ɲũm arəp \emptyset -kami boj]
SD já R²-irmão chegar
‘elas choraram porque o irmão delas chegou’
724. kʌ na arəp \emptyset -mã tē [a \emptyset -jɛ \emptyset -ãprɛ- \emptyset ket]
canoa RLS já R²-DIRET ir/vir 2 R²-OBL R²-amarrar-NLZ NEG
‘a canoa foi embora porque você não a amarrou’
725. ba na ba ko \emptyset -bi [ga arəp
1 RLS 1 borduna ir/vir 2 já
i \emptyset -mã ku-ŋã]
1 R¹-DIRET R¹-dar
‘eu peguei a borduna, porque você me deu’
726. ga na ga arəp \emptyset -krɛ [ba na
2 RLS 2 já R²-plantar 1SG.ENF RLS
ba arəp puru \emptyset -kare
1 já roça R¹-limpar
‘você já plantou, porque eu já limpei a roça’

727.	ga	na	ga	arəp	kaprã̃n	∅-ga	[ba
	2	RLS	2	já	jabuti	R ¹ -assar	1
	na	ba	arəp	kutə			
	RLS	1	já	acender.fogo			

‘você assou jabuti, porque eu acendi o fogo’

6.4 ESTRATÉGIAS DE RELATIVIZAÇÃO

Construções relativas têm sido descritas como orações plenas com núcleo do predicado formado com temas verbais finitos. Essa ideia surge a partir da longa tradição dos estudos linguísticos pautados exclusivamente em línguas como o inglês e outras línguas europeias (cf. SHIBATANI, 2009, p. 178). Nesse sentido, Comrie (1889, p. 143) assevera que uma oração “consiste necessariamente de um núcleo e uma oração restritiva.” E que “O núcleo em si mesmo tem certa variedade potencial de referentes, mas a oração restritiva restringe este conjunto por dar uma proposição que deve ser verdadeira dos referentes atuais da construção total”.

Neste estudo seguimos a ideia de Shibatani (2009) de que as construções que correspondem a orações relativas em outras línguas, em Xikrín são construções nominalizadas, que funcionam como atributo ou modificadoras de sintagmas nominais. Apresentamos, a seguir, exemplos do que chamamos neste estudo de estratégias de nominalização em funções atributivas em Xikrín, por entendermos que não se trata de orações relativas e sim de nominalizações que formam nomes de ação em função atributiva.

Antes de apresentar os exemplos de nominalizações em função atributiva, retomamos aqui exemplos de nomes qualidades (exs. a e b) e de cores (ex. c) em função atributiva:

Nomes de qualidade

a.	mēnirɛ	∅-mɛj	na	arəp	boj
	mulher	R ¹ -bom	RLS	já	chegar

a mulher bonita chegou’

- b. kikrɛ **∅-ni** na ba ∅-ɔmu
 casa R¹-nova RLS 1 R¹-ver
 ‘foi a casa nova que eu vi’

Nomes de cores

- c. mēprĩrɛ na tĩriti **∅-kamrek** ∅-krẽ
 criança RLS banana R¹-vermelho R¹-comer
 ‘a criança comeu a banana vermelha (madura)’

Como pode ser observado, os exemplos seguintes funcionam, como nomes em função atributiva acima, como atributos dos nomes que precedem:

6.4.1 Atributo do sujeito

728. mēmi [**ku-tɛ tɛp ʔō bi-ri**] arɔp boj
 homem R²-OBL peixe INDEF R¹-pegar-NLZ já R¹-chegar
 ‘o homem pegador de peixe chegou’

729. mēni [**ku-tɛ kwərə ∅-kadʒʌ-rʌ**] arɔp boj
 homem R²-OBL mandioca R¹-tirar-NLZ já chegar
 ‘a mulher tiradora de mandioca chegou’

730. kwərə [**mēni ∅-tɛ ∅-are-j**] arɔp ∅-apej
 mandioca mulher R¹-OBL R²-arrancar-NLZ já acabar
 ‘a mandioca arrancada pela mulher acabou’

731. mēbeɲokrɛ [**ku-tɛ kũ-mã dʒudʒɛ ɲ-ãrã**]
 indígena R²-OBL R²-DIRET arco R¹-dar-NLZ
 arɔp ∅-mã tẽ

já R²-DIRET ir/vir
 ‘o indígena doador do arco a ela já foi’

732. aŋro [mēmī Ø-tɛ Ø-bĩ-n] na Ø-raj
 porção homem R²-OBL R²-matar-NLZ RLS R²-grande
 ‘o porção matado pelo homem é grande’

733. mēmī [Ø-boj-Ø-] na Ø-inokΛ Ø-kõmpra
 homem R¹-chegar-NLZ RLS R²-camisa R¹-comprar
 ‘o homem chegado comprou camisa’

734. mēmī [Ø-katõrõ-Ø] na aŋro Ø-bĩ
 homem R¹-sair-NLZ RLS porção R¹-matar
 ‘o homem saidor matou porção’

Observando as construções acima, percebemos que o resultado de um verbo nominalizado em Xikrín pode corresponder em português à (a) agente habitual (exs. 728, 729, 731), (b) participípio (exs. 730, 732, 733) e (c) nomes de ação (exs. 733 e 734).

6.4.2 Atributo do objeto direto

Os exemplos abaixo trazem, cada um, uma oração matriz com núcleo do predicado formado por temas verbais finitos: *-ane* ‘espremer’, *-ɲuə* ‘flechar’, *-kudʒo* ‘descascar’ - *are,* ‘ralar’, *-krẽ* ‘comer’, *-mə* ‘pegar’ e *-mõ* ‘ir/vir.PL’. Todos esses predicados exigem um complemento direto, que no caso em tela, é o que está em negrito em cada sentença e encabeçado por formas verbais nominalizadas correspondendo ao participípio em português. Dentro de cada sintagma nominal, o núcleo, em função participial, modifica outro nome que está imediatamente à sua esquerda, ou seja, em função de atributo.

735. [mēni Ø-tɛ kwərə Ø-ke-j] na ba Ø-ane
mulher R¹-OBL mandioca R¹-ralar-NLZ RLS 1 R²-espremer
‘eu espremi a mandioca ralada pela mulher’
- 736) [mēnirɛ Ø-tɛ kukoj Ø-mũ-j] na ba Ø-Λɲuə
mulher R¹-OBL macaco R¹-ver-NLZ RLS 1 R²-flechar
‘eu flechei o macaco visto pela mulher’
737. [a Ø-jɛ kwərə j-are-j] na ba Ø-kudzo
mulher R¹-OBL macaco R¹-arrancar-NLZ RLS 1 R²-descascar
‘eu descasquei a mandioca arrancada por você’
738. ari a Ø-jɛ kwərə j-akΛ-rΛ] na ba Ø-are
PAUC 2 R¹-OBL mandioca R¹-cortar-NLZ RLS 1 R²-arrancar
‘eu arranquei a mandioca cortada por vocês’
739. aj gwaj [mēni Ø-tɛ tɛp dʒ-Λ-rΛ] Ø-krɛ
HORT 1+2.PAUC mulher R¹-OBL peixe R¹assar-NLZ R¹-comer
‘vamos comer o peixe assado pela mulher’
740. ba dʒa ba [i Ø-jɛ bΛi Ø-kukɛ-j] Ø-krɛ
1 IRRLS 1 1 R¹-OBL milho R¹-coletar-NLZ R¹-comer
‘eu vou comer o milho coletado por mim’
741. ɲũm na [mēnirɛ Ø-tɛ kaprãn Ø-bo-ro] Ø-mə
INT IRRLS mulher R¹-OBL jabuti R¹-assar-NLZ R¹-pegar
‘quem pegou os jabutis assados pelas mulheres’

742. nũm na [i Ø-jε kaprãn Ø-mə-j]
 INT RLS 1 R¹-OBL peixe R¹-pegar-NLZ
 Ø-tu-ru Ø-ɔ-mõ
 R¹-carregar-NLZ R¹-CAUS-ir/vir.PL
 ‘quem carregou os jabutis pegados por mim?’

6.4.3 Atributo de objeto indireto

Processo análogo ocorre com o objeto indireto:

743. bẽnadzwərə na ari a p-ĩ-rĩ]
 cacique RLS R²-OBL PAUC 2 R¹-sentar-NLZ
 Ø-mã Ø-kabẽn j-arẽ
 R¹-DIRET R²-fala R¹-dizer
 o cacique disse a sua fala na direção de vocês sentados’
744. ga na ga mēni [ku-te pĩ Ø-tu-ru
 2 RLS 2 mulher R²-OBL pau R¹-carregar-NLZ
 Ø-ɔ-mõ-rõ] Ø-mã Δmra
 R¹-CAUS-ir/vir- NLZ R²-DIRET gritar
 ‘você gritou na direção da mulher carregando lenha’

6.4.4 Atributo do oblíquo

745. [i Ø-jε kruwa Ø-ɔ kukoj dɔ-Δpwə-rə]
 1 R¹-OBL flecha R¹-ASS.INSTR macaco R¹-flechar- NLZ
 na ga i Ø-mã a-ŋã
 RLS 2 1 R¹-DIRET R²-dar
 ‘você me deu (a flecha), com ela houve o flechar do macaco por mim

746. **kwɪ** [**∅-ɔ** **a** **∅-jɛ** **karɪno** **j-ao-j**]
 isqueiro R²-ASS.INSTR 2 R¹-OBL cigarro R¹-acender-NLZ
 na ba ku-bi
 RLS 1 R²-pegar
 ‘eu o peguei (o isqueiro), com ele houve o acender do cigarro por você’

747. [iʔɛɛɛ [**∅-kām** **a** **∅-jɛ** **amĩ** **j-ɔmũ-j**]
 espelho R²-OBL 2 R¹-LOC REFL R¹-colocar-NLZ
 ‘o espelho no qual você se viu se quebrou’
 na arəp amĩ ∅-katɛ
 RLS já REFL R¹-quebrar
 ‘o espelho, nele houve o ver de você mesmo, se quebrou’

748. [iʔɛɛɛ [**∅-kām** **i** **∅-jɛ** **a** **j-ɔmũ-j**]
 espelho R²-OBL 1 R¹-LOC 2 R¹-colocar-NLZ
 na mēprĩɛ ∅-katɛ
 RLS criança R²-quebrar
 ‘o espelho, nele houve o ver de você por mim, a criança o quebrou’

Observando os dados acima, constatamos que o núcleo do sintagma nominal em função atributiva é composta por temas verbais nominalizados que funcionam como nomes de ação.

6.5 CONCLUSÃO

Neste capítulo, descrevemos e analisamos as estratégias usadas em Xikrín para a construção de atributos que correspondem em outras línguas a orações substantivas, adverbiais e relativas. Vimos que em Xikrín há um só tipo de construção, que consiste em um nome de ação. Não há, em realidade, orações subordinadas, substantivas ou relativas, mas nominalizações.

CAPÍTULO VII – CORREFERENCIALIDADE E ALINHAMENTO

Neste capítulo descrevemos estratégias da língua Xikrín do Cateté para marcar referência compartilhada ou disjunta de argumentos através de orações combinadas por parataxis ou por hipotaxis.

O presente capítulo está assim organizado: seção 7.1 trata da correferencialidade em junções de orações ou interoracionais; seção 7.2 discute correferencialidade e restrições de alinhamento; seção 7.3 mostra o alinhamento intrassentencial, seção 7.4, a correferencialidade intraoracional e 7.5, analisa a não-correferencialidade intraoracional. Seção 7.6 mostra como o fenômeno da correferencialidade é tratado em outras línguas Jê. Seção 7.7 descreve algumas observações sobre correferencialidade sintática em Xikrín e, finalmente, seção 7.8 traz a conclusão do capítulo.

O objetivo deste estudo é identificar as correlações entre o sistema de alinhamento intraoracional existente na língua, que é caracterizado por uma cisão em que um padrão nominativo-absolutivo alterna com um padrão ergativo-absolutivo (cf. Cabral, Rodrigues e Costa [2001] 2003; Costa 2003), com padrões nominativo e absolutivo acionados na combinação de orações. Será mostrado que a língua Xikrín, na combinação de orações por parataxes, manifesta uma cisão: em certos contextos é acionado um padrão nominativo e, em outros, um padrão misto, nominativo e absolutivo. Esses padrões são orientados por um sistema de *switch-reference* (ou referência alternada), que sinaliza por meio de diferentes estratégias morfossintáticas quando o referente de um argumento A, S ou O de uma oração dependente é correferente ou não com um argumento da oração principal.

Identificamos, assim, os padrões combinatórios de correferência igual ou disjunta e identificamos correlações destes padrões com os padrões de alinhamento que ocorrem no interior de orações, observando o que têm em comum e sua importância para a compreensão de aspectos importantes da organização da gramática Xikrín.

Como mostramos em Costa, Xikrin e Cabral (2010), *Switch-reference* foi estudado pela primeira vez, no contexto das línguas Macro-Jê, por Urban (1985), em *Ergativity and accusativity in Shokleng (GE)*. Esta foi também a descrição mais ampla do fenômeno em tela até o presente no contexto das línguas da família Jê. O mesmo fenômeno foi identificado posteriormente em outras línguas da família: no Krahô por Popjes e Popjes (1986), no Parkatejê por Ferreira (2003), no Canela Apãniekrá por Alves (2004).

Em Costa; Xikrín e Cabral (2010) mostramos que os dados do Xikrín também evidenciam a presença de um sistema de *switch-reference* como esperado, dada a sua proximidade com as demais línguas Jê, embora nessa língua o fenômeno não possa ser visto como uma simples marcação de correferência igual ou disjunta entre A ou S de duas orações, mas como um sistema mais complexo, próximo do que foi descrito para o Xoklég por Urban (1985). Vimos que, em Xikrín do Cateté, assim como em Xoklég, o fenômeno *switch-reference* observa variáveis gramaticais como transitividade, mas diferentemente deste, regula-se também por outros princípios que constituem a gramática Xikrín, como o que determina a nominalização de predicados verbais em contextos nos quais funcionam como nomes adjetivos (ou de qualidade) ou substantivos (Cabral; Rodrigues e Costa [2001]¹⁵ 2003; Costa, 2003).

Nas duas seções seguintes, retomo as considerações feitas por Costa; Xikrín e Cabral (op. cit.) sobre as características e variações de sistemas de correferência identificados por Foley e Van Valin (1984) e por Dixon (1994) – *switch-reference* e *functional reference* (referência funcional) – em línguas geneticamente diferentes e geograficamente distantes, visto que os resultados das abordagens funcional e tipológica desses fenômenos feitas por esses autores contribuem com previsões e generalizações acerca de princípios gerais que acionam sistemas correferenciais através das línguas.

7.1 CORREFERENCIALIDADE EM JUNÇÕES DE ORAÇÕES OU INTERORACIONAIS

Em Costa, Xikrin e Cabral (2010), discorremos sobre o tratamento dado por Foley e Van Valin (1984) sobre como o nível de junturas periféricas – união de construções com núcleos, argumentos e elementos periféricos (expressões adverbiais) próprios – difere do nível de junturas de núcleos – em que se unem construções com núcleos e argumentos próprios, mas que compartilham os mesmos elementos periféricos –, visto que, neste último, há fortes restrições de correferencialidade entre argumentos dos núcleos individuais que constituem a juntura. Mostramos também que, para os autores, no que diz respeito ao nível da juntura de núcleos que formam um núcleo complexo – núcleos que compartilham tanto o mesmo argumento quanto elementos periféricos, como nas construções de verbos seriais de línguas africanas –, há obrigatoriedade de correferência entre todos os membros da junção. Foley e

¹⁵ A primeira versão desse estudo foi apresentada durante o II Macro-Jê, na Universidade de Campinas, em 2001.

Van Valin (*op.cit.*, p. 193) ilustram as restrições de correferência entre junturas de núcleo complexo, com dados do Akan disponibilizados em Schachter (1974). O exemplo em (5.8) abaixo é gramatical, pois os referentes dos argumentos dos dois núcleos são correferentes, mas o exemplo (5.9) é agramatical por não haver correferência entre os atores (argumentos agentes):

(5.8) kofi yεε adwuma maa Amma
 Kofi did work gave Amma
 ‘Kofi did work for Amma’ (Foley e Van Valin 1984, p. 193)

(5.9) *kofi yεε adwuma Kwaku maa Amma
 Kofi did work Kwaku gave Amma
 ‘Kofi did work Kwaku gave Amma’ (FOLEY, e VAN VALIN, 1984, p. 193)

O exemplo (5.9) é agramatical, pois o sujeito de *gave* deve ser correferente com o sujeito de *did work*.

Foley e Van Valin (1984, p.194) observam que outras línguas são menos restritivas, permitindo que junturas nucleares sejam formadas com correferência entre *U(ndergoer)-A(gent)* ou *U(ndergoer)-S(subject)*, como em Barai (OLSON, 1991):

(5.11) na ki-ia bu va-e
 1SG say-3PLU 3PL go-PAST
 ‘I spoke to them; (causing) they went’ or ‘I made them go’
 (FOLEY VAN VALIN, 1984, p. 194)

Os autores (p.195) observam também que, por junturas periféricas serem formadas pela combinação de periferias, cada uma com seus próprios núcleos, argumentos nucleares e elementos periféricos (adverbiais), não se espera que haja restrições de correferência entre os argumentos nucleares na formação de junções, mas ressaltam que, nessas situações, a determinação de correferencialidade entre constituintes pode ser problemática, razão pela qual as línguas desenvolveram várias estratégias para resolver impasses. Foley e Van Valin (*op.cit.*, p.196) apresentam outras diferenças entre as junturas de núcleos e de constituintes de núcleos complexos e junturas de construções periféricas: nas primeiras, não há marcação individual de tempo e modo, mas compartilhada, e são marcadas apenas por justaposição, ao passo que as junturas periféricas permitem a existência de várias relações semânticas entre as

junturas, e as línguas tendem a ter um largo inventário de morfemas para expressar tais relações.

Todas essas diferenças justificam, segundo os autores, a necessidade de monitoramento de correferência entre os argumentos em junções periféricas. Segundo os mesmos autores (1984, p. 321), em virtude do alto índice de relações semânticas que podem ser expressas em junturas periféricas, elas são comuns em diferentes tipos de discurso, de forma que o monitoramento de correferência de argumentos nucleares através dessas junturas é uma função central das gramáticas de toda língua. Ressaltam que o uso de sintagmas nominais para se referirem a todos os participantes em cada juntura seria uma solução para o problema, mas não a solução real, dada a tendência pervasiva das línguas de omitir ou pronominalizar informações dadas ou tópicas, de forma que o problema da identificação de participante é um problema real.

Finalmente, Foley e Van Valin (*op.cit.*, p. 322) postulam a existência de quatro sistemas básicos para marcar correferência através das línguas e, segundo eles, uma língua pode empregar um ou mais de um desses sistemas: a) a combinação de *pivots* pragmáticos com oposição de voz, b) referência alternada, c) gênero como elemento acionador de correferência, e d) variáveis sociolinguísticas como base de correferência. Segundo esses autores, mecanismos em a) são encontrados em línguas como o Inglês, e correspondem ao sistema de *função alternada*, exemplificada pelos exemplos que reproduzimos abaixo, numerados de acordo com o texto original (*op.cit.*, p. 322):

- (7.1) a. Fred wants to see Marsha. (= 4.5)
 b. *Fred wants Marsha to see [him].
- (7.2) a. Max persuaded Fred to see Marsha.
 b. *Max persuaded Fred Marsha to see [him].
- (7.3) a. Oscar went to the store and spoke to Bill (= 4.9)
 b. *Oscar went to the store and Bill spoke to [him].

Para os autores (*op.cit.* 1984, p. 322), em (7.1a) existe correferência entre *P(pivots)* Pr(agmáticos) PrP-PrP, e em (7.2a) há correferência entre U-PrP, e em cada caso o PrP na oração coordenada é zero; já os exemplos correspondentes em *b* são agramaticais, visto que existe correferência entre PrP-U e U-U, em que *U* na oração coordenada ocorre como zero em uma posição de argumento nuclear não *pivot* (objeto direto). Assim, para que um argumento da oração coordenada seja omitido, teria que ser potencialmente um PrP, o que só é possível com uma construção passiva:

- (7.4) a. Fred wants to be seen by Marsha.
 b. Max persuaded Fred to be seen by Marsha.
 c. Oscar went to the store and was spoken to by Bill.

Foley e Van Valin (*op.cit.*) reiteram que em todos os casos, o argumento zero-pronominalizado deve ser o PrP de sua oração, de forma que a oposição ativa-passiva desempenha importante papel nesse sistema. Os autores se referem a esse tipo de sistema *switch function* (função alternada).

O outro sistema que é pertinente para o estudo de correferencialidade em Xikrin é o sistema de *switch-reference* em que a morfologia verbal indica se um SN na primeira oração é correferencial com um NP particular da oração seguinte. Segundo esses autores a morfologia da referência alternada sinaliza a correferência ou a não correferência entre S/A SmP-S/A, embora outras línguas operem em outras bases.¹⁶

7.2 CORREFERENCIALIDADE E RESTRIÇÕES DE ALINHAMENTO

Em Costa; Xikrin e Cabral (2010), nos pautamos no tratamento de Dixon (1994) sobre ergatividade sintática interoracional em diferentes línguas. Dixon (*op. cit.*) propõe que algumas delas impõem duas restrições com respeito à função sintática (S ou A ou O) dos sintagmas nominais correferenciais. Dessas restrições, uma trata como equivalentes S e A, enquanto outra trata como equivalentes S e O. Essa equivalência é descrita pela categoria de *pivot* (termo usado pela primeira vez por Dixon (1979)). Essa categoria tem, segundo Dixon (1994, p. 143), duas variedades, e as línguas podem fazer uso de uma das duas variedades ou de uma variedade mista:

S/A – o SN correferencial deve estar em uma função de S ou de A derivada em cada uma das orações a serem combinadas.

S/O – o SN correferencial deve estar em uma função de S ou de O derivada em cada uma das orações a serem combinadas.

¹⁶ Os outros dois tipos de sistemas de manutenção de correferência, – o sistema de gênero e o sistema de referência discursiva – não se manifestam em Xikrin. O Primeiro envolve a codificação morfológica aberta de classificação de sintagma nominais, ao passo que o segundo faz uso sutil de variáveis sociolinguísticas, mas a sinalização não se dá diretamente nas formas linguísticas, como ocorre, segundo Foley e Van Valin, na fala honorífica em Japonês e Coreano, ou no caso das regras de inferência conversacional baseada em conhecimento cultural existente em outras línguas.

Para o presente estudo, a ideia proposta por Dixon (*op. cit.* p. 154) de que em línguas com referência alternada, um segundo SN pode ser omitido facilmente sem possibilidade de ambiguidade e confusão, é fundamental. Inclusive uma omissão sem que sejam requeridas operações sintáticas de passiva ou de antipassiva, uma vez que não há necessidade de transformar um SN, O ou A em S para facilitar a omissão do SN sem chance de ambiguidade. Dixon (*op. cit.*) enfatiza que, passivas e antipassivas derivam uma oração intransitiva de uma transitiva, pois a passiva coloca um O subjacente em uma função de S, ao passo que uma antipassiva coloca A em função de S e rebaixa o objeto, que muitas vezes é omitido. E línguas com sistema de referência alternada não teriam passiva nem antipassiva, como é o caso do Xikrín, como mostraremos adiante.

Dixon (1994) considera apenas três sistemas com implicações sintáticas para alinhamento: referência alternada, restrição de *pivot* e línguas que não apresentam nem referência alternada nem restrição de *pivot*. Nesse último tipo de língua, segundo Dixon (*op. cit.*), qualquer tipo de oração pode ser combinado por coordenação ou por subordinação, desde que essa combinação seja semanticamente aceita.

7.3 ALINHAMENTO INTRASSENTENCIAL EM XIKRÍN

Antes de abordarmos manifestações de correferencialidade interoracional em Xikrín, discutiremos, de forma resumida, sobre os padrões de alinhamento intraoracionais nessa língua, com base em Cabral, Rodrigues e Costa ([2001] 2003) e em Costa (2003). O Xikrín é uma língua que apresenta uma cisão em seu alinhamento: um padrão ergativo-absolutivo ocorre nas situações em que uma oração tem como núcleo uma forma nominalizada de um verbo – em função de adjetivo, de substantivo, de advérbio (CABRAL, RODRIGUES e COSTA [2001] 2003; COSTA 2003), e um padrão nominativo-absolutivo ocorre nas orações com núcleo verbal processual (CABRAL, RODRIGUES e COSTA [2001] 2003; COSTA 2003). O Xikrín possui duas séries de marcadores pessoais, I e II:

Marcadores pessoais do Xikrín

	<i>Série I</i>	<i>Série II</i>
1	<i>ba</i>	<i>i</i>
1+2	<i>gu</i>	<i>guba</i>
2	<i>ga</i>	<i>a</i>

Os marcadores da série II, sem nenhum elemento adicional, correspondem a referentes singulares, exceto o morfema *guba*, que indica referentes duais. Combinam-se com a partícula *ari/an*, que indica dois, três ou poucos referentes, e com a partícula *mẽ*, que indica muitos referentes. As formas dessa série ocorrem como possuidor (ex. 749), objeto de posposição (ex. 750), objeto direto (ex. 751), sujeito de predicados descritivos¹⁷ (ex. 752), assim como sujeito de verbos intransitivos de orações modificadas por uma expressão adverbial (ex. 753 e 754). A ocorrência desses marcadores nessas funções caracteriza-os como marcadores pessoais absolutivos.

749. i n-ĩakɾɛ
1 R¹-nariz
'meu nariz'

750. ku-mẽ ate arə i Ø-be məkλ j-abĩ^t i Ø-be
R²-jogar depois já 1 R¹-ABL mochila R¹-pegar 1 R¹-ABL
serula j-abĩ^t kaʃi pa kuĩ Ø-mã Ø-ɔ-mõ
celular R¹-pegar caixinha tudo R²-DIRET R²-CAUS-ir/vir
jogaram ele para junto de mim e depois me levou a mochila, pegaram o celular de mim,

751. mẽkanɛɖwəj ɖza mẽ i Ø-kane
enfermeira IRRLS PL 1 R¹-tratar.doença
'o enfermeiro tratou a nossa doença'

752. a Ø-mej
2 R¹-bom
'você é bom'/'você está bem'

¹⁷ Predicados descritivos têm por núcleo nomes de qualidade.

753. a \emptyset -tẽ-m ket
 2 R¹-ir/vir-NLZ NEG
 ‘não houve o teu ir’

754. i j-akẽj- \emptyset ket rãʔã
 1 R¹-voltar-NLZ NEG ainda
 ‘ainda não houve o voltar de vocês’

Os marcadores da série I ocorrem como sujeitos de verbos transitivos e intransitivos (exs. 755 e 756), e são, portanto, marcadores pessoais nominativos. Podem também ocorrer como pronomes enfáticos, em coocorrência com eles mesmos (ex.755-757) ou com os da série II (exemplo 758). As partículas *ari* ‘paucal’ e *mẽ* ‘plural’ são antepostas aos marcadores enfáticos (ex. 757) e pospostas aos nominativos (ex. 758) para indicar poucos ou muitos elementos, respectivamente.

755. ba dʒa ba tɛp õj j-ajĩ
 1 IRRLS 1 peixe algum R¹-pescar
 ‘eu vou pescar alguns peixes’

756. ga na ga boj
 2 RLS 2 chegar
 ‘você chegou’

757. ari ba dʒa ba ari tɔ
 PAUC 1 IRRLS 1 PAUC festejar
 ‘nós vamos festejar’

758. mẽ ba na mẽ i tɔ
 PL 1 RLS PL 1 festejar
 ‘nós festejamos’

A língua Xikrín manifesta, assim, dois tipos básicos de alinhamento de suas formas pronominais, um padrão nominativo-absolutivo e outro absolutivo-ergativo. O sujeito de um verbo transitivo, seja este bivalente ou trivalente, é expresso pela mesma série nominativa (série I), usada para expressar o sujeito dos intransitivos processuais, ao passo que seu objeto se exprime pelos marcadores absolutivos (série II), tal como o sujeito de predicados intransitivos descritivos e processuais quando o contexto sintático requer uma forma nominalizada do verbo. Configura-se, assim, com respeito aos transitivos, um padrão nominativo-absolutivo, que pode ser observado nos seguintes exemplos:

Predicados com núcleos transitivos bivalentes

759.	pĩkamrekti	na	ba	∅-kukʌ	∅-kãm	∅-køkje	
	pau brasil	RLS	1	R ² -derrubar	R ² -LOC	R ² -cortar em pedaços	
	∅-kãm	arəp	apĩj	∅-ɔ	məja	dʒʌri	∅-ipej
	R ² -LOC	já	DISTR	R ² -ASS.INSTR	coisa	DISTR	R ² -fazer
	nẽ	∅-ɔ		kotik	ɲ-ipej	nẽ	∅-ɔ
	MS	R ² -ASS.INSTR		mão de pilão	R ¹ -fazer	MS	R ² -ASS.INSTR
	ko	ɲ-ipej		nẽ	∅-ɔ	kawa	ɲ-ipej...
	borduna	R ¹ -fazer		MS	R ² -ASS.INSTR	pilão	R ¹ -fazer

‘Pau brasil, eu o derrubo e o corto em pedaços. Nisso, eu faço cada coisa com ele (o pau brasil). Com ele (o pau) faço mão de pilão, borduna, pilão...’

Predicados com núcleos transitivos trivalentes

760.	dʒa	ba	a	∅-mã	∅-arẽ		
	IRRLS	1	2	R ¹ -DIRET	R ² -contar		
	‘eu vou contá-la (a estória) a você’						
761.	mẽnire	na	mẽ	i	∅-mã	õmrõ	∅-ɲã
	mulher	RLS	PL	1	R ¹ -DIRET	comida	R ¹ -dar
	‘a mulher deu comida para nós’						

762. katɔpti dʒa i Ø-mã ko j-ano
 Katop-Ti IRRLS 1 R¹-DIRET borduna R¹-mandar
 ‘Katop-Ti vai mandar a borduna para mim’

Predicados com núcleos intransitivos monovalentes descritivos

763. kubẽ ʒa na Ø-təj
 não indígena DEM.PROX RLS R²-forte
 ‘este não indígena é forte’

764. mẽpřĩrẽ ɲ-ʒakrẽ ɲ -itɔp
 criança R¹-nariz R¹-entupido
 ‘o nariz da criança está entupido’

765. amũjaã na ba i Ø-kapřĩrẽ
 ontem RLS 1 1 R¹-triste
 ‘ontem eu estava triste.’

766. õmrõ na Ø-ɔj
 comida RLS R²-gostoso
 ‘a comida está gostosa.’

Intransitivos monovalentes processuais

767. mẽ kunĩ na mẽ tɔ
 PL todos RLS PL festejar
 ‘todos dançaram’

768. ba na ba kikre Ø-kãm wadžΛ
 1 RLS 1 casa R¹-LOC entrar
 ‘Eu entrei na casa’

769. ajberi na ba braziĶja Ø-kãm boj
 REC RLS 1 Brasília R¹-LOC entrar
 ‘eu acabei de chegar a Brasília.’

770. bΛ Ø-kãm đza ba tẽ
 floresta R¹-LOC IRRLS 1 ir/vir
 ‘eu vou a floresta.’

Intransitivos bivalentes

771. mẽnire Ø-mã mẽ i Ø-kĩj
 mulher R¹-DIRET PL 1 R¹-gostar
 ‘a mulher gosta de nós’

772. ta ãwa Ø-mã mẽnire Ø-kĩj
 3 DEM.DIST R¹-LOC mulher R¹-gostar
 ‘aquele gosta da mulher’

Em Xikrín, no padrão (ergativo)-absolutivo, o sujeito dos verbos transitivos é expresso pelos marcadores pessoais da série II, regidos pela posposição *-je/te* do caso oblíquo, enquanto o objeto é expresso por marcador dessa mesma série contíguo ao verbo¹⁸. Exemplos:

¹⁸ Para Reis Silva (2001:19-20), os elementos de uma mesma série pronominal, os quais chamamos neste trabalho de formas pronominais da série B, são tratados ora como marcas absolutivas, ora como marcas acusativas, como em *ba a-kaprepek* /1NOM 2 AC-bater/ ‘eu bati em você’ e *ba ģre* /1NOM cantar/ ‘eu canto’ (p.20). Em nossa análise essas formas pronominais são sempre marcas absolutivas.

773. ba na ba i Ø-jε kaprãn j-amə-j ket
 1 RLS 1 1 R¹-OBL jabuti R¹-pegar-NLZ NEG
 ‘não houve o pegar do jabuti por mim’

774. ga dʒa ga a Ø-jε aŋro Ø-tu-ru
 2 IRRLS 2 2 R¹-OBL porcão R¹-carregar-NLZ
 Ø-əɾə a Ø-boj-Ø ket
 R¹-DIR 2 Ø-chegar-NLZ NEG
 ‘não vai haver o teu conseguir na direção do carregar do
 porcão por você’ ‘(você não vai conseguir carregar o porcão)’

775. poi na Ø-tε kukejɾε Ø-bĩ-n ket
 Poy RLS R¹-OBL cotia R¹-matar-NLZ NEG
 ‘não houve o matar da cotia por Poy’

Quando os predicados intransitivos processuais são modificados por palavra adverbial, ocorrem nominalizados e o determinante deles é marcado pelas formas da série II, neutralizando-se, assim, a diferença entre eles e os predicados descritivos:

776. a Ø-mə-rə ket
 2 R¹-chorar-NLZ NEG
 ‘não há teu chorar’

777. i j-õt ket
 Poy R¹-o dormir NEG
 ‘não há teu dormir’

778. guba Ø-ŋɾε-rε ket
 1+2 R¹-cantar-NLZ NEG
 ‘não houve nosso cantar’

Cabral, Rodrigues e Costa ([2001] 2003:27) observam que o padrão (ergativo)-absolutivo do Xikrín é acionado em orações seguidas por advérbios ou por palavras ou orações modificadoras que qualificam ou negam o conteúdo do predicado. Neste estudo, porém consideramos a existência de uma cisão que distingue os alinhamentos nominativo-absolutivo e (ergativo)-absolutivo, a qual é condicionada pela modificação circunstancial dos predicados.

Acrescentamos a este o condicionamento sintático que requer nominalizações para funções nominais de núcleos verbais. Os autores observam que a cisão presente no Xikrín faz lembrar a cisão entre duas formas do modo indicativo, uma de expressão nominativa e a outra de expressão absoluta, que ocorre nas línguas da família Tupí-Guaraní (RODRIGUES, 1953; CABRAL, 2001). Em ambos os casos há uma cisão de alinhamento não contemplada em ensaios sobre sistemas cindidos, como, por exemplo, em Dixon (1994).

7.4 CORREFERENCIALIDADE INTRAORACIONAL EM XIKRÍN

Primeiramente, esclarecemos que em Xikrín a estrutura de orações cuja tradução corresponde em outras línguas como o Português a subordinadas temporais ou condicionais se distingue de suas orações coordenadas, pela presença nas primeiras de partícula que pode ser traduzida por ‘se’ ou ‘quando’ e pela posição da oração dependente em relação à principal – nas temporais/condicionais (hipotaxes) a dependente precede a principal, nas coordenadas (parataxes), a principal precede a dependente – como veremos adiante.

Em Xikrín, na combinação de duas orações por parataxes, se a oração principal e a oração dependente têm como núcleo predicados intransitivos e os seus sujeitos são correferentes, faz-se uso de duas estratégias: a) a combinação é marcada pela conjunção *ně*, que aqui glosamos de ‘mesmo sujeito (MS)’, e b) o sujeito da segunda oração é omitido:

779. ba dʒa ba boj nẽ dʒwa
 1 IRRLS 1 chegar MS banhar
 ‘eu vou chegar e banhar’

780. mēprīre na dʒwa nē ŋõrõ
 criança RLS banhar MS dormir
 ‘a criança banhou e dormiu’

A correferência configura-se como S/S. Eventualmente, pode ocorrer depois do conectivo de mesmo sujeito *nē* a posposição *kām* que contribui com a idéia de ‘em relação a isso’, ‘assim’, ‘por isso’.

781. na ba i Ø-tikdʒΛ nē Ø-kām nõ
 RLS 1 1 R¹-cansado MS R²-LOC deitar
 eu estava cansado, por isso deitei’

O mesmo padrão é encontrado em combinações em que a oração principal tem predicado com núcleo intransitivo e a dependente núcleo transitivo, evidenciando-se o padrão S/A:

782. guba na gu bΛ Ø-kām tē nē Ø-kaprãn j-abje
 1+2 RLS 1+2 floresta R¹-LOC ir/vir MS R²-jabuti R¹-procurar
 ‘nós fomos à floresta e procuramos jabuti’

Interessantemente, quando o predicado da oração dependente é negado, embora haja correferência, o S é obrigatoriamente marcado por proclítico pessoal combinado com o tema verbal, o que decorre da natureza da forma nominalizada do verbo, que exige um determinante expreso. Nesses casos, temos então um padrão em que o proclítico pessoal da oração dependente funciona como parte de um sistema de concordância com marca aberta de correferência.

783. na ba i Ø-tikdʒΛ nē Ø-kām i Ø-nõ-rõ ket
 RLS 1 1 R¹-cansado MS R²-LOC 1 R¹-deitar-NLZ NEG
 eu estava cansado, mas não deitei’

784. ga dʒa ga boj nẽ Ø-kãm a dʒ-wə-rə ket
 2 IRRLS 2 chegar MS R²-LOC 2 R²-banhar-NLZ NEG
 ‘você vai chegar, mas não vai banhar’

Nesse caso também, verifica-se um padrão absolutivo de correferência S/S.

Quando a oração principal tem predicado cujo núcleo é um verbo transitivo e a segunda oração tem um predicado cujo núcleo é um verbo intransitivo, se os referentes de A e S são os mesmos, a correferência é marcada pela ausência de marcação de S na oração dependente, mantendo o padrão A/S. Entretanto, se a oração dependente for negada, S é obrigatoriamente marcado nesta última.

785. ari ba na ba ari mri Ø-bĩ nẽ kikre Ø-mã mõ
 PAUC 1 RLS 1 PAUC caça R¹-matar ms casa R¹-DIRET ir/vir.PL
 ‘nós matamos caça e fomos para casa’

786. ari ba na ba ari mri Ø-bĩ nẽ kikre
 PAUC 1 RLS 1 PAUC caça R¹-matar ms casa
 Ø-mã ari i Ø-mõ-rõ ket
 R¹-DIRET PAUC 1 R¹-ir/vir.PL NEG
 ‘nós matamos caça mas não houve nosso ir para casa’

787. mẽ ga dʒa ga mẽ mri Ø-bĩ nẽ Ø-kãm to
 PL 2 IRRLS 2 PL caça R¹-matar MS R¹-LOC festejar
 ‘vocês vão matar caça e festejar’

788. mẽ ga dʒa ga mẽ mri Ø-bĩ nẽ Ø-kãm
 PL 2 IRRLS 2 PL caça R¹-matar MS R¹-LOC
 mẽ a Ø-tɔrɔ ket
 PL 2 R¹-festejar NEG
 ‘vocês vão matarvõ festejar’

Vimos até aqui que nas relações intraoracionais a correferência sintática em Xikrín é possível entre S/S, S/A, A/S. Nessas combinações, verifica-se a presença da conjunção *nē* e a ausência da expressão de S ou A da oração dependente. Quando a combinação é A/S, *nē* não é usado, mas mantém-se a correferência marcada pela ausência de expressão de S na oração dependente, se esta não for negada ou modificada por outra expressão adverbial.

7.5 NÃO-CORREFERENCIALIDADE INTRAORACIONAL

Na combinação de orações em que não há correferencialidade entre S e A, S e S e A/S, independentemente da transitividade do núcleo do predicado da oração dependente, a língua Xikrín dispõe das seguintes estratégias:

a) as orações ocorrem justapostas e o sujeito da segunda oração é obrigatoriamente exposto, seja por pronome, seja por nome:

789. mēnirɛ na boj mēbeŋet ku-mã mop Ø-ŋã
mulher RLS chegar velho R²-DIRET inhame R¹-dar
a mulher chegou e o velho lhe deu inhame'

790. ga dʒa ga guba Ø-kra j-ok ba dʒa ba tɔ
2 IRRLS 2 1+2 R¹-filho R¹-pintar 1 IRRLS 1 R¹-festejar
você vai pintar nosso filho e eu vou festejar'

791 ga na ga ŋrɛ ba na ba tɔ
2 RLS 2 cantar 1 RLS 1 festejar
você cantou e eu festejei'

792. ba dʒa ba ŋra Ø-bĩ ga dʒa ga a-ga
1 IRRLS 1 paca R¹-matar 2 IRRLS 2 R²-assar
eu vou matar paca e você vai assá-la'

793. piʔidʒo na ŋrɛ Ø-kãm ga to
 Pi'ydjô IRRLS cantar R²-LOC 2 dançar
 'Pi'ydjô canta e você festeja'

b) as duas orações são combinadas pela conjunção *jũm* e o sujeito da segunda oração pode ou não ser expresso se for diferente de S ou A, mas igual a O da primeira oração:

794. mak na kubẽ Ø-ŋa jũm (kubẽ) Ø-ʌmra
 Pi'ydjô IRRLS não indígena R²-LOC SD (não indígena) R²-gritar
 'o escorpião picou o não indígena e ele gritou'

795. pɔi na rɔpkɔri Ø-mũ jũm
 Poy RLS onça R¹-ver SD
 Ø-kãm (rɔpkɔri) Ø-prõn
 R²-LOC (onça) R²-corrida
 'Poy viu a onça e ela correu'

796. pɔi na iãdʒi Ø-bĩ jũm arɛp wã ku-ga
 Poy RLS veado R¹-ver SD já DEM.DIST R²-assar
 'Poy matou o veado e aquela já o assou'

Em (ex. 794), *kubẽ* pode ser expresso porque não é correferencial com o referente do sujeito da oração principal. Em (ex. 795) ocorre o mesmo padrão, mas com o morfema *-kãm*; em (ex. 796) *wã* marca uma terceira pessoa, diferente de *Poy* e de *iãdʒi*. O sujeito dessa oração não poderia ser correferente com o referente do agente da primeira oração por causa da conjunção *jũm*, que marca referência disjunta e, se fosse correferente com *iãdʒi*, ou *iãdʒi* seria expresso ou seria omitido.

No exemplo seguinte, embora *jũm* marca a não correferência de S da oração dependente com A da oração principal, S não é marcado, pois é correferente com o objeto da oração principal:

797. kubê na mēni Ø-mũ nũm Ø-prõn
 não indígena RLS mulher R¹-ver SD R¹-corrida
 ‘Poy viu a onça e houve a corrida dela’

798. ga na ga a Ø-kwatij Ø-mũ nũm Ø-akěj
 2 RLS 2 2 R¹-avó R¹-ver SD R¹-voltar
 ‘você viu a sua avó e (ela) voltou’

Os dois últimos exemplos mostram que a língua Xikrín faz uso também de um sistema de correferência O/S. A coocorrência de um sistema nominativo e de um sistema absolutivo faz do sistema de correferência do Xikrín um sistema misto, que é uma possibilidade nas línguas naturais, como observado por Dixon (1994, P. 154), de forma que o monitoramento de correferência é um monitoramento complexo e bidirecional.

No exemplo seguinte, S da oração principal é correferente com O da oração dependente, mas nada de especial é marcado, apenas a não correferência entre S e A.

799. dʒa gu kapot Ø-kãm boj
 IRRLS 1+2 campo R¹-LOC chegar
 nũm lucivaldo guba Ø-pa-amə
 R¹-avó Lucivaldo SD R¹-braço-pegar
 ‘quando nós chegarmos no aeroporto, Lucivaldo vai nos apanhar’

Quando duas orações expressam processos excludentes, S ou A é marcado em todas as orações, mesmo que haja correferência, visto que semanticamente não há relação entre os referentes dos argumentos das duas orações:

800. dʒa gu tukumã Ø-mã tẽ nɔrəkɔt
 IRRLS 1+2 Tucumã R¹-DIRET chegar DISJ
 dʒa gu agwazul Ø-mã tẽ
 IRRLS 1+2 Água Azul R¹-DIRET ir/vir
 ‘ou nós vamos a Tucumã ou nós vamos a Água Azul’

Já em combinações em que uma delas exprime hipótese, o que se faz por meio do morfema *dza* (dependência semântica que são expressas por meio de processos de hipotaxes em outras línguas) em posição inicial da sentença, havendo correferência entre A/A, A/S ou S/A, S ou A da oração principal não é marcado, visto que a oração dependente a precede. Isto evidencia que o princípio da anaforicidade prevalece nesta língua.

801. *dza ga aŋro ɔj ʔ-bĩ ʔ-kãm*
 IRLS 2 porção algum R¹-matar R¹-LOC
i ʔ-mã kwə ʔ-ta
 1 R¹-DIRET PART R¹-cortar
 ‘se você matar algum porção, (você) corta um pedaço para mim’

802. *dza mēni kaŋã ʔ-mũ ʔ-kãm ʔ-prõn*
 IRLS mulher cobra R¹-ver R²-LOC R²-corrida
 ‘se a mulher vir a cobra, vai haver sua corrida’

803. *dza ba bʌ ʔ-kãm tẽ ʔ-kãm mri ʔ-bĩ*
 IRRLS 1 floresta R¹-LOC 1 R²-LOC caça R¹-matar
 ‘se eu for a floresta, eu vou matar caça’

7.6. CORREFERENCIALIDADE EM OUTRAS LÍNGUAS JÊ

Urban (1985) mostra que em Xokleng é o uso do pronome especial *ẽ*, forma pronominal anafórica – ou mais frequentemente catafórica –, que indica correferência entre argumentos; já o uso de pronomes não-correferenciais indica referência disjunta. Urban (*op.cit.*) nota, ainda, que em Xokleng o pronome *ẽ* é usado em oração subordinada para indicar que o sintagma nominal que ele substitui tem o mesmo referente que um sintagma nominal da oração principal. Segundo esse autor, se o correferente do sintagma nominal da oração principal está em função de S, *ẽ* pode ser usado para substituir S, A, ou O na oração subordinada, como em (63), (65), e (66), respectivamente (a numeração original dos exemplos foi mantida):

- 63) ẽ tawi kũ tã wãñkan tẽ
 COREF. arrive, sg., STAT. CONJ. he REST imperfective
 ‘When he_i arrives, he_i is going to rest.’ (URBAN, 1985, p. 181)
- 65) ẽ tõ uyol tãñ kɔlkũ tã tawiŋ tɔ
 COREF.ergative tapir kill after he arrive, SG., ACT.imperfective
 ‘After he_i kills the tapir, he_i is going to arrive’. (URBAN, 1985, p. 181)
- 66) tə ði tõ ẽ we kɔlkũ tã wũ
 woman FEM. ergative COREF. see, STAT. after he 3-NOM
 tẽ mũ
 go, sg., act. active
 ‘After the woman saw himi, he_i left’ (URBAN, 1985, p. 181)
- 64) ti tawi kũ tã wãñkən tẽ
 he arrive, SG., STAT. CONJ. he rest imperfective
 ‘When he_i arrives, he_j is going to rest.’ (URBAN, 1985, p. 181)

Ainda de acordo com Urban (*op.cit.*), quando o correferente do sintagma nominal da oração principal está em função de A, ẽ é usado, mas apenas quando correferente com S ou A da oração subordinada, como mostram os exemplos em (67) e (68):

- 67) ẽ tawi kũ tã a ðopalaŋ tẽ
 COREF. arrive, SG., STAT CONJ. he you teach imperative
 ‘when he_i arrives, he_i is going to teach you’. (URBAN, 1985, p. 181)
- 68) ẽ tõ uyol tãñ kɔlkũ tã wũ ti nẽ tẽ
 COREF. ergative tapir kill after he 3-NOM his meat DEF.

ko tẽ

eat imperfective

‘After he kills the tapir he is going to eat its meat’ (URBAN, 1985, p. 182)

Se o correferente do sintagma nominal da oração subordinada estiver em uma função de O, ã não é usado, mas uma terceira pessoa *ti* ou *zi*:

69) tə ði tɔ̃ ti we kɔlkũ tã ði
 woman FEM. ergative he see, STAT. after he she
 to pãŋ mũ
 toward Shoot/throw active

‘After the woman saw him_i, he_i shot (at) her’. (URBAN, 1985, p. 182)

Urban (*op.cit.*) conclui que o sujeito sintático nesta língua não é claramente definido, visto que ã pode ser usado também para um *O* da oração subordinada correferente com *S* da oração principal. Para esse autor, se não fosse por isso, o padrão do Xoklég corresponderia a um simples sistema de *switch-reference*, com um sujeito sintático definido em termos da confluência de *A* e *S*. Como ressalta Urban (*op.cit.*), o Xoklég mostra nesta área da sintaxe um padrão claro, mas que não é nem acusativo nem ergativo.

Outras línguas Jê para as quais o fenômeno *switch-reference* foi descrito são o Crahô (POPJES e PPOPJESs, 1986), o Parkatêjê (FERREIRA, 2003) e o Canela-Apaniekra (ALVES, 2004).

Popjes & Popjes (1986) mostram que o Canela-Krahô dispõe de morfemas independentes para indicar o fenômeno de *switch-reference* entre sujeitos de duas ou mais orações: a conjunção *ne*, dentre outras funções que desempenha na trama sintática da língua, é usada para indicar que sujeitos de duas ou mais orações são correferentes, conforme ilustra o exemplo (49):

(49) Capi te pó curan ne quê há cuku
 Capi PAST deer kill and 3 FUT 3+eat

‘Capi killed a deer and will eat it’ (POPJES e POPJES, 1986, p. 147)

Para marcar a não-correferencialidade dos sujeitos, as orações são ligadas pela conjunção *mã*, como exemplificado em (50):

- 50) a-te pó curan mã capi Apu cuku
 2-PAST deer kill and Capi CONT 3+eat
 ‘You killed a deer and Capi is eating it.’ (POPJES e POPJES, 1986, p. 147)

Na língua Parkatêjê, o fenômeno *switch-reference* é marcado por dois morfemas independentes, a conjunção *nã*, usada para indicar que sujeitos de duas orações têm o mesmo referente, e a conjunção *mã*, utilizada para sinalizar que os sujeitos de duas orações são diferentes (cf. FERREIRA, 2003). Os exemplos (51) e (52), extraídos de Ferreira (2003, p. 183) exemplificam sujeitos correferentes e sujeitos não-correferentes, respectivamente.

- 51) int jũm te mĩre koran nã te kukrit pĩr
 meu. Pai ERG jacaré matar SS ERG anta matar+ PAS
 ‘meu pai matou jacaré e matou anta’ (FERREIRA, 2003, p. 183)

- 52) int jũm te mĩre koran mã int jũmti te kukrit pĩr
 meu.pai ERG jacaré matar DS meu.tio ERG anta ONC-matar+PAS
 ‘meu pai matou jacaré e meu tio também matou anta’ (FERREIRA, 2003, p. 183)

Alves (2004, p. 143) descreve duas estratégias de que a língua Canela Apãniekrá dispõe para marcar a correferência dos sujeitos em sentenças coordenadas, o apagamento do mesmo SN sujeito da segunda oração e uso da conjunção *nã*, como ilustra o exemplo (53).

- 53) wa há poj nã ø a-pupu
 1 IRLZ chegar CONJ CORREF 2-ver
 ‘eu vou chegar e te ver’ (ALVES, 2004, p. 143)

Alves (*op. cit.* p. 143) observa que quando há um padrão ergativo, “ainda que seja possível, não é comum apagá-lo, e que, nesses casos, só ocorre a conjunção”:

- 53) i-poj nã i-te a-pupu
 1 CONJ 1-ERG 2-ver
 ‘eu cheguei e vi você’ (ALVES, 2004, p. 143)

Já, para marcar que o sujeito da oração principal não é correferente com o da oração dependente, o Apãniekrá utiliza a conjunção *mã*, conforme mostra o exemplo (54).

- 54) i-te hũmre pupun mã Ø ma tẽ
 1-ERG homem ver CONJ 3 DIR ir
 ‘eu vi o homem e ele foi embora’ (ALVES, 2004, p. 144)

Alves observa que quando S1 e S2 são nominais, S2 não é apagado:

- 55) Pedro te João pupun mã João mor
 Pedro RG João ver CONJ João ir
 ‘Pedro viu João e João foi embora’ (ALVES, 2004, p. 144)

A autora descreve outras situações de expressão de correferência na língua, orientando sua descrição para preocupações de outra natureza: a origem do fenômeno de *switch-reference* na língua, e a descrição tipológica desse sistema (...) “dentro do domínio funcional da continuidade do tópico no discurso” (...) (cf. p. 157).

Maxakalí, da família do mesmo nome, é outra língua na qual *switch-reference* foi identificado. Rodrigues (1999, p. 197-198) mostra que o Maxakalí utiliza a conjunção *tĩ* para marcar a correferencialidade dos sujeitos de duas ou mais orações, ao passo que a conjunção *ha* distingue orações com sujeitos diferentes, como mostram os exemplos (55) e (56) respectivamente.

- 55) ʔĩ-mõŋ tĩ ʔ-nĩn
 3-go and.SS 3-come
 ‘He went and returned’ (RODRIGUES, 1999, p.197)

- 56) ʔĩ-mõŋ ha ʔ-nĩn
 3-go and.DS 3-come
 ‘Hei went and hej returned’ (RODRIGUES, 1999, p. 198)

É interessante notar que não só as línguas da família Jê setentrional e meridional apresentam um sistema de referência alternada que distingue *mesmo sujeito* de *sujeito diferente*, mas que o mesmo fenômeno é encontrado em membro de outra família Macro-Jê, o Maxakalí, o que sugere que um sistema dessa natureza tenha estado ativo em estágio anterior comum a essas e outras famílias incluídas na proposta de um Macro-Jê por Rodrigues (1986, 1992, 1996, 2001, 2009).

Por outro lado, a exploração que fizemos dos dados do Xikrín revela que, embora nessa língua haja um sistema de referência alternada, com marcas de mesmo sujeito e sujeito diferente, os quais contribuem para a coesão discursiva e comunicação plena, este sistema é mais sofisticado do que uma simples alternância de correferência fundada em uma orientação S/A (nominativa). Na seção seguinte resumiremos as características do sistema de correferencialidade do Xikrín.

7.7. ALGUMAS OBSERVAÇÕES SOBRE CORREFERENCIALIDADE SINTÁTICA EM XIKRÍN

De acordo com os dados apresentados, pode-se concluir que na língua Xikrín há um sistema de *referência-alternada*, sinalizado por partículas e por omissão ou não da expressão sintática de argumentos correferentes com argumentos da oração principal. A presença de uma estratégia ou de outra, depende de fatores pragmáticos e de princípios gramaticais que interagem com os princípios que determinam alinhamento, seja no nível intraoracional, seja no nível interoracional.

Nas combinações de orações por parataxes, as partículas comportam-se como conjunções conectivas e não como morfemas subordinadores sistematicamente recorrentes, como ocorre em outras línguas indígenas brasileiras, como as da família Tupí-Guaraní. Em Xikrín, são conectivos exclusivos de orações, pois o conectivo de nomes que formam um sintagma nominal tem a forma *mẽ*. O uso das partículas não é sistemático, já que paralelamente ao seu uso, a língua pode se valer da omissão ou expressão de argumentos para monitorar correferência entre estes, em determinados contextos sintáticos.

As combinações de orações por parataxes em Xikrín seguem uma ordem canônica: a oração em que os referentes são obrigatoriamente expressos é a primeira, sendo a segunda aquela que segue regras morfossintáticas de correferência. A segunda oração pode manter

certa dependência semântica da primeira, como em Português: ‘eu descasco o camarão e você o tempera’, ‘eu pesco o peixe e você o come’.

Diferentemente da parataxes, nas combinações por hipotaxes, a primeira oração é semanticamente dependente da segunda, o que é exigido pelo princípio da anaforicidade que determina correferência na língua:

– Elementos acionadores de correferência através de fronteiras de orações devem ter precedência sintática.

Os *pivots* da correferência interoracional em Xikrín são A e S, mas há sintonia desta correferência com a correferência entre O e S, quando o contexto morfossintático exige. Esta sintonia ocorre na situação em que duas orações têm sujeitos distintos e o objeto da primeira é correferente com o sujeito da oração dependente. Neste caso, S não é marcado, embora as duas orações tenham sujeitos diferentes, o que revela que, além do alinhamento sintático nominativo, A/S,S/A, o Xikrín alinha O/S, um padrão absolutivo. Nesse sentido, o Xikrín se assemelha ao Xokleng, conforme a descrição de Urban (1986, p. 183):

However, in Shokleng the syntactic “subject” is not so clearly defined. This is because E may be used for subordinate clause O, when this noun phrase is referent with main clause S. If this were not the case, the pattern would be one of ordinary “switch-reference”, with a syntactic “subject” defined in terms of the conflation of A and S. Since it is, however, Shokleng shows in this area of syntax a clear pattern, but one that is neither accusative nor ergative in its entirety.

Correferencialidade em Xikrín é marcada entre duas orações, estejam elas internamente estruturadas ou não de acordo com o mesmo sistema nominativo-absolutivo ou o mesmo sistema absolutivo. A particularidade da marcação de correferência em construções absolutivas é que nelas há sempre uma expressão sintática de argumentos, o que a diferencia de construções nominativas-absolutivas nas quais, havendo correferência, os argumentos A e S podem não ser expressos.

Sumarizando, a língua Xikrín possui um sistema de referência alternada que faz uso de marcas morfológicas concomitantemente ou não com a expressão ou omissão de argumentos sintáticos, de acordo com necessidades pragmáticas e com princípios da sintaxe da língua.

Os resultados obtidos até o presente reiteram que o Xikrín é uma língua que apresenta cisões em seu sistema de alinhamento intraoracional, (ergativo)-absolutivo e nominativo-absolutivo (CABRAL, RODRIGUES e COSTA, [2001] 2003; COSTA, 2003), e mostram que a correferencialidade através de orações também apresenta cisões: por um lado, a correferência segue um alinhamento A e S ou S e A, mas, por outro lado, um alinhamento O e

S. Resta confirmar se esses padrões de correferência se estendem a outras combinações de orações.

Finalmente, no aprofundamento deste estudo, deverão ser consideradas diferentes modalidades discursivas, para que apreciações sobre a caracterização do sistema de correferência em Xikrín, associado a alinhamento, sejam conclusivas.

7.8 CONCLUSÃO

Neste capítulo analisamos e descrevemos estratégias da língua Xikrín do Cateté para marcar referência compartilhada ou disjunta de argumentos através de orações combinadas por parataxis ou por hipotaxis. Em seguida, identificamos as correlações entre o sistema de alinhamento intraoracional existente na língua e mostramos que a língua Xikrín, na combinação de orações por parataxes, manifesta uma cisão: em certos contextos é acionado um padrão nominativo e, em outros, um padrão misto, nominativo e absolutivo. Por fim, vimos que esses padrões são orientados por um sistema de *switch-reference*, que sinaliza por meio de diferentes estratégias morfossintáticas quando o referente de um argumento A, S ou O de uma oração dependente é correferente ou não com um argumento da oração principal.

CAPÍTULO VIII – CONSTRUÇÕES INTERROGATIVA

Construções interrogativas são tipos de sentenças existentes nas línguas naturais, ao lado de outros tipos de sentenças, como as declarativas e as imperativas. Sentenças interrogativas servem para a obtenção ou confirmação de informação, enquanto sentenças declarativas expressam atos de fala que correspondem a asseveramentos, alegações, acusações, críticas, promessas, etc., enquanto que sentenças imperativas são usadas para aconselhar, estimular ou determinar que o interlocutor desempenhe uma ação ou um evento. Sob o rótulo de sentenças imperativas há atos de fala como ordenar, solicitar, sugerir, prescrever, apelar, aconselhar, induzir, dentre outros. (c.f. KÖNIG e SIEMUND, 2007).

Neste capítulo descrevemos aspectos fundamentais das construções interrogativas do Xikrín. O capítulo está organizado da seguinte forma: na seção 8.1 apresentamos as propriedades formais e semântico-funcionais de várias construções interrogativas do Xikrín; na seção 8.2, tratamos das interrogativas polares ou que exigem uma resposta sim/não, e na seção 8.3, analisamos as construções que requerem um conteúdo informacional, distinguindo suas subdivisões conforme a palavra interrogativa que encabeçam.

8.1 PROPRIEDADES FORMAIS E SEMÂNTICO-FUNCIONAIS DAS SENTENÇAS INTERROGATIVAS

As sentenças interrogativas, convencionalmente associadas ao ato de fala de pedir informação, ou confirmação de um conteúdo informacional, subdividem-se em dois tipos principais, conforme suas propriedades sintáticas e semânticas, a saber: sentenças polares ou de perguntas que requerem uma resposta ‘sim/não’ e as interrogativas informacionais, as quais requerem respostas com conteúdo informacional.

Para König & Siemund (2007, p. 291), as sentenças polares ou de perguntas ‘sim/não’ são usadas para obter informações sobre a verdade ou falsidade da proposição que elas expressam. Neste tipo de sentença interrogativa a informação solicitada restringe-se a mera afirmação ou negação. Daí serem também conhecidas como perguntas do tipo ‘sim/não’. Em contrapartida, as interrogativas de constituintes ou de informação/conteúdo recebem respostas que fornecem o tipo de informação especificada na palavra interrogativa contida na sentença. A informação solicitada neste tipo de construção interrogativa é uma locução mais

elaborada, que pode ser uma palavra, um sintagma complexo, uma sentença simples, ou uma sentença complexa.

Na próxima seção, tratamos desses dois tipos de construções ao quais serão devidamente ilustradas.

8.2 CONSTRUÇÕES INTERROGATIVAS POLARES

Em Xikrín, sentenças interrogativas polares apresentam uma das duas partículas interrogativas *djə* ou *djəri* na primeira posição da estrutura sentencial, seguida do constituinte focalizado na pergunta:

Exemplos com a partícula interrogativa djə:

804. **djə** a \emptyset -ŋrik
 INT 2 R¹-zangado
 ‘você está zangado?’

805. **djə** a \emptyset -mej
 INT 2 R¹-bom
 ‘você está bem?’

806. **djə** a dʒ-ʌpej
 INT 2 R¹-trabalho
 ‘você trabalhou?’

807. **djə** a \emptyset -kra \emptyset -mej
 INT 2 R¹-filho R¹-bom
 ‘teu filho está bem?’

808. **djə** kruwa Ø-kajrɛɛ
 INT flecha R¹-reta
 ‘a flecha está reta?’
809. **djə** mēnirɛ Ø-ŋrɛ-rɛ Ø-mɛj
 INT mulher R¹-cantarr-NLZ R¹-bom
 ‘a mulher canta bem?’
810. **djə** mēprĩrɛ j-atɔp
 INT criança R¹-sujo
 ‘as crianças estão sujas?’
811. **djə** na arəp ivo nɔ-təj
 INT RLS já Ivo olho-grande
 ‘Ivo já está apressado?’
812. **djə** na arəp ivo krã-katɔ
 INT RLS já Ivo cabeça-sair
 ‘Ivo já acordou?’
813. **djə** arəp ga boj
 INT já 2 chegar
 ‘você já chegou?’
814. **djə** arəp mēprĩrɛ ŋɔrɔ
 INT já criança dormir
 ‘a criança já dormiu?’

Nos exemplos seguintes, o elemento questionado é um sujeito pronominal:

815. **djə** na ga a j-õ-t Ø-mɛj
 INT RLS 2 2 R¹-dormir-NLZ R¹-bem
 ‘você dormiu bem?’
816. **djə** na ga a dʒ-ʌku-ru Ø-mɛj
 INT RLS 2 2 R¹-comer-NLZ R¹-bom
 ‘você comeu bem?’
817. **djə** na ga kubẽ Ø-kabẽn Ø-ma
 INT RLS 2 não indígena R¹-fala R¹-saber
 ‘você fala português? (você sabe/conhece a fala do não-indígena?)’
818. **djə** na ga i Ø-kabẽn j-arẽ
 INT RLS 2 1 R¹-fala R¹-dizer
 ‘você fala a minha língua? (você diz a minha fala?)’
819. **djə** ari a Ø-jɛ tiriti Ø-krẽ-n Ø-prãm
 INT PAUC 2 R¹-OBL banana R¹-comer-NLZ R¹-querer
 ‘existe o querer do comer banana por vocês? (querem comer banana?)’
820. **djə** ari a Ø-jɛ mɾi Ø-bĩ-n kumɛj
 INT PAUC 2 R¹-OBL caça R¹-matar-NLZ muito
 ‘houve o matar de muita caça por vocês?’ (vocês mataram muita caça?)’

821. **ɖjə** a Ø-tɔ-rɔ kumɛj
 INT 2 R¹-festejar-NOMZ muito
 ‘houve muito do seu festejar?’
 ‘(você dançou muito?)’

Quando o objeto de um verbo segue a partícula interrogativa, significa que o objeto é o foco da pergunta. Nos exemplos seguintes fica claro que os focos das perguntas são *benɔrã* ‘tucunaré’, *mēnire* ‘mulher’, *aŋro* ‘porcão’, *ɖʒwəŋɾa* e ‘farinha’, respectivamente:

822. **ɖjə** benɔrã na ga a-ga
 INT tucunaré RLS 2 R²-assar
 ‘foi tucunaré que você assou?’

823. **ɖjə** mēnire na ga Ø-ɔmũ
 INT mulher RLS 2 R²-ver
 ‘foi mulher que você viu?’

824. **ɖjə** aŋro na katɔpti ku-bĩ
 INT porcão RLS Katop-Ti R²-matar
 ‘foi porcão que Katop-Ti matou?’

825. **ɖjə** ɖʒwəŋɾa na katɔpti Ø-ipej-Ø Ø-ɔ ɖʒa
 INT farinha RLS Katop-Ti R²-fazer-NLZ R¹-ASS.INTR estar.em.pé
 ‘É farinha que Katop-Ti está fazendo?’

No exemplo seguinte, o falante quer saber se foram os homens e não outros os que foram para a mata:

826. **ɖjə** mēmi na mē bɔ Ø-kãm mō
 INT homem RLS PL R¹-mata R¹-LOC ir/vir.PL
 ‘foram os homens (que) foram para a mata?’

827. **djə** mēniɾe na mē pĩ Ø-krãta
 INT mulher RLS PL pau R¹-cortar
 ‘foram as mulheres (que) cortaram pau?’

Assim, o elemento foco da questão é o constituinte que segue imediatamente a partícula interrogativa.

Em todos os exemplos de (804 a 827) o falante tem algum conhecimento prévio do conteúdo informacional ou alguma referência a aspectos desse conteúdo. Entretanto, quando o falante pergunta algo que ele desconhece totalmente, ou sobre algo que tenha a possibilidade de acontecer, faz uso da partícula *djəri* :

828. **djəri** a Ø-bam arəp boj
 INT 2 R¹-pai já chegar
 ‘seu pai já chegou?’

829. **djəri** ga tē
 INT 2 ir/vir.sing
 ‘você vai?’

830. **djəri** mēmi dʒa bʌ Ø-mã tē
 INT homem IRRLS já R¹-DIRET ir/vir.sing
 ‘os homens vão à floresta?’

831. **djəri** ga maraba Ø-mã tē
 INT 2 Marabá R¹-DIRET ir/vir.sing
 ‘você vai a Marabá?’

832. **djəri** mēniɾe tɔ
 INT mulher festejar
 ‘a mulher festejou?’

833. **ɖjəri** kubɛŋɛt arɛp tɪ
 INT velho já morrer
 ‘o velho já morreu?’
834. **ɖjəri** ari ga ari a Ø-prõn
 INT PAUC 2 PAUC 2 R¹-corrida
 ‘houve o a corrida de vocês?’ ‘(vocês
 correram?)’
835. **ɖjəri** ga arɛp a ɲ-õ kwə Ø-krẽ
 INT 2 já 2 R¹-PERTENCE PART R¹-comer
 ‘você já comeu?’
836. **ɖjəri** ga mɛniɾɛ Ø-mũ
 INT 2 mulher R¹-ver
 ‘você viu a mulher?’
837. **ɖjəri** mɛpɾĩɾɛ pidʒo Ø-rẽ
 INT criança fruta R¹-colher
 ‘as crianças colheram frutas?’
838. **ɖjəri** mɛniɾɛ pĩ-ŋɾɬ j-akɬ
 INT mulher pau-seco R¹-cortar
 ‘as mulheres cortaram lenha?’
839. **ɖjəri** ta w̃a amĩ Ø-kɬ Ø-krãta
 INT 3 DEM.DIST REFL R¹-pele R¹-cortar
 ‘ele cortou a própria pele?’

840. **djəri** ga rɔpkrɔri bɬ Ø-kãm Ø-mũ
 INT 2 onça floresta R¹-LOC R²-ver
 ‘foi onça (que) você viu na floresta?’
841. **djəri** kubeŋet kawa ɲ-ipej
 INT velho pilão R¹-cortar
 ‘o velho fez pilão?’
842. **djəri** ari a Ø-je tiriti Ø-krẽ-n Ø-prãm
 INT PAUC 2 R¹-OBL banana R¹-comer-NLZ R¹-querer
 ‘há o querer do comer banana por vocês?’ ‘(vocês querem comer banana?)’
843. **djəri** mẽnɔrɔniɛ bo Ø-ɔ-mõ
 INT mulher palha R¹-CAUS.COMIT-ir/vir.PL
 ‘os adolescentes trouxeram palha?’
844. **djəri** ga a Ø-mã mẽnire Ø-kĩj
 INT 2 2 R¹-DIRET mulher R¹-gostar
 ‘Você gosta da mulher’
845. **djəri** pika jã Ø-kãm mɬtkɬ ɲ-õ kapot
 INT terra DEM.PROX R²-LOC avião R¹-PERTENCE campo
 ‘há pista de pouso aqui (nesta aldeia)?’
846. **djəri** ɲo jã Ø-kãm tɛp kumɛj
 INT rio DEM.PROX R²-LOC peixe muito
 ‘há muito peixe neste rio?’

847. **djəri** kukoꝝ Ø-ma
 INT macaco R¹-fígado
 ‘é fígado do macaco?’

848. **djəri** a Ø-kra Ø-mej
 INT 2 R¹-filho R¹-bom
 ‘teu filho está bem?’

849. **djəri** kruwa Ø-kajrɛɛ
 INT flecha R¹-reta
 ‘a flecha está reta?’

850. **djəri** mɛ̃prĩɛ j-atɔp
 INT criança R¹-sujo
 ‘as crianças estão sujas?’

Perguntas retóricas

Note-se que *djəri* nunca co-ocorre com a marca *na* ‘*realis*’. Isso explica o fato de que *djəri* expressa uma pergunta de um conteúdo informacional sobre o qual o falante apenas questiona a hipótese ou possibilidade de sua existência.

Entretanto, retoricamente, pode-se perguntar sobre algo realizado usando *djəri*. Isto ocorre por polidez, por respeito, quando não se está querendo ser direto, para não mostrar a face, como mostram os exemplos seguintes,

851. **djəri** ga a Ø-prõ
 INT 2 2 R¹-esposa
 ‘você é casado?’

852. **ɖjəri** ga mēnirɛ Ø-ərɔ mō
 INT 2 mulher R¹-DIR ir/vir/pl
 ‘Você casou com a mulher?’
- 853 **ɖjəri** ga mēnirɛ Ø-ɔ-Ø-ipu
 INT 2 mulher R¹-CAUS-R²-cheio
 ‘você fez a mulher cheia?’ ‘(você engravidou a mulher?)’
854. **ɖjəri** mēnirɛ Ø-tijaro
 INT mulher R¹-grávida
 ‘a mulher está grávida?’

Note-se que outras formas de perguntar as mesmas coisas seriam assim:

855. **ɖjə** na ga a Ø-prō
 INT RLS 2 2 R¹-esposa
 ‘você é casado?’
856. **ɖjə** na ga mēnirɛ Ø-ərɔ mō
 INT RLS 2 mulher R¹-DIR ir/vir.PL
 ‘você casou com a mulher?’
857. **ɖjə** na mēnirɛ Ø-tijaro
 INT RLS mulher R¹-grávida
 ‘A mulher está grávida?’

858. **djə** na ga mēnire \emptyset - ɔ - \emptyset -ipu
 INT RLS 2 mulher R¹-CAUS-R²-cheio
 ‘Você engravidou a mulher?’

Mas nesses casos há que haver intimidade entre falante e ouvinte.

8.3 CONSTRUÇÕES INTERROGATIVAS DE CONTEÚDO

As sentenças interrogativas de conteúdo informacional são usadas pelo falante para obter informações por ele desconhecidas. Este tipo de pergunta se realiza por meio de palavras ou expressões interrogativas tais como *nũm* ‘quem’ e *məj* ‘o que’, *nĩj* ‘onde’, *nãj* ‘de onde’, e *nãm* ‘para onde’. Trataremos primeiramente das construções com *nũm* e *məj*, as quais têm uso extenso por se combinarem com várias posições, o que permite o questionamento de constituintes de diferentes naturezas morfo-sintáticas e semânticas.

8.3.1 Palavra interrogativa *nũm*

A palavra interrogativa *nũm* é usada para questionar constituintes com traço [+humano] na função de sujeito (ex. 859 a 863) e objeto direto (ex. 864 a 878).

859. **nũm** na \emptyset -kane
int RLS R¹-doente
 ‘quem está doente?’
860. **nũm** na boj
 INT RLS chegar
 ‘quem chegou?’
861. **nũm** dʒa kĩraj \emptyset -mã tẽ
 INT IRRLS cidade R¹-DIRET R¹-IR/VIR
 ‘quem vai à cidade?’

862. **ɲũm** na kukrit \emptyset -bĩ
 INT RLS anta R¹-matar
 ‘quem matou anta?’
863. **ɲũm** dʒa kaprã̃n j-abje
 INT IRRLS jabuti R¹-procurar
 ‘quem irá procurar jabuti?’
864. **ɲũm** na mẽmi ku-bĩ
 INT RLS homem R²-matar
 ‘quem o homem matou?’
865. **ɲũm** na ga \emptyset -mũ
 INT RLS 2 R²-ver
 ‘quem você viu?’
866. **ɲũm** na Δ k j-ae
 INT RLS gavião R²-assustar
 ‘quem o gavião assustou?’
867. **ɲũm** na kukoʒ ku-nĩ
 INT RLS macaco R²-copular
 ‘com quem o macaco copulou?’
878. **ɲũm** na rɔp ku-ɲa
 INT RLS cachorro R²-morder
 ‘quem o cachorro mordeu

8.3.2 Palavra interrogativa *məj*

A palavra interrogativa *məj* pode ser traduzida como ‘que, o que’ em perguntas que questionam tanto constituintes com traço semântico [+humano] quanto [-humano] na função de sujeito, objeto direto e de modificador. Entretanto, quando *məj* corresponde a um sujeito ou objeto [+humano] significa que o falante desconhece totalmente o referente de *məj*.

879. **məj** na tīm
INT RLS cair
‘o que caiu?’

880. **məj** na ãa
INT RLS DEM.PROX
‘o que é isto?’

881. **məj** pĩre na boj
INT menino RLS chegar
‘que menino chegou?’

882. **məj** na ga a-bĩ
INT RLS 2 R²-matar
‘o que você matou?’

8.3.3 As partículas interrogativas *məj* e *jũm* combinadas com posições

A palavra interrogativa *jũm*se combina com as posições *-mã* e *-kot* para expressar respectivamente as noções de ‘dativo’ e ‘companhia’, enquanto que a palavra *məj* se combina com as posições *-ɔ*, *-kadzi* e *-kãm* para expressar respectivamente as noções de ‘instrumentivo’, ‘finalidade’ e ‘locativo’.

nũm combinado com *-mã* questiona constituintes na função dativa, como mostram os exemplos a seguir:

883. **nũm** Ø-mã dʒa ga tiri ti Ø-ŋã
 INT R¹-DIRET IRRLS 2 banana R¹-dar
 ‘para quem você vai dar banana?’
884. **nũm** Ø-mã na a Ø-nã dʒwəŋɾɔ j-ano
 INT R¹-DIRET RLS 2 R¹-mãe farinha R¹-mandar
 ‘para quem a tua mãe mandou farinha?’
885. **nũm** Ø-mã na wajaŋa Ø-kabēn j-arē
 INT R¹-DIRET RLS pajé R¹-fala R¹-dizer
 ‘para quem o pajé falou?’

nũm combinada com a posposição *-kot* questiona constituintes que semanticamente correspondem a uma circunstância de ‘companhia’:

886. **nũm** Ø-kot dʒa ga bɔ Ø-kām tē
 INT R¹-COM RLS 2 floresta R¹-LOC ir/vir
 ‘com quem você irá à floresta?’
887. **nũm** Ø-kot na kubē boj
 INT R¹-COM RLS não indígena chegar
 ‘com quem o não indígena chegou?’
888. **nũm** Ø-kot na katɔpti aŋɾo Ø-bĩ
 INT R¹-COM RLS Katop-Ti porcão R¹-matar
 ‘com quem Katàp-Ti matou porcão?’

məj

O morfema *məj* é de natureza nominal e originou-se, muito provavelmente, da forma nominalizada do verbo *-amə/-mə* ‘pegar’, *-mə-j*. No momento atual funciona como nominal, pois serve de complemento de posições como *-ɔ*, *-kadʒi -kot*, e *-kām* para expressar perguntas respectivamente ‘com que’, ‘para que’, ‘em que’ e ‘de que’, além de encabeçar outros tipos de pergunta, como veremos adiante.

Combinado com *-ɔ*

889. **məj** \emptyset - \mathfrak{c} na ga kukej \emptyset -bĩ
 INT R¹-ASS-INSTR RLS 2 cotia R¹-matar
 ‘com que você matou cotia?’

890. **məj** \emptyset - \mathfrak{c} na mēbeŋet aŋro ɲ-õpok
 INT R¹-ASS-INSTR RLS velho porcão R¹-furar
 ‘com que o velho furou o porcão?’

891. **məj** \emptyset - \mathfrak{c} dʒa ga kariŋo j-ato
 INT R¹-ASS-INSTR IRRLS 2 cigarro R¹-acender
 ‘com que você vai acender cigarro?’

892. **məj** \emptyset - \mathfrak{c} na mēniɾe kwəɾə \emptyset -kudʒo
 INT R¹-ASS-INSTR RLS mulher mandioca R¹-descascar
 ‘com que as mulheres descascaram mandioca?’

Combinada com *kadʒi*:

893. **məj** \emptyset -**kadʒi** dʒa ga kruwa ɲ-ipej
 INT R¹-FINLD IRRLS 2 flecha R¹-fazer
 ‘para que você vai fazer flecha?’

894. **məj** **∅-kadʒi** na ta ʔa iskejro **∅-bi**
 INT R¹-FINLD RLS 3 DEM.DIST isqueiro R¹-pegar
 ‘para que aquele pegou o isqueiro?’

895. **məj** **∅-kadʒi** na mēnõrõnirɛ bo **∅-ɔ-boj**
 INT R¹-FINLD RLS adolescente palha R¹-CAUS.COMIT-chegar
 ‘para que os adolescentes trouxeram palha?’

896. **məj** **∅-kadʒi** dʒa mēnirɛ kwərə j-are
 INT R¹-FINLD IRRLS mulher mandioca R¹-arrancar
 ‘para que as mulheres vão arrancar mandioca?’

Combinada com **-kot**:

897. **məj** **∅-kot** dʒa ga brazilʒja **∅-mã** tẽ
 INT R¹-COMP IRRLS 2 Brasília R¹-DIRET ir/vir
 ‘de que você vai a Brasília?’

Combinada com **-kãm**:

898. **məj** **∅-kãm** na mēni-rɛ kwərə
 INT R¹-LOC RLS mulher-ATEN mandioca
∅-tu-ru **∅-ɔ- mõ**
 R¹carregar-NLZ R¹-CAUS-ir/vir.PL
 ‘em que as mulheres estão carregando mandioca?’

899. **məj** **∅-kãm** na mēmĩ dʒwə-ɲɾʌ **∅-dʒi**
 INT R¹-LOC RLS homem massa-seca R¹colocar
 ‘em que os homens colocaram a farinha?’

900. **məj** \emptyset -**kãm** dʒa ga braziʎja \emptyset -mã tẽ
 INT R¹-LOC IRRLS 2 mandioca R¹-DIRET ir/vir
 ‘De que você foi a Brasília?’

Com o significado de ‘como’:

As ideia de ‘como’ e ‘de que modo’ requer o emprego de *məj* associado a um sintagma posposicional encabeçado por -**ɔt**/**ɔ** ‘associativo.instrumentivo’:

901. **məj** na mẽ dʒudʒe \emptyset -**ɔt** \emptyset -ipej
 INT RLS HUM arco R¹-ASS.INSTR R²-fazer
 ‘como se faz o arco?’
902. **məj** dʒa ga kawa \emptyset -**ɔt** \emptyset -ipej
 INT IRRLS 2 pilão R¹-ASS.INSTR R²-fazer
 ‘como você vai fazer pilão?’
903. **məj** na ga kubẽkʌ \emptyset -**ɔt** \emptyset -ipej
 INT RLS 2 vestido R¹-ASS.INSTR R²-fazer
 ‘como você faz vestido?’
904. **məj** dʒa ga larãʒa \emptyset -**ɔt** \emptyset -krãta
 INT IRRLS 2 laranja R¹-ASS.INSTR R²-cortar
 ‘como você vai cortar laranja?’
905. **məj** na mẽnire mẽ \emptyset -**ɔt** \emptyset -ʔok
 INT RLS mulher PL R¹-ASS.INSTR R²-pintar
 ‘Como as mulheres os pintam?’

906. **məj** na mēmi kΛ Ø-ɔt Ø-ʔkai
 INT RLS homem cesto R¹-ASS.INSTR R²-tecer
 ‘como os homens tecem cesto?’
907. **məj** na ga kaprãñ Ø-ɔt a-mə
 INT RLS 2 jabuti R¹-ASS.INSTR L R²-pegar
 ‘como você pegou jabuti?’
908. **məj** na mēnire tɛp Ø-ɔt ku-ga
 INT RLS mulher peixe R¹-ASS.INSTR R²-assar
 ‘como as mulheres assaram peixe?’
909. **məj** na mēnire tɛp Ø-ɔt ku-bĩ
 INT RLS mulher peixe R¹-ASS.INSTR R²-matar
 ‘como as mulheres mataram peixe?’
910. **məj** dʒa gwaj piʔi Ø-ɔt Ø-kukwə
 INT IRRLS 1+2.PAUC castanha R¹-ASS.INSTR R²-cortar
 ‘como nós vamos cortar castanhas?’
911. **məj** na mē dʒudʒe ɲ-ipej-Ø Ø-ɔ
 INT RLS HUM arco R¹-fazer-NLZ R¹-ASS.INSTR
 ‘como se faz o arco?’
912. **məj** na ga kawa ɲ-ipej-Ø Ø-ɔ
 INT RLS 2 pilão R¹-fazer-NLZ R¹-ASS.INSTR
 ‘como você faz pilão?’

913. **məj** na ga kubêkλ p-ipej-∅ ∅-ɔ
 INT RLS 2 vestido R¹-fazer-NLZ R¹-ASS.INSTR
 ‘como você faz vestido?’

Note-se que, em final de enunciado, o morfema ‘associativo.instrumentivo’ se realiza pelo alomorfe -ɔ.

914. **məj** na ga larãza ∅-krã-iri ∅-ɔ
 INT RLS 2 laranja R²-cortar-NLZ R¹-ASS.INSTR
 ‘como você corta laranja?’

915. **məj** na mēnire mē ∅-ʔok-∅-ʔ ∅-ɔ
 INT RLS mulher PL R²-pintar-NLZ R¹-ASS.INSTR
 ‘como as mulheres os pintam?’

916. **məj** na mēmi kλ ∅-ʔkai-ri ∅-ɔ
 INT RLS homem cesto R¹-tecer-NLZ R¹-ASS.INSTR
 ‘como os homens tecem cesto?’

917. **mə-j** na ga kaprãñ mə-j ∅-ɔ
 INT RLS 2 jabuti R¹-pegar-NLZ R¹-ASS.INSTR
 ‘como as você pega jabuti?’

918. **mə-j** na mēnire tɛp dʒ-ʌʌ ∅-ɔ
 INT RLS mulher peixe R¹-assar.NLZ R¹-ASS.INSTR
 ‘como as mulheres assam peixe?’

919. **məj** na mē tɛp ∅-bĩ-n ∅-ɔ
 INT RLS mulher peixe R¹-matar R¹-ASS.INSTR
 ‘como as mulheres matam peixe?’

920. **məj** dʒa gwaj piʔi Ø-kukwə Ø-ɔ
 INT IRRLS 1+2.PAUC peixe R¹-cortar R¹-ASS.INSTR
 ‘como nós cortaremos castanha?’

Contribuindo com o significado de ‘quantos’

Nas construções em que *məj* contribui com a ideia de quantos, há vestígios de uma construção oblíqua formada do relacional *ku-* e da posposição-*te*, *ku-te*, resquício de um momento da história da língua em que o verbo pegar nominalizado pedia um argumento externo na terceira pessoa. Atualmente, tais construções equivalem a perguntas que questionam quantidade, como mostram os seguintes exemplos:

921. **məj** dʒa sako **ku-tɛ** nũm mɛnĩ ku-mã Ø-kĩj
 INT IRRLS saco R²-OBL SD mulher R²-DIRET R²-gostar
 ‘Quantos sacos a mulher vai querer?’

922. **məj** na kapran **ku-tɛ** ga Ø-amə
 INT RLS jabuti R²-OBL 2 R²-pegar
 ‘quantos jabutis você pegou?’

923. **məj** na nəkamiʃɛ pãj **ku-tɛ**
 INT RLS óculos em troca R²-OBL
 ‘quanto custam os óculos?’

924. **məj** na katetɛ Ø-kãm krĩ Ø-be **ku-tɛ**
 INT RLS Cateté R¹-LOC aldeia R¹-ESSIVO R²-OBL
 ‘Quantas aldeias há no Cateté?’

8.3.4 Palavra interrogativa *ɲĩj*

A palavra interrogativa *ɲĩj* significa ‘onde’:

925. **ɲĩj** na kaṅã ariba
 INT RLS cobra viver
 ‘onde cobra vive?’
926. **ɲĩj** na nõtire ariba
 onde RLS Notire vive
 ‘onde Notire vive?’
927. **ɲĩj** na ga a ɲ-õ kíkɾe
 onde RLS 2 2 R¹-PERTENCE casa
 ‘onde é tua casa?’ ‘(onde você mora?)’
928. **ɲĩj** na ga dʒa
 onde RLS 2 estar.em.pé
 ‘onde você está?’
929. **ɲĩj** na nõtire dʒa
 onde RLS Notire ficar. em pé
 ‘onde está Notire?’
930. **ɲĩj** na bɔra nõ
 onde RLS bola estar. deitado
 ‘onde está a bola?’

931. **ɲĩj** na ga bɔra Ø-dʒi
 onde RLS 2 bola R¹-deixar
 ‘onde você deixou a bola?’
932. **ɲĩj** na kubeɲet rɔpkɔri Ø-mũ
 onde RLS velho onça R¹-ver
 ‘onde você viu a onça?’
933. **ɲĩj** na mẽmĩ abẽn Ø-mã Ø-kabẽn Ø-ɔ ɲĩ
 onde RLS homem REC R¹-DIRET R¹-fala R¹-ASS.INTR estar.sentado
 ‘onde os homens estão conversando?’

Há evidências de que não se trata de um nominal, pois não se combina com posições. Porém, pode ser seguido de um pronome demonstrativo combinado com as posições *ã* ou *kãm*, casos em que expressa a noção temporal ‘quando’:

934. **ɲĩj ʒa Ø-ã** na ga a ɲ-ʒarɔp
 INT DEM.PROX R²- EM.RELAÇÃO. A RLS 2 2 R¹-gripe
 ‘quando houve a tua gripe?’
935. **ɲĩj ʒa Ø-ã** na mẽpĩrĩre Ø-kane
 INT DEM.PROX R²- EM.RELAÇÃO. A RLS criança R¹-doença
 ‘quando houve a doença da criança?’
936. **ɲĩj ʒa Ø-ã** na mẽpĩrĩre Ø-ire
 INT DEM.PROX R²- EM.RELAÇÃO. A RLS criança R¹-magro
 ‘quando houve a magreza da criança?’ ‘(quando a criança emagreceu?)’

937. **nīj ĵa Ø-ã** na mēni Ø-tijaro
 INT DEM.PROX R²- EM.RELAÇÃO. A RLS mulher R¹-ravidez
 ‘quando houve a gravidez da mulher?’ (quando a mulher engravidou?)’
938. **nīj ĵa Ø-ã** dʒa mēbeŋet dʒ-ʌkrej
 INT DEM.PROX R²- EM.RELAÇÃO. A RLS velho R¹-valentia/braveza
 ‘quando vai haver a braveza dos velhos?’
939. **nīj ĵa Ø-ã** na mēpřire Ø-tokri
 INT DEM.PROX R²- EM.RELAÇÃO. A RLS criança R¹-dor
 ‘quando houve a dor da criança?’
940. **nīj ĵa Ø-ã** dʒa a Ø-kra ŋõrõ
 INT DEM.PROX R²- EM.RELAÇÃO. A IRRLS 2 R¹-filho dormir
 ‘quando haverá o dormir do teu filho?’
941. **nīj ĵa Ø-kām** na a Ø-kra Ø-mej
 INT DEM.PROX R²-LOC RLS 2 R¹-filho R¹-bom
 ‘quando teu filho ficou bom?’
942. **nīj ĵa Ø-kām** na ga a Ø-no-təj
 INT DEM.PROX R²-LOC RLS 2 R¹-filho R¹-olho-forte
 ‘quando foi o teu acordar?’
943. **nīj ĵa Ø-kām** dʒa ivo belěj Ø-mã tē
 INT DEM.PROX R²-LOC IRRLS IVO belém R¹-DIRET ir/vir
 ‘quando Ivo vai a Belém?’

944. **m̄j̄ ja Ø-kām** dʒa katapti braziʎja Ø-kurũm akẽj
 INT DEM.PROX R²-LOC IRRLS KATOP-TI Brasília R¹-ABLAT.CENTRIP voltar
 ‘quando Katop-Ti vai voltar de Brasília?’

Perguntas relativas a tempo

Perguntas relativas a tempo são feitas com o nome *m̄j̄* seguido de sintagmas posposicionais que têm por núcleo a palavra ‘luz do dia’ para expressar ‘em que dia’, a palavra ‘sol’ para expressar ‘a hora’, a palavra ‘lua’ para expressar ‘em que mês’ e a palavra ‘verão’ para expressar ‘em que ano’. Os exemplos seguintes ilustram essas combinações e os seus respectivos significados:

akati ‘luz do dia’ e **-kām** ‘locativo pontual’

945. **m̄j̄ akati Ø-kām** dʒa ga tɛp j-ajĩ
 INT luz.do.dia R¹-LOC IRRLS 2 peixe R¹-pescar
 ‘quando você pescará?’
946. **m̄j̄ akati Ø-kām** dʒa ga braziʎja Ø-mã tẽ
 INT luz.do.dia R¹-LOC IRRLS 2 Brasília R¹-DIRET ir/vir
 ‘quando você irá a Brasília?’
947. **m̄j̄ akati Ø-kām** dʒa mɛtɔrɔ Ø-mɔkraj
 INT luz.do.dia R¹-LOC IRRLS festejo R¹-começar
 ‘que dia o festejo começa?’

mit ‘sol’ e **-kām** ‘locativo pontual’

948. **m̄j̄ mit Ø-kām** dʒa ga Ø-mã tẽ
 INT sol R¹-LOC IRRLS 2 R²-DIRET ir/vir
 ‘a que horas você vai?’

949. **məj mit Ø-kām** dʒa piokjakrdʒwəj Ø-mã tẽ
 INT sol R¹-LOC IRRLS professora R²-DIRET ir/vir
 ‘a que horas a professora foi?’
950. **məj mit Ø-kām** dʒa Ø-kadzɪ mẽ Ø-tikdʒΛ ket
 INT sol R¹-LOC IRRLS R²-FINLD PL R²-cansado NEG
 ‘o que horas será o intervalo?’
951. **məj mit Ø-kām** dʒa mẽ ki Ø-kām kaprãn Ø-kuprã
 INT sol R¹-LOC IRRLS PL fogo R¹-LOC jabuti R¹-tirar
 ‘a que horas as mulheres vão tirar os jabutis da fogo?’
952. **məj mit Ø-kām** dʒa ga i Ø-mã pidʒə Ø-ɲã
 INT sol R¹-LOC IRRLS 2 1 R¹-DIRET remédio R¹-dar
 ‘a que horas você vai me dar remédio?’
953. **məj mit Ø-kām** dʒa mẽbeɲet gwajba Ø-mã Ø-ujarẽj
 INT sol R¹-LOC IRRLS velho 1+2.PAUC R¹-DIRET R²-contar (história)
 ‘a que horas o velho vai nos contar histórias?’
954. **məj mit Ø-kām** na mẽ bΛ Ø-kurũm mõ
 INT sol R¹-LOC RLS PL floresta R²-ABLAT.CENTRIP ir/vir.PL
 ‘a que horas os homens vieram da floresta?’
955. **məj mit Ø-kām** na mΛtkΛ boj
 INT sol R¹-LOC RLS avião chegar
 ‘a que horas o avião chegou?’

Combinado com *mitirwə* ‘lua’ e *-kām* significa ‘que mês’

956. **məj mitirwə Ø-kām** dʒa piʔok Ø-məkraj
 INT lua R¹-LOC IRRLS avião R¹-começar
 ‘em que mês começam as aulas?’
957. **məj mitirwə Ø-kām** dʒa mẽ kaprãn j-abje
 INT lua R¹-LOC IRRLS PL jabuti R¹-procurar
 ‘em que mês os homens vão procurar jabutir?’
958. **məj mitirwə Ø-kām** na mẽ ŋo Ø-kaʔð
 INT lua R¹-LOC RLS PL rio R¹-bater.timbó
 ‘em que mês os homens pescam com timbó?’
959. **məj mitirwə Ø-kām** na doutor joão paulo amrẽ tẽ
 INT lua R¹-LOC RLS doutor João Paulo CENTRIP ir/vir
 ‘em que mês dr. João Paulo veio para cá?’
- Combinado com *amej* ‘verão’ e *-kām* significa ‘que anos’
960. **məj amej Ø-kām** na mẽbeŋokre kubẽ Ø-kajpa
 INT verão R¹-LOC RLS indígena não indígena R¹-encontrar
 ‘em que ano os Xikrín encontraram os não-indígenas?’
961. **məj amej Ø-kām** na ga Ø-ɔmũ
 INT verão R¹-LOC RLS 2 R¹-ver
 ‘em que ano você o conheceu?’

962. **məj** amɛj **∅-kām** na kubẽ mẽ ∅-kane
 INT verão R¹-LOC RLS não indígena hum R²-doença
 ‘em que ano os não-indígenas trouxeram doença para a aldeia?’
 kikɾɛ ∅-kām ∅-ɔ-boj
 casa R¹-LOC R²-CAUS-chegar
 ‘em que ano os não indígenas chegaram com suas doenças na aldeias’
 ‘(em que ano os não indígenas trouxeram doença para a aldeia?)’
963. **məj** amɛj **∅-kām** na mẽ ensino fundamental ∅-ɔ-boj
 INT verão R¹-LOC RLS HUM ensino fundamental R¹-CAUS-chegar
 ‘em que ano os não indígenas chegaram com o ensino fundamentam?’
 ‘(em que ano os não indígenas trouxeram o ensino fudamental?’
964. **məj** amɛj **∅-kām** na mẽ enino medio j-ipej ∅-mɔkraj
 INT verão R¹-LOC RLS HUM ensino médio R¹-fazer R¹-começar
 ‘em que ano as pessoas começaram o fazer do ensino médio?’

8.3.5 Palavras interrogativas *nāj* e *nām*

Há em Xikrin duas palavras interrogativas que significam lugar: *nāj* e *nām*. A diferença entre elas é que *nāj* contém um valor ablativo ‘lugar de onde algo ou alguém se afasta, enquanto *nām* contem um significado diretivo, ‘lugar para onde algo ou alguém se dirige ou do qual se aproxima’. Exemplos ilustrativos desse contraste são os seguintes:

965. **nāj** na mɛnirɛ tẽ
 INT RLS mulher ir/vir
 ‘de onde a mulher veio?’

966. **ɲāj** na mēm̃i mō
 INT RLS mulher ir/vir.PL
 ‘de onde os homens vieram?’
967. **ɲāj** na arəp a Ø-kato
 INT RLS já 2 R¹-sair
 ‘de onde você saiu?’
968. **ɲām** na mēniɛ tē
 INT RLS mulher ir/vir
 ‘para onde a mulher foi?’
969. **ɲām** na afōso mō
 INT RLS Afonso ir/vir.
 ‘para onde Afonso está indo?’
970. **ɲām** na mēniɛ tē
 INT RLS mulher ir/vir
 ‘para onde a mulher foi?’
971. **ɲām** na mēm̃i mō
 INT RLS mulher ir/vir.PL
 ‘para onde os homens foram?’
972. **ɲām** na arəp a Ø-kato
 INT RLS já 2 R¹-sair
 ‘para onde você saiu?’

8.3.6 Palavra interrogativa *məkām*

A palavra interrogativa *məkām* é usada para interrogar sobre ‘a causa’, ‘a razão’, ‘o motivo’ de um evento, estado ou processo expresso pelo predicado.

973. *məkām* na ga a Ø-kapĩrɛ
 INT RLS 2 2 R¹-triste
 ‘por que você está triste?’
974. *məkām* na mē Ø-kɛkɛt
 INT RLS PL R²-sorrir
 ‘por que eles sorriem?’
975. *məkām* na mɾi ŋ-ĩ arɔp Ø-akɾi
 INT RLS caça R¹-carne já R²-esfriar
 ‘por que a carne esfriou?’
976. *məkām* na ŋo Ø-kaŋɔ
 INT RLS água R¹-esfriar
 ‘por que a água esquentou?’
977. *məkām* mēni Ø-mə-rə Ø-ɔ ŋĩ
 INT mulher R¹-chorar-NLZ R¹-ASS.INSTR estar.em pé
 ‘por que a mulher está chorando?’
978. *məkām* na mē Ø-ŋɾɛ-rɛ Ø-ɔ dʒa
 INT RLS PL R²-cantar-NLZ R¹-ASS.INSTR estar.em pé
 ‘por que as pessoas estão cantando?’

979. *məkām* dʒa kēpoti redēsão Ø-mã tẽ
 INT IRRLS Kenpoti Redenção R¹-DIRET IR/VIR
 ‘por que Kenpoti irá para Redenção?’

980. *məkām* na ga boj
 INT RLS 2 chegar
 ‘por que você chegou?’

981. *məkām* na ga Ø-mã tẽ
 INT RLS 2 R²-DIRET ir/vir
 ‘por que você foi?’

982. *məkām* dʒa bebo tɛp j-ajĩ
 INT IRRLS Bebô peixe R¹-pescar
 ‘por que Bebo vai pescar?’

983. *məkām* na mē piʔi Ø-kukwə
 INT RLS PL castanha R¹-quebrar
 ‘por que eles quebraram castanha?’

984. *məkām* na mēniɾe pĩ Ø-kəkje
 INT RLS mulhere pau R¹-cortar
 ‘por que as mulheres cortaram pau?’

8.4 CONCLUSÃO

Neste capítulo, descrevemos as construções interrogativas em Xikrín. Distinguímos dois tipos básicos de construções interrogativas em Xikrín, as construções interrogativas polares – do tipo sim/não- e as construções interrogativas de conteúdo informacional.

Mostramos que a língua Xikrín faz uso de um conjunto de estratégias várias para questionar o que há no mundo, como se situam espacialmente e temporalmente, de que são constituídos, quais suas funções, entre outros. As construções descritas aqui apontam também para momentos anteriores da história da língua, mostrando de forma transparente como noções, possivelmente não necessárias à cultura nativa, se desenvolveram, como é o caso de perguntas quantificadoras. Como Xikrín não possui um sistema numérico como o Português, por exemplo, como necessitaria de perguntar sobre quantidades (COSTA e CABRAL, em preparação).

CAPÍTULO IX – TEMPO, ASPECTO E MODALIDADE

Neste capítulo abordamos como as noções de tempo, aspecto e modo são expressas em Xikrín. Nessa língua, há três modos de fala, *realis*, *irrealis* e imperativo. Tempo não é marcado gramaticalmente, e o modo *realis* se associa a algo realizado, portanto a uma noção de passado, mas não necessariamente, pois pode-se projetar algo realizado para um tempo posterior ao da fala, enquanto o *irrealis* se associa naturalmente a algo hipotético, em certo sentido à ideia de futuro, mas não necessariamente, pois pode-se ter projetado algo no passado. Algo análogo ocorre com superposições de noções aspectuais com noções temporais e modais, pois o aspecto imperfectivo pode em algum ponto se superpor ao de irrealidade, enquanto o completivo com o de realidade.

O interessante em línguas como o Xikrín é que modo, aspecto, tempo e modalidade estão em dinâmica conexão.

9.1 ASPECTO

Aspecto ou modo de ação é uma categoria gramatical relacionada à estrutura temporal interna de uma situação (cf. TRASK, p. 1994). A expressão aspectual em Xikrín pode se dar por um conjunto de palavras que, em geral ocupam, ou a posição inicial na sentença, ou a posição final, ou ainda pelo morfema zero. É uma categoria expressa lexicalmente, daí a considerarmos como modo de ação em Xikrín, deixando aspecto para línguas em que essa categoria encontra-se gramaticalizada como flexão verbal (cf. GUENTCHÉVA, 1996, 2007). Descrevemos, em seguida as expressões de modo de ação em Xikrín.

9.1.1 Aspecto incompletivo

A expressão de aspecto incompletivo em uma oração é marcada pela palavra *rãʔã*, cujo sentido é ‘ainda’. Este morfema ocorre sempre na última posição da oração.

985	mêprĩɛ	na	∅-kane	rãʔã
	criança	RLS	R ² -doença	INCOMPL
	‘a criança ainda está doente’			

986. ba na ba maraba Ø-mã i tẽ-m ket **rãʔã**
 1 RLS 1 Marabá R¹-DIRET 1 ir/vir-NLZ NEG INCOMPL
 ‘eu ainda não vou a Marabá’

9.1.2 Aspecto completivo

O aspecto completivo em Xikrín não tem forma fonológica, tem portanto a configuração de um morfema Ø. Isto fica evidente quando contrastamos sentenças expressando aspecto completivo com sentenças expressando outras noções aspectuais. Ilustramos esse contraste por meio dos exemplos (787a) *versus* (787b) e (788a) *versus* (788b), em que as construções em b contêm a marca de aspecto não-completivo *rãʔã*.

987

- a. arəp na ba boj
 já RLS 1 chegar
 ‘eu já cheguei’
- b. i boj ket **rãʔã**
 1 chegar NEG INCOMPL
 ‘aunda não houve minha chegada’
 ‘(eu ainda não cheguei)’

988.

- a. mẽnõrõniɛ na mẽ arəp kɔ j-əno
 jovem RLS PL já canoa R¹-amarrar
 ‘os jovens estava amarrando a canoa’
- b. mẽnõrõniɛ ku-te kɔ j-əporo ket **rãʔã**
 jovem R²-OBL canoa R¹-amarrar NEG INCOMPL
 ‘os jovens ainda não amarraram a canoa’

9.1.3 Aspecto progressivo

Embora não exista uma marca específica que expresse o aspecto progressivo, sintagmas posposicionas cujo núcleo é a posposição $-ɔ$ ‘associativo-instrumentivo’, podem naturalmente equivaler a construções gerundivas. Esse deve ser também o caso do Suyá, onde há o morfema $rɔ$ (cf. SANTOS, 1997), cognato do Xikrín $-ɔ$, usado em situação análoga à forma do Xikrín

989. na na rwək- \emptyset \emptyset - \mathfrak{c} dʒa
 RLS chuva cair-NLZ R¹-ASS.INTR estar.em.pé
 ‘está chovendo’

990. mē kunĩ na mē tɔ-rɔ \emptyset - \mathfrak{c} dʒa
 PL todos RLS PL festejar-NLZ R¹-ASS.INTR estar.em.pé
 ‘todos estão festejando’

9.1.4 Aspecto recém realizado

Para indicar que um processo ou evento acabou de ser realizado, marca-se com a palavra aspectual *ajberi*, que, em geral ocupa a primeira posição na estrutura da sentença.

991. **ajbere** na ba boj
 RREAL RLS 1 chegar
 ‘eu acabei de chegar’

992. **ajbere** ba ŋo \emptyset -kwə \emptyset -ru
 RREAL 1 água R¹-PART R¹-botar
 ‘eu acabei de botar parte da água’

9.1.5 Aspecto iterativo

O aspecto iterativo marca por meio da palavra *ajte* um processo ou evento como repetido.

993. ‘...arəp ba ŋo Ø-kwə Ø-ru **ajte** Ø-kwə Ø-ru **ajte**
 JÁ 1 água R¹-PART R¹-botar ITER R²-PART R¹-botar ITER
 Ø-kwə Ø-ru **ajte** Ø-kwə Ø-ru **ajte** Ø-kwə Ø-ru...’
 R²-PART R¹-botar ITER R²-PART R¹-botar ITER R²-PART R¹-botar
 ‘...eu botei água e botei, e botei e botei...’

994. ‘...ojrɛ kadzatɲĩ Ø-kaba nũm kãm kukoj pari
 papagaio algodão R¹-arrancar SD nisso macaco pé
 Ø-ɔ ãdʒa nũm **ajte** ʔõdʒwə Ø-kaba...
 R¹-ASS.INSTR pisar SD ITER outro R²-arrancar
 nũm Ø-pari ɲ-ikje ãdʒa nũm **ajte** kadzatɲĩ Ø-kaba
 SD R²-pé R¹-lado pisar SD ITER algodão R¹-arrancar
 nũm kukoj Ø-ã Ø-ikra Ø-dʒi nũm **ajte** ʔõdʒwə
 SD macaco R²-LOC R²-mão R²-colocar SD ITER outro
 Ø-kaba... nũm **ajte** Ø-ã Ø-ikra ʔõdʒwə Ø-dʒi nũm
 R²-arrancar SD ITER R²-LOC R²-mão outro Ø-dʒi SD
 ojrɛ kunĩ Ø-ɔ-CAUS-poj...’
 papagaio tudo R¹-CAUS-
 ‘...os papagaios tiraram o algodão (da canoa) e nisso o macaco pisou com o pé. E os papagaios tiraram outro de novo e o macaco colocou o outro pé. E (os papagaios) tiraram outro algodão e o macaco colocou sua mão e (os papagaios) tiraram outro. E (o macaco) colocou a outra mão e os papagaios tiraram tudo...’

9.1.6 Aspecto frustrativo

O aspecto frustrativo é marcado por meio de *kajgɔ*, que pode ser traduzido em português por ‘algo frustrado’ ou realizado ‘em vão’. *kajgɔ* ocorre em posição pós-verbal.

995. ba i \emptyset -jɛ aŋro \emptyset -bĩ-n \emptyset -əɾə **kajgɔ**
 1 1 R¹-OBL porcão R¹-matar-NLZ R¹-DIR FRUST
 nũm arəp \emptyset -mã \emptyset -prõn
 SD já R¹-DIRET R²-correr
 ‘houve o matar falso do porcão de mim. Ele correu’(eu quase matei o porcão, mas ele correu)

996. ga na ga a \emptyset -jɛ tɛp ʔõ wabi-ri **kajgɔ**
 2 RLS 2 2 \emptyset -¹-OBL peixe IND pescar-NLZ FRUST
 ‘houve o pescar em vão de alguns peixes por você’ ‘(você quase pescou alguns peixes)’

9.1.7 Aspecto cessativo

O aspecto cessativo é expresso pelo tema verbal *pa* ‘matar’, que ocorre em posição final na sentença. Miranda (2014) apresenta, para a língua Krahô, a forma cognata *par*, mas, diferentemente da análise proposta neste estudo, analisa-a como marca de aspecto completivo.

997. mēni na mē arəp bɿi \emptyset -kaŋa \emptyset -krɛ- \emptyset **pa**
 mulher RLS PL já milho R¹-abandonar R¹-plantar-NLZ CESS
 ‘as mulheres abandonaram o plantar do milho’

998. ga na ga a j-õ \emptyset -kwə \emptyset -krẽ-n **pa**
 2 RLS 2 2 R¹-PERTENCE R¹-PART R¹-comer-NLZ CESS
 ‘você cessou o seu comer’

9.1.8 Aspecto iminente

O aspecto iminentivo, marcado pela palavra *rāj*, expressa processos e eventos que estavam em via de efetivação imediata, mas que, por alguma razão, não puderam ser realizados.

999. ba na ba **rāj** maraba Ø-mã tẽ
 1 RLS 1 IMIN Marabá R¹-DIRET ir/vir
 ‘eu quase ia a Marabá’

1000. ba na ba **rāj** Ø-ɔ-go jũm
 1 RLS 1 IMIN R²-CAUS-gol SD
 kãm gorero i Ø-be bɔra j-amə
 nisso goleiro 1 R¹-ABL bola R¹-pegar
 ‘eu quase fiz o gol, mas o goleiro pegou a bola de mim’

9.2 MODALIDADE

Modalidade é a categoria da subjetividade, expressa a relação do falante com o conteúdo informacional. Em Xikrín, identificamos:

9.2.1 Modalidade hortativa

A modalidade hortativa, expressa pela palavra *aj* põe em evidência um convite. Ocupa a primeira posição na sentença e é sempre seguida por pronomes pessoais, como mostram os exemplos a seguir:

1001. **aj** **gu** re
 HORT 1+2 nadar
 ‘vamos nadar!’

1002. **aj** **gu** aŋro Ø-bĩ
 HORT 1+2 porcão R¹-matar
 ‘vamos matar porcão!’

9.2.2 Modalidade Epistêmica

A modalidade epistêmica diz respeito ao grau de comprometimento do falante com a verdade da proposição por ele enunciada.

9.2.2.1 Modalidade assertiva

ãñẽ – assertivo

A modalidade assertiva, codificada pelo tema **ãñẽ**, é usada para introduzir informações consideradas pelo interlocutor como verdadeiras.

1003. mẽ Ø-ujarẽ **ãñẽ**
 PL R²-contar ASSERT
 ‘o contar (história) deles é assim’ ‘(a história é assim)’

1004. nũm apkri nũm mẽ tep j-ae-Ø j-aŋo **ãñẽ**
 SD de tarde SD pl peixe R¹-assustar-NLZ R¹-armar ASSERT
 ‘e de tarde, os homens armam a armadilha de peixe. é assim’

9.2.2.2 Modalidade não-atestado pelo falante

kət - ‘dúvida’

1005. **kət** **ɖʒa** ba tu ŋo-raj Ø-mã tẽ
 DUB IRRLS 1 ? água-grande R¹-DIRET ir/vir
 ‘não sei se vou ao rio’

9.2.2.3 Modalidade dubitativa

A modalidade dubitativa acrescenta à proposição informações consideradas como incertas, duvidosas. Em Xikrín, esta modalidade é codificada pelo tema **jabjere**. Em perguntas, a marca do dubitativo é **ɖʒəri** ‘será’.

1006. i ∅-je kukrit ∅-bĩ **jabjere**
 1 R¹-OBL anta R¹-matar DUB
 ‘talvez eu mate anta’
1007. **ɖʒa** ba janejro ∅-kãm kurso ∅-mækraj **jabjere**
 IRRLS 1 janeiro R¹-LOC curso R¹-começar DUB
 ‘talvez eu comece o curso em janeiro’
1008. lusivawdo na ku-tɛ ∅-krẽ-n **jabjere**
 Lucivaldo RLS R²-OBL R¹-comer-NLZ DUB
 ‘talvez Lucivaldo coma’

ɖʒəri - ‘será?’

1009. **ɖʒəri** ga ãa ∅-kãm a tẽ-m
 IRRLS DUB 2 DEM.PROX R²-LOC 2 ir/vir-NLZ
 ‘será que você vem hoje’

prak - ‘probabilidade’

A modalidade de probabilidade é codificada pelo tema **prak**, que é posposto ao verbo.

1010. nʌtɪrɛ \emptyset -tɛ kukej \emptyset -bĩ-n pɾʌk
 Notire R¹-OBL cotia R¹-matar PROB
 ‘parece que Notire matou cotia’

1011. ga na ga a \emptyset -jɛ tɪtiti \emptyset -ɔ- boj pɾʌk
 2 RLS 2 2 R¹-OBL banana R¹-CAUS-chegar PROB
 ‘parece que você trouxe banana’

9.3 MODO

Modo tem a ver com os diferentes mundos em que a predicação se situa. Em Xikrín há dois modos principais, o *realis* e o *irrealis*. São raras as sentenças que não são marcadas para um ou outro modo, e quando isso acontece, trata-se de um comentário sobre algo já dito e marcado por modo. Um terceiro modo é o imperativo.

9.3.1 Modo *realis* – na

O modo *realis*, codificado pela partícula **na**, é usado pelo falante para informar a seu interlocutor que o evento verbal ou já se realizou, ou está sendo realizado de fato.

1012. ba na ba mĩ \emptyset -mũ
 1 RLS 1 jacaré R¹-ver
 ‘eu vi jacaré’

1013. ‘...mẽnɪrɛ na mẽn kɪkrɛ \emptyset -kãm \emptyset -tɛ \emptyset -kra \emptyset -mũ-j \emptyset -kadʒi...’
 mulher RLS PL casa R¹-LOC R²-OBL R²-filho R¹-ver-NLZ R¹-FINLD
 ‘...as mulheres, elas (ficam) em casa. eles servem para cuidar dos filhos’

9.3.2 Modo *irrealis* - **dʒa**

O modo *irrealis*, em oposição ao *realis*, é acionado pelo falante quando o mesmo quer informar a seu interlocutor que o evento expresso pelo verbo está no nível da potencialidade, possibilidade, condicionalidade, e que pode vir a ser realizado. Este modo é codificado pela partícula **dʒa**.

1014. **dʒa** ba i Ø-je tak-Ø Ø-mã jũm prõn
 IRRLS 1 1 R¹-OBL bater-NLZ R¹-DIR SD correr
 ‘se for haver o bater dele por mim, vai haver a corrida dele’

1015. ga **dʒa** ga boj nẽ Ø-kãm i Ø-mũ
 2 IRRLS 2 chegar NS R¹-LOC 1 ver
 ‘você vai chegar e vai me ver’

9.3.3 Modo Imperativo

O modo imperativo é acionado quando o falante se dirige ao seu interlocutor expressando a necessidade de ele realizar um processo verbal. Na seção 9.3.3.1 descrevemos a expressão formal do imperativo afirmativo e em 9.3.3.2 analisamos a expressão formal do imperativo negativo.

9.3.3.1 Imperativo afirmativos:

O modo imperativo afirmativo em Xikrín é expresso através do uso da forma verbal finita, sem qualquer marca. São exemplos de imperativo afirmativo os seguintes:

Verbos intransitivos

1016. ηðrõ
 dormir
 ‘durma!’

1017. ηρε
cantar
'canta!'

1018. τσ
festejar
'festeja!'

1019. ακια
gritar
'grita'

Observando os exemplos (1016-1019) percebemos que, no imperativo afirmativo, formado com predicados intransitivos, não há a expressão formal do argumento sujeito, visto que nesse tipo de enunciação ocorre um comando direto do falante ao interlocutor para que este desempenhe a ação ou evento expresso na proposição enunciada pelo falante. Dessa forma, pragmaticamente é desnecessário a expressão formal do sujeito.

Verbos transitivos

1020.

a.	kukoj	τζ-ληυε	b.	∅-ληυε
	macaco	R ¹ -flechar		R ² -flechar
		'flecha o macaco!'		'Flecha-o!'

1021

a	τερ	∅-γα	b.	a-γα
	peixe	R ¹ -assar		R ² -assar
		'assa peixe!'		'assa-o!'

1022.

- | | | | | |
|----|------------------------|--------------------------|----|--------------------------|
| a. | kue | j-ane | b. | ∅-ane |
| | furúnculo | R ¹ -espremer | | R ² -espremer |
| | ‘espreme o furúnculo!’ | | | ‘esprema-o!’ |

1023.

- | | | | | |
|----|----------------|-----------------------|----|-----------------------|
| a. | kukrit | ∅-bĩ | b. | a-bĩ |
| | anta | R ¹ -matar | | R ² -matar |
| | ‘mata a anta!’ | | | ‘mata-a!’ |

1024.

- | | | | | |
|----|-----------------|------------------------|----|------------------------|
| a. | rõjõ | ∅-rẽ | b. | ∅-rẽ |
| | palmito | R ¹ -colher | | R ² -colher |
| | ‘colha palmito’ | | | ‘colha-o!’ |

Ao analisarmos os exemplos percebemos que o mesmo acontece com os predicados verbais transitivos, ou seja, não há a expressão formal do argumento externo. Porém, se o locutor julgar que seu interlocutor desconhece o conteúdo informacional do argumento interno, este será expresso no enunciado (Exs. 1020a-1024a). Se o conteúdo do argumento interno for de conhecimento comum de locutor e interlocutor, ele será omitido na construção e sua ausência será indicada pela presença do prefixo relacional R², como mostram os exemplos (Exs. 1020b-1024b).

Assim como ocorre com verbos intransitivos, nos predicados verbais transitivos no modo imperativo, não ocorre a expressão formal do argumento externo, como observamos nos exemplos (1020-1024) ilustrados acima.

9.3.3.2 Imperativo negativo

O modo imperativo negativo é marcado pelo advérbio de negação *ket* ‘NEG’, que aciona a forma nominalizada do verbo. Nesse caso, é obrigatória a expressão formal do sujeito de verbos intransitivos, que , será marcada pela forma pronominal absoluta *a* ‘2’ (exs 1025-1028), ao passo que o argumento interno de verbos transitivos pode vir expresso na oração (exs.1029a-1032a) ou ser omitido por já ser conhecido do interlocutor (exs. 1029b-1032b).

Verbos intransitivos

1025. a η -õ-t ket
 2 R¹-dormir-NLZ NEG
 ‘não durma!’
1026. a \emptyset - η re-re ket
 2 R¹-cantar-NLZ NEG
 ‘não cante!’
1027. a \emptyset -tõ-rõ ket
 2 R¹-festejar-NLZ NEG
 ‘não festeja!’
1028. a $\text{d}\zeta$ - Λ kje-re ket
 2 R¹-gritar-NLZ NEG
 ‘não grite!’

Verbos transitivos

1029.

- | | | | | | | |
|----|--------------------|--|-----|----|--|-----|
| a. | kukoj | $\text{d}\zeta$ - Λ η uõ-rõ | ket | b. | \emptyset - $\text{d}\zeta$ - Λ η uõ-rõ | ket |
| | macaco | R ¹ -flechar-NLZ | NEG | | R ² -flechar-NLZ | NEG |
| | ‘flecha o macaco!’ | | | | ‘Flecha-o!’ | |

1030.

a.	tɛp	ɖʒ-ΛɾΛ	ket	b.	∅-ΛɾΛ.	ket
	peixe	R ¹ -assar.NLZ	NEG		R ² -assar.NLZ	NEG
	‘não assa peixe!’				‘assa-o!’	

1031.

a.	kue	j-ane-j	ket	b.	∅-ane-j	ket
	peixe	R ¹ -espremer-NLZ	NEG		R ² -espremer-NLZ	NEG
	‘não espreme o furúnculo!’				‘não o esprema!’	

1032.

a.	kukɾit	∅-bĩ	ket	b.	a-bĩ-n	ket
	anta	R ¹ -matar	NEG		R ² -matar NLZ	NEG
	‘não mata a anta!’				‘não o esprema!’	

9.4 CONCLUSÃO

Neste capítulo mostramos como as noções de tempo aspecto e modo são expressas em Xikrín. Vimos que há três modos de fala nessa língua, *realis*, *irrealis* e imperativo. Tempo não é marcado gramaticalmente e o modo *realis* se associa a algo realizado, portanto a uma noção de passado, mas não necessariamente, pois pode-se projetar algo realizado para um tempo posterior ao da fala, enquanto o *irrealis* se associa naturalmente a algo hipotético, em certo sentido à ideia de futuro, mas não necessariamente, pois pode-se ter projetado algo no passado. Vimos que algo análogo ocorre com superposições de noções aspectuais com noções temporais e modais, pois o aspecto imperfectivo pode em algum ponto se superpor ao de irrealidade, enquanto o completivo com o de realidade.

CAPITULO X – VOZES VERBAIS

A voz é uma categoria gramatical que busca circunscrever a participação do sujeito com respeito ao processo verbal (cf. BENVENISTE, 1995). Segundo Benveniste, há duas vozes, a voz ativa e a voz média, na primeira, o sujeito, que geralmente é um agente, é exterior ao processo desencadeado pelo verbo, visto que o processo se desenvolve a partir dele, mas não o afeta, enquanto que, na voz média, o sujeito é interior ao processo, já que, simultaneamente, realiza-o e por ele é afetado. Rodrigues (1953), em *Morfologia do verbo Tupí*, descreve cinco vozes para o Tupí antigo, a saber: a voz causativa, a causativo-comitativa, a causativo-prepositiva, a reflexiva e a recíproca. Segundo Rodrigues (*Opit cit*), na voz causativa, o sujeito age sobre outro para que este pratique a ação em vez de ele mesmo praticá-la; na voz causativo-comitativa, o sujeito faz outra pessoa praticar a ação juntamente com ele; na voz causativo-prepositiva, o sujeito age sobre o interlocutor afim de que este pratique a ação sobre uma terceira pessoa; na voz reflexiva, o sujeito pratica e sofre a ação simultaneamente e, na voz recíproca, os sujeitos agem uns sobre os outros.

Neste capítulo descrevemos as vozes verbais reflexiva, recíproca e causativa encontradas na língua Xikrín, com base em Benveniste (1966), com respeito a noção de voz, e em Rodrigues (1953) e em Dixon (2012), com respeito às diferentes vozes que também são encontradas na língua em pauta. O capítulo está organizado da seguinte forma: na seção 10.1 descrevemos a voz reflexiva; em 10.2, apresentamos a voz recíproca, na seção 10.3, analisamos as construções causativas, e finalizamos o capítulo com algumas considerações finais, na seção 10.4.

Construções reflexivas e recíprocas expressam atividades em que os participantes são correferentes e caracterizam-se por serem orações intransitivas derivadas de orações transitivas, como veremos nas próximas seções.

10.1 VOZ REFLEXIVA

Em Xikrín, a voz reflexiva é derivada por meio do nome *amĩ* ‘reflexivo’ em função de objeto sintático do verbo. Os exemplos (1033a) a 1035a), ilustram construções na voz ativa, enquanto os exemplos (1033b) a 1035b), ilustram construções na voz reflexiva.

1033.

- a. mēniɾɛ na Ø-kra Ø-ãpɾɔ
 mulher RLS R²-filho R¹-cobrir
 ‘a mulher cobriu a criança’

- b. mēniɾɛ na amĩ Ø-ãpɾɔ
 mulher RLS REFL R¹-cobrir
 ‘a mulher se cobriu’

1034.

- a. ba na ba a ɲ-ikra Ø-krãta
 1 RLS 1 a R¹-mão R¹-cortar
 ‘eu cortei tua mão’

- b. ba na ba amĩ Ø-krãta
 1 RLS 1 REFL R¹-cortar
 ‘eu cortei minha própria mão’

1035.

- a. ga na ga itʃɛɾɛ Ø-kãm i j-ɔmũ
 2 RLS 1 espelho R¹-LOC i R¹-ver
 ‘você me viu no espelho’

- b. ga na ga itʃɛɾɛ Ø-kãm amĩ j-ɔmũ
 1 RLS 1 espelho R¹-LOC REFL R¹-ver
 ‘você se viu no espelho’

A voz reflexiva implica que o sujeito aja sobre si mesmo, o que requer que ele seja minimamente animado, a menos que se trate de uma situação pragmática que permita um ser inanimado agir sobre outro e sobre se mesmo. Entretanto a mesma construção reflexiva é

usada quando um sujeito que realizou um evento ou processo tem referente inanimado mesmo não podendo ser ele próprio, voluntariamente, sujeito do mesmo verbo agindo sobre um objeto distinto. Os exemplos seguintes são muito provavelmente resultado da interferência do Português sobre o Xikrín, em que figuram pacientes que correspondem, na maioria dos casos a empréstimos culturais, como copo, porta, carro, entre outros, embora sejam também recorrentes o emprego de objetos culturais nativos nessas construções. Exemplos de construções reflexivas com pacientes inanimados são os seguintes:

1036. kɾɛakɐ na amĩ Ø-ãta
 porta RLS REFL R¹-abrir
 ‘a porta se abriu’

1037. kubẽnire na ŋojkrã Ø-kate
 mulher não-indígena RLS copo R¹-quebrar
 ‘a mulher abriu a porta’

1038. ŋojkrã na amĩ Ø-kate
 copo RLS REFL R¹-quebrar
 ‘o copo se quebrou’

1039. kubẽae amĩ Ø-kadzɔ
 rede RLS R¹-rasgar
 ‘a rede se rasgou’

1040. itʃɛɛ na amĩ Ø-kate
 espelho RLS REFL R¹-quebrar
 ‘o espelho se quebrou’

10.2 VOZ MÉDIA

A voz média é expressa por meio do morfema *aj-* combinado com o terma verbal. Trata-se, na realidade, de um processo de intransitivização verbal. Ocorre, em princípio, quando o sujeito é inanimado, como porta, arco, copo, entre outros. Muito provavelmente, as construções com o prefixo *aj-* estão perdendo espaço para as construções reflexivas. Exemplos ilustrativos disso são:

1041. ηo $\text{aj-kap}\bar{\text{i}}$
 água MED-derramar
 ‘a água derramou’

1042 $\text{it}\bar{\text{f}}\bar{\text{e}}\bar{\text{r}}\bar{\text{e}}$ na $\text{t}\bar{\text{i}}\text{m}$ $\text{n}\bar{\text{e}}$ $\text{aj-kat}\bar{\text{e}}$
 espelho RLS cair MS MED-quebrar
 ‘o espelho caiu e se quebrou’

10.3 VOZ RECÍPROCA

Na voz recíproca, o sujeito oracional deve ter referência plural, sobre o qual recai a ação verbal. A voz recíproca é indicada pelo nome *abên* ‘um.ao.outro’, em função do objeto direto sintático do verbo transitivo na voz ativa. Os exemplos (1043a a 1046a) ilustram construções ativas, enquanto que os exemplos (1043b a 1046b) ilustram construção na voz recíproca.

1043.

a. $\text{m}\bar{\text{e}}\bar{\text{n}}\bar{\text{i}}\bar{\text{r}}\bar{\text{e}}$ $\text{m}\bar{\text{e}}\bar{\text{p}}\bar{\text{r}}\bar{\text{i}}\bar{\text{r}}\bar{\text{e}}$ $\emptyset\text{-tak}$
 mulher criança $\text{R}^1\text{-bater}$
 ‘a mulher bateu na criança’

b. $\text{m}\bar{\text{e}}\bar{\text{n}}\bar{\text{i}}\bar{\text{r}}\bar{\text{e}}$ $\text{ab}\bar{\text{e}}\bar{\text{n}}$ $\emptyset\text{-tak}$
 mulher REC $\text{R}^1\text{-bater}$
 ‘as mulheres bateram uma na outra’

1044.

- a. mēniɾe na i Ø-kaɲe
mulher RLS 1 R¹-atrapalhar
'as mulheres me atrapalharam'
- b. mēniɾe na abēn Ø-kaɲe
mulher RLS REC R¹-atrapalhar
'as mulheres atrapalharam umas as outras'

1045.

- a. guba na gu mēprĩɾe j-ae
1+2 RLS 1+2 criança R¹-assustar
'nós assustamos as crianças'
- b. guba na gu abēn j-ae
1+2 RLS 1+2 REC R¹-assustar
'nós dois assustamos um ao outro'

1046.

- a. mēmi na Ø-prõ Ø-mã Ø-kabēn
homem RLS R²-esposa R¹-DIRET R²-fala
'o homem falou para a mulher'
- b. mēmi na mē abēn Ø-mã Ø-kabēn
homem RLS PL REC R¹-DIRET R²-fala
'os homens falaram uns aos outros'

10.4 VOZ CAUSATIVA

A causativização é um mecanismo usado para aumentar a valência de um verbo intransitivo. Ao se causativizar um verbo intransitivo, que apresenta um único argumento, o argumento S original é demovido à função de O(bjeto direto) e há o acréscimo de um novo elemento na função A (cf. DIXON, 2012, p. 240).

Identificamos em Xikrín dois tipos de construções causativas, as monoracionais e as bioracionais.

10.4.1 Construções causativas monoacionais

Nas construções causativas monoacionais, a causativização é realizada pela combinação do prefixo ɔ- ‘causativo’ com um tema verbal intransitivo. Os exemplos seguintes contrastam orações com verbos intransitivos (exs. ímpares) com orações com os mesmos verbos causativizados (exs. pares).

1047

- a. \emptyset -kwatij na b Λ \emptyset -kãm tẽ
 R²-avó RLS floresta R²-LOC ir/vir
 ‘a avó dele foi à floresta’

- b. b Λ \emptyset -kãm na ba i \emptyset -kwatij \emptyset -ɔ-tẽ
 floresta R¹-LOC RLS 1 1 avó R¹-CAUS-ir/vir
 ‘eu fiz minha avó ir à floresta’

1048.

- a. \emptyset -kwatij na b Λ \emptyset -kãm mõ
 R²-avó RLS floresta R¹-LOC ir/vir
 ‘a avó deles estava indo para a floresta’

- b. ku-be Ø-kwatij Ø-kape ñũm Ø-kãm kΛjmã Λmra
 R²-ABLAT.CENTR R²-avó R¹-pegar SD R²-LOC em cima gritar
 ñũm Ø-ɔ-mõ
 SD R²-CAUS-ir/vir.PL
 ‘(o gavião) pegou a avó deles e ela gritava lá de cima, (mas) ele (o gavião) a levou’

1049.

- a. kukritkako na arəp boj ně
 Kukrytkako RLS já chegar
 ‘Kukrytkako já chegou’
- b. kukritkako na Ø-kra Ø-ɔ-boj
 Kukrytkako RLS R²-filho R¹-CAUS-chegar
 ‘Kukrytkako trouxe o filho dela’

Causativização com nomes dinâmicos

O morfema causativo combina-se também com nomes dinâmicos. Os exemplos seguintes contrastam predicados com nomes dinâmicos e predicados com nomes dinâmicos causativizados:

1050. mēprĩ na mē arəp Ø-kato
 criança RLS PL já R²-o sair
 ‘houve o sair das crianças’
1051. ñeti mēprĩ Ø-ɔ-kato
 Ngeti criança R²-CAUS-sair
 ‘Ngeti flechou as crianças’

1052. ga na ga a j-arĩ
 2 RLS 2 2 R¹-o pular
 'houve o teu pular' (houve o teu pular)

1053. ba na ba mẽprĩre Ø-ɔ-arĩ
 1 RLS 1 criança CAUS-pular
 'eu fiz você pular''

O morfema causativo se combina também com nomes de qualidade, formando verbos transitivos:

1054. ga na ga a Ø-mej
 2 RLS 2 2 R¹-bom
 'você está bem'

1055. ba na ba a j-ɔ-mej
 1 RLS 1 2 R¹-CAUS-bom
 'eu fiz você (ficar) bonito'

1056. kikre Ø-nĩ/
 casa R¹-novo
 'a casa é nova'

1057. kubě dʒa ajte kikre Ø-ɔ-nĩ
 homem IRLS ITER casa R¹-CAUS-novo
 'os não índigenas vão fazer a casa ficar nova'

1058. krĩ-raj ɲ-ipok
 aldeia R¹-círculo
 ‘a aldeia é redonda’
1059. piʔokjakɾɛdʒwəj na a ɲ-idʒi Ø-mã Ø-ɔ-ipok
 professor RLS 2 R¹-nome R¹-DIRET CAUS-círculo
 ‘o professor ciculou no seu nome’

Apresentamos em seguida exemplos da voz reflexiva com verbos causativizados:

1060. ba na ba amĩ j-ɔ-tẽ
 1 RLS 1 REFL R¹-CAUS-ir/vir
 ‘eu me fiz vir’
1061. ba na ba amĩ j-ɔ-ɲɾɛ
 1 RLS 1 REFL R¹-CAUS-cantar
 ‘eu me fiz cantar’
1062. ba na ba amĩ j-ɔ-tɔ
 1 RLS 1 REFL R¹-CAUS-festejar
 ‘eu me fiz festejar’
1063. mēnirɛ na amĩ j-ɔ-ɲðrð
 mulher RLS REFL R¹-CAUS-dormir
 ‘a mulher se fez dormir’

1064. mēpɾiɾɛ na pĩ Ø-ã amĩ j-ɔ-rwə
 menino RLS árvore R¹-LOC REFL R¹-CAUS-descer
 ‘o menino se fez descer da árvore’

1065. ga na ga ŋo Ø-kãm amĩ j-ɔ-boj
 2 RLS 2 rio R¹-LOC REFL R¹-CAUS-chegar
 ‘você se fez chegar no rio’

1066. ga na ga amĩ j-ɔ-nõ
 2 RLS 2 REFL R¹-CAUS-deitar
 ‘você se fez deitar’

1067. ba na ba amĩ j-ɔ-akěj
 1 RLS 1 REFL R¹-CAUS-voltar
 ‘eu me fiz voltar’

1068. ba na ba amĩ j-ɔ-ŋĩ
 1 RLS 1 REFL R¹-CAUS-sentar
 ‘O menino se fez descer da árvore’

1069. ba na ba amĩ j-ɔ-mɛj
 1 RLS 1 REFL R¹-CAUS-bom
 ‘Eu me fiz bonita

10.4.2 Construções bioracionais causativas

Em Xikrín há três verbos e um nome que, em algumas situações, têm uma função causativa:

- a) o nome *-kɾΛ* ‘pedido’;
 b) os verbos transitivos, *-anə* ‘mandar’, *-arẽ* ‘dizer’ e *-ipej*. ‘fazer’.

Construções causativas com -kɾΛ ‘pedido’

O nome *-kɾΛ*, numa construção bioracional, tem a ideia de ‘fazer pedido’. Ocupa a última posição da oração principal, estabelecendo limite com a oração dependente, cujo núcleo é um verbo transitivo modificado pela posposição *-mã* ‘diretiva’, como mostram os exemplos (1070 e 1072).

1070. ga na ga mēñōrōni ∅-mã a ∅-kɾΛ
 2 RLS 2 jovem R¹-DIRET 2 R¹-pedido
 ku-tɛ kwĩ ∅-bĩ-n ∅-mã
 R²-OBL fogo R¹-matar-NLZ R¹-DIRET

‘houve o pedido de você para o jovem para ele apagar o fogo’ (houve o teu pedido ao jovem para o apagar do fogo por ele)

1071. ta ãa na i ∅-mã ∅-kɾΛ
 1 DEM.DIST RLS 1 R¹-DIRET R¹-pedido
 i ∅-jɛ kwĩ ∅-bĩ-n ∅-mã
 1 R¹-OBL fogo R¹-matar-NLZ R¹-DIRET

‘houve o pedido daquele a mim para eu apagar o fogo’

1072. bēñadɟwəɾə na a ∅-mã ∅-kɾΛ
 cacique RLS 2 R¹-DIRET R¹-pedido
 a- ∅-jɛ ∅-ati-∅ ∅-mã
 2 R¹-OBL R²-forrar-NLZ R¹-DIRET

‘houve o pedido a mim do cacique para o forrar (do chão) por mim’

Construções causativas com -ano ‘mandar’ ‘enviar’

O verbo *-ano*, numa construção bioracional, expressa na oração principal a ideia de ‘mandar, enviar’, correspondendo a ideia de causatividade *prepositiva* (cf. RODRIGUES, 1953). O verbo *-ano* ocorre no final da oração e tem como complemento um sintagma posposicional de finalidade, como ilustram os dados de (1073 a 1079).

1073. ba na ba ivã-∅ j-ano ku-te
 1 RLS 1 Ivã R¹-mandar R²-OBL
 kakrikriti ∅-preg-∅ ∅-mã
 motor R¹-ligar-NLZ R¹-DIRET
 ‘eu mandei Iva ligar o motor’ (eu mandei Ivan e houve o ligar do motor por ele)
1074. ba na ba [a ∅-je kakrikriti ∅-preg-∅ ∅-mã] a j-ano
 1 RLS 1 2 R¹-OBL motor R¹-ligar-NLZ R¹-DIRET 1 R¹-mandar
 ‘eu mandei você ligar o motor’ (eu mandei você. houve o ligar do motor por você)
1075. ba nẽ ba mēni [ku-te mē ∅-ōkrɛdʒe
 1 RLS 1 mulher R²-OBL hum R²-colar
 ɲ-ipej ∅-mã] ∅-ano
 R¹-fazer R¹-DIRET R²-mandar
 ‘eu mandei a mulher fazer colar’ (eu mandei a mulher e houve o fazer do colar por ela)
1076. ba nẽ ba [a ɲɾɛ-ɾɛ ∅-mã] a j-ano
 1 RLS 1 2 R¹-cantar-NLZ R¹-DIRET 2 R¹-mandar
 ‘eu mande você cantar’ (eu mandei você e houve o teu cantar)
1077. ba nẽ ba [a mə-rə ∅-mã] a j-ano
 1 RLS 1 2 chorar-NLZ R¹-DIRET 2 R¹-mandar
 ‘eu mandei você chorar’ (eu mandei você e houve o teu choro)

Construções causativas com -arẽ ‘dizer’

Da mesma forma, o verbo *-arẽ* ‘dizer’ contribui com a ideia de causativização prepositiva. Quando o verbo *dizer* é usado enquanto causativo prepositivo há que ter duas orações coordenadas por *nũm* ‘SD’. O verbo causativo ocorre na primeira oração, precedido pela expressão dativa, e o que é mandado alguém fazer é expresso na segunda oração, como mostram os exemplos de (1078 a 1083).

1078. ba nẽ ba mẽprĩre Ø-mã Ø-arẽ
 1 RLS 1 criança R¹-DIRET R¹-dizer
 nũm mẽ Ø-arĩ
 SD PL R²-pulo
 ‘eu disse para as crianças pularem’ (eu disse para as crianças e houve o pulo delas)
1079. ba nẽ ba mẽmi Ø-mã Ø-arẽ
 1 RLS 1 criança R¹-DIRET R²-dizer
 nũm Ø-prõn
 SD R²-o correr
 ‘eu disse para o homem correr (eu disse para o homem e houve a corrida dele)
1080. mẽprĩre na mẽ Ø-bãm Ø-mã Ø-arẽ
 criança RLS PL R²-pai R¹-DIRET R²-dizer
 nũm Ø-keket
 SD R²-o sorrir
 ‘a criança disse para o pai sorrir’ ‘(a criança disse ao pai e houve o sorrir dele)’
1081. ga nẽ ga ku-mã Ø-arẽ
 2 RLS 2 R²-DIRET R²-dizer
 nũm a Ø-nã ajte akěj
 SD 2 R¹-mãe ITER voltar
 ‘você fez sua mãe voltar’ ‘(você disse e sua mãe voltou)’

1082. ba dʒa ba lane Ø-mã Ø-arẽ
 1 IRRLS 1 Lane R¹-DIRET R²-dizer
 nũm mēmĩ Ø-mũ
 SD homem R¹-ver
 ‘eu vou fazer Lane ver o homem’ ‘(eu vou dizer à Lane e ela vai ver o homem)’

1083. ba na ba mēprĩɛ Ø-mã Ø-arẽ
 1 RLS 1 criança R¹-DIRET R²-dizer
 nũm tĩm
 SD cair
 ‘eu fiz a criança cair’ ‘(eu disse à criança e ela caiu)’

Construções causativas com -ipej ‘fazer’

O verbo *-ipej* ‘fazer’, não só tem um uso causativo prepositivo, como os verbos *-arẽ* e *-anɔ* como requer estrutura sentencial análoga às estruturas sentenciais requeridas por esses dois verbos, como mostram os exemplos de (1084 a 1087).

-ipej ‘fazer’

1084. ba irekrĩ n-ipej nũm ŋɛ
 1 Irekrĩ R¹-fazer SD cantar
 ‘eu fiz Irekrĩ dançar’
1085. ba a n-ipej nũm ba bʌ Ø-kãm tẽ
 1 1 R¹-fazer SD 1 floresta R¹-LOC ir/vir
 ‘eu fiz você caçar’

1086. mēnirē na mēprīrē n-ipej nũm ḡōrō
mulher RLS criança R¹-fazer SD dormir
‘a mulher fez a criança dormir’

1087. ba Ø-ipej nũm ku-ma
1 R²-fazer SD R¹-saber
‘eu o fiz aprender’

10.5 CONCLUSÃO

Neste capítulo foi mostrado que na língua Xikrín há as vozes verbais reflexiva, recíproca e causativa, além da voz média codificada pelo prefixo *aj-*. Foi visto também que a voz causativa pode ocorrer em construções monooracionais e bioracionais.

CAPÍTULO XI – CONSTRUÇÕES COMPARATIVAS

11. INTRODUÇÃO

Construções comparativas envolvem a observação de pelo menos duas entidades quanto a similaridades e diferenças entre elas. Dixon (2012, p. 344) propõe o seguinte esquema ilustrativo dos componentes de uma relação comparativa. Vejamos o exemplo traduzido do exemplo 1) dado por Dixon:

John	is	more	handsome	than	Felix
João	é	mais	bonito	do que	Felix
comparee	index	parameter	mark	standard	

Para Dixon estruturas comparativas devem ser constituídas de um esquema contendo os seguintes elementos:

- Um elemento comparado (João)
- Um padrão de comparação (Felix)
- Uma propriedade, que é o parâmetro da comparação (bonito)
- Um índice de comparação (mais, menos, ou outro) (mais)

Para Dixon o elemento comparado é quase sempre um tipo de sujeito e o padrão de comparação pode ser um objeto, ou um argumento periférico. Há ainda uma marca da função gramatical do parâmetro, equivalente a ‘do que’, do Português.

Dixon oferece uma variedade de tipos de estruturas comparativas encontradas em diferentes línguas, explicados a partir desse esquema básico, mas considerando as especificidades de cada língua e os tipos de estruturas, mono-oracionais, bi-oracionais ou construções envolvendo verbos seriais, entre outras.

Estratégias descritas por Dixon (2012), três delas são encontradas em Xikrín, Estratégia comparativa tipo S e dois subtipos de estruturas do tipo A1.

11.1 ESTRATÉGIA COMPARATIVA TIPO S

Nesse tipo de comparação, é o contraste semântico do conteúdo dos predicados que entram em uma relação comparativa. Quando o contraste se faz por meio de duas orações, a

propriedade imputada ao participante da primeira oração será oposta e interpretada como superior à propriedade imputada ao segundo participante, que se encontra na segunda oração. Os exemplos seguintes ilustram esse tipo de comparação.

11.1.1 Comparação de superioridade

Predicados existenciais

1088. kaprãn na Ø-kumej aŋrore na Ø-ŋri-re
jabuti RLS R²-grande quantidade caititu RLS R²-pouca quantidade
'há jabutis em grande quantidade e há porção em pouca quantidade' '(Há mais jabuti do que caititu)'

1089. mētɔɔ Ø-kãm na mēni Ø-kumej
festa R¹-LOC RLS mulher R²- grande quantidade
nũm mēmi Ø-ŋre-re
SD homem R¹- pouca quantidade
'Na festa, há muitas mulheres em grande quantidade e homens em pouca quantidade' '(Na festa, há mais mulheres do que homens)'

Predicados nominais de essivos

1090. beptũm ãa na Ø-təj nɔtɪre na Ø-irɛ
BepTum DEM.PROX RLS R²-força Notire RLS R²-magreza
'Bep Tum é forte e Notire é magro' '(Bep Tum é mais forte do que Notire)'

1091. karangre na Ø-ni-re nũm bɔtʃɛ Ø-be ŋet
Karangre RLS R²-NOVO-ATEN SD Baxe R¹-ESSIVO velho
'Karangre está novo e Baxe está velho (Karangre é mais novo do que Baxe)'

1092. mēmī na mē ∅-abataj mēprĩre na mē ∅-prĩre
 homem RLS HUM R²-alto criança RLS HUM R²-pequeno
 ‘o homem é alto e a criança é pequena’ ‘(O homem é mais alto do que a
 criança)’

1093. ba na ba i ∅-prek nũm ga na ga a ∅-prĩre
 1 RLS 1 1 R¹-alto SD 2 RLS 2 2 R¹-pequeno
 ‘eu sou alto e você é pequeno.’ ‘(Eu sou mais alto do que você)’

Exemplos com predicados essivos que têm por núcleo verbos intransitivos nominalizados

1094. ga na ga a ∅-mrã-j ∅-təj
 2 RLS 2 2 R¹-andar-NLZ R¹-força
 ba na ba i ∅-mrã-j ∅-rerekek
 1 RLS 1 1 R¹-andar-NLZ R¹-fraqueza
 ‘há teu andar forte e há meu andar fraco’ ou ‘(você anda mais rápido do que eu)’

1095. ba na ba i ∅-ŋrɛ-rɛ ∅-mɛj
 1 RLS 1 1 R¹-cantar-NLZ R¹-bom
 ga na ga a ∅-ŋrɛ-rɛ ∅-punu
 2 RLS 2 2 R¹-cantar-NLZ R¹-feio
 ‘há o meu cantar bonito e há o teu cantar feio’ ou ‘(eu canto melhor do que você)’

1096. ba na ba i ŋ-õt ∅-kumɛj
 1 RLS 1 1 R¹-dormir.NLZ R¹- grande quantidade
 ga na ga a ŋ-õt ∅-ŋri-rɛ
 2 RLS 2 2 R¹-dormir-NLZ R¹- pouca quantidade
 ‘houve meu dormir em grande quantidade e houve teu dormir
 em pouca quantidade’ ou ‘(eu durmi mais do que você)’

Exemplos em que o que é comparado é o conteúdo informacional de predicados de verbos intransitivos

1097.	ba	na	ba	pĩ	∅-kumεj	na	∅-akλ	nũm
	1	RLS	1	pau	R ² - grande.quantidade	RLS	R ² -cortar	SD
	ga	na	ga	∅-ηre-re		∅-akλ		
	2	RLS	2	R ² - pouca quantidade-ATEN		R ² -corta		

‘foi muito pau (que) eu cortei e você cortou pouco’ ou ‘(eu cortei mais pau do que você)’

Em 1097, o parâmetro da comparação é ‘cortar lenha’ e os nomes *kumεj* ‘grande quantidade’ e *ηre-re* ‘pouca.quantidade’ é o que vai diferenciar se o comparado está em uma relação inferior ou superior ao padrão da comparação. Assim ocorre com os exemplos seguintes:

1098.	ba	na	ba	tep	∅-kumεj	∅-λpuə	nũm
	1	RLS	1	peixe	R ² -grande.quantidade	R ² -flechar	SD
	ga	na	ga	∅-ηre-re		∅-λpuə	
	2	RLS	2	R ² -pouca.quantidade-ATEN		R ² -flechar	

‘ eu flechei peixe em grande quantidade e você o flechou em pouca quantidade’ ou ‘(eu flechei mais peixe do que você)’

11.1.2 Comparação de inferioridade

Para expressar uma comparação de inferioridade, o nome ‘pouca. quantidade’ marcará o elemento comparado e o nome ‘grande.quantidade’, o padrão da comparação:

Comparações com predicados existenciais:

1099.	kaprãn	na	∅-ηri-re	aηrore	na	∅-kumεj
	jabuti	RLS	R ² -pouca.quantidade- ATEN	caititu	RLS	R ² -grande.quantidade

‘há jabuti em pouca quantidade e há caititu em grande quantidade’ ou ‘(há menos jabuti do que caititu)’

1000. mētoro Ø-kām na mēni Ø-ŋri-rɛ
 festa R¹-LOC RLS mulher R¹-pouca.quantidade-ATEN
 nũm mēmi Ø-kumɛj
 SD homem R²-grande.quantidade
 ‘Na festa, há mulher em pouca quantidade e há homem em grande
 quantidade’ ou ‘(na festa, há menos mulher do que homem)’

Exemplos com predicados nominais essivos

1101. kēnpoti na Ø-prĩ-rɛ nũm bɛp tũm na Ø-abataj
 Kenpoti RLS R²-pequeno-ANTEN SD Bep Tum RLS R²-alto
 ‘Kenpoti é pequeno e Beptum é alto’ ou ‘(Kenpoti é menor do que Bep Tum)’

1102. ba na ba i Ø-prĩ-rɛ nũm
 1 RLS 1 1 R²-baixo-ANTEN SD
 ga na ga a Ø-prek
 2 RLS 2 2 R¹-altura
 ‘há minha baixa estatura e há tua altura’ ou ‘(eu
 sou mais baixo do que você)’

1103. ba na ba i Ø-rɛrɛk
 1 RLS 1 1 R¹-fraqueza
 ga na ga a tɔj
 2 RLS 2 2 R¹-força
 ‘há minha fraquez e há tua força’ ou ‘(eu sou mais fraco do que você)’

1104. ko ĵa na Ø-ŋri-rɛ
 borduna DEM.PROX RLS R²-pequeno-ATEN
 ko ŵa na Ø-raj
 borduna DEM.DIST RLS R²-grandeza
 ‘esta borduna é pequena e aquela borduna é grande’ ou ‘(Esta borduna é menor do
 que aquela)’

Exemplos em que o que é comparado é o conteúdo informacional de predicados de verbos transitivos

1105. ba na ba aŋro ∅-ŋre-rε ku-pa jũm
 1 RLS 1 porção R¹pouca.quantidade-ATEN R²-matar SD
 ga na ga ∅-kumεj na ku-pa
 2 RLS 2 R²-grande.quantidade RLS R²-matar
 ‘Eu matei de porção em pouca quantidade e você o matou em grande
 quantidade’ ou ‘(eu matei menos porção do que você)’

1106. ba na ba pĩ ∅-ŋre-rε ∅-akΛ jũm
 1 RLS 1 pau R¹-pouca. quantidade-ATEN R²-corta SD
 ga na ga kumεj na ∅-akΛ
 2 RLS 2 R²-grande.quantidade RLS R²-corta
 ‘Eu cortei pouca quantidade de pau e você cortou grande quantidade dele’
 ou ‘(eu cortei menos pau do que você)’

11.2 COMPARAÇÃO DO TIPO A1

Em Xikrin, esse tipo de comparação monooracional é constituído de um nome de qualidade como parâmetro e o padrão da comparação é modificado pela marca de comparação *jakre* ‘do.que’ a qual, de acordo com critérios sintáticos, tem características de uma posposição.

É importante salientar que, esse tipo de construção, em Xikrín, não inclui um index como ‘mais’ ou ‘menos’. Mas o elemento comparado se combina com o morfema associativo.instrumentivo -ɔ, enquanto o padrão de comparação é modificado por *jakre*.

Outro fato importante a ser destacado, é que o elemento comparado precede o padrão da comparação.

11.2.1 Construções comparativas de superioridade

São exemplos de construções comparativas de superioridade do tipo A1 as seguintes:

1107. mēmī na mē ∅-abatΛgi ∅-∅ mēprĩre jakre
 homem RLS HUM R²-altura R¹-ASS.INSTR criança comp
 ‘o homem é mais alto do que a criança’

1108. tute na ∅-abatΛgi ∅-∅ rɔpkɔri jakre
 Tute RLS R²-altura R¹-ASS.INSTR Ropkrori comp
 ‘Tute é mais alto do que Ropkrori’

1109. rɔpkɔri na ∅-arĩ ∅-∅ tute jakre
 Ropkrori RLS R²-pulo R¹-ASS.INSTR Tute comp
 ‘Ropkrori pula mais do que Tuté’

1110. kubē na ∅-ĩre ∅-∅ ikro jakre
 não-indígena RLS R²-magro R¹-ASS.INSTR Ikro comp
 ‘o não indígena é mais magro do que Ikro’

1111. ba na ba i ∅-prĩre ∅-∅ a jakre
 1 RLS 1 1 R²-pequeno R¹-ASS.INSTR 2 comp
 ‘eu sou mais baixo do que você’

1112. tute na ∅-abatΛj ∅-∅ lusivawdo jakre
 Tute RLS R²-altura R¹-ASS.INSTR Lucivaldo comp
 ‘Tute é mais alto do que Lucivaldo’

1113. rɔp ãa na Ø-abatɔj Ø-ɔ ãwa jakɾɛ
cachorro DEM.PROX RLS R²-altura R¹-ASS.INSTR DEM.DIST comp
‘este cachorro é mais alto do que aquele’
1114. rɔp ãa na Ø-prĩɾɛ Ø-ɔ ãwa jakɾɛ
cachorro DEM.PROX RLS R²-pequeno R¹-ASS.INSTR DEM.DIST comp
‘este cachorro é menor do que aquele’
1115. ba na ba i Ø-mɛj Ø-ɔ ta ãwa jakɾɛ
1 RLS 1 1 R¹-bom R¹-ASS.INSTR 3P DEM.DIST comp
‘eu sou mais bonita do aquela’
1116. mɛniɾɛ na mɛj Ø-ɔ i jakɾɛ
mulher RLS R²-bom R¹-ASS.INSTR 1 comp
‘a mulher é mais bonita do que eu’
1117. i ɲ-õ kɔ na Ø-raj
1 R¹-PERTENCE canoa RLS R²-grande
Ø-ɔ a ɲ-õ jakɾɛ
R¹-ASS.INSTR 2 R¹-PERTENCE comp
‘minha canoa é maior do que a tua’
1118. a ɲ-õ kruwa na Ø-ni
2 R¹-PERTENCE flecha RLS R²-grande
Ø-ɔ i ɲ-õ jakɾɛ
R¹-ASS.INSTR 1 R¹-PERTENCE comp
‘tua flecha é mais nova do que a minha’

1119. ko ũa na ∅-raj ∅-ɔ ũa jakɾɛ
 borduna esta RLS R²-grande R¹-ASS.INSTR DEM.DIST comp
 ‘esta borduna é maior do que aquela’
1120. bep tũm na ∅-raj ∅-ɔ nɔtɪɾɛ jakɾɛ
 borduna RLS R²-grande R¹-ASS.INSTR Notire comp
 ‘Bep Tum é mais forte do que Notire’
1121. bɔfɛ na ku-be ɲet ∅-ɔ karaŋɾɛ jakɾɛ
 Baxe RLS R²-essivo velho R¹-ASS.INSTR Karangre comp
 ‘Baxe é mais velho do que Karangre’
1122. ga na ga a ∅-mrã-j ∅-təj ∅-ɔ i jakɾɛ
 2 RLS 2 2 R¹-andar-NLZ R¹-forte R¹-ASS.INSTR 1 comp
 ‘você anda mais rápido do que eu’
1123. tamakware na pĩ ∅-krãiri ∅-ɔ i jakɾɛ
 Tamakware RLS pau R¹-cortar.NLZ R¹-ASS.INSTR 1 comp
 ‘Tamakwaré cortou mais pau do que eu’
1124. mɛpɾĩɾɛ ũa na məja ∅-ma-ri
 menino DEM.PROX RLS coisa R¹-saber-NLZ
 ∅-ɔ ta ũa jakɾɛ
 R¹-ASS.INSTR 3p DEM.DIST comp
 ‘Este menino é mais inteligente do que aquele’

1125. ba na ba i dʒ-ʌpej Ø-raj Ø-ɔ a jakɾɛ
 1 RLS 1 1 R¹-trabalho R¹-grande R¹-ASS.INSTR 2 comp
 ‘eu trabalho mais do que você’
1126. ga na ga a dʒ-ʌpej Ø-raj Ø-ɔ i jakɾɛ
 2 RLS 2 2 R¹-trabalho R¹-grande R¹-ASS.INSTR 1 comp
 ‘você trabalha mais do que eu’
1127. ba na ba i Ø-prek Ø-ɔ a jakɾɛ
 1 RLS 1 1 R¹-altura R¹-ASS.INSTR 2 comp
 ‘eu sou mais alto do que você’
1128. na ba aŋro kumej nẽ Ø-pa-ri Ø-ɔ a jakɾɛ
 RLS 1 porção muito MS R²-matar-NLZ R¹-ASS.INSTR 2 comp
 ‘eu matei mais porção do que você’

11.2.2 Construções comparativas de inferioridade

A estratégia para a codificação de construções comparativas de inferioridade é também do tipo A1, mas inclui o índice *kajbe* ‘menos, menor’, posicionado antes do constituinte padrão, parâmetro da comparação:

1129. pɔkɾɛ na ku-mã rɔp Ø-kĩj
 Pokre RLS R²-DIRET cachorro R¹-gostar
 Ø-ɔ kajbe i jakɾɛ
 R¹-ASS.INSTR menos 1 comp
 ‘Pokre gosta menos do cachorro do que eu’

1130. ba na ba kɔjbe mē ∅-kabēn
 1 RLS 1 menos HUM R¹-fala
 ‘eu sei menos Xikrin do que você’
 ∅-ma-ri ∅-ɔ a jakre
 R¹-saber-NLZ R¹-ASS.INSTR 2 comp
 ‘eu sei menos Xikrin do que você’
1131. ga na ga kɔjbe mēbeɲokre ∅-kabēn
 2 RLS 2 menos indígena R¹-fala
 ∅-ɔ i jakre
 R¹-ASS.INSTR 1 comp
 ‘você sabe menos o falar do Xikrin do que eu’
1132. ba na ba kɔjbe i ∅-pĩre ∅-ɔ a jakre
 1 RLS 1 menos 1 R¹-pequeno R¹-ASS.INSTR 2 comp
 ‘eu sou menos alto do que você’
1133. ba na ba kɔjbe pĩ ∅-kɔkje-re
 1 RLS 1 pouco pau R¹-cortar-NLZ
 ∅-ɔ a jakre
 R¹-ASS.INSTR 2 comp
 ‘eu cortei um pouco mais de lenha do que você’

11.3 CONSTRUÇÕES COMPARATIVAS DE IGUALDADE

As construções comparativas de igualdade, diferem das construções do tipo A1 por não possuírem o contraste entre comparado e padrão da comparação. Os elementos postos em relação de igualdade formam um constituinte conectados pelo conectivo mē . Entretanto esse tipo de comparação compartilha com a comparação tipo A1 a combinação do morfema

associativo--instrumentivo com o parâmetro da comparação seguido da marca comparativa *prak* ‘igual.a’. Esse tipo de estrutura também inclui o recíproco *abën*.

Exemplos:

1134. ikro mē bep kamrek na ari ku-tē
 Ikro CONJ Bep Kamrek RLS pauc R²-OBL
 abatɹi Ø-ɔ abën prak
 altura R¹-ASS.INSTR REC igual
 ‘Ikro e Bep Kamrek têm a mesma altura’

1135. tamakware mē irã na pī Ø-kɔkje-re
 Tamakware CONJ Irã RLS pau R¹-cortar-NLZ
 Ø-ɔ abën prak
 R¹-ASS.INSTR REC igual
 ‘Tamakwaré e Irã cortaram pau igualmente’

1136. tamakware mē irã na Ø-arĩ
 Tamakware CONJ Irã RLS R²-pulo
 Ø-ɔ abën prak
 R¹-ASS.INSTR REC igual
 ‘Tamakwaré e Irã pularam da mesma altura’

1137. lusivawdo mē krupɖzo Ø-abatɹj
 Tamakware CONJ Krupɖjo R¹-altura
 Ø-ɔ abën prak
 R¹-ASS.INSTR REC igual
 ‘Lucivaldo e Kropɖjo são da mesma altura’

1138. guba j-abatΛj ∅-∅ abẽn праk
 1+2 R¹-altura R¹-ASS.INSTR REC igual
 ‘nós somos da mesma tamanho’
1139. guba ∅-přĩre ∅-∅ abẽn праk
 1+2 R¹-baixa.estatura R¹-ASS.INSTR REC comp
 ‘nós somos igualmente baixos’
1140. lucivawdo mẽ bep jĩřĩti na ∅--abatΛri
 Lucivaldo CONJ Bep Nhõrõ-Ti RLS R²-altura
 ∅-∅ abẽn праk
 R¹-ASS.INSTR RECIPI comp
 ‘Lucivaldo e Bep Nõrõti têm mesma altura’

11.4 CONCLUSÃO

Neste capítulo, vimos que a língua Xikrín possui basicamente três tipos de construções comparativas. Dois tipos de construções são consideradas subtipos de um tipo A1, e o outro tipo caracteriza-se como construções do tipo S. O traço que distingue construções de um dos tipos das comparações A1 do Xikrín de línguas como o Português é o uso na primeira de um morfema associativo.instrumentivo, enquanto que línguas como o Português usam um índice do tipo ‘mais, maior’. Provavelmente o morfema associativo instrumentivo contribua com o significado similar ao de um índice como ‘mais, maior’.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta tese descrevemos aspectos da fonologia segmental, da morfologia da morfossintaxe e sintaxe da língua. Inicialmente, descrevemos os fonemas vocálicos e consonantais, os padrões silábicos e alguns processos fonológicos observados na língua. Em seguida, analisamos e descrevemos as classes de palavras da língua Xikrín com base em critérios distribucionais, estruturais e semânticos. Verificamos que verbos transitivos, intransitivos nominalizados, nomes relativos e posições são as únicas classes de palavras flexionáveis, sendo as demais classes invariáveis.

Mostramos também que a flexão relacional é uma forte marca morfossintática na língua Xikrín, pois é por meio dela que são estabelecidas relações de dependência entre temas relativos e seus determinantes.

Continuamos a investigação linguística descrevendo os predicados nominais e verbais do Xikrin. Assinalamos que os predicados nominais se subdividem em: (i) equativos, (ii) inclusivos, (iii) relativos e (iv) existenciais, enquanto os verbais subdividem-se em transitivos, transitivos trivalentes, intransitivos e intransitivos bivalentes.

Identificamos e analisamos estratégias para coordenar orações independentes em Xikrín. Vimos que orações independentes podem ser coordenadas através da justaposição ou através de conectivos. Descrevemos e analisamos, ainda, estratégias usadas em Xikrín para a construção de atributos que correspondem em outras línguas a orações substantivas, adverbiais e relativas. Constatamos que em Xikrín há um só tipo de construção, que consiste em um nome de ação. Assim, não há, em realidade, orações subordinadas, substantivas ou relativas, mas nominalizações.

Analisamos as estratégias da língua Xikrín do Cateté para marcar referência compartilhada ou disjunta de argumentos através de orações combinadas por parataxis ou por hipotaxis. Identificamos, também, as correlações entre o sistema de alinhamento intraoracional existente na língua e mostramos que a língua Xikrín, na combinação de orações por parataxes, manifesta uma cisão: em certos contextos é acionado um padrão nominativo e, em outros, um padrão misto, nominativo e absoluto. Vimos, ainda, que esses padrões são orientados por um sistema de *switch-reference*, que sinaliza por meio de diferentes estratégias morfossintáticas quando o referente de um argumento A, S ou O de uma oração dependente é correferente ou não com um argumento da oração principal.

Também analisamos e descrevemos as construções interrogativas em Xikrín. Distinguímos dois tipos básicos de construções interrogativas em Xikrín, as construções interrogativas polares – do tipo sim/não- e as construções interrogativas de conteúdo informacional. Mostramos, também, que a língua Xikrín faz uso de um conjunto de estratégias várias para questionar o que há no mundo, como se situam espacialmente e temporalmente, de que são constituídos, quais suas funções, entre outros. Constatamos que as construções interrogativas apontam para momentos anteriores da história da língua, mostrando de forma transparente como noções, possivelmente não necessárias à cultura nativa, se desenvolveram, como é o caso de perguntas quantificadoras.

Descrevemos como as noções de tempo aspecto e modo são expressas em Xikrín. Vimos que há três modos de fala nessa língua, *realis*, *irrealis* e imperativo. Constatamos que tempo não é marcado gramaticalmente e o modo *realis* se associa a algo realizado, portanto a uma noção de passado, mas não necessariamente, pois pode-se projetar algo realizado para um tempo posterior ao da fala, enquanto o *irrealis* se associa naturalmente a algo hipotético, em certo sentido à ideia de futuro, mas não necessariamente, pois pode-se ter projetado algo no passado. Vimos que algo análogo ocorre com superposições de noções aspectuais com noções temporais e modais, pois o aspecto imperfectivo pode em algum ponto se superpor ao de irrealidade, enquanto o completivo com o de realidade.

Mostramos que na língua Xikrín há as vozes verbais reflexiva, recíproca e causativa, além da voz média codificada pelo prefixo *aj-*. Vimos que a voz causativa ocorre em dois tipos de construções, as monooracionais e as bioracionais.

Analisamos e descrevemos que a língua Xikrín possui basicamente três tipos de construções comparativas. Dois tipos de construções são consideradas subtipos de um tipo A1, e o outro tipo caracteriza-se como construções do tipo S. O traço que distingue construções de um dos tipos das comparações A1 do Xikrín de línguas como o Português é o uso na primeira de um morfema associativo.instrumentivo, enquanto que línguas como o Português usam um índice do tipo ‘mais, maior’. Provavelmente o morfema associativo instrumentivo contribua com o significado similar ao de um índice como ‘mais, maior’.

Pretendemos com a elaboração desta tese apresentar uma descrição de referência para o Xikrín, que contribua para o conhecimento científico desta língua e para futuros estudos de cunho histórico-comparativo, mas sem perder de vista a necessidade de contribuir para a aplicação dos resultados em prol do ensino da língua nas escolas das aldeias.

REFERÊNCIAS

- AIKHENVALD, Alexandra Y. DIXON, R. M. W. *Changing valency - case studies in transitivity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- AIKHENVALD, Alexandra Y. Typological distinctions in word-formation. In: SHOPEN, Timothy (ed). *Language typology and syntactic description*. Volume III -Grammatical categories and the lexicon. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- APINAGÉS, José R. *Patrimônio cultural do povo indígena Xikrin do Kateté e Itacaiúnas*. Trabalho Acadêmico de Conclusão de Curso. Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Pará Campus Rural de Marabá, 2013
- ARNAUD, Expedito. *O índio e a expansão nacional*. Belém: CEJUP, 1987.
- BELTRAME, Camila B. *Etnografia de uma escola Xikin*. Dissertação de Mestrado. UFSCar, 2013.
- BORGES, Marília. *Aspectos da morfossintaxe do sintagma nominal na língua Kayapó*. Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília. Brasília, (Ms), 1995.
- _____. Aspectos morfossintáticos das relações genitivas na língua Kayapó. In: *Moara, Rev. dos Cursos de Pós-Graduação em Letras*, nº 4:77-82. Belém, Universidade Federal do Pará, 1996.
- BYBEE, Joan L. *Morphology - a study of the relation between meaning and form*. John Benjamins Publishing Company: Amsterdam/Philadelphia, 1985.
- ALVES, F. C. *O timbira falado pelos Canela Apaniekrá: uma contribuição aos estudos da morfossintaxe de uma língua Jê*. Tese Doutorado, Unicamp, 2004.
- BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral I*. Campinas: Pontes, 1995.
- CABRAL, A. S. A. C. Prefixos Relacionais na família Tupí-Guaraní. In: M.E. (org). *Boletim da ABRALIN*. Fortaleza: Imprensa Universitária/UFC, nº 25, p. 213-226, 2001.
- CABRAL, A. S. A. e L. S. Costa.. Xikrin e línguas Tupí-Guaraní: Marcas Relacionais. *LIAMES*, n 4, p 7-19, 2002.
- CABRAL, A. S. A., . A. D. Rodrigues e L. S. Costa. Notas sobre ergatividade em Xikrín, *LIAMES*, n. 4, pp. 21-28, 2004.
- CHAIN, Marivene Matos. *Os aldeamentos indígenas na Capitania de Goiás*. Goiania: Oriente, 1974.
- COMRIE, Bernard. *Language universals and linguistic typology: syntax and morphology*. Chicago: University of Chicago Press, 1981.
- _____. *Tense*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- _____. *Aspect*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976
- COMRIE, B. & THOMPSON, S. A. Lexical nominalization. In: Shopen, T. (ed.) *Language typology and syntactic description*. Volume 3. Cambridge University Press: Cambridge, pp. 349-98, 1981.

COSTA, L. S. da; MIRANDA, M. Considerações sobre predicados existenciais em Xikrín e Krahô: um estudo comparativo. In: *II Congresso Internacional de Dialectologia e Sociolinguística*. Universidade Federal do Pará: Belém, 2012.

COSTA, L. S. *et al.* Correferencialidade em Xikrín do Cateté. In: RODRIGUES, Aryon D. CABRAL, Ana Suelly Arruda C. (eds.). *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*. v. 2 n° 2. Brasília: Laboratório de Línguas Indígenas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, 2010.

COSTA, L. S. *Flexão relacional, marcas pessoais e tipos de predicados em Xikrín: Contribuição para os estudos sobre ergatividade em línguas Jê*. Dissertação Mestrado, Universidade Federal do Pará, 2003.

COSTA, L. S. Prefixos relacionais no Xikrín. In: A. S. A. C. Cabral & A. D. Rodrigues (orgs.) *Línguas indígenas brasileiras: fonologia, gramática e história, Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL*, t. I, pp. 81-85. Belém: EDUFPA, 2002.

CHOMSKY, N. Remarks on nominalization. In: JACOBS e ROSENBAUM (orgs). *Readings in English transformational grammar*. Waltham, Mass: Braisdell, 1970.

COUDREAU, Henri. *Voyage au Tocantins-Araguaya*. Paris: A. Lahure Imprimeur – Editeur, 1897.

DAVIS, I. Comparative Jê phonology. In: *Estudos Lingüísticos, Revista Brasileira de Lingüística Teórica e Aplicada*, vol. 1, n° 2, pp. 10-24. São Paulo: Centro de Lingüística Aplicada, 1966

DIXON, R. M. W. *Ergativity*. *Language* 55: pp. 59-138, 1979.

_____. *Ergativity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

_____. *Basic linguistic theory*. v. 2. Oxford: Oxford University Press, 2010a.

_____. *Basic linguistic theory*. v. 3. Oxford: Oxford University Press, 2010b.

DOURADO, L. Aspectos morfossintáticos da língua Panará. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas: Campinas, 2001.

EHRENREICH, P. Die Sprache der Cayapó (Goyaz), *Zeitschrift für Ethnologie* XXVI, pp. 115-137. Berlin, 1894.

FERREIRA, M. *Estudo morfossintático da língua Parkatêjê*. Tese Doutorado: UNICAMP, 2003a.

FOLEY, W. A.; VAN VALIN, R. D. *Functional Syntax and Universal Grammar*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

FRIKEL, P. *Os Xikrin: equipamento e técnicas de subsistência*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi-CNPq-INPA. (Publicações avulsas do Museu Goeldi, 7), 1968.

GIVÓN, T. *Syntax: a functional-typological introduction*. John Benjamins Publishing Co, 1984.

GIVÓN, T. *Syntax: a introduction*. v. II. Amsterdam: John Benjamins Publishing Press, 2001.

GORDON, C. *Economia selvagem: ritual e mercadorias entre os índios Xikrín-Mebêngôkre*. São Paulo: Editora UNESP; Rio de Janeiro: NUTI, 2006.

GRINEVALD, C. Making sense of nominal classification systems. In: WISCHER, Ilse. GABRIELE D. (eds.). *New Reflections on Grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamin, pp. 259–275, 2002.

HASPELMATH, M. Coordination. In: SHOPEN, Timothy (ed). *Language typology and syntactic description*. v. 3. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

HASPELMATH, M. *Coordinating Constructions*. Series Typological Studies in Language; v. 58. Benjamins Pub: Amsterdam, 2004.

HOPPER, Paul J., & THOMPSON, S. A. *Transitivity in grammar and discourse*. Language 56: pp. 251-299, 1980.

HUANG, Y. *Switch-reference in Amele and logophoric verbal suffix in Gokana: a generalized neo-Gricean Pragmatic analysis*. Reading Working Papers in Linguistics 7. 53-76, 2003.

JEFFERSON, Kathleen. *Gramática Pedagógica Kayapó (3 Vols.)*. Brasília, Summer Institute of Linguistics, 1980.

KÖNIG, Ekkehard. SIEMUND, Peter. Speech act distinctions in grammar. In: SHOPEN, Timothy (ed). *Language typology and syntactic description*. Vol. I Clause structure. 2nd ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

MENSE, Hugo. Kajapoisch. Lose Blätter vom Cururú. In: *Santo Antonio, Provinzzeitung der Franziskaner in Nordbrasilien*. 12. Jahrgang, n° 2, pp. 97-99. Bahia, 1934.

MIESTAMO, Matti. *Standard negation: the negation of declarative verbal main clauses in a typological perspective*. Empirical approaches to language typology ; v.31. Mouton de Gruyter, 2005.

MIRANDA, M. G . *A propósito do sistema ativo-estativo em Krahô (Jê)*. Universidade de Brasília, 2008 (ms).

_____. *Morfologia e morfossintaxe da língua Krahô: família Jê, Tronco Macro-Jê*. Tese de doutorado. Universidade de Brasília, 2014.

NICHOLS, J. PETERSON, D. A. BARNES, J. *Transitivizing and detransitivizing languages*. *Linguistic Typology* 8: Walter de Gruyter, 2004.

NIMUNENDAJÚ, C. *Os Gorotire*. Sep. da Ver. Do Museu Paulista, Nova Série. São Paulo, 1952.

NIMUENDAJÚ, C.. Idiomas indígenas del Brasil. Die Kayapó des mittleren Xingú. In: *Revista del Instituto de Etnología* tomo II, pp. 552-567. Universidad Nacional de Tucumán, 1932.

NOONAN, M. Complementation. In: SHOPEN, Timothy (ed). *Language typology and syntactic description*. v. 3. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

PAYNE, J. R.. Negation. In: SHOPEN, Timothy (ed).. *Language typology and syntactic description*, vol. I. Cambridge: Cambridge University Press, 1985

PAYNE, T. E. *Describing morphosyntax: a guide for field linguists*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

POPJES, J. & Popjes, J. Canela-krahô. In: Derbyshire, D. C. & Pullum, G. K. (eds.) *Handbook of Amazonian Languages*, Volume 1. Berlin / New York / Amsterdam: Mouton de Gruyter, pp. 128-199, 1986.

REIS SILVA, M. A. Ordem, pronomes e ergatividade em Mebêngokre. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas: Campinas, 2001

REIS-SILVA, M. A. & SALANOVA, A.P. Verbo y ergatividad escindida em Mëbêngôkre. In: H. Van der Voot e S. Van der Kerke (orgs.). *Indigenous languages of lowland South America*, p. 225-242. Leiden, 2000.

RODRIGUES, A. D. Morfologia do Verbo Tupi. LETRAS, CURITIBA, v. 1, p. 121-152, 1953.

_____. *Línguas Brasileiras. Para o conhecimento das línguas Indígenas*. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

_____. Um marcador Macro-Jê de posse alienável. Anais da 44ª Reunião Anual da SBPC. São Paulo: SBPC pp.386, 1992.

_____. Ge-Pano-Carib x Jê-Tupí-Karíb: sobre relaciones lingüísticas prehistóricas en Sudamérica. In: I Congreso de Lenguas Indígenas de Sudamérica. Actas I Congreso de Lenguas Indígenas de Sudamérica. Lima: Universidad Ricardo Palma, v. 1. p. 95-104, 1999.

_____. Macro-Jê. In: R. M. W. Dixon; Alexandra Y. Aikhenvald. (Orgs.). *The Amazonian languages*. Cambridge: Cambridge University Press, v., p. 164-206, 1999

_____. Flexão relacional no tronco lingüístico Macro-Jê. ABRALIN (Curitiba), Fortaleza, CE, v. 25, p. 219-231, 2000.

_____. Flexão relacional no tronco lingüístico Macro-Jê. *Boletim da Abralim*, 25:219-231, 2001.

_____. & CABRAL, Ana Suelly A. C. (Orgs.). *Línguas indígenas brasileiras: fonologia, gramática e história*. Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL, tomo I. ed. Belém, PA: EDUFPA v. 1.433pp, 2002.

_____. Para o estudo histórico comparativo das língus Jê. In: SANTOS, Ludoviko dos; PONTES, Ismael. (Orgs.). *Línguas Jê: estudos vários*. Londrina/PR: Editora UEL, p. 1-14, 2002.

_____. D'ANGELIS, W. R; CUNHA, C. M. (Orgs.) . Bibliografia das línguas Macro-Jê. 1. ed. Campinas, SP: DL/IEL/UNICAMP, 2002.

_____. CABRAL, A. S. A. C. (Orgs.). *Línguas e Culturas Macro-Jê*. Brasília: Editora Universidade de Brasília/ FINATEC, 2007.

_____. *et al.* Um estudo histórico-comparativo sobre as formas verbais longas e curtas nas línguas Jê. Comunicação apresentada no VI Encontro de línguas e culturas macro-jê. UFG. Goiânia, 2008.

_____. A case of affinity among Tupí, Karíb, and Macro-Jê. In: *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*. v. 1, n. 1. Brasília: Universidade de Brasília, Laboratório de Línguas Indígenas, p. 137-162, 2009.

RODRIGUES, A. D *et al.* *Um estudo histórico-comparativo sobre as formas verbais longas e curtas nas línguas Jê*. Comunicação apresentada no VI Encontro de línguas e culturas macro-jê. UFG. Goiânia, 2008.

_____. A case of Affinity among Tupí-Karíb and Macro. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, volume 1.2:137-162, 2009.

_____; CABRAL, A. S. A C. Explorando a hipótese de Rodrigues sobre possíveis conexões genéticas Tupí e Macro-Jê. *Estudos em Línguas e Culturas Macro-Jê*. São Paulo: Paulistana, p. 115-141, 2010.

SALA, A. M. Ensaio de Grammatica Kaiapó, *In: Revista do Museu Paulista XII*, primeira parte, pp. 393-429. São Paulo, 1920.

SALANOVA, A. P. *Nominalizations and aspect*. Orientadora: Sabine Iatridou. Ph.D Thesis, MIT, 2007.

SANTOS, L. C. Aspectos morfossintáticos da língua Suyá (Kisedjê). Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 1997.

SCHACHTER, P. Parts-of-speech systems. In: SHOPEN, Timothy (ed.). *Language typology and syntactic description*. Cambridge: Cambridge University Press, Vol. 1, pp. 3-61, 1985.

SCHADT, Mathias. The typology and grammaticalization of reflexives. In: FRAJZYNGIER, Z. *Reflexives: forms and functions*. Series typological studies in language, v. 40. John Benjamins Publishing Company Amsterdam/Philadelphia, 2000.

SILVERSTEIN, M. Hierarchy of features and ergativity. In R. M. W. Dixon, (ed.). *Grammatical categories in Australian languages*, 112-171. Canberra: Australian Institute of Aboriginal Studies, 1976.

SIMÕES, M. F. *Os "Txikão" e outras tribos marginais do alto Xingu*. Ver. Museu Paulista, Nova Série. São Paulo, 1963.

SOUSA F., SINVAL m. Martins de. Aspectos morfossintáticos da língua Akwê-Xerente. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Goiás: Goiânia, 2007.

TAMM, Maria Koptjevskaja. *Nominalizations*. London: Routledge, 1993.

TIMBERLAKE, A. Aspect, tense, mood. In: SHOPEN, Timothy. *Language Typology and Syntactic Description - Grammatical Categories and the Lexicon* Volume III. 2nd edition. The Edinburgh Building Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

STOUT, M & Ruth T. Modalidade em Kayapó. *In: Série Lingüística*, nº 3, pp. 69-98. Brasília, Summer Institute of Linguistics, 1974.

STOUT, Mickey & THOMSON R. Fonêmica Txukhamëi (Kayapó). *In: Série Lingüística*, nº 3, pp. 153-176. Brasília, Summer Institute of Linguistics, 1974.

TESNIÈRE. Lucien. *Éléments de syntaxe structurale*. Paris: Librairie C. Klincksieck, 1959.

TURNER, Terence. *Os Mebengokre Kayapó: história e mudança social, de comunidades autônomas para a coexistência interétnica*. In CANERNEIRO DA CUNHA, M. (Ed.). *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Cia das Letras/Fapesp, 1992.

_____. *Social structure and political organization among the Northern Caiapó*. Tese de Doutorado. Harvard University, 1966.

THOMPSON, S. A. et. ali. Adverbial clauses. In: SHOPEN, Timothy (ed). *Language typology and syntactic description*. v. 3. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

THOMSON, R. & STOUT, M. Elementos proposicionais em orações Kayapó. In: *Série Lingüística*, nº 3, pp. 35-68. Brasília, Summer Institute of Linguistics, 1974.

TRASK, R. L. A dictionary of grammatical terms in linguistics. London: Routledge, 1994.

TREVISAN, R. & PEZZOTI, M. 1991. *Dicionário Kayapó-Português e Português-Kayapó*. Belém.

URBAN, G. *Ergativity and Accusativity in Shokleng*. International Journal of American Linguistics, 51(2): 164-187, 1985.

VIDAL, L. *Morte e vida de uma sociedade indígena brasileira*. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1977.

VOGEL, P. M. COMRIE, B. (eds). *Approaches to the typology of word classes*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2000.

ANEXOS

TEXTOS XIKRÍN 01

**Relato do Indígena Kenpoti Xikrín sobre o assalto que sobreu em Marabá quando
estava saindo da escola numa noite no ano de 2012.**

001) kubẽ Ø-te i Ø-ɔ-tĩm ba
 não-indígena R¹-OBL 1 R¹-CAUS-cair 1
 ‘os não índios, eu vou contar que eles me assaltaram’

i Ø-je Ø-arẽ-j Ø-mã
 1 R¹-OBL R²-contar-NLZ R¹-DIR
 ‘os não índios, eu vou contar que eles me
 assaltaram’

002) kubẽ Ø-te i Ø-ɔ-tĩm Ø-ã nẽ ba
 não-indígena R¹-OBL 1 R¹-CAUS-cair sobre RLS 1
 ‘os não-índios, eu vou contar sobre o assaltar de mim por eles’

i Ø-je Ø-arẽ-j Ø-mã
 1 R¹-OBL R²-contar-NLZ R¹-DIR
 ‘os não índios, eu vou contar que eles me
 assaltaram’

003) kubẽ mẽ na ba eskola Ø-mã tẽ
 não indígena conj RLS 1 escola R¹-DIR ir/vir
 ‘eu e um não-índio íamos para a escola

- 004) iskɔla Ø-mã na ba tẽ
 escola R¹-DIR RLS 1 ir/vir
 ‘íamos para a escola, na escola’
- 005) piʔokjakrɛdʒa Ø-kãm mẽ Ø-kot piʔok j-arẽ piʔok j-akrɛ
 escola R¹-LOC PL R²-COMP folha R¹-dizer folha R¹-mostrar
 ‘na escola, (os professores) ensinam as pessoas a ler e escrever’
- 006) ba mẽ Ø-kot prova n-ipej nẽ i Ø-kato
 1 PL R²-COMP prova R¹-fazer MS 1 R¹-o sair
 ‘eu ,com eles (outros alunos), fiz a prova e saí’
- 007) nũm arɛp na rwə na Ø-rwə-k Ø-ŋri ket
 SD já chuva cair chuva R¹-cair-NLZ R¹-pouco NEG
 e a chuva caiu, não foi pouca chuva (que) caiu
- 008) ba Ø-kãm arɛp i Ø-kapĩ-rɛ dʒa
 1 R²-LOC já 1 R¹-triste-ATEN estar.em.pé
 nisso, eu estava triste
- 009) kubɛnire i Ø-mã: “gu Ø-ɔt gu Ø-ɔt”
 não indígena 1 R¹-DIR 1+2 R²-ASSOC.INSTR 1+2 R²-ASSOC.INSTR
 a não indígena (disse) para mim: “vamos, vamos”
- 010) nũm Ø-kãm kajore i Ø-mã: ‘gu Ø-ɔt
 SD R¹-LOC Kajore 1 R¹-DIR 1+2 R²-ASSOC.INSTR
 e nisso, kaiore (disse) para mim: “vamos,
- 011) gu Ø-ɔtt Ø-ɔ Ø-ɔt
 1+2 R²-ASSOC.INSTR R²-ASSOC.INSTR R²-ASSOC.INSTR
 vamos, vamos, vamos”

- 012) ku-m: “- adʒima ge na Ø-apej-Ø Ø-mã
 R²-dizer espera deixa chuva R¹-acabar-NLZ R¹-DIR
 (eu) lhe disse: “espera. Deixa para (quando) a chuva passar)
- 013) na rwə na Ø-ŋri ket Ø-kãm
 chuva descer chuva R¹-pouco NEG R²-LOC
 chove, não chove pouco nesse espaço/tempo
- 014) kubeni-re: ‘gwaj Ø-ɔt ba kum ket ãane
 não indígena 1+2. PAUC R²-ASSOC.INSTR 1 dizer NEG assim
 ‘ a mulher (disse): ‘vamos’. Eu disse: “não é assim (calma)
- 015) ba Ø-kãm arəp pāj Ø-kadʒi jĩ
 1 R²-LOC já em.troca R²-FINLD estar. sentado
 nisso, eu sentei no lugar dele (eu troquei de lugar com ela)
- 016) ba arek Ø-kadʒi jĩ i Ø-kapři-re jĩ
 1 ? R²-FINLD sentar 1 R²-triste-ATEN sentar
 e esperei triste a chuva passar
- 017) nē Ø-kãm kum(ã): “- arəp na ba i Ø-tē-m Ø-mã.”
 ms R²-LOC R²-DIR á RLS 1 1 R¹-ir/vir-NLZ R¹-DIR
 e eu disse a ela: “eu já vou”
- 018) ba i Ø-krajkari Ø-ɔ arōj i j-inokλ Ø-kaba
 1 1 R¹-calça R¹-ASS.INSTR arregaçar 1 R¹-camisa R¹-tirar
 eu arregacei as calças, tirei a camisa
- 019) mɔkλ Ø-kãm ku-dʒλ Ø-ɔ i Ø-prõn i Ø-prõn nē
 mochila R¹- R²-guardar R¹-ASS.INSTR 1 R¹-corrida 1 R¹-corrida MS
 LOC
 guardei na mochila e corri, e corri e

- 020) *kerumai* \emptyset -*koj* *arəp* *bar* \emptyset -*ŋri-rɛ* \emptyset -*kām* *ɲũm* *arəp*
 Quero Mais R¹-próximo já bar R¹-pequeno R¹-LOC SD já
 próximo ao Quero Mais, no barzinho
- 021) *i* \emptyset -*kutã* *tẽ* *i* *j-apa* \emptyset -*mɛj* *kumrẽj*
 1 R¹-adiante ir/vir 1 R¹-passar R¹-bom de verdade
 nisso (os bandidos) passaram adiante de mim.eu fiquei (lo barzinho)
 bem (tranquilo)
- 022) *ba* *ba* *dʒwə* \emptyset -*apa* *kajore* *ikje* \emptyset -*ã*
 1 1 também R²-passar Kajore lado R¹-sobre
 nisso, Kajoré (meu irmão) passou por ali
- 023) *kerumai* \emptyset -*kām* *kikrɛ* \emptyset -*kām* *dʒa* *kuběni-rɛ* *mẽ* *na*
 Quero Mais R¹-LOC casa R¹-LOC estar.em pé mulher-ATEN conj RLS
 no quero Mais, na casa (onde funciona o restaurante) a mulher e
- 024) *kikrɛ* \emptyset -*kām* *dʒa* *ba* \emptyset -*kām* *amũ* *i* *j-aĩ* *tẽ*
 casa R¹-LOC estar.em pé 1 R¹-LOC para lá 1 R¹-pulo ir/vir
 (ela) estava lá, e eu fui para lá pulando' (por causa das poças d'água)
- 024) *ɲũm* *i* \emptyset -*kot* *i* \emptyset -*pa-amə* *nẽ* *i* \emptyset -*mã:*
 SD 1 R¹-COM 1 R¹-braço-pegar MS 1 R¹-DIR
 e nisso (o bandido) pegou no meu braço (e disse) para mim:
- 025) “- *asawta*” *arəp* *ba* \emptyset -*pa-amə*” *ba* *ku-be* *amĩ* \emptyset -*kaba*
 assalto já 1 R²-braço-pegar 1 R²-ABL REFL R¹-tirar
 - é um assalto! Eu segurei no braço dele. Eu me afastei dele (tirando o braço dele
 do meu ombro)

- 026) $\eta\text{ũm}$ $\emptyset\text{-kãm}$: “- ket d3a ga ʔãanẽ ba a $\emptyset\text{-bĩ}$ ”
 SD R²-LOC Neg IRRLS 2 ficar. quieto 1 2 R²-matar
 e nisso ele (disse): “-Fica quieto senão eu te mato’
- 027) $\emptyset\text{-kãm}$ ate i $\emptyset\text{-kadzi}$ katoŋ $\emptyset\text{-kadzãrã}$ $\emptyset\text{-ɔ-tẽ}$
 R²-LOC depois 1 R²-FINLD revólver R¹-tirar.NLZ R¹-CAUS-ir/vir
 e nisso depois (ele) veio puxando o revólver para mim’
- 028) $\emptyset\text{-kãm}$ ate: “- nõ nõ” ba ajte arəp nõ
 R²-LOC depois ^{deitar} deitado 1 deitar já deitar
 e depois (disse): -Deitados, deitados! e nós rapidinho deitamos
- 029) ηum mẽ $\emptyset\text{-kãm}$ kumej ku-be kumej nẽ $\emptyset\text{-kãm}$ $\emptyset\text{-ikwã}$
 SD PL R²-LOC muito R²-ESSIVO muito MS R²-LOC R²-deitar.pl
 e havia muita gente lá, muita gente deitada lá
- 030) kajore d3-wəj ikje $\emptyset\text{-ã}$ tẽ nẽ $\emptyset\text{-ãbiri}$ kajɔ
 Kajore R²-Verdade lado R¹-SOBRE ir/vir MS R²-subir à toa
 Kajore de verdade vinha do outro lado (da rua), subindo (a rua) sem saber de nada
- 031) $\eta\text{ũm}$ mẽ $\emptyset\text{-ɔt}$ $\emptyset\text{-pa-amə}$ nẽ $\emptyset\text{-kãm}$ ate arəp i $\emptyset\text{-kot}$
 SD PL R²-ASS.INSTR R²-segurar MS R²-LOC depois já 1 R²-COM
 e (os bandidos) seguraram ele e ele ficou comigo
- 032) ku-mẽ ate arəp i $\emptyset\text{-be}$ məkã j-abĩ^t
 R²-jogar depois já 1 R¹-ABL mochila R¹-pegar
 jogaram ele (para junto de mim) e depois (eles) levaram minha mochila’

- 033) i \emptyset -be serula j-abíⁱ kajɨ ɲa kuñí \emptyset -mã \emptyset -ɔ-mõ
 1 R¹-ABL celular R¹-pegar caixinha tudo R²-DIR R²-CAUS-ir/vir
 pegaram o celular, a caixinha (de som). Levaram tudo'
- 034) ʒa bi ba \emptyset -kãm nõ ɲũm ku-be \emptyset -mã \emptyset -prõn
 DEM.PROX só 1 R¹-LOC deitar SD R²-ABL R²-DIR R²-corrida
 só isso. Eu fiquei deitado lá e eles correram'
- 035) ba \emptyset -kãm ate kaɺmã dʒa ɲũm \emptyset -kãm kubẽ
 1 R¹-LOC depois para cima estar.em.pé SD R¹-LOC não indígenas
 nisso, eu me levantei nos levantamos e os não índios
- 036) ate \emptyset -mə-rə \emptyset -ɔ kumej ba i \emptyset -prõn arəp
 depois R²-chorar-NLZ R¹-ASS.INSTR muito 1 1 R¹-corrida já
 depois ficaram chorando muito. E eu corri.
- 037) kɨkrɛ \emptyset -kãm boj ba \emptyset -kãm arəp kajtɨk \emptyset -mã i \emptyset -kabẽn
 casa R¹-LOC chegar 1 R²-LOC já Kajtyk R¹-POSP 1 R¹-fala
 cheguei na casa. Lá, eu falei para o Kajtyk
- 038) \emptyset -õ sɛrura kajʒa postaw \emptyset -kãm məja \emptyset -õ ket
 R¹-pertence celular caixa postal R¹-LOC coisa R¹-pertence NEG
 o celular dele deu na caixa postal. Não funcionou.
- 039) tãm na ʒa ʒa bi
 isso! RLS DEM.PROX DEM.PROX só
 Foi isso que aconteceu. É só isso